



*Jacobina Mentz Maurer  
(junho 1841 ou 1842 - 2.8.1874),  
líder criadora da seita dos Muckers*

.....

# Os MUCKERS



*Mesa Diretora*  
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney  
*Presidente*

Senador Paulo Paim  
*1º Vice-Presidente*

Senador Eduardo Siqueira Campos  
*2º Vice-Presidente*

Senador Romeu Tuma  
*1º Secretário*

Senador Alberto Silva  
*2º Secretário*

Senador Heráclito Fortes  
*3º Secretário*

Senador Sérgio Zambiasi  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador João Alberto Souza  
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko  
Senador Marcelo Crivella

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim  
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga  
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 32*

# Os MUCKERS

EPISÓDIO HISTÓRICO EXTRAÍDO DA VIDA  
CONTEMPORÂNEA NAS COLÔNIAS ALEMÃS DO  
RIO GRANDE DO SUL

*Padre Ambrósio Schupp S. J.*

Tradução brasileira autorizada pelo autor por  
Alfredo Cl. Pinto



*Brasília – 2004*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

Vol.

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2004

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Schupp, Ambrósio.

Os Muckers : episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul / Padre Ambrósio Schupp ; tradução brasileira autorizada pelo autor por Alfredo Cl. Pinto. -- Brasília : Senado Federal, 2004.

XXVI + 329 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 32)

1. Colonização alemã, Rio Grande do Sul. 2. Imigração alemã, Rio Grande do Sul. I. Título. II. Série.

CDD 325.343098165

.....

.....

## *Sumário*

PRÓLOGO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

*pág. XV*

PRÓLOGO DA 1ª EDIÇÃO ALEMÃ

*pág. XXIII*

PRÓLOGO DA 2ª EDIÇÃO ALEMÃ

*pág. XXV*

INTRODUÇÃO

*pág. 1*

### **LIVRO I**

#### **Os fanáticos**

CAPÍTULO I

S. Leopoldo – O Ferrabrás – O curandeiro

*pág. 15*

CAPÍTULO II

A profetisa

*pág. 23*

CAPÍTULO III

Uma hora de devoção no Ferrabrás

*pág. 27*

CAPÍTULO IV

O personagem misterioso

*pág. 31*

CAPÍTULO V  
Tentativa malograda  
*pág. 35*

CAPÍTULO VI  
A cena do dia de Pentecostes  
*pág. 41*

CAPÍTULO VII  
Os primeiros apóstolos  
*pág. 47*

CAPÍTULO VIII  
A carta – Planos de Jacobina – O conselho secreto  
*pág. 53*

CAPÍTULO IX  
Na venda do Serrano - Uma nova assembléia dos Muckers –  
Intenção de Jacobina  
*pág. 57*

CAPÍTULO X  
Os Muckers e os ímpios – O abaixo assinado  
*pág. 61*

CAPÍTULO XI  
O espia  
*pág. 65*

CAPÍTULO XII  
O aviso  
*pág. 69*

CAPÍTULO XIII  
Um encontro – Esperança perdida  
*pág. 75*

CAPÍTULO XIV  
Uma intimação escrita desagradável  
*pág. 81*

CAPÍTULO XV  
Prisão de Jorge Maurer  
*pág. 85*

CAPÍTULO XVI  
Chega a vez de Jacobina  
*pág. 89*

CAPÍTULO XVII  
Jacobina na polícia – O seu despertar –  
Cena grotesca – Interrogatório  
*pág. 95*

CAPÍTULO XVIII  
A festa de Pentecostes perturbada  
*pág. 99*

CAPÍTULO XIX  
A volta do casal milagreiro  
*pág. 105*

CAPÍTULO XX  
A excursão pela colônia – A cidadela dos Muckers  
*pág. 109*

CAPÍTULO XXI  
Uma desapareção – Fim trágico –  
Uma visita acompanhada de surpresas  
*pág. 113*

CAPÍTULO XXII  
Nova visita  
*pág. 119*

**LIVRO II**  
**Assassinos e incendiários**

CAPÍTULO I  
A primeira cena de sangue  
*pág. 125*

CAPÍTULO II  
Após o crime – Opiniões diferentes – O delegado  
*pág. 129*

CAPÍTULO III  
Só dinheiro e audácia  
*pág. 135*

CAPÍTULO IV  
Livre das garras  
*pág. 139*

CAPÍTULO V  
A impudência acoroçada pelo bom êxito  
*pág. 143*

CAPÍTULO VI  
Novas cenas de sangue  
*pág. 149*

CAPÍTULO VII  
Esperança desiludida – Uma prisão  
*pág. 155*

CAPÍTULO VIII  
A volta do curandeiro ao lar – Permuta das mulheres  
*pág. 159*

CAPÍTULO IX  
Plano de nova atrocidade  
*pág. 163*

CAPÍTULO X  
Uma façanha de canibais  
*pág. 169*

CAPÍTULO XI  
Após o atentado horroroso  
*pág. 173*

CAPÍTULO XII  
Incidentes  
*pág. 177*

CAPÍTULO XIII  
A noite da carnificina  
*pág. 181*

CAPÍTULO XIV  
Os foragidos  
*pág. 189*

CAPÍTULO XV  
Entre o ferro e o fogo  
*pág. 193*

CAPÍTULO XVI  
Aventura de Filipe Klei – Assassinato de Jacó Schmidt  
*pág. 197*

CAPÍTULO XVII  
Filipe Sehn em apuros – Morte de Kray  
*pág. 203*

CAPÍTULO XVIII  
Mais sangue  
*pág. 207*

CAPÍTULO XIX  
A manhã seguinte à noite da matança  
*pág. 211*

CAPÍTULO XX  
A mulher de Pedro Serrano na fuga  
*pág. 217*

CAPÍTULO XXI  
A orgia de sangue nas picadas  
*pág. 223*

CAPÍTULO XXII  
Muckers em apuros – Um encontro – Incursões  
*pág. 231*

CAPÍTULO XXIII  
Novas correrias  
*pág. 237*

CAPÍTULO XXIV  
Os últimos Muckers nas picadas  
*pág. 241*

### **LIVRO III** **Os rebeldes**

CAPÍTULO I  
Pedro Serrano – Providências  
*pág. 247*

CAPÍTULO II  
A cousa vai se tornando séria – O coronel Genuíno –  
Os Muckers se previnem  
*pág. 251*

CAPÍTULO III  
O primeiro combate (28 de junho)  
*pág. 255*

CAPÍTULO IV  
A primeira nova – Outros preparativos  
*pág. 263*

CAPÍTULO V  
O assalto à cidadela dos Muckers  
*pág. 267*

CAPÍTULO VI  
Esmorecimento – As choupanas no mato – Os fugitivos  
*pág. 277*

CAPÍTULO VII  
Assalto inesperado – Morte do coronel Genuíno  
*pág. 281*

CAPÍTULO VIII  
Expedição malograda  
*pág. 285*

CAPÍTULO IX  
Uma investida de colonos  
*pág. 289*

CAPÍTULO X  
O capitão Dantas – Apuros de um comandante  
*pág. 295*

CAPÍTULO XI  
Surpresa agradável  
*pág. 301*

CAPÍTULO XII  
Catástrofe  
*pág. 305*

CAPÍTULO XIII  
Os últimos Muckers  
*pág. 313*

FIM  
*pág. 319*

ÊXODO  
*pág. 321*

NOTAS  
*pág. 325*

.....

## *Prólogo da edição brasileira*

**A** *BALANÇAMO-NOS a verter no idioma pátrio o interessante livro que sob o título – Os Muckers – mandou publicar na Alemanha o Rdo. P.<sup>e</sup> Ambrósio Schupp. Não só como literato, e literato primoroso, mas também como eminente homem de ciência é o autor conhecido naquele país, donde é filho. Também aqui no Brasil, de norte a sul, os seus trabalhos no campo das ciências naturais, publicados em diversas revistas, granjearam-lhe justo renome no mundo científico. Ainda mais, com entranhado amor ao nosso país, que adotou e estremece como segunda pátria, este ilustre filho da Companhia de Jesus, há largos anos que vem prestando, aqui no Rio Grande do Sul, os mais assinalados serviços à causa de instrução da mocidade, já como professor e lente que foi no famoso Colégio de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição em São Leopoldo, na Escola de Engenharia e no Seminário Episcopal de Porto Alegre, já como professor que ainda é, no Ginásio S. Luís, em Pelotas. E quantos o conhecem, admiram-lhe o vasto e profundo saber realçado por uma modéstia rara.*

*Rendendo homenagem aos méritos e serviços de tão prestante e virtuoso Sacerdote, apresentamos ao leitor brasileiro, nas linhas que se-*

## XVI Padre Ambrósio Schupp S. J.

*quem, os seus traços biográficos, que extraímos de uma revista alemã – Die Dichterstimmen – Ano 14, fasc. 7.*

*Nasceu o P.<sup>o</sup> Ambrósio Schupp a 26 de maio de 1840 em Montabaur, pequena cidade do então ducado de Nassau, na Alemanha. Passou a infância na sua cidade natal, e aos 15 anos entrou a freqüentar o Ginásio de Hedamar. Concluídos os estudos ginasiais, seguiu para Mogúncia, entrando para o famoso seminário daquela cidade a fim de fazer os cursos de filosofia e teologia. Dois anos após matriculou-se na universidade de Würzburg, na qual três luminares da ciência católica professavam, naquela época, respectivamente a dogmática, a apologética e a história eclesiástica. Terminados os seus estudos teológicos, recebeu ele as ordens sacerdotais em Limburg no ano 1865, exercendo o sagrado ministério, como sacerdote secular, durante três anos, após os quais, em 1869, entrou para a Companhia de Jesus. Ainda não tinha ele concluído o seu 1<sup>o</sup> ano de noviciado, quando rebentou a guerra franco-prussiana, e o jovem Sacerdote foi mandado pelos seus superiores acompanhar o exército alemão além do Reno, a fim de prestar os seus serviços aos enfermos e feridos; e assim foi que se achou sucessivamente nos cercos de Metz, de Paris, de Orléans e finalmente em Le Mans.*

*Acabada a guerra, surgiu o Kulturkampf com as célebres leis de maio – que tiveram como consequência a expulsão dos jesuítas do império alemão; e nosso P.<sup>e</sup> Schupp foi mandado para a Inglaterra, onde permaneceu dois anos. Embarcou depois para o Brasil; chegando ao Rio Grande a 10 de outubro de 1874 – justamente quando terminava o último ato da sangrenta tragédia dos Muckers; e dali em diante empregou ele, sem interrupção, a sua atividade no magistério em diversos estabelecimentos de instrução.*

*Os primeiros 16 anos passou-os no Colégio de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição, em S. Leopoldo, fundado havia pouco, e ali exerceu também o cargo de Prefeito dos Estudos, ao mesmo tempo que se dedicava ao ministério sacerdotal, como cura d'almas, nas freguesias e capelas dos arredores de S. Leopoldo, como Hamburger-Berg, Lomba Grande, Sapiranga e Mundo Novo. E nas suas freqüentes excursões a estes lugares, teve ele ensejo de se informar minuciosamente acerca de todos os movimentos e operações dos Muckers e de examinar de visu o cenário onde se desdobrou a tremenda tragédia.*

Reabrindo S. Ex<sup>a</sup> Rev<sup>ma</sup> o Sr. Bispo D. Cláudio o seminário episcopal em 1901, foi o Rev<sup>mo</sup> Padre Schupp um dos três padres a quem foi confiada a sua primeira direção: e mais tarde, criando-se a Escola de Engenharia, foi ele convidado a fazer parte de seu corpo docente, podendo-se portanto, com toda justiça, considerá-lo como um dos fundadores daquele importante estabelecimento de instrução superior.

Conservou-se no seminário até ao ano de 1904; em que foi mandado para a cidade do Rio Grande, e ali esteve durante três anos como reitor do colégio, dirigido pelos padres da Companhia, e atualmente exerce o magistério no Ginásio de S. Luís, em Pelotas, equiparado ao Ginásio Nacional. Além de outras disciplinas, ensina o Padre Schupp ciência naturais, que sempre cultivou com verdadeiro carinho.

Não obstante as árduas tarefas do magistério e do sacerdócio, encontra ainda o bom do Padre tempo para entregar-se a trabalhos literários e científicos, escrevendo artigos para importantes revistas alemãs, como: o *Alte und Neue Welt*, *Natur und Offenbarung*, *Die katholischen Missionen*, *Dichterstimmen*. Também no *Anuário do Rio Grande do Sul*, publicado sob a direção do Dr. Graciano de Azambuja, e em revistas de S. Paulo e Pará, encontram-se numerosos trabalhos seus.

Durante a sua estada no Colégio de São Leopoldo, escreveu diversos dramas, alguns dos quais, como *Os gêmeos*, *A sorte grande*, *Fiel até a morte*, foram dados à estampa.

No ano de 1889 empreendeu ele uma excursão a Montevideú e Buenos Aires, cujas impressões reproduziu em um livro intitulado: *Visita ao Rio da Prata*. Além disso deu a lume uma coleção de poesias sob o título: *Longe da Pátria*, que mereceu ser reeditada em 1904; bem como uma série de novelas, que encontraram o mais lisonjeiro acolhimento da parte dos críticos, aparecendo em repetidas edições.

Porém, a obra principal do Pe. Schupp, a que mais nos interessa, é a *historia dos Muckers*, que agora oferecemos aos leitores brasileiros.

É um episódio de sangue, extraído dos anais do Rio Grande; é a reprodução fiel dessa horrenda tragédia que trouxe em contínuo e atroz sobressalto, ensangüentando-a e enlutando-a durante dois longos anos, a laboriosa e pacífica colônia alemã estabelecida no Município de

## XVIII Padre Ambrosio Schupp S. J.

*São Leopoldo. Não é um romance, como talvez possa afigurar a muitos, mas sim a realidade histórica em todas as suas particularidades. Disso é penhor não só a palavra autorizada e veraz do autor, como também os documentos autênticos por ele escrupulosamente compulsados e as testemunhas presenciais, ainda sobreviventes, por ele ouvidas. É, pois, o livro, como se vê, um subsídio poderoso e interessante para os que se interessam das coisas pátrias.*

*Na tradução, pusemos peito em conservar o cunho da simplicidade aliada à elegância de estilo, que o autor soube imprimir ao original, como costuma fazê-lo em tudo o que brota da sua pena fecundíssima; mas, força é confessar, para consegui-lo, fora mister ser, como o é o autor, um artista da palavra; e por vezes sentimo-nos desalentados diante das dificuldades que a cada passo se nos apresentaram. O desejo, porém, de tornar conhecido dos nossos patrícios este trabalho importante e a esperança de que o público relevaria com indulgência os muitos senões, estimularam-nos a não desistir da empresa e a levar a cabo a tradução.*

*Oxalá a versão brasileira, não obstante os seus defeitos e imperfeições, tenha o mesmo acolhimento que encontrou o original alemão.*

O TRADUTOR.

---

*A respeito da importância e merecimento do livro, fazemos nossas as palavras de um crítico que pelo Diário do Rio Grande – 23 de fevereiro de 1901 – assim se exprimiu:*

### UM LIVRO

Poucos brasileiros, muito poucos, saberão que ali está correndo impresso um livro que nos interessa muito de perto, página que é de um acontecimento que se prende à história da nossa civilização, conquanto simples incidente da nossa

vida. Refiro-me à história dos “Muckers”, escrita em alemão pelo reverendo Padre Schupp, da Ordem de Jesus. Desde 1872 que os sucessos sangrentos, cuja recordação não se extinguirá jamais na memória das populações coloniais, desafiava a boa vontade dos escritores nacionais para coordenarem os fatos que constituem a história daquela famosa conspiração, nascida do fanatismo de seita. Mas o assunto exigia esforço, a pesquisa de documentos; o estudo aturado de circunstâncias, o que, sem dúvida, influenciava na natural ociosidade dos nossos escritores, pouco dispostos a meterem-se no que é penoso. E assim mais uma vez o estrangeiro contribuiu com a sua ação para suprir a falta que por nós tão cedo não supríamos. Em compensação, porém, muitos brasileiros, muitíssimos, de origem alemã o só conhecedores da língua de seus pais, poderão melhor do que nós ter presente a história dos “Muckers”, escrita em alemão; e lá fora, na Alemanha, será mais conhecida do que entre nós, e até que alguém empreenda ao menos a tarefa de traduzir o livro do Padre Schupp, a língua portuguesa está privada dessa obra que eu reputo completa, um trabalho que honra o laureado autor, uma das notabilidades da Ordem de Jesus.

.....  
.....

Li e reli o livro belíssimo do padre, escrito em estilo simples, desprezioso, sem outro colorido que não o natural das narrações singelas, feitas com sobriedade, sem preocupações de efeitos. O autor trabalhou muito para coordenar os fatos, ligá-los entre si e constituir assim, desde a sua origem, o drama que tinha o seu cenário principal no Ferrabrás.

O Padre Schupp escreveu com louvável imparcialidade a história dos “Muckers”, consultando autos, relendo jornais da época, ouvindo os depoimentos de testemunhas e comparsas no drama, manuseando documentos partidos destes, assenhoreando-se por essa forma plenamente do assunto. E assim desde o seu ponto de partida até o desfecho definitivo da vida da seita, o autor nos conduz presos pelo interes-

## XX Padre Ambrósio Schupp S. J.

se através dos capítulos de sua obra. E o historiador seco que fala, não intercalando nenhuma página que nos descreva a vida do colono, não traçando uma só paisagem das picadas, nem esboçando um desses interiores curiosos da vida rústica, desconhecida para tanta gente. O padre quis trazer a sua dupla contribuição: para a nossa História, o registro documentado dos fatos; para a história das seitas mais este episódio, que com as variantes que lhe são peculiares, intercala-se ainda assim no fundo, na forma e na origem, na multidão de casos idênticos que se contam na vida dos povos.

Sem empreender a crítica da seita e limitando-se à narração circunstanciada dos fatos, o Padre Schupp quis por essa forma fugir à possível acusação de suspeita, o que comprometeria o historiador, aparecendo talvez o jesuíta por meio da paixão que emprestaria às suas observações. E por isto maior é o valor do livro, como documento, completo, inteiro sobre o assunto.

E foi só isto que ele pretendeu, tanto assim que não nos dá uma só paisagem da vida colonial, não esboça sequer um interior de colono, não estuda o laborioso agricultor na sua existência. Podia incidentemente amenizar o seu livro com cenas da vida rústica, mas não quis. O autor é o mero narrador, de estilo sóbrio que ainda assim, mesmo com essa sobriedade, tem páginas que impressionam vivamente. O capítulo denominado – “Canibalismo” – é uma dessas páginas que comovem pela segurança da narrativa simples.

E é como documento que se recomenda o livro do jesuíta, obra digna de ser vertida para o nosso idioma, completando assim o seu destino, que foi, penso, vir dizer a verdade sobre os “Muckers”.

.....  
.....

A leitura desse livro não interessa somente a pessoas que têm amor ao estudo: ela é também um prazer que prende a recordação minuciosa de fatos que ainda não há 30 anos tanto alarmaram o Rio Grande e mesmo o Brasil.

Quem escreve estas linhas sentiu um prazer, repassando-lhe sob os olhos os fatos que na sua imaginação infantil tomaram tanto vulto, quando se davam nas picadas do Município de S. Leopoldo.

Termino, felicitando calorosamente o Padre Schupp pelo seu trabalho.

P.J.

---

.....

## *Prólogo da 1ª edição*

**A** PESAR de viver há largos anos no Rio Grande do Sul, florescente estado do Brasil, não é o autor totalmente desconhecido dos leitores da Alemanha.

Não só saíram, de quando em quando, da sua pena vários contos para os jovens leitores, como também aos seus velhos compatriotas teve ele ocasião de contar muita coisa real do Novo Mundo, quer da inesgotável riqueza da sua prodigiosa natureza, quer da vida, atividade, hábitos e costumes de seus habitantes.

O que ele vai narrar neste livro é também a verdade, a realidade pura. É a história verdadeira da origem e desenvolvimento inexplicável, dos excessos sangrentos e do fim trágico de uma seita de fanáticos, tal qual ela se desenrolou, quase no último quartel do século XIX, entre os colonos alemães estabelecidos no Rio Grande, província então do extinto império do Brasil.

Muitas testemunhas oculares e muitas outras pessoas que tiveram parte nos acontecimentos, ainda vivem, e da boca destas pôde o autor colher grande cópia das suas informações. Também foi-lhe dado manusear os autos do processo e consultar o abundante noticiário das folhas contemporâneas. As autoridades – nomeadamente o chefe da repartição de polícia

#### XXIV Padre Ambrósio Schupp S. J.

– a quem recorreu nos casos duvidosos, prestaram-lhe com a maior franqueza e benevolência as informações desejadas. Dentre todos, porém, deve-se destacar o notário de S. Leopoldo, o Sr. J. de Oliveira, já falecido, o qual levou a sua delicadeza ao ponto de pôr durante algum tempo à disposição do autor todas as peças do processo. O conhecimento exato do cenário onde se desdobraram os fatos, adquiriu-o o autor pela própria observação e para ele foi dever sagrado guardar a mais escrupulosa imparcialidade no pintar os caracteres dos personagens que se apresentaram em cena. De modo que com toda a lealdade pode o autor afirmar que esta narrativa, por mais romântica e, diga-se até, por mais incrível que pareça, em alguns dos seus pormenores, encerra puramente a verdade, é um episódio da vida real, é, em suma, uma história autêntica. E esta circunstância justamente impediu-lhe às vezes acompanhar os fatos de mais minuciosas apreciações psicológicas e aclarar um ou outro ponto mais obscuro. Teve ele de aceitar as coisas tais como se lhe apresentaram. Em consideração a muitos sobreviventes viu-se ele obrigado a calar um ou outro nome e a passar em claro sobre certos incidentes acessórios. Isto, porém, nada prejudicou a natural concatenação dos fatos nem a unidade e harmonia do conjunto da horrível tragédia.

Esta narrativa fora escrita, havia anos, logo após os acontecimentos, e aguardava somente a última demão para sair a lume. Sabia-se no país que estava em elaboração, porquanto as pesquisas a que se entregara o autor não podiam ficar ocultas. Uma folha de São Leopoldo tomou a si a coisa e quis enxergar na demora da publicação motivos menos airosos, o que deu lugar a que se não retardasse mais tempo a sua impressão.

Os curiosos, os que são ávidos de leitura talvez não enxerguem nestas páginas senão uma série de aventuras a qual mais empolgante, mais rica de lances e peripécias dramáticas. Os que se ocupam da história eclesiástica, os que se dedicam à história da civilização, esses poderão encontrar nelas um subsídio não sem interesse para a história das seitas do século XIX e o filantropo pensador terá ocasião de formar um juízo proveitoso e salutar a respeito das paixões e aberrações humanas.

.....

## Prólogo da 2ª edição

**A**CHA-SE esgotada a 1ª edição dos Muckers. Dando hoje à estampa a 2ª edição, julgamos oportuno precedê-la de uma tríplice observação.

*Em primeiro lugar, muitos dos que leram o nosso livro, a despeito da declaração categórica em contrário, receberam talvez a impressão de que muitas particularidades nele narradas não passam de aditamentos românticos. Para garantir o seu trabalho contra tais suspeitas, o autor, logo que ele apareceu pela primeira vez, apressou-se por meio do Deutsches Volksblatt (nº 84 de 1900), folha alemã de grande circulação, a pedir aos seus leitores que lhe comunicassem, se porventura no seu livro tivesse sido incluído um ou outro fato menos verídico. E posto que o livro, publicado em milhares de exemplares, desaparecesse logo do mercado e fosse lido e espalhado com verdadeiro alvoroço; e ainda mais, posto que o interesse de alguns sobreviventes reclamasse talvez que este ou aquele acontecimento fosse apresentado sob outro aspecto; o que é certo é que até agora não foi exigida ao autor, quer direta, quer indiretamente, uma única retificação afora a que se fez ao capítulo 13 do 3º livro; antes pelo contrário, todos os jornais, sem exceção, quer alemães, quer brasileiros,*

*reconheceram sem reservas a fidelidade e exatidão histórica do livro e a objetividade da exposição.*

*Além do mais, foi-nos endereçada uma declaração escrita, na qual dezenove moradores do Sapiranga, cujas assinaturas foram legalmente reconhecidas, são contestes em afirmar que tudo o que se narra no presente livro corresponde em todos os seus pormenores à verdade, e aqui releva notar que a maior parte dos nomes que figuram na referida declaração são os mesmos que o leitor há de encontrar ao percorrer o livro.*

*A segunda observação diz respeito à compostura do livro. E antes de tudo, aparece agora acrescido de uma introdução. Escrita para ser impressa na primeira edição, salvo nas alterações; tem a mesma por fim tornar os acontecimentos narrados mais facilmente compreensíveis aos leitores menos enfronhados nas condições do país; com esse intuito juntamos outrossim à presente edição algumas plantas topográficas, bem como algumas fotografias de personagens e localidades.*

*Em terceiro lugar, quão funda foi a ação que na vida da colônia alemã exerceu o movimento dos Muckers, evidencia-o o epílogo que, decorridos anos depois de finda, teve essa tragédia e do qual nos ocupamos particularmente em capítulo suplementar na presente edição.*

.....

## Introdução

É

O RIO GRANDE DO SUL *um dos mais belos, dos mais amenos e também um dos mais florescentes e esperançosos estados do Brasil. Ao tempo em que passa esta narrativa, fazia ele parte do império como província; hoje é um dos vinte estados federados da República. Estendendo-se entre os paralelos 27° e 34° latitude sul, jaz todo o Rio Grande sob a zona temperada, participando ao mesmo tempo das vantagens e excelências da zona tórrida e da frígida, sem, todavia, sofrer-lhes os rigores e extremos.*

*Ondulantes colinas revezam-se com suaves baixadas, a alteros serros sucedem aprazíveis vales e planícies, que se estendem a perder de vista, coroados aqueles de matas de luxuária vegetação, e estas tapetadas de pastagens. A terra é opulenta de seiva, abundando as frutas mais saborosas: no norte, sazonam a banana, a baunilha, o ananás e até o café; ao passo que no sul maduram laranjas, esbeltos coqueiros balouçam as suas graciosas umbelas, sombreando a morada do camponês.*

*Também o subsolo encerra tesouros, e ali se encontram ricas jazidas de ouro e prata, e, em maior abundância ainda, minas de cobre, ferro e outros minerais valiosos.*

## 2 Padre Ambrósio Schupp S. J.

*Numerosos rios e riachos sulcam o estado, em todos os sentidos, irrigando-o e facilitando as comunicações. Muitos deles vão desembocar as suas águas no rio Uruguai; a maior parte, porém, e são os mais importantes, vazam-se na lagoa dos Patos que, paralela à costa, se dilata ao sul, numa extensão de mais de duzentos quilômetros. É essa lagoa — permita-se-nos a expressão — como que o coração do Rio Grande do Sul; para a lagoa dos Patos afluem, como acabamos de ver, as suas principais artérias fluviais, e dela reflui a vida para os pontos mais apartados.*

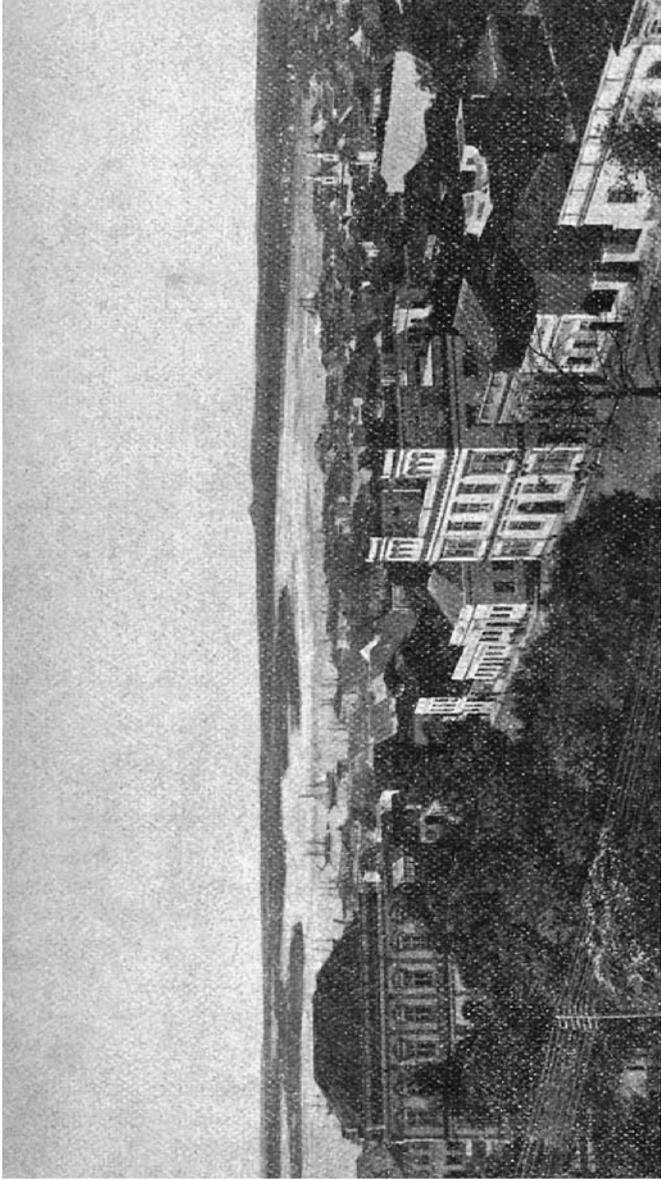
*Dentre todos, porém, destacam-se quatro rios, os quais, depois de receberem os tributos de seus coirmãos menores, misturam-se e confundem-se em um só rio majestoso, e, sob o mesmo nome de Guaíba, vão desaguar na lagoa.*

*No Guaíba, à margem esquerda, avança a ponta de terra sobre a qual está assentada a cidade de Porto Alegre, capital do estado.*

*Delumbrante é a perspectiva que se descobre, vendo-se de qualquer ponto elevado dos arredores da cidade, o grande rio deslizar a massa das suas águas remansadas por entre um dédalo de verdejantes ilhas, ao mesmo tempo que a formosa Porto Alegre, em declive suave, desce até ao rio, descrevendo aí um extenso arco.*

*Destes quatro rios o menor, porém o de mais importância para nós, é o dos Sinos ou Itapuí, a cujas margens se desdobrou o trágico drama dos Muckers. Nasce o rio dos Sinos num dos pendores meridionais da serra do Mar; a princípio, referve, cachoa, estorcendo-se, apertado, entre gargantas da serra; aparece depois na campina, coleando, qual ameno riacho, até que por fim, já rio navegável, vai lançar-se no Guaíba.*

*Há uns oitenta anos, ainda eram as margens do Itapuí, quase todas, cobertas de espessas florestas. A mata virgem espelhava-se nas suas águas, e o indígena erradio ou vogava nas suas ondas, a pescar, ou corria a caça, nas suas praias. Apenas dois tratos de terra, distantes ambos de Porto Alegre, obra de sete léguas para o norte, estavam então desbravados ao serviço do governo. Um deles, chamado a “Feitoria Velha”, à margem esquerda do rio, devia fornecer à Marinha o cânhamo para a fabricação do cordame; o outro — a “Estância Velha” — à margem direita, era destinado à criação de gados.*



Porto Alegre – vista para o Guaíba, tirada do alto da Catedral

*Acontece, porém, que no ano de 1824 chega a Porto Alegre um navio, a que se seguiu logo outro, desembarcando 126 imigrantes alemães, os primeiros que o Brasil viu. A “Feitoria” e a “Estância Velha” deviam ser a nova pátria dos recém-chegados e, ao mesmo tempo, o berço da colônia alemã no Brasil. No ano imediato, de 1825, recebeu a colônia recém-fundada o nome de “São Leopoldo”, em homenagem à Imperatriz D. Leopoldina.*

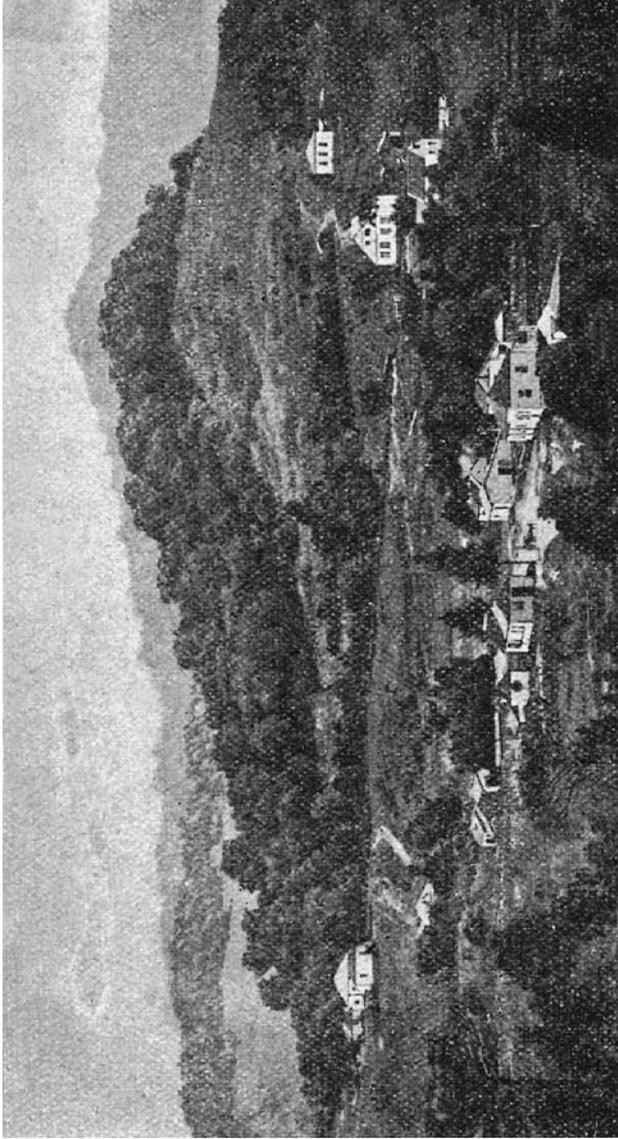
*Começou, então, a luta e a faina, e, de machado em punho, pôs o colono mãos à obra.*

*Cheio de dificuldades foi o princípio. Com o facão e o machado, era preciso conquistar a mata virgem, palmo a palmo, a terra explorável para a cultura. Os membros da família — pai, mãe, filhos — todos, sem exceção, desde o maior até ao mais novo, lançaram-se ao duro serviço, cada qual consoante às suas forças. E quantas vezes não tiveram eles que recuar, apavorados, diante de alguma cobra venenosa ou de alguma aranha de tamanho colossal, tão freqüente nas matas, ou de outro animal repulsivo, que, inesperadamente, se lhes apresentava na vizinhança. Verdade é que não lhes custava muito a inutilizar semelhantes inimigos: o primeiro pau que lhes ficava ao alcance, bastava para isso. O mesmo, porém, não sucedia com outros hóspedes, mais perigosos, que de quando em quando apareciam obrigando o colono a lançar mão da espingarda: tais eram o jaguar e outras alimárias ferozes. Havia, porém, outro inimigo mais terrível contra cujos assaltos devia o colono andar constantemente precavido: eram os selvagens. Estes, que, a princípio, se abeiravam do homem branco em boa paz, e, inofensivos e curiosos, se punham a reparar nos seus costumes e hábitos, não tardaram a assumir atitude abertamente hostil, quando perceberam que o intruso ia devastando cada vez mais a mata, e punha e dispunha daquilo a seu bel talante; e é certo que a visita de tais hóspedes custou a vida a mais de um colono. Desde manhã cedo até à noite, continuava a afanosa labuta, só interrompida pela parca e mesquinha refeição.*

*Para podermos fazer uma idéia exata da vida trabalhosa dos primeiros colonos, foi-nos mister ouvir a eles próprios as suas aventuras. A história de cada um é quase sempre um trecho de peripécias, de*

*vicissitudes, de sofrimentos, de sacrifícios, em que não raro o dedo da bondosa providência aparece tecendo os seus fios da maneira mais comovente. Superados, porém, os primeiros obstáculos e vencidas mil dificuldades, o cuidado cedeu lugar à alegria, e o contentamento veio dissipar-lhes a nostalgia do torrão natal. O colono, que na velha pátria vivera em meio de necessidades e privações, podia agora olhar, como proprietário, para uma extensão de terra de uns 200 a 300 hectares.*

*Aos primeiros imigrantes não tardaram a seguir outros. As informações dos compatriotas que os haviam precedido, e as vantagens sedutoras que se lhes ofereciam, atraíram bem depressa centenas e centenas de indivíduos, a quem as condições apremantes na pátria se haviam tornado insuportáveis. Novos trechos de terra foram, então, medidos e demarcados, e novos lotes distribuídos. Na medição e demarcação desses lotes, procediam os agrimensores da maneira seguinte: em primeiro lugar abriam, pelo mato adentro, uma picada — caminho estreito e comprido; perpendicularmente à picada, e à distância de cem em cem metros, mediam trechos maiores de 1.600 braças cada um. Ficava assim demarcado o prazo que se entregava a cada colono. Media, pois, o lote 100 braças de largura, sobre 1.600 braças de comprimento, representando, por conseguinte, uma área de 160.000 braças quadradas, ou  $774.400m^2$ . O conjunto dos lotes formava um núcleo, que recebia um nome oficial, e era confiado à superintendência de um diretor de colônia. Além do nome oficial, porém, costumavam os colonos pôr-lhe outro nome alemão, sugerido por alguma ocorrência fortuita; na maioria dos casos foram os primitivos colonos os que puseram esses nomes às picadas. Também os morros e os vales tiveram os seus nomes germânicos — assim temos: o Hamburger-Berg, o Buger-Berg, o Affenthal, o Narrenthal, etc. Como é bem de ver, crescendo a população, aumentou naturalmente o número das picadas; já uma série delas contava-se ao longo das margens do rio dos Sinos; e não tardou muito que a mata virgem se transformasse em uma paisagem habitada, e, no meio da floresta, aqui e acolá, ora num vale aprazível, ora na encosta romântica de um serro, abriam-se mais e mais novos claros, onde cepos de árvores carbonizados e alguma choupana mesquinha eram os sinais de que ali se havia estabelecido um imigrante.*



Harmonia — paisagem colonial

*Era natural que essas condições primitivas não perdurassem, e, no decorrer de alguns anos, muitas mudanças se vieram operando: casas mais confortáveis, posto que muito simples, foram substituindo as grosseiras cabanas; em roda das casas verdejava e floria o laranjal, esbeltas palmeiras, em frente da porta, balouçando as frondes, saudavam, alvissareiras, ao visitante, e, não longe da morada do colono, divisava-se o poteiro — terreno relvoso e cercado, onde erravam a pascer cavalos e reses — primícias do seu gado. O que, porém, mais que tudo, se havia dilatado, era a roça — a porção cultivada das suas terras e onde ele passava a maior parte do tempo da sua vida solitária e tranqüila; aí, tudo havia tomado um aspecto mais aprazível: dos grossos e possantes troncos de árvores, abatidos a golpes de machado, e reduzidos, depois, a cinzas, para adubarem o solo, já tinham desaparecido até os últimos resquícios.*

*Mas também no seio das famílias se haviam operado muitas mudanças: os filhos haviam crescido; um ou outro já estava talvez em idade de estabelecer lar próprio; acontecia, então, que, ou tomava à sua conta uma parte da propriedade paterna, ou levantava, de ordinário não longe da casa dos pais, a sua moradia; o que deu em resultado aumentarem as habitações e aconchegarem-se mais e mais.*

*Por sua vez, a necessidade do convívio social estava a reclamar forçosamente a abertura e construção de caminhos e estradas. Primitivo era o sistema de abri-los: com o facão e o machado, praticava-se, no mato, uma abertura, em direção reta, se nenhum obstáculo se antepunha; no caso contrário, procurava-se um desvio. Como é de ver, esses caminhos, abertos a esmo, ora galgando ora descendo morros; agora, rompendo por entre balseiras; aqui, salvando grossos troncos de árvores atravessados; ali, beirando escarpas e fraguedos; mais além, transpondo arroios caudalosos e até riachos invadeáveis; esses caminhos — dizemos — eram quase impraticáveis. E imagine agora o leitor como não ficavam eles depois dessas cordas d'água, torrenciais, de dias a fio, tão freqüentes no nosso clima: o solo tornava-se movediço, empapado, coberto de tremedais. E como podia, nessas condições, fazer as suas jornadas o colono, que costuma andar de pés nus?*

*Uma circunstância, porém, vinha em parte remediar o mal.*

*É o Brasil rico de gado cavalari, e o brasileiro sabe aproveitar admiravelmente o cavalo em diferentes misteres, sobretudo nas suas viagens. Dele aprendeu o colono a utilizar este solípede; e, como os cavalos são em geral baratos, o colono, por pobre que seja, possui pelo menos um; a maior parte, porém, tem dois, e alguns chegam a ter seis e mais cavalos. Só sai de casa montado, preferindo fatigar-se uma meia hora para pegar o animal, a dar a pé uma caminhada de um quarto de hora; e, quando está a cavalo, é capaz de passar o dia inteiro a vaguear. A princípio esse meio de transporte era acompanhado de mil incômodos e maçadas, mas bem depressa o colono se lhe afez, e calvagar umas dez ou doze horas não passava para ele, quando muito, de um passeio algum tanto forçado.*

*Muitas vezes esses caminhos primitivos tinham de atravessar as propriedades dos vizinhos. Estes, porém, consentiam em tal, exigindo como única condição que os transeuntes fechassem, atrás de si, a cancela do potreiro. Essa medida impunha-se, para obstar à invasão de animais estranhos e à fuga dos próprios.*

*Entrementes a colônia se havia tornado a pouco e pouco menos inóspita. O mato havia desaparecido cada vez mais; em lugar das clareiras, aqui e acolá, a vista podia espraizar-se por sobre vastas extensões de terra cuidadosamente cultivadas, quer no fundo dos vales, quer nas encostas das colinas. Ao sul da Estância Velha e da Feitoria, viera surgindo uma como povoação, a que de preferência se limitou o nome de São Leopoldo. Em torno desta, como que formando uma coroa, estendiam-se picadas florescentes, onde a harmonia, a paz e a alegria, de mãos dadas, felicitavam o lar do colono. Também se haviam tomado providências no sentido de acudir melhor às necessidades e transações comerciais. O colono carecia de utensílios domésticos, de instrumentos para os diferentes misteres da vida; tinha necessidade de substâncias condimentares para o preparo dos seus alimentos, e de vestuário, para aparecer em público decentemente. Para se prover de tudo isso, via-se ele obrigado a fazer, até à cidade, uma viagem que, sobre ser fastidiosa, lhe roubava boa parte do tempo.*

*Por outro lado cumpria que ele tratasse de colocar os sobejos dos seus produtos anuais, ou vendendo-os a dinheiro, às suas necessida-*

*des. E, nessas transações, não se lhe dava de sofrer algum prejuízo, contanto que o fôrassem aos descômodos de transportar tais produtos para longe.*

*Naturalmente, não faltaram espertos especuladores que, sabendo tirar partido dessa ordem de coisas, trataram logo de construir casas, com vastos depósitos, armazenando ali toda sorte de artigos, como fazendas, especiarias, louças, trens de cozinha, ferragens; em uma palavra — tudo de que o colono podia precisar, não faltando também o vinho, a cachaça e outras bebidas. E tudo isso se expunha à venda aos fregueses, que acudiam numerosos. Para essas casas de negócio, que chamavam “vendas”, transportava o colono o excesso das suas colheitas: feijão, milho e outros produtos, como ovos, mel, manteiga, recebendo, em pagamento, ou dinheiro, ou gêneros. O vendeiro, esse, sustentava umas 30 ou 40 bestas de carga e até mais e, quando tinha um depósito regular daqueles produtos, fazia-os transportar, pelas suas mulas, ao mercado mais vizinho, auferindo, nessas transações, lucros consideráveis.*

*Parecia, enfim, que tudo estava encaminhado para garantir ao colono uma vida, senão desafogada de fadigas, ao menos, isenta de cuidados e preocupações, quando um acontecimento inesperado sobreveio, pondo em risco toda a sua felicidade. No ano 1831, Pedro I, Imperador do Brasil, abdicara em seu filho, ainda de menor idade. Não podendo o jovem príncipe assumir as rédeas do governo, foi a direção dos negócios públicos confiada a um regente. Não bem este havia tomado conta da regência, quando certas medidas malogradas provocaram um descontentamento quase geral no país. O fermento revolucionário alastrou pelo povo, e, em diferentes pontos do Brasil, rebentaram revoltas. Também o Rio Grande do Sul foi arrastado na onda revolucionária, pondo-se os militares à testa do movimento. Não conseguiram, porém, estes torná-lo geral; antes, pelo contrário, o povo bandeou-se em duas facções: uma, que se mantinha fiel ao governo; outra, que o combatia com as armas na mão. Os revoltosos apelidaram de Caramurus aos amigos do governo; estes, por seu turno, chamaram de “Farrapos” aos adversários; vindo dali o nome de “Guerra dos Farrapos”, dado à revolução do Rio Grande.*

*A princípio, parecia que o movimento revolucionário ficaria circunscrito à população brasileira. Os alemães tinham como norma de conduta não se envolver na revolução, deixando que os filhos do país liqüidassem entre si a contenda; essa neutralidade, porém, foi pouco duradoura, e também os colonos não tardaram a dividir-se em dois campos, combatendo uns pela causa do imperador, os outros a favor da revolução.*

*Quase nunca se feriam combates em forma: eram, antes, emboscadas constantes, assassinatos e morticínios, de parte a parte. Na sua própria casa, no seio da família, era o adversário surpreendido, e, arrastado até a um capão próximo, ali o degolavam. Havia já dez anos que se reproduziam essas cenas sangrentas, quando veio ao Rio Grande o barão (mais tarde duque) de Caxias, que, tendo prestado ao governo os mais assinalados serviços, com abafar, em outras províncias, a revolução, logrou, também aqui, no Sul, quer pela força das armas, quer pelos meios pacíficos, restabelecer a paz.*

*Estava-se no ano 1845.*

*Ninguém se regozijou com esse sucesso mais do que o colono: pressuroso, trocou ele as armas pelos pacíficos instrumentos agrícolas, voltando, com dobrado alento, para a sua lavoura, abandonada havia largo tempo. As feridas não tardaram a cicatrizar, e o sangue e a carnificina esqueceram bem depressa. Ao trabalho tenaz, incessante, do colono, que acabava de passar por tão duras provações, voltou o bem-estar antigo, e floriram novamente a paz e a felicidade perdidas. Ainda mais: não levou muito, e as suas condições melhoraram e prosperaram como nunca.*

*Entrementes, a pequena povoação de São Leopoldo fora elevada à categoria de vila, vindo a ser, assim, a residência de diversos funcionários públicos, pelo que se tornava, mais que antes, o coração de toda a vida colonial, alimentando, ao mesmo tempo, ativíssimo tráfico com a capital da província. De todos os pontos da colônia, réguas de bestas transportavam para S. Leopoldo os produtos coloniais, que lanchões abarrotados (vapores não os havia então), descendo o rio dos Sinos, levavam para Porto Alegre, donde, por sua vez, refluía o dinheiro para as colônias.*

*Mais de um colono previdente começou então a pôr de parte as suas economias, e não poucos, que tinham vindo pobres, lograram, com o*

*seu trabalho e prudente economia, um estado de despreocupada abundância. Também muitos negociantes e homens de ofício se haviam estabelecido nas colônias; à orla da estrada, retumbava o malho na bigorna, e, no fundo do vale solitário, ouvia-se ranger a roda da azenha.*

*Parecia que nada mais faltava para a completa felicidade do colono. Entretanto, assim não acontecia: de uma coisa ainda sentia ele falta. Até então, vira-se quase de todo privado dos confortos e cuidados espirituais; e cumpria se tomassem providências também nesse sentido.*

*Entre os imigrantes havia muitos católicos, sendo os outros protestantes; estes últimos, em falta de um teólogo formado da sua comunidade, escolhiam, dentre si, um, a quem julgavam mais habilitado, encarregando-o de pregar e atender aos outros serviços religiosos; faziam-no reconhecer pelo governo, legalizando a sua escolha, e assim satisfaziam os seus interesses espirituais. Os católicos, esses, reuniam-se também, e faziam as suas devoções em comum, recitando um leigo as orações; mas trataram logo de procurar sacerdotes que lhes administrassem os sacramentos e celebrassem o santo sacrifício da Missa.*

*Eis que, no ano de 1844, sucedeu aportarem a Porto Alegre dois padres da Companhia de Jesus, que vinham expulsos da República Argentina, pelo tirano Rosas, por não terem querido se prestar aos manejos da sua política infame.*

*Aos dois padres dirigiram-se os colonos, pedindo que lhes pregassem uma missão. Aquiesceram os padres, e a missão realizou-se. Como o sopro da primavera, que, na sua passagem por sobre a veiga, tudo vivifica, assim a missão veio dar novo alento aos ânimos dos alemães. De todas as partes, acudiram os colonos em magotes, e as lágrimas, que lhes marejavam os olhos, atestavam o alvoroço, a comoção íntima que a todos empolgara. Custava-lhes — é verdade — fazer-se compreender dos padres espanhóis; mas, afinal, deparava-se-lhes ocasião de satisfazerem as suas necessidades religiosas, o que, desde muito, não lhes tinha sido possível fazer. Até o elemento protestante não se pôde esquivar à poderosa influência que esse acontecimento produziu na colônia, e também ele tomou parte, de maneira edificante, na alegria comum.*

*Abalados pela excelente disposição de espírito dos bons alemães, e movidos do desamparo de socorros espirituais em que os viam, os dois missionários envidaram logo esforços, a fim de lhes alcançar curas d'alma efetivas. De feito, no ano 1849, chegavam os padres jesuítas Agostinho Lipinski e João Sedlach, que fixaram residência em S. Miguel dos Dois Irmãos.*

*Capelas e igrejas foram logo edificadas, e ouviam-se os sinos repicar festivamente, nos vales e nas quebradas, convidando o povo à oração. E, quando chegava o domingo, era de ver acudir dos plainos e desembocar das picadas os bravos filhos do Reno e da Mosela, formando esplêndida cavalgada, em direção à igreja. Viam-se ali homens de bem, robustos, cujas mãos calosas denunciavam as dificuldades com que lutavam; anciãos respeitáveis que, antes de fecharem os olhos, queriam ter a ventura de assistir ao santo sacrifício da missa; jovens esposas, com os pequenitos a lhes sorrir nos braços; rapagões desempenados, sacudidos, de compleição robusta e faces coradas, e, finalmente, donzelas amantes do trabalho, com os seus roupões de montar.*

*Agora sim, eram os colonos realmente ditosos: uma paz tranqüila, suave, perturbada apenas, de vez em vez, aqui ou acolá, pelas rixas de algum espadachim, pairava sobre as picadas e fazia esquecer aos seus moradores, felizes, as saudades da velha pátria. Mais uma vez, porém, devia essa felicidade ficar abalada, de um modo cruel, e, desta feita, pelos próprios colonos. Como isso se passou, é o que vamos narrar nos capítulos que seguem.*

# LIVRO PRIMEIRO

OS FANÁTICOS

.....

## *Capítulo I*

### S. LEOPOLDO – O FERRABRÁS – O CURANDEIRO

A

UMAS seis léguas ao norte de Porto Alegre, acha-se situado S. Leopoldo. Fundado, em 1824, por imigrantes alemães, é hoje uma pequena cidade, sim, mas alegre e industriosa, e o rio dos Sinos, a cuja margem esquerda está assentada, comunica-lhe um encanto particular e certa animação.

Na margem fronteira, depara-se à vista um amontoado de casas enfileiradas, umas em frente das outras, formando uma rua. A casaria é já avultada, e ao pequeno arraial puseram-lhe o nome de Neustadt (Cidade Nova). À direita e à esquerda, bem como para o fundo, dilata-se um campo plano e inculto, que, na estação chuvosa, se transforma em brejo. Para além, limitando a planície, divisam-se serros, coroados de matagal, que, parecendo, à primeira vista, formarem uma cadeia contínua e ininterrupta, se descobrem separados, quando o sol ilumina a paisagem, espalhando luz e sombras por montes e vales.

Ao norte de São Leopoldo, e bem perto um do outro, alteiam dois serros gêmeos e tão parecidos entre si, que o povo lhes deu o nome de “Dois Irmãos”.

Aquém dos dois serros, quase a uma hora e meia de caminho de São Leopoldo, ergue-se um outeiro, chamado Hamburgerberg, ladeado

de vales aprazíveis e encantadores, de casaria alegre, e tendo como diadema uma igrejinha modesta, mas pitoresca, alvejando no cimo. Para além dos mesmos serros, estende-se a picada de S. Miguel; a poente desta, fica a do “Bom Jardim”, à qual vem ligar-se, pelo norte, a picada das “48 Colônias”. Esta última separa, à guisa de cunha, a picada do Bom Jardim de três outras picadas, que, estendendo-se de oeste para leste, têm, respectivamente, os nomes de “Picada dos Portugueses”, “Picada Nova” e “Picada do Café”.

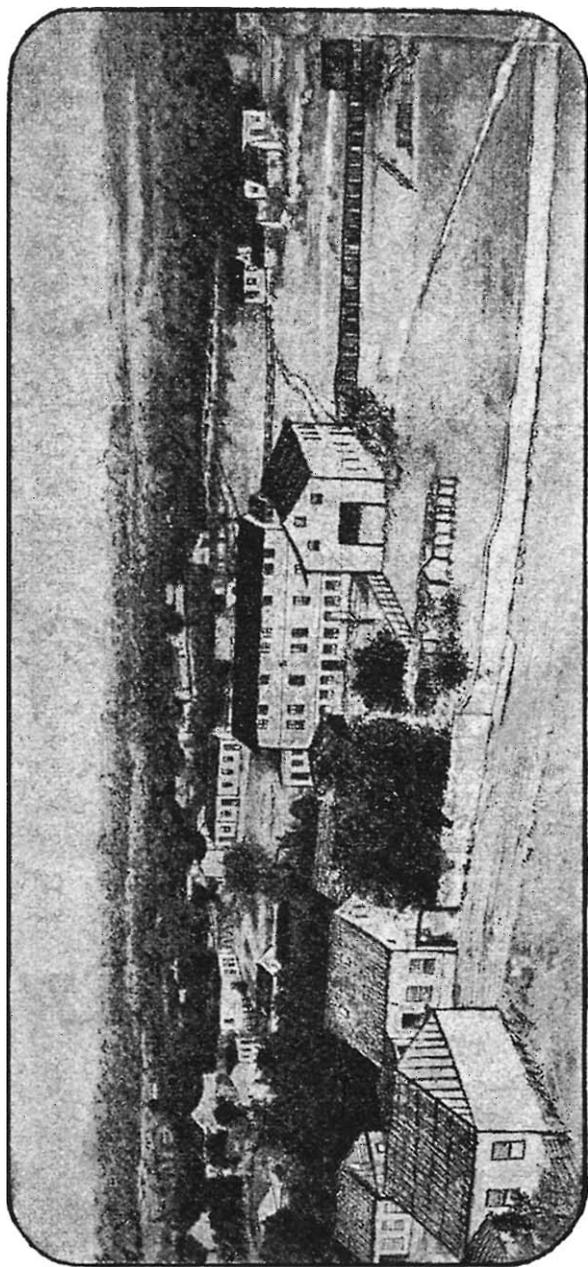
No decurso da nossa narrativa, teremos ocasião de voltar a esses lugares, como cenas secundárias da tremenda tragédia.

O teatro principal, porém, ainda não o apresentamos ao leitor. Fica este situado no prolongamento da serra de que acima falamos. Se, com a vista, acompanhamos esta cadeia, na direção de leste, descortinamos um ponto onde a mesma parece quebrar-se abruptamente; uma como muralha de rocha alcantilada ergue-se a pino da planície, para onde está voltada com a sua frente carrancuda, mal assombrada e coberta de escuro mato.

É o Ferrabrás, que, dentre os morros do Rio Grande do Sul, granjeou, embora efêmera, a maior celebridade.

Se, de S. Leopoldo, o leitor quiser visitar aquele lugar, montando a cavalo, siga, a princípio, a estrada em direção do norte ao cabo de hora e meia terá chegado a Hamburgerberg: aqui tomará o caminho à direita, e, continuando a cavalgar em direção paralela à serra, atravessará dois núcleos coloniais, o primeiro dos quais é o “Campo Bom” e o outro o “Sapiranga” – nomes que o leitor tornará a encontrar, várias vezes, no correr da nossa história. No Sapiranga, deparar-se-á ao viajante uma casa isolada, que serviu, outrora, de moradia e de escola ao professor Weiss. Aqui, à esquerda da estrada, parte uma senda que leva ao mato. Siga o leitor esta trilha, e, ao cabo de uns vinte minutos, terá chegado afinal ao seu destino.

Cumprе notar que, ao tempo em que se desenrolaram os sucessos da nossa narração, ainda não estava terminada a bela ponte que comunica as duas margens do rio dos Sinos. O tráfego entre uma e outra margem era feito por meio de uma barca, que transportava passageiros a pé e a cavalo, carros e bestas de carga.



São Leopoldo ao tempo dos Muckers.  
No primeiro plano, o primitivo colégio dos jesuítas

Corria o ano de 1872.

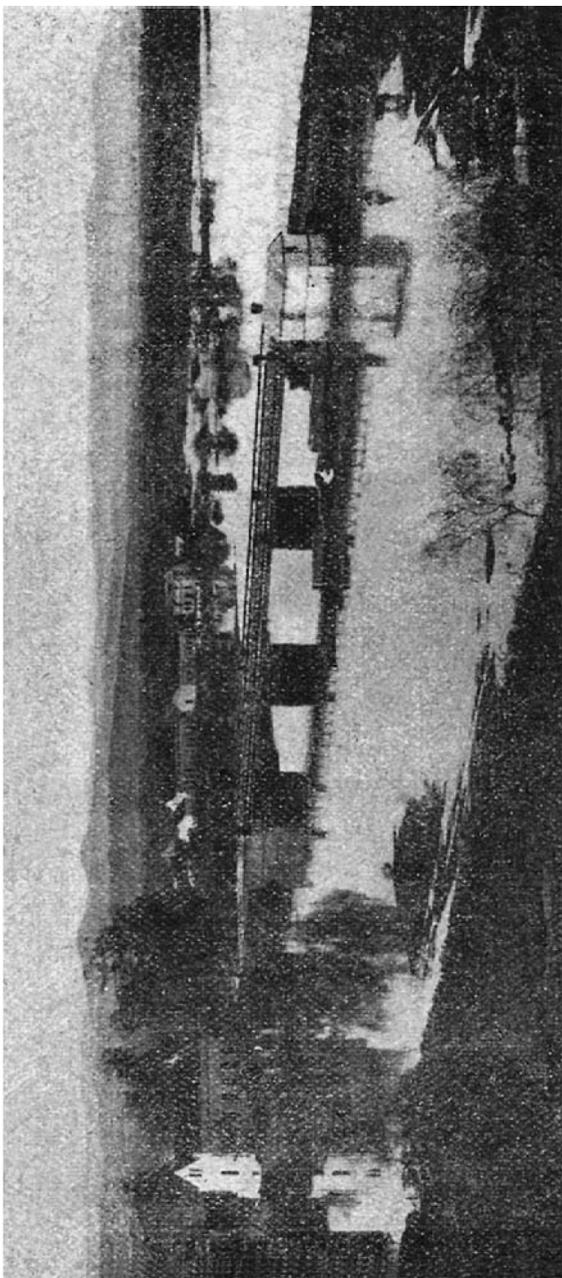
À raiz do Ferrabrás, está edificada a casa de um colono; concluída há poucos meses apenas, já está cercada de lavouras bem cuidadas e de terras recém-desbravadas. O laranjal, ao lado da moradia, não deve maravilhar o visitante, porque é coisa que não falta ao pé da casa de qualquer colono; já não acontece o mesmo com o jardim, tratado com mimo e fechado por uma sebe, ostentando a louçania de um sem-número de flores variadas.

A casa e as plantações são rodeadas de mato pela banda do poente, do sul e do norte, e vizinham pelo lado do nascente, com as propriedades de outro colono, servindo de divisa uma cerca viva e uma vala funda.

Aqui é que mora João Jorge Maurer, ou, como lhe chamam os colonos, “o Curandeiro”. É homem ainda moço, de aproximadamente trinta anos, de estatura mais que meã, cheio de rosto, simpático, barba inteira e cerrada, cor de castanha. Nas linhas do rosto, não se descobre um traço sequer que revele uma inteligência acima do comum, ou uma energia não vulgar; pelo contrário, tudo nele está a denunciar um temperamento pacífico e uma certa simplicidade bonachona.

Escola, não a freqüentou João Jorge; não sabe ler nem escrever; porém o trato e a convivência com estranhos fizeram-lhe adquirir certo polimento e maneiras delicadas. Quanto ao mais, nenhuma distinção o extrema dos outros colonos: o seu modo de vida, o seu vestuário, é como o dos outros, e, a trabalhar na roça, anda sempre descalço, como aqueles. João Jorge é carpinteiro de ofício, e quantos o conhecem afirmam que ele entende da arte às direitas e que o seu trabalho é expedito e aseado. Há alguns anos, porém, tornou-se médico, e receita a quantos o consultam medicamentos, mezinhas e pomadas. O que o determinou a abraçar a nova profissão é o que não está bem averiguado, correndo, a este respeito, várias versões pelas colônias.

Um belo dia – assim contam – estava João Jorge na roça, de machado em punho, a esmoitar e abater, a rudes golpes, uma árvore após outra. Era um dia calmoso, e Maurer, mais que nunca, sentia o peso da labuta diária. Suspendendo o trabalho, erguera o busto para descansar um instante; senão quando, ouve uma voz: “João Jorge, que estás tu aí a mourejar? Lança fora esse machado, e trata de seguir a tua vocação: tu nasceste para médico.”



Neustadt – no fundo os “Dois Irmãos” e Ferrabrás

João Jorge ficou como fulminado. – “Que será isto? Que ouço?” – pensou ele consigo. Relanceou os olhos em torno a ver se descobria, onde quer que fosse, um ser humano. Nada! o coração pulava-lhe fortemente de comoção. “Não foi homem nenhum!” disse ele de si para si – “foi uma voz celeste”; e, sem hesitar, cheio de contentamento, arremessou para longe o machado e tomou o caminho de casa, a entregar-se, dali por diante, à sua nova profissão.

Mal havia ele desaparecido, quando, de trás de um arbusto vizinho, se esgueirava, sorrateiramente, um indivíduo, de estatura alta, retirando-se com ar satisfeito e triunfante.

Reproduzimos aqui a história tal qual contaram-nos, sem, todavia, ligar-lhe grande crédito; e até pendentes a crer, por certos motivos, que a mesma não passa de mera invenção. Porém, sobre o que não resta dúvida, é que, em 1872, isto é, quatro anos depois de iniciar a sua nova carreira, já era grande a nomeada de que gozava João Jorge, como médico. De todas as partes, vinham a ele enfermos, em busca de saúde e conselhos.

A princípio, eram apenas os moradores ingênuos da colônia os que se lhe entregavam; mais tarde, porém, afluíram doentes de S. Leopoldo, de Porto Alegre e até de Pelotas; e, o que é mais, enfermos desenganados por médicos diplomados socorriam-se a João Jorge.

E como chegara ele a alcançar tamanha reputação? Concorreram para isso diversas circunstâncias. Em primeiro lugar, muito poucos eram, naquela época, os médicos formados. Quando algum doente precisava de facultativo, era obrigado a transportar-se à cidade, o que se lhe tornava impossível, muitas vezes; sempre, porém, difícil e dispendioso; ou tinha que mandar pelo médico – o que ainda lhe saía mais caro. Nas suas visitas para fora da cidade, não tinha o clínico, então, como não tem ainda hoje uma tabela fixa de honorários, sucedendo que, por uma única visita, principalmente quando noturna, o colono tinha que pagar cinquenta, cem e até quinhentos mil-réis. E, ainda assim, o pobre do enfermo não podia ter a certeza de que o intitulado médico o era na realidade, ou qualquer *matasanos*,\* ajudante de enfermeiro de algum hospital, ou, quiçá, qualquer servente de farmácia, o qual, depois de manusear

---

\* *Matasanos* – espanholismo: ao pé da letra, “mata são”, isto é, charlatão. (Nota desta edição.)

algum formulário de medicina, se havia dado a clinicar por conta própria à custa dos doentes. Nessas condições, o colono, que, por via de regra, só dispõe de minguados recursos, e estes mesmos ganhos à custa de muito suor, preferia dirigir-se logo ao primeiro charlatão que encontrava. E, naquela época, os charlatões enxameavam em grande quantidade pelas colônias.

A todos, porém, levava as palmas João Jorge. Em primeiro lugar, muito lhe valeram as suas maneiras insinuantes, para captar a confiança e o coração dos enfermos.

Acresce que ele tinha em si próprio uma certa confiança – qualidade esta indispensável a quem exerce a medicina. Nada o perturbava, e, ainda quando tinha diante de si algum caso grave, que o embaraçava, não o dava a perceber. Para cada enfermidade, conhecia João Jorge alguma beberagem ou algum remédio eficaz. Nem isso deverá causar espanto: é o Brasil rico de plantas medicamentosas; até a gente ignorante conhece grande número delas, e emprega-as com vantagem. Portanto, João Jorge nada mais tinha que fazer senão observar e ouvir e tomar nota das diversas plantas medicinais e suas aplicações, para poder realizar grande número de curas; e é fora de toda dúvida que muitas vezes alcançou ótimos resultados.

Verdade é que, em muitos casos, esses resultados se deviam atribuir, antes, às condições que Maurer costumava impor aos pacientes, do que aos remédios de que lançava mão. Exigia ele, muitas vezes, que os doentes permanecessem na sua vizinhança, hospedando a uns em sua própria casa, alojando a outros nas vendas mais próximas, ou nas moradias dos colonos vizinhos. A mudança de habitação e de ares não podia deixar de atuar beneficentemente sobre os enfermos. Alguns dentre estes haviam contraído a enfermidade em consequência de excesso de trabalho, e, para se restabelecerem, só careciam de repouso e de trato. Em suas casas, porém, faltava-lhes uma e outra coisa, ao passo que no Ferrabrás levavam vida descuidosa e livre de canseiras, e alimentavam-se convenientemente; e que muito era, pois, que bem depressa adquirissem outro aspecto e voltassem, afinal, curados para o seio de suas famílias?

---

\* Hoje, mais do que então, e em todo o Estado, em consequência da liberdade profissional, garantida pela Constituição Estadual. (Nota do tradutor.)

## 22 Padre Ambrósio Schupp S. J.

Por sobre isto, João Jorge exigia bem pouco pelo seu trabalho deixando quase sempre ao arbítrio e à generosidade das pessoas curadas o darem o que lhes aprouvesse.

E desta sorte foi afluindo, pouco a pouco, grande número de enfermos ao nosso curandeiro, vindo este a conquistar a reputação que tornou conhecido o seu nome até às fronteiras do Rio Grande.

.....

## Capítulo II

### A PROFETISA

A

MAURER assistia-lhe sua esposa, Jacobina, mulher ainda jovem, meio pesadona, de estatura meã e de expressão fisionômica singularmente fanática.

Jacobina Mentz – tal o seu nome todo – descendia de pais anabatistas.\* Contando apenas oito anos de idade, começaram a apresentar-se nela fenômenos anormais, cuja explicação cabal ninguém sabia dar. Aos doze anos, adoeceu gravemente. Já antes da enfermidade, e depois, ainda mais a miúdo, caía em profunda depressão, não dando acordo de si e pondo em alarme a todos os de casa. A vizinhança tomava o mais vivo interesse pela saúde da criança. A princípio, consultaram ao velho médico Hildebrand, em São Leopoldo; mais tarde, porém, acostumando-se a essas crises, acabaram por abrir mão do auxílio da medicina. Jacobina resignou-se à sua sorte. A duração desses acessos aumentava de ano em ano. No começo, duravam de 3 a 4 horas; depois, 6 horas; e, mais tarde, até 12 horas; e, na vigília da festa da Ascensão, sucedeu cair

---

\* *Anabatista* – membro de uma seita protestante que impõe a repetição do batismo a quem o recebeu antes do uso da razão. (Nota do tradutor.)

ela nesse sono incompreensível antes do meio-dia, e permaneceu assim até à tarde do dia da festa, ao todo cerca de 30 horas.

Como todos os demais membros da sua família, tinha Jacobina bem pronunciada tendência para o misticismo. O seu livro predileto era a Bíblia. Com verdadeira sofreguidão, apanhava ela um ou outro texto, gravava-o na memória e explicava-o de uma maneira consoante às exigências do estado religioso do seu espírito doentio. Casada, depois, com Jorge Maurer, auxiliava com dedicação ao marido na clínica. Era ela quem, com piedosas palavras de animação, apresentava aos enfermos as beberagens e pomadas que aquele aviava e manipulava.

Não tardou, porém, que o método curativo de João Jorge tomasse outro caráter; começando então Jacobina a representar, nele, o papel mais importante.

Eis como isto aconteceu:

Na família de Jacobina – assim contam – leram um livro acerca de uma sonâmbula, e, no livro, asseverava-se que esta, em seu sonambulismo, acertava, muitas vezes, com os remédios para as doenças mais variadas. Acudiu-lhes, então, a idéia de que Jacobina era sonâmbula. Leram e tornavam a ler o livro e, como o único exemplar que havia, não chegasse para contentar a todos que o desejavam ler, mandaram vir novos exemplares, que foram espalhados na colônia e lidos por toda a parte com alvoroço e avidez.

Como era de prever, a gente da colônia acabou por se convencer de que Jacobina era verdadeira sonâmbula, e que, portanto, podia apontar os remédios mais acertados para as diferentes enfermidades.

Também o casal misterioso do Ferrabrás se deixou penetrar e possuir dessa convicção, e, como conseqüência muito natural, o sistema curativo de João Jorge entrou, então, em uma nova fase. Já não era mais ele quem diagnosticava as enfermidades e prescrevia aos doentes o tratamento, e sim sua mulher, a qual, estendida na cama, em seu sono misterioso, incompreensível, ditava as receitas.

Se esta circunstância, por si só, era bastante para dar a Jacobina o papel principal, a sua preponderância subiu de ponto, quando ela, às mezinhas, se pôs a mesclar o elemento religioso.

Como dissemos antes, era a Sagrada Escritura o livro da sua predileção; porém, como não sabia ler nem escrever, era a Bíblia letra morta para ela; por isso, cuidou de recuperar o que perdera nos anos da infância, conseguindo que a ensinassem a ler. Vencidas as primeiras dificuldades, e chegando a deletrear, entregou-se, com afinco, à lição dos livros sagrados, procurando, pelo estudo próprio, aumentar os conhecimentos, não escassos, neles adquiridos, no seio da família.

Pelo mesmo tempo, iniciou as suas preleções sobre a Bíblia, interpretando a palavra divina ao sabor da sua fantasia.

Freqüentemente, era ela vista sentada numa cadeira, rodeada de homens, mulheres e crianças, formando um círculo. Diante dela, em cima da mesa, estava aberta a Bíblia. Os seus olhos cintilavam de um brilho sinistro, as suas feições tomavam uma expressão misteriosa, fantástica. Punha-se a ler. As palavras saíam-lhe arrastadas, difíceis: percebia-se que a leitura lhe custava muito. Concluída, porém, uma frase ou um texto, passava a explicá-lo; mudava, então, de voz: as palavras afluíam-lhe, espadanavam da sua boca, e, como se fora uma iluminada, dava à passagem lida as interpretações mais singulares e estrambólicas.

Aquela gente simples da colônia, sem nenhuma, ou quase nenhuma instrução, e, portanto, incapaz de discernir a verdadeira da falsa interpretação, ali se quedava muda, pasmada, embebida, em respeitoso silêncio, suspensa da boca daquela mulher. Quanto mais extravagantes eram as interpretações de Jacobina, e quanto menos as entendiam, mais alevantado era o conceito que formavam da sua sabedoria, chegando a acreditar que era ela inspirada por um espírito superior.

Por vezes, iam os devotos encontrá-la reclinada no leito, olhos abertos, cravados em um ponto, como se estivesse a contemplar visões. Sentenças esquisitas, proferidas compassadamente, exortações e profecias em tom empolado brotavam-lhe, então, dos lábios, e os assistentes, retráidos de pavor santo de mistura com uma veneração respeitosa, estavam convencidos de ter diante de si um ser sobrenatural.

Dali saíam contando o que tinham visto e ouvido: a curiosidade atraía; aos centenares, acudiam ao Ferrabrás os curiosos, para verem e ouvirem a mulher misteriosa; e, se outrora João Jorge tinha gozado nomeada, como médico, passava Jacobina, agora, por uma profetiza afamada.

A elevada conta em que a tinham fazia que muitos lhe confiassem os segredos mais íntimos e lhe viessem pedir conselhos em casos duvidosos. E Jacobina sempre os tinha à mão. Quando podia falar com segurança e sem o menor risco de se comprometer, fazia-o sem embaraço; quando não, envolvia a resposta em frases sibilinas. Tratando-se de mortos, podia ela falar com mais desassombro e sem o perigo de se desmascarar; e, então, de uns – afirmava, peremptoriamente, que estavam salvos; de outros, que se tinham condenado. Embora tais afirmações levassem a dor e o terror ao seio desta ou daquela família, contudo não perdia Jacobina o seu prestígio, que, pelo contrário, subia de ponto, dia a dia.

É bem de ver que não lhe podia passar despercebida a grande veneração e o alto conceito em que a tinha o povo; e, se, a princípio, não teve a intenção de intrujar, deparava-se-lhe, agora, o ensejo de explorar, em seu proveito, essa disposição dos ânimos. De feito, os mais avisados, pelo menos, começaram, já então, a enxergar no caso sinais evidentes de calculado embuste.

Causava estranheza que esses sonos de visionária se amiudassem cada vez mais, parecendo obedecer, tão-somente, à vontade da profetisa.

Esta suspeita cresceu de ponto, quando Jacobina entrou a misturar ao seu embuste religioso outros meios, que claramente visavam a armar ao efeito, prendendo os corações dos seus adoradores e emaranhando-os nas malhas de uma torpe sensualidade.

.....

### *Capítulo III*

#### UMA HORA DE DEVOÇÃO NO FERRABRÁS

**É** DOMINGO.

Em frente da casa de Maurer, vê-se uma fileira de cavalos: presos uns; outros, com as canas das rédeas ao chão; outros, maneados, de maneira que não possam escapar.

No interior, na sala, está reunido avultado número de devotos, uns de pé, outros assentados; todos aguardam, ansiosos, o momento de principiar o serviço divino.

No centro da sala, há uma mesa, e em cima desta, uma Bíblia.

Maurer passeia por entre a assembléa, detendo-se a falar ora a este ora àquele, instruindo e preparando os ânimos.

Jacobina, essa, ainda se acha recolhida ao seu aposento, próximo à sala, e, de quando em vez põe-se ela a espreitar através de uma fresta da parede. Senão quando, percebe, à distancia, dois cavaleiros, que decerto ninguém havia avistado. À pressa, entra na sala, relanceando os olhos sobre os assistentes, como se procurara alguém.

“Ainda não se acham presentes todos os nossos irmãos” – diz ela, com ar estudado de profetiza – “mas hão de vir. Alguns vejo que já

se aproximam.” Declinou, então, os nomes dos dois que pouco antes avistara, e abeirou-se da mesa onde estava a Bíblia.

Maurer deu o sinal para se começar a devoção: todos tomaram dos livros de cânticos, e preparavam-se para cantar. Nisto, entram na sala os dois cavaleiros, e todos os olhares voltaram-se para eles: eram, justamente, os dois que Jacobina acabara de nomear. Um leve sussurro se fez ouvir: o olhar profético de Jacobina assombrara a todos. Já se haviam cantado algumas estrofes, e fizera-se silêncio; quando, do desvão da casa, partem notas melodiosas. É uma caixa de música. Aquela gente simplória da colônia, que nunca, em dias de sua vida, tinha ouvido tão delicado instrumento, ficou enlevada, julgando ouvir sons vindos de um outro mundo. Com efeito, tudo parecia calculado para produzir nos circunstantes tal convicção.

Infelizmente, quando ia a findar o canto, entra na sala um cavaleiro retardatário.\* Fizera ele todo o possível para estar presente antes de começar a função religiosa, pois Maurer e a profetisa tinham expressamente proibido que chegassem tarde; mas não lhe fora possível vir a tempo de assistir ao ofício religioso desde o seu começo; entretanto, chegava muito a tempo para poder ver como uma jovem, bem conhecida e aparentada com Maurer, se esgueirava furtivamente do desvão da casa, onde, logo após, se fazia ouvir a música celestial.

Maurer recebeu com semblante carregado e olhar severo e reprensivo ao colono que acabava de entrar. Também Jacobina se mostrou descontente e despeitada: contrariava-a a circunstância de não ter podido profetizar a chegada do recém-chegado. Mas, se ela suspeitasse que este houvera visto a origem da música misteriosa, de certo que a cousa não teria parado ali.

Neste momento, Jacobina havia aberto a Bíblia e pusera-se a ler – arrastadamente, como sempre.

Todos escutavam ansiosos.

Concluída a primeira frase, ergue a cabeça e passeia o olhar pelos assistentes. “Todos vós ouvistes as palavras da Sagrada Escritura, que acabei de ler; mas podereis também dizer-me o que elas significam?”

---

\* Este incidente vem narrado no *Deutsches Volksblatt*, como informação ministrada pelo próprio colono. Aqui o reproduzimos, sem, todavia, responder pela sua veracidade.

Depois, dirigindo-se nomeadamente a algum dos ouvintes, ordena-lhe que explique como entende a passagem lida. O interpelado, ou conserva-se mudo, ou dá a explicação que lhe dita o bom senso.

Jacobina balança a cabeça: “Vejo – diz ela – que ainda estás pouco penetrado do espírito.”

Depois, ela mesma dá a explicação; mas uma explicação tão afastada do sentido próprio das palavras, que todos pasmam, ficam embevecidos e como que fora de si.

A mesma cena repete-se ainda várias vezes, sempre, porém, com o mesmo resultado.

Afinal, Jacobina recolhe ao seu aposento, com ar triunfante, e um cântico encerra a devoção.

Tudo concluído, avizinha-se Maurer de cada um dos devotos, e, com ar misterioso, segreda-lhes ao ouvido alguma coisa.

Sem demora, os fiéis se enfileiram diante do aposento de Jacobina, e homens, mulheres, crianças, cada qual por sua vez, vão enfiando pela porta a dentro. Fora difícil, se não impossível, descrever a expressão dos semblantes dessa gente, ao sair do quarto. Que sentimentos experimentaríamos eles, no íntimo? Ninguém saberia dizer se voltavam dali penetrados de piedade e devoção; ou se estavam oprimidos pelo peso da vergonha e da confusão; ou se, finalmente, se achavam sob a influência de todos esses afetos ao mesmo tempo! O que é certo, porém, é que aquela gente acabava de receber de Jacobina o ósculo dos escolhidos – ósculo que aquela mulher sensual, daquele dia em diante, introduziu, pela primeira vez, como cerimônia obrigada, à entrada e à saída dos fiéis.

Os que ainda não estavam de todo obcecados e julgavam as coisas com calma, esses anteviam já em que pântano de lama ia chafurdar a piedosa corrente do Ferrabrás.

.....

## Capítulo IV

### O PERSONAGEM MISTERIOSO\*

*D*

ENTRE os parciais de Jacobina, destacava-se um que a todos os mais se avantajava em inteligência, habilidade e astúcia. Orçava pelos cinqüenta anos, e era ligado àquela por vínculos de parentesco e estreita intimidade; figura alta, robusto, fronte espaçosa, cabelos negros, sobrancelhas hirsutas que sombreavam dois olhos penetrantes. Passando em claro sobre o que dizem da vida desse homem, cingir-nos-emos a referir que era natural de Hunsrück<sup>\*\*</sup> e que, depois de tentar, por algum tempo, mas em vão, a fortuna na América do Norte, desalentado, viera estabelecer-se no Brasil.

Antes de fixar-se no Ferrabrás, estivera em muitas outras localidades do Rio Grande do Sul, mas em nenhuma parte se havia demorado, porque, segundo se dizia, onde quer que chegava, incompatibilizava-se logo, tornando-se impossível.

---

\* O autor, por um extremo de delicadeza, não revela, em todo o seu trabalho, o nome do personagem misterioso, porque este ainda vive aqui no Estado.

\*\* Montanha e região da Prússia Renana, pátria de muitos colonos alemães residentes no Rio Grande. (Nota do tradutor.)

Diziam à boca pequena que ele não podia passar sem urdir intrigas, e não se demorava em lugar nenhum sem semear a cizânia e o desgosto, criando em derredor de si uma atmosfera de antipatias e ódios.

Graças à sua superioridade intelectual, conseguiu ele impor-se de tal modo no Ferrabrás, que a comunidade evangélica o elegeu para seu pastor.

Desempenhou, por algum tempo, esse cargo, mas, afinal, foi obrigado a exonerar-se e trocar o ministério religioso pelos rudes trabalhos de colono; porém a sensaboria da vida e os trabalhos monótonos da lavoura não diziam com o seu temperamento irrequieto; ele precisava de outra ocupação que melhor se coadunasse com as suas tendências e aptidões. O que lhe faltava, encontrou ele quando começaram os desatinos de Maurer e Jacobina. É verdade que, para arredar de si qualquer suspeita, negava, a pés juntos, que tivesse alguma interferência no que se passava em casa de João Jorge; por sinal – dizia ele – que estava de mal com Jacobina; e esquivava-se cuidadosamente de aparecer de dia no Ferrabrás. A despeito disso, a opinião pública pensava muito diversamente. O misterioso era geralmente tido e havido como o diretor invisível de tudo quanto sucedia em volta do casal milagroso. Havia até quem afirmasse ser ele a origem de tudo; que fora ele quem, por meio da voz misteriosa que se fizera ouvir atrás do arbusto, induzira Maurer a abraçar a profissão de médico. Esta ultima asserção porém, como já tivemos ensejo de dizer, parece-nos pura invenção.

O fato de se conservar ele afastado da casa de Maurer, durante o dia, bem longe de constituir prova de desarmonia com Jacobina, não era, aos olhos da população, senão o resultado de um plano bem atilado. Perspicaz e astuto, como era, não podia ele deixar de compreender que, tomando a dianteira nos manejos de Maurer e Jacobina, longe de favorecê-la, prejudicava a causa destes.

Mas o que é certo é que não deixava de se informar, com grande interesse, acerca dos acontecimentos que se desdobravam em casa de João Jorge, fingindo-se, ao mesmo tempo, apreensivo e receoso das funestas conseqüências da agitação.

Assim tinha ele ensejo, não só de sondar de perto os ânimos dos moradores vizinhos acerca daqueles acontecimentos, como também de estudar as suas esperanças e receios; e era convicção geral que ele se

desforrava de noite do que não podia fazer de dia; indo, de quando em quando, a desoras, ao Ferrabrás, para, na calada das trevas, dispor e urdir os fios que o casal tinha preparado durante o dia.

Era esta – repetimos – a opinião corrente e geral.

Que o nosso misterioso não era, com efeito, hostil, nem alheio aos sucessos no Ferrabrás, provam-no exuberantemente várias cartas por ele mesmo escritas, no interesse de Jacobina e de seus parciais, dando as minutas, ora para aquela, ora para estes; tendo, porém, a cautela de mandá-las copiar a fim de encobrir a sua autoria. Já se vê que era homem precavido.

A despeito, porém, de toda precaução, quis o acaso que vários planos, por ele traçados, viessem a lume, como teremos ensejo de ver mais adiante.

Circunstância digna de nota era que o movimento no Ferrabrás tomava, dia a dia, mais o caráter de um plano bem combinado. Trabalhava-se ali, com afínco e ardor, em recrutar novos adeptos; aguilhoava-se a curiosidade dos colonos, predizendo-se grandes acontecimentos, que estavam para ocorrer em breve e procurava-se despertar, nos que tinham freqüentado uma vez a casa de Maurer, o espírito da mais estreita solidariedade.

Tudo estava a denunciar que o que se tinha em mira era fundar uma seita religiosa, cuja alma devia ser Jacobina.

E, com efeito, precisamente nos últimos tempos, as romarias ao Ferrabrás se haviam amiudado de uma maneira bem reparável; mais do que nunca, falava-se, à surdina, da missão extraordinária confiada à profetisa. Dizia-se que ela não era um ente humano, como os outros: porém que era animada, de um modo singular, do espírito de Deus e – ainda mais – que era um ser divino.

Por seu lado, Jacobina, com os seus ademanos, com o seu proceder, tudo envidava para confirmar os iludidos nessa loucura sacrílega, e, nesse intento, era auxiliada pelos que privavam com ela.

Com ares de mistério, chamava-se a atenção dos colonos para a próxima solenidade de Pentecostes. Afirmava-se que nesse dia o oriundo assistiria a um milagre, como nunca vira igual, de modo que até os incrédulos haviam de pasmar e emudecer.

Quem acompanhava de perto esses boatos, percebia logo que os mesmos tendiam a estimular a curiosidade dos moradores da colônia. Esperava-se, assim, atrair ao Ferrabrás o maior número possível de curiosos, e, por meio de uma dessas cenas espalhafatosas, de antemão preparada e própria para armar ao efeito, fazê-los cair na embacedela esperando, ao mesmo tempo, fazer entrar a causa de Jacobina em uma fase nova. Queriam radiá-la da auréola do sobrenatural e até da divindade, para arrastarem os ânimos a uma dedicação cega e ilimitada. Então, sim, conseguir-se-ia realizar a confraternização de todos os prosélitos da mulher misteriosa, e a nova seita podia-se considerar fundada.

Como alma de todos esses boatos, planos e manobras, a opinião pública apontava um só indivíduo, e esse não era nem João Jorge nem Jacobina – era o personagem misterioso.

.....

## *Capítulo V*

### TENTATIVA MALOGRADA

**A**O SUL do Ferrabrás, numa curva que forma o rio dos Sinos, há um lanço de terras, dividido em várias colônias. Destaca-se ali uma vistosa casa de colono, com vários galpões, que servem de depósitos de madeiras.

No rio, uma barca transporta carros e passageiros, a pé e a cavalo, estabelecendo, assim, a comunicação entre as duas margens.

Chamam a esse lugar – Passo da Cruz. A poucos lanços dali, numa enseada, está atracada à praia uma dessas embarcações fluviais, grandes e de construção sólida, a que dão o nome de lanchões.

Tanto a casa com as suas dependências, como a barca e o lanchão, são propriedades de um homem, há muito aqui estabelecido e que, aos rudes trabalhos de colono, alia as especulações de negociante de madeiras.

João Sehn – que assim se chama ele – a despeito dos seus sessenta anos, conserva ainda bastante frescor e viço juvenil. Descendente de uma família católica, recebera ele alguma instrução religiosa, posto que deficiente; mas era casado com uma protestante, de nome Maria. Na época de que nos vimos ocupando, vivia o casal cercado de oito

filhos: quatro varões e quatro mulheres; e todos tinham abraçado a religião do pai.

Os rapazes chamavam-se Carlos, Jacó, Martinho e Rodolfo; os três primeiros já eram casados, e tinham teto próprio. Rodolfo, o mais novo, morava no Passo da Cruz, encarregando-se do serviço da barca, cujos proventos seu pai lhe havia cedido. Eram quatro moçalhões, feros e rijos; e, num país onde o vigor físico, aliado a um tino prático, supre grandes capitais, tinham eles diante de si um risonho porvir.

Também às filhas sorriam-lhes os partidos mais vantajosos, porque, além de prendadas pela natureza, tinham a seu favor a estima e consideração de que gozava o pai.

O velho João Sehn era homem de boa estofa, honrado e simples. O arranjo da sua casa, modesto; mas esta destacava-se das outras por duas circunstâncias: era construída de pedra, e, além disso, sobradada.

Quem nela entrasse, notaria, à primeira vista, a cozinha de vastas proporções, e a sala espaçosa, que logo se via ser destinada a algum outro fim que não às simples exigências e ao conforto da família.

E, com efeito, assim era; ali se reuniam, várias vezes no ano, os vizinhos; tocavam, dançavam e entregavam-se a outras diversões. Demais, o negócio de madeiras levava, não raro, àquela casa, hóspedes, vindos, principalmente, de Porto Alegre. Eram cavalheiros e jovens elegantes da Capital, que, a par de bons centos de mil-réis e de louras onças, iam deixando, insensivelmente, após si uma boa dose do seu espírito frívolo e da sua indiferença religiosa. De resto, eram sempre bem-vindas essas visitas; e, como o arranjo modesto e, para assim dizer, rústico da casa contrastava algum tanto com as maneiras urbanas dos hóspedes, lembrou a mulher a necessidade de se proceder uma reforma radical, não só no prédio, como também no mobiliário.

Foi chamado, logo, um oficial de marceneiro, que pôs mão à obra, e, durante um ano inteiro, não deixou descansar a sua ferramenta. Concluído o trabalho, a casa toda havia tomado o aspecto de prédio de cidade.

Como a residência de Sehn fosse bem espaçosa e na vizinhança não havia capela, era ali que, de preferência, se celebravam as funções religiosas do culto católico. De S. Leopoldo, lá ia, às vezes, um padre,

demorando-se uns dois ou três dias. Dos arredores, acudiam os colonos católicos, e também alguns protestantes, para assistirem à missa e ao sermão. O padre administrava depois o sacramento do batismo, e os fiéis dispersavam-se, tomando cada um o rumo de sua casa.

Na época em que a causa de Jacobina florescia, eram João Sehn e sua família adeptos, dos mais fervorosos e dedicados, da mesma. Deveu ele isso a sua mulher, a qual, como já dissemos, era protestante. Assídua leitora da Bíblia, interessavam-na em extremo as interpretações que a profetisa dava às palavras do Texto Sagrado. Também ela se sentia tomada de pasmo e admiração pelas explicações novas e surpreendentes da iluminada. Não contente de se entregar à vidente com uma dedicação sem limites, procurava arrastar também aqueles sobre quem tinha algum ascendente; e, em primeira linha, figuravam os membros de sua família. Tinham estes, como já vimos, uma instrução religiosa assaz deficiente, e, portanto, não lhe custou muito ver coroados de bom êxito os seus esforços.

Também entre os seus parentes, procurou ela aliciar adeptos para a iluminada; mas nem sempre foi bem-sucedida, como o leitor vai ver.

Era um domingo: não houvera missa, mas guardava-se religiosamente o dia.

O velho Sehn, num doce ócio, de pé no umbral da porta, as mãos para as costas, estava contemplando o azul do firmamento. No interior da casa, a mulher, sentada à mesa, entretinha-se a ler a Bíblia. Nisso, ouviu-se o tropel de cavalgadura, que se aproximava, e, instantes depois, um cavaleiro parava à porta e desmontava.

Era Filipe Sehn, irmão de nosso João. Era dono de uma olaria, distante do rio uma meia hora de caminho.

Quando se soube ser o tio Filipe que havia chegado, houve verdadeiro reboliço no interior da casa: a pequenada correu a saudá-lo, e a velha pôs de lado a Bíblia para o receber.

– Você vem a calhar – exclamou ela. – Trago no coração alguma coisa que preciso desabafar com você.

– Deve ser negócio de monta – acudiu o interpelado – e estou quase a adivinhar o que possa ser.

– Já estive em casa de Jacobina?

Filipe pôs-se a rir:

– Vejo que não me enganei.

– Mulher! deixa o Filipe resfolgar primeiro – atalhou o velho Sehn – o coitado mal se apeou!

– Deixa ela continuar – observou Filipe – o assunto vem a pintar. Para falar a verdade, esse negócio do Ferrabrás traz-me o espírito preocupado e não me deixa tranqüilo.

A velha estremeceu:

– Mas, pelo amor de Deus! que acha você que censurar em tudo aquilo?

– Muitíssimo – retrucou o outro. – Primeiro, aquilo lá se me afigura muito suspeito, e prevejo que não há de acabar bem. Em segundo lugar, aflige-me ver que meu irmão, o seu marido, e vós todos, vos deixastes intrujar por aquela gente do morro.

– Lá isso é que não sabemos – tornou a outra, assomada –, se somos nós os que vivemos enganados, ou se são os que motejam de nós. Lá no morro, tudo é piedade e religião; e não há sombras de intrujice. Se você lá tivesse estado, julgaria as coisas de modo bem diverso. Mas, é sempre assim: fala-se, discute-se sobre fatos que se não conhecem.

– Não é mister ir até lá – redarguiu Filipe – O que se rosna por aí, basta para se concluir que as coisas, lá no Ferrabrás, não vão como deveriam ir.

– Eu só desejara saber o que há que censurar a João Jorge e a Jacobina – insistiu a mulher, já irritada. – Tudo mentira dos ímpios.

– Minha boa cunhada – fez Filipe, acalmando. – Eu sou católico; meu irmão e meus filhos também o são. O católico crê que o Papa e os 900 bispos espalhados pelo mundo interpretam e explicam melhor a Sagrada Escritura do que qualquer particular, por sábio que seja. Quem não crê nisso, deixa de ser católico.

– Qual! – bradou a mulher, cada vez mais inviperada. – Qual nada! Não me venha para cá com o Papa e os seus bispos. A Bíblia é a palavra simples e pura de Deus; e, se você pretende refutar-me, faça-o com a Escritura.

– Já sei – retorquiu o outro. – Já me disse uma vez; e foi por isso que tratei de pôr no papel certos textos da Bíblia, que falam bem alto contra você.

E, dizendo e fazendo, tirou do bolso um papel, que desdobrou sobre a mesa.

A mulher puxou para perto a cadeira em que estava sentada:

– Estou curiosa de saber o que você traz ali escrito.

Os outros, de pé ou sentados, em roda, aguardavam ansiosos o desfecho da discussão.

– Vós admitis – começou Filipe – pois é geralmente sabido que Jacobina pode ligar e dissolver matrimônios.

– Só então – obtemperou a outra – quando uma das partes se mostra incrédula e obstinada, rejeitando a verdadeira fé.

– Perfeitamente – retrucou Filipe. – Jacobina, portanto, ensina que o casamento é dissolúvel; porém a Sagrada Escritura nos diz: o que Deus uniu, o homem nunca mais o separará. Como conciliar uma coisa com a outra? Sabe que mais? Se Jacobina não ensinasse senão esse disparate, bastava isto para eu não querer saber dessa mulher, nem de todo o seu mistifório. Quantas calamidades não podem causar tais doutrinas a uma família? Vá de hipótese que me dê na veneta ir à casa de Jacobina e abraçar a sua doutrina. Acontece, porém, que minha mulher, aliás bem sensata, não quer saber dela. Nesse caso, Jacobina declara nulo o meu casamento, e impõe-me que vá procurar outra mulher. Pois eu de mim declaro que prefiro cair fulminado a dar semelhante passo.

A mulher perdeu de todo a tramontana, e já não sabia o que responder; mas, para não dar as mãos à palmatória, socorreu-se a outro gênero de argumento:

– Ora vejam só que patego! – vociferou ela. – Bem dizia eu que ele perdeu o tino! Não se quer dobrar à razão! Sabe que mais? – é melhor que você não me ponha mais os pés aqui.

Levantou-se, e, furiosa, abandonou a sala.

Filipe, por seu turno, já havia tomado também a sua resolução.

– Se assim é – disse ele – não está mais aqui quem falou. Vejo que sou aqui demais.

A estas palavras, ergueu-se, encaminhando-se para a porta.

O irmão fez menção de o deter, mas Filipe compreendeu que também este ardia por vê-lo pelas costas.

– Não! – observou ele – nenhum outro móvel me trouxe aqui senão o de vos ser útil; mas, já que isso não me é possível, nada mais tenho que fazer nesta casa.

Apertou a mão a todos, montou a cavalo, e partiu.

.....

## *Capítulo VI*

### A CENA DO DIA DE PENTECOSTES

**A**LVOREJOU, enfim, o dia 19 de maio de 1872. Nas picadas, tangiam, alegres, os sinos, convidando os fiéis à igreja. Era o dia de Pentecostes.

Nesse dia, com certeza, muitos colonos deviam ter madrugado, porquanto lhes era preciso cavalgar duas ou três horas até ao templo mais próximo, a fim de cumprirem os deveres religiosos.

Também nas vizinhanças do Ferrabrás, percebia-se certo movimento e animação, e muitos, a pé e a cavalo, dirigiam-se para a casa de João Jorge.

Como já dissemos, Jacobina, havia algum tempo, vaticinara para esse dia, sucessos extraordinários, que a todos haviam de encher de assombro e espanto. A curiosidade, portanto, explica, em parte, a numerosa afluência de romeiros ao casal miraculoso.

No meio da cavalgada, contava-se também o nosso personagem misterioso. Desta feita, ia ele, sem disfarce, a par dos outros; porém, pela estrada afora, vinha falando da sua desavença com Jacobina e chasqueando os prodígios que se iam operar.

No Ferrabrás, já se achava uma regular multidão de fiéis. Quando se presumiu que ninguém mais viria, deu-se começo à função religiosa.

Como era praxe, principiaram-na com um cântico, entoado por Jacó Fuchs, morador da “Picada dos Portugueses”. Este homem, conhecido vulgarmente pela alcunha de “Jacó das Mulas”, vivia separado da mulher; soubera, porém, captar as boas graças e uma particular estima de Jacobina, o que lhe valeu as honras de sacristão e chantre, nos ofícios divinos.

Ao cântico, seguiram-se preces. Estas se haviam prolongado já por algum tempo, porém Jacobina nada de aparecer. Quando rezavam com mais fervor e a devoção ia no seu auge, eis que, de golpe, se abre, de par em par, a porta da alcova de Jacobina, e, aos olhares dos devotos, atônitos, jazia ela reclinada no leito – hirta, imóvel, os olhos inundados de misticismo, fixos, voltados para o alto; o semblante como que transfigurado, como em um êxtase.

Um leve sussurro espalhou-se pelas fileiras dos devotos: “Lá está ela! Lá está ela!” – e cada qual procurava romper o aperto, para vê-la de mais perto possível.

Mas uma voz bradou: – Para trás! Vai acontecer algo de extraordinário, que a nenhum mortal é permitido ver!

A muitos dos assistentes, devia ter custado não pouco desviar dali os olhos; muitos outros ficaram, com certeza, contrariados, por não ter a dita de contemplar a profetisa. Mas não houve remédio: tiveram que retirar-se; e a porta fechou-se de novo. Decorreram alguns instantes, quando, de repente, se ouviu um ruído forte, semelhante ao rugir de trovada; todos estremeceram, retransidos de pavor santo. Abriu-se novamente a porta; e aos devotos foi permitido abeirar-se do leito da vidente. Mas, que é que haviam de ver? Diante de seus olhos, lá estavam apenas, uma a uma, as peças de roupa que Jacobina trazia pouco antes no corpo; esta, porém, havia desaparecido.

– Milagre! Milagre!

– Era convicção de todos de que se tratava aqui de um verdadeiro milagre. O aposento de Jacobina – assim supunham todos – tinha uma única saída: aquela diante da qual se achavam; ninguém a vira sair,

e, entretanto, ela lá não estava – havia desaparecido. Ter-se-ia Jacobina ocultado em algum canto da alcova: ou ter-lhe-iam aberto alguma porta falsa? Eram tão naturais essas perguntas, mas só o pensar em tal fora sacrilégio.

Novo sussurro entre os devotos: – Onde está ela? Onde estará ela?

Ninguém sabia responder a si próprio, nem aos outros.

Foi Maurer quem se encarregou de esclarecer os assistentes:

– Ela está com Deus; não está mais aqui; vede o lugar onde estava deitada. Rezai, porém, rezai para que volte, para que nos seja restituída.

– Que diz ele? Onde é que ela está? Que é que devemos fazer? – eram as perguntas que circulavam, de boca em boca.

– Que estava com Deus – respondiam. – Que rezassem para que ela voltasse.

Entrementes, tinha fechado de novo a porta do quarto.

– Canto nº 103! – bradou o Jacó das Mulas, no meio do murmúrio.

Todos abriram os seus livros de cânticos, e o coro recomeçou.

– Voltará ela?

Ao cântico, seguiu nova oração, e a esta um novo cântico. É que Jacobina precisava de tempo para se apresentar na sua nova *toilette*.

Eis senão quando, a porta torna a abrir-se. Uma figura de mulher, vestida toda de branco, de um branco que chegava a ofuscar a vista, assoma à porta do aposento, saindo em passos tão estudados, tão sutis, como se ela quisesse desprender-se da terra, com os olhos dilatados, imóveis. É Jacobina.

Não há descrever a impressão produzida por essa visão naquela massa fanatizada. Muitos ficaram talvez convencidos de que tinham diante de si um ser sobre-humano.

Jacobina pára, parece tornar do êxtase à vida terrena, e lança um olhar sobre os circunstantes. Depois, fixa os olhos num ponto; o seu gesto toma uma expressão suave, risonha. Todas as vistas voltam-se para

aquela banda. Ali se acha um homem, quase quinquagenário, espadaúdo, de cabelo negro e sobrancelhas hirsutas.

Jacobina acena-lhe. Então, aquele indivíduo, rompendo por entre a turba e exclamando: – Sim, eu creio, eu creio que tu és Cristo – prostra-se de joelhos a seus pés. Jacobina olha para ele, com ar benévolo. – Pois bem! – diz ela – Já que assim procedes, perdôo-te a inimizade que alimentavas no íntimo contra mim. És digno de pertencer ao número dos meus discípulos... Tu disseste – acrescentou ela – que eu sou Cristo, e eu o sou, na verdade; e estas palavras que saem da minha boca, são palavras do espírito de Cristo; eu soffro e soffrerei mas também eu te-rei a minha ressurreição. Quem acreditar esta verdade e algumas outras mais, esse terá a vida eterna.

Jacobina conhecia o terreno em que pisava: ela sabia com quem estava lidando, e até que ponto chegava a credulidade dos seus sequazes. Aquelas palavras, ela as proferiu com tal ênfase, com tal firmeza e autoridade, que produziram, da maneira mais cabal, o efeito de ante-mão calculado.

À farsa sacrílega só restava que Jacobina, como Cristo, escolhesse também os seus apóstolos: e ela o fez. Ainda naquele mesmo dia, antes que os seus parciais se retirassem, apresentou diversos nomes, declarando que aos nomeados tinha-os ela escolhido para seus discípulos prediletos e seus apóstolos.

Com essas palavras, foram encerrados os trabalhos do dia. O reino de Jacobina acabava de ser fundado. Que fim teria? Era o que ainda não se podia antever então.

Jacobina recolheu ao seu aposento, ainda uma vez admitiu a sua presença, um a um, homens, mulheres, rapazes e raparigas, e a cada um deu o ósculo da despedida.

Depois, a maior parte deles montaram a cavalo e se foram embora; apenas uns poucos – o escol da seita – deixaram-se ficar.

Despertava vivo interesse estudar, nas fisionomias dos que dali regressavam, os efeitos que essa assembléia tinha deixado em seus ânimos. Todos sentiam-se profundamente abalados; e talvez se reputassem ditosos de ter sido testemunhas de acontecimentos tão extraordinários. Alguns, mais atreitos à melancolia, ainda sob a influência do que ti-

nham visto e ouvido, voltavam dali, separados dos outros, absortos, taciturnos, cabisbaixos, o olhar fixo.

Empolgara-os um como delírio místico, muito diferente do verdadeiro e legítimo misticismo – o ápice de uma piedade, toda espiritual, elevada e santa; pois, ao passo que esta, arrebatando a alma, nas asas de uma alegria pura, às esferas da luz, lhe comunica estranhas energias e inspira pensamentos e ações nobres e sublimes, aquele, ao invés, produzia efeitos diametralmente opostos.

Donas de casa assisadas, homens circunspectos, cheios de energia e de juízo são, eram vistos regressar, da casa de Maurer, como que alucinados. Os parentes ficavam amedrontados, vendo tão demudado o pai, a mãe, ou o irmão.

Ao vê-los, dir-se-ia que tinham sido vítimas de algum desastre, ou que alguma especulação malograda os havia arrasado a eles e a família, ou, enfim, que o remorso de alguma ação negra lhes torturava a consciência. Entretanto, nada de tudo isso era causa dessa mudança.

Era que eles tinham estado no Ferrabrás.

.....

## *Capítulo VII*

### OS PRIMEIROS APÓSTOLOS

**C**OMO já observamos, era lógico que, proclamando-se Cristo, Jacobina tratasse de escolher também os seus apóstolos. O primeiro foi seu marido, João Jorge.

Este, que, a princípio, representaria, em casa, o papel mais importante, havia já algum tempo, viera descendo, pouco a pouco, a um plano inferior, de modo que ele – outrora o sol que iluminava Jacobina – não passava, agora, de um satélite que gravitava em torno desta.

João Jorge acomodou-se facilmente à nova ordem de coisas, pois, ainda assim, lhe cabia não pequeno quinhão nos triunfos e glórias de sua mulher, e contentava-se em concorrer, na medida de suas forças, para o maior prestígio desta. Por outro lado, era natural que, procedendo à distribuição dos primeiros postos, no seu novo reino, Jacobina se lembrasse do marido em primeiro lugar. Escolheu-o, pois, para um dos seus apóstolos, pondo-lhe o nome de João – o do discípulo amado – naturalmente por causa do seu caráter maleável, e talvez também por causa das relações íntimas que o ligavam a ela.

O segundo a quem chamou para o apostolado, foi um tal Einsfeld. Todos o tinham na conta de chefe de família honrado, exemplar e

trabalhador, gozando de bom nome. Era-lhe esposa uma excelente dona de casa; e uma prole alegre completava a felicidade do casal.

Era ferreiro de seu ofício, ativo e hábil; tinha numerosa e boa freguesia, e a sua forja prosperava a olhos vistos; mas, depois que travou relações com Jacobina, e lhe sentiu a influência perniciosa, deixou de ser o mesmo homem, operando-se nele uma transformação radical: a mulher, os filhos, as suas obrigações deixaram de ser, para ele, o objeto principal dos seus cuidados; o serviço de Jacobina sobrelevava a tudo.

Naquele “dia solene de Pentecostes” – assim contam – “tendo ele cobrado uma dívida, apresentou-se na reunião com a bolsa recheada. Jacobina declarou, então, que era a própria Providência quem manifestava, por essa forma, que ele devia assumir o papel de Judas”.

Em tudo, era sempre esta a tática astuciosa da mulher: apoiando-se na autoridade das Sagradas Letras, procurava impingir, aos seus adeptos, que tudo quanto ela ordenava já havia sido profetizado na Bíblia.

Einsfeld aceitou logo e de bom grado a nomeação.

Numa outra escolha, porém, não foi a mulher sacrílega tão feliz.

Entre outros, tinha Jacobina dois irmãos – um dos quais chamado Francisco, e Henrique o outro. Alegando que Cristo também tinha escolhido apóstolos entre os seus parentes, chamados seus irmãos pela Escritura, incluiu no número dos discípulos os dois irmãos referidos, dando o nome de Jacó ao segundo e o de Pedro ao primeiro.

A eleição deste último, porém, havia de lhe causar amargos de boca.

Francisco Mentz era moleiro, residindo na “Picada das 48 Colônias”. Era homem assisado, e, sob este respeito, de todo avesso à irmã. Ou porque fosse evidente, para ele, que os manejos de Jacobina não passavam de embuste grosseiro, em que não se queria envolvido, ou fosse outro o motivo que o conservava afastado do Ferrabrás, o que é certo é que ele ali não pôs os pés, mostrando indiferença bem acentuada por tudo o que lá se passava. Essa atitude do irmão era uma espinha que Jacobina trazia atravessada na garganta; escolhendo-o, pois, para apóstolo, pensou, talvez, que o atraía ao seu partido; mas enganou-se.

Jacobina sentiu-se fundamente ferida no seu amor-próprio: desta feita, o seu dom profético falhara redondamente. Entretanto, era

absolutamente necessário que alguém fizesse o papel de Pedro; não houve remédio, e ela teve de escolher outro.

Após muito matutar, encontrou o homem acomodado ao molde de seus altos planos.

Entre os seus parciais havia um, o qual, mais que todos, lhe era devotado de corpo e alma, Chamava-se Robinson – homem de alta estatura, compleição forte, barba e cabelos ruivos e musculatura e ossos rijos.

A expressão fisionômica desse indivíduo era um composto dos afetos mais opostos, e o mais esperto fisionomista não seria capaz de dizer o que predominava no ânimo dele; se a seriedade ou a dissimulação; se o rancor ou a dedicação; se a frieza ou o entusiasmo; um único traço, porém, estampava-se-lhe bem acentuado no rosto – o de uma energia ferrenha, inflexível.

Robinson nascera no Brasil; escola, nunca havia freqüentado, e todo o seu saber limitava-se ao que lhe fora possível assimilar no convívio e trato dos outros e ao que a sua própria experiência lhe havia ensinado.

As suas propriedades estanciavam na picada de São Miguel dos Dois Irmãos. Da quebrada do morro, sorria, alegre e asseada, a sua vivenda; a casa pitoresca, alvejando dentre esbeltos coqueiros e uma roça extensa e bem cuidada, atestavam o trabalho assíduo e o espírito prático do proprietário. Um muro tosco, de pedras insossas, fechava a moradia e os pertences.

Robinson, porém, era homem de maus fígados; o seu ânimo dissimulado, o seu temperamento trêfego e irascível, tornavam-no temido aos vizinhos. Entretanto, Jacobina o tinha na melhor conta, porque era homem abastado e extremamente dedicado à sua causa. Até que ponto ela podia contar com Robinson, veio evidenciá-lo um incidente: Um morador de “Narrental” devia a Robinson 500\$000; quantia essa que, para um simples colono, não deixa de ser avultada. Um dia apresenta-se o devedor, a resgatar a dívida.

– Ora essa! – exclamou Robinson – Para que esse dinheiro? Eu cá para mim tenho que um homem sensato não se deve ocupar mais com essas ninharias.

O homem do Narrenthal esbugalhou os olhos: semelhante linguagem nunca a ouvira ele a Robinson.

– Que quer você dizer com isso? – perguntou, estupefato.

– Quero dizer que, depois que conheci coisa melhor, o dinheiro perdeu, para mim, todo o valor.

– Sim? – voltou o outro. – Grande novidade me conta você.

– Embora! mas o que lhe posso afiançar é que, se você tivesse visto, como eu, os prodígios lá no Ferrabrás, não fazia mais caso do dinheiro.

Esse discurso pôs o nosso colono de bom humor.

– Pelos modos – acrescentou este – posso tornar a levar para casa os meus 500\$000!...

– Que dúvida! Podeis levá-los.

– E a obrigação, inutilizamo-la?

– Sim, senhor; mas com uma condição.

– E qual seria ela?

– Que você se apresente a Jacobina, e se faça alistar por ela.

– Isso equivale a dizer que eu mude de religião!

– Entenda lá como quiser.

O nosso colono era um bom católico.

– Não! – redarguiu ele. – Por dinheiro nenhum deste mundo, vendo eu a minha religião.

E, dizendo e fazendo, pôs os quinhentos mil-réis em cima da mesa, reclamou a sua obrigação e retirou-se.

Se Jacobina, naquela ocasião, escolheu ou não outros apóstolos, nada transpirou cá fora; porém quase não sofre dúvida que já então alguns outros foram admitidos no número de seus discípulos eleitos. Em primeiro lugar figura Rodolfo Sehn, o qual não só gozava a confiança particular dela, como até lhe merecia amor e carinho todo especial; logo em seguida vinha Cristiano Kassel, cujo devotamento a Jacobina não conhecia limites, até na prática dos crimes mais negros. Finalmente Fuchs, o Jacó das Mulas, seu valido, chantre e sacristão; bem como alguns outros que, na seita, tiveram uma posição mais importante, embora menos saliente. Eram o escol dos sectários.

Dali em diante, o dever supremo e o mais sagrado neste mundo para eles era servir a Jacobina; os interesses de Jacobina eram os seus próprios deles, e uma palavra que saísse da boca desta, era para eles o mais santo dos mandamentos. Eram a matilha de sabujos da seita, sempre solícito em farejar os passos, em espiar as ações e adivinhar os pensamentos não só dos sectários, mas também dos adversários, a fim de comunicá-los à sua dona.

Desta arte foi que Jacobina veio a descobrir muitas vezes os segredos mais íntimos, e, revelando-os, em tom profético, aos seus ouvintes nas reuniões, causava assombro a todos.

.....

## *Capítulo VIII*

### A CARTA – PLANOS DE JACOBINA – O CONSELHO SECRETO

A

CIRCUNSTÂNCIA de seu irmão Francisco recusar a sua escolha para o apostolado, foi para Jacobina um golpe bem duro, golpe que ela havia de sentir ainda mais fundamente.

De feito, Francisco não se limitou a conservar-se afastado do Ferrabrás; ele fez mais: assumiu uma atitude francamente hostil aos acontecimentos que lá se iam desdobrando.

Toda aquela história de milagres em casa de João Jorge afigurava-se-lhe – como ele mesmo se exprimia – puro charlatanismo ou então uma infame intrujice em que Maurer obedecia aos planos de Jacobina e esta, por seu turno, aos planos de um terceiro. Além disso, não lhe podiam passar despercebidos certos fatos ocorridos no Ferrabrás, os quais, embora se conservassem ocultos aos olhos do público, projetavam uma luz bem sinistra sobre os verdadeiros fins daquele corrilho, tão piedoso na aparência.

De feito, lá se havia começado a permitir aos iniciados certas liberdades inteiramente opostas à lei de Deus e que pelos motivos mais frívolos afrouxavam os laços mais irados, lançando no seio de famílias, até então felizes, o gérmen da discórdia e desunião.

Alguns homens assisados, que a princípio se haviam deixado arrastar no torvelinho desse delírio, tinham-se retirado já a tempo; e voltando para o seio de suas famílias e refletindo calma e serenamente sobre os sucessos do Ferrabrás, envergonhavam-se de se ter deixado embair, posto que por pouco tempo, pela mulher enxundiosa do Ferrabrás.

Sobre tudo isso, também entre a população da colônia começava a manifestar-se uma forte corrente contra as alicantinas de Jacobina e seus sequazes. Os católicos, ao menos os que eram instruídos na sua religião, e se lhe conservaram fiéis, esses sabiam bem qual o seu dever e atitude em face daqueles desatinos. Também alguns protestantes despidos de preconceitos condenavam os desregramentos de Jacobina. Dentre os últimos destacava-se um pastor dos arredores, o qual do alto do púlpito profligou abertamente as tramóias, estigmatizando com a alcunha de “Muckers”<sup>\*</sup> aos que freqüentavam o Ferrabrás.

Tudo isso devia Francisco ter ponderado bem, e o certo é que não queria saber de Jacobina nem dos seus embelecocos, externando-se, a respeito, em termos desabridos.

Jacobina, porém, não perdia a esperança de ainda ganhá-lo para a sua causa. O nosso misterioso é que devia ajudá-la neste intento e de bom grado prestou-se ele a isso. Em nome, pois, de Jacobina minutow ele a seguinte carta, endereçada a Francisco:

“Ferrabrás, 24 de fevereiro de 1873.

Hoje, mais uma vez trato-te de querido irmão.

Deixaste-me como se eu fosse uma libertina. Agora pergunto eu: qual de nós dois é o libertino, eu ou tu? Mas eu o suporto. O Senhor, porém, diz: Ai dos escribas que fazem leis injustas e proferem sentenças iníquas, para torcerem a causa dos pobres e oprimirem o direito dos infelizes, julgando que as viúvas devem ser a sua presa e os órfãos as suas vítimas! E que pretendeis fazer no dia da tribulação e do infortúnio, que já vem vindo? A quem ireis pedir socorro? Vós, porém, sabeis que ele é justo; pois, como um filho serve ao pai, serviu ele a mim no Evangelho. E não tenho outro que de tão boa vontade me obedeça, nem que tão de coração vele por mim. Aflige-me, porém, caro irmão, que tenhas um coração tão duro que recuses reconhecer a herança celes-

---

\* Mucker. – Esta palavra significa santarrão – beato falso.

te. Com o pai celeste eu peço: Volta e deixa o tumulto do mundo, pois feriste-me no coração, que sangra gota a gota. E que dirá nossa boa mãe, quando o souber? Dirá então: Como me dói o coração! Mas ainda podes remediá-lo. Lembra-te da lei que juraste; e se te lembrares dela, não a podes deixar, pois quem a despreza, não despreza os homens, despreza a Deus, que soprou o seu espírito em vós.

Do amor fraternal, não é preciso que eu vos fale, porquanto foste ensinado pelo próprio Deus a amar uns aos outros. Querido irmão! Onde a tua caridade? A tua caridade desvaneceu-se. Onde a tua fé? Onde as tuas obras? Tens a fé e as obras, mas não para o Pai celeste. Por isso ficam cansadas todas as mãos e cobardes todos os corações dos homens. O susto, o medo, a dor assaltá-los-ão, e eles ficarão aterrados. Assustar-se-ão uns dos outros, e as suas faces tornar-se-ão abrasadas.”

Até aqui a carta que reproduzimos literalmente tal qual a publicaram as folhas diárias de então.

Ao leitor, decerto, não escapou a ameaça velada que transpira não só no começo, como principalmente no remate da carta, e que, como o rugir sinistro de trovoadas distantes, anunciava a catástrofe que devia desabar mais tarde. Para que o leitor possa penetrar bem o sentido das palavras da carta, é mister que encaremos mais de perto o estado a que naquela época haviam chegado as coisas no Ferrabrás.

Jacobina vira aumentar de maneira surpreendente o número de seus prosélitos; ela sabia bem até que ponto estes lhe eram dedicados e de que sacrifícios eram capazes.

Esses resultados esplêndidos fizeram-lhe sorrir a esperança arrojada de se ver um dia à frente de grandes massas de homens, e quiçá de fundar um novo reino. Talvez atrás dos bastidores estivessem outros que a fortaleciam nessa esperança.

Na Europa, onde as relações da vida pública e social estão bem determinadas, até nas mais insignificantes minudências, e são vigiadas, dia e noite, por uma polícia de olhos de Argos, o conceber semelhante plano, ainda que em sonhos, seria simplesmente uma quimera, uma loucura; no Brasil, porém, onde, especialmente naqueles tempos, os escassos meios de manutenção da ordem pública deviam espalhar-se por um território vastíssimo, e eram, além disso, só difícil e vagarosamente aplicáveis, atenta a morosidade e deficiência de comunicações; no Brasil – repetimos – tinha esse plano seu que de insensato e aventureiro,

é certo, mas não deixava também de ter a sua aparência de viabilidade, ao menos à primeira vista. Tal plano até seria capaz de seduzir, por algum tempo, um cérebro de mais talento e em que a fantasia sobrepujasse à razão.

Que a execução do seu plano havia de provocar lutas e acarretar até derramamento de sangue, era tão evidente para Jacobina como para os que a cercavam. A prudência, pois, aconselhava-os a se premunir para tais eventualidades; pelo que, desde logo, começavam a dispor e ordenar as coisas.

Uma das medidas mais importantes que aquela mulher tomou logo, foi cercar-se de um conselho secreto, formado, como se dizia, de quatro de seus adeptos mais fervorosos; e a este conselho se atribuíram as deliberações do maior alcance acerca da organização da seita e da atitude que esta devia assumir em face de seus inimigos.

Quanto a estes, estava-lhes reservado um severo castigo de sangue, e com certeza este não se teria feito esperar, se os sectários se sentissem bastante fortes para aplicá-lo logo. Em todo o caso, a Jacobina importava-lhe muito separar o irmão do resto dos seus adversários, para que este não viesse a ter a mesma sorte dos outros.

Quando o misterioso finalizou a carta, foi a mesma copiada pela irmã de Jacobina, pois esta não sabia escrever, e enviada logo ao seu destino.

.....

## *Capítulo IX*

### NA VENDA DO SERRANO – UMA NOVA ASSEMBLÉIA DOS MUCKERS – INTENÇÃO DE JACOBINA

O

DIA 7 de maio do ano de 1873 era uma quarta-feira. Para esse dia fora convocada, em casa de Maurer, uma nova reunião dos irmãos e irmãs da seita de Jacobina.

Em grupos afluíram os devotos ao Ferrabrás, todos nas suas vestes domingueiras. E que muito! se o comparecimento naquele dia era para todos estrita obrigação.

Também Filipe Sehn havia resolvido ir desta vez até lá. Sentado numa venda, situada não longe da casa do professor Weiss, à beira da estrada que conduz ao Hamburgerberg, aguardava ele a vinda de um conhecido, que o queria acompanhar.

O vendeiro, homem ainda moço e a quem mais vezes havemos de encontrar no decorrer desta narrativa, chamava-se Pedro Schmidt, mas, como era da Serra, todos o conheciam pelo apelido de “Pedro Serrano”.

Na venda achavam-se ainda diversos fregueses.

– Então queres ir sempre ao Ferrabrás? – perguntou um dos circunstantes a Filipe – e não tens medo?

– Tenho necessidade de ir até lá – voltou o interpelado – quero ver com os meus olhos aquela tranqüibérnia; pois, só assim espero arrancar daquele covil a meu irmão João. E de mais a mais, que hei eu de temer?

– Dizem – tornou o outro – que quem lá vai e transpõe uma só vez o limite daquela casa, esse está seguro e não sai mais.

Filipe riu-se. – Não, tão crédulo em almas de outro mundo não sou eu. Deixa que venha o demônio do Ferrabrás; para cá vem de carrinho; hei de ensiná-lo a dar umas piruetas.

– Em todo o caso – acrescentou um terceiro – é prudente não comer nem beber nada lá em cima.

– Por quê?

– Ora por quê?! Você sabe, tão bem como nós todos, que João Jorge deita na comida e na bebida alguma coisa que transtorna a cabeça da gente.

Com efeito, era esta uma opinião muito espalhada na colônia. Diziam que era cicuta que ele misturava à comida, com o fim de embriagar os seus hóspedes, e que por isso havia plantado grande quantidade da referida planta venenosa nas vizinhanças da casa.

Neste comenos, havia chegado o companheiro por quem Filipe esperava; os dois meteram-se a caminho do Ferrabrás, chegando ali justamente, quando se ia dar começo ao serviço religioso.

De novo ouviu-se no desvão da casa a música “celeste”, a qual visava a transportar os devotos ao estado de devaneio. Quando cessou a música, o João das Mulas exclamou:

“Cântico n.º 889!” Todos abriram os seus livros\* e entoaram o cântico:

“Fulge dos cristãos a vida interna, Embora externamente tostados pelo sol.

O que o rei celeste lhes concedeu, eles somente o sabem, e mais ninguém.

O que nunca alguém sentiu, nem tocou, Ornou-lhes os sentidos iluminados, elevando-os à dignidade divina.”

Apareceu então Jacobina. Tudo quanto pudesse seduzir os sentidos dos assistentes, e concorrer para dar a ela a mesma aparência

---

\* Os Muckers serviam-se, de preferência, do “Livro de cânticos para a comunidade Evangélica”, publicado em Berlim, 1853. 8ª edição com a aprovação do ministério. O cântico acima é tirado do mesmo, e era o cântico predileto de Jacobina e da sua clique.

de um ser sobrenatural, tudo se notava no seu exterior, no seu olhar, nos seus meneios, nos seus passos, nas suas vestes; tudo trazia um invento teatral, fantástico.

Quando chegou ao lugar onde costumava falar à assembléia, passou o olhar lento, grave e solene sobre os circunstantes.

Profundamente abalados, mudos, todos se haviam voltado para ela esperando ansiosos pelo que se iria passar então.

Jacobina com voz firme e solene começou a dizer:

– Há aqui alguém que não crê que eu sou Cristo? que se levante e fale!

Fez-se silêncio profundo.

– Há alguém aqui – repito – que não crê que eu sou Cristo? que se erga e fale!

Mais profundo ainda foi o silêncio. Em alguns olhos bailavam as lágrimas.

Um sorriso benévolo transfigurou as feições de Jacobina.

– Bem – continuou ela – vós todos sois os meus queridos. Em seguida pôs-se a ler – com dificuldade, como sempre – um trecho da Sagrada Escritura. Era o que conta a traição de Pedro. Terminada a leitura, dirigiu mais ou menos as seguintes palavras ao auditório: – O que acabais de ouvir não é a realidade, e sim uma profecia. A realidade verifica-se agora no meio de vós. Há seis anos fui eu chamada por um espírito lá ao morro. – O espírito disse-me que eu era Cristo; mas ordenou-me que guardasse segredo, até que chegasse o tempo oportuno de o revelar. Meu irmão Francisco é quem devia pôr em escritura o que havia de acontecer. Dentro de poucos anos, o mundo, isto é, a humanidade, havia de perecer. Apenas os eleitos ficariam salvos. Meu mano Francisco, que sabe escrever, pôs por escrito a revelação; depois disto, porém, apareceu menos amiúde em minha casa. Ele afirma que tudo quanto digo e faço é embuste e que eu não passo de uma embusteira. Porém, ele há de voltar. Escrevi-lhe uma carta, e respondeu que cada palavra minha lhe havia penetrado o coração, e perguntou-me se eu consentia que voltasse. Respondi que sim. Ele, porém, não veio. Passaram tempos. Meu marido teve de ir a um batizado na “Picada do Café”; procurou então ao meu irmão Francisco, convidando-o a vir a nossa casa. Francisco prometeu vir, mas deixou de cumprir a promessa. Assim

verificou-se nele o que está escrito de Pedro, o qual negou três vezes a Cristo. Agora o que está escrito dele, passou para outro, cujo nome não posso ainda indicar. Mas, quer queira quer não queira, meu irmão há de voltar.

– E ouvi – continuou ela no mesmo tom – o que ainda tenho a dizer-vos. O mundo perecerá em breve. Nenhum de vós mande mais os filhos à escola; não será mais preciso ler nem escrever; também ninguém vá mais à igreja que freqüentava até aqui, mas retire-se da comunidade a que pertence, e conserve-se fiel aos escolhidos. E, se uma mulher quiser vir ter comigo, e o marido se opuser, ou vice-versa, se o marido quiser vir e a mulher tentar impedi-lo, não desanime por isso, pois ele será salvo e a outra parte perder-se-á. Pois eu vos afirmo que, por minha causa, os filhos rebelar-se-ão contra os pais, as mulheres contra os maridos; mas quem se conservar fiel a mim, nada lhe há de faltar; tudo lhe será restituído centuplicadamente.

– Cada qual, porém, trate de prover-se de quanto for preciso para o dia da adversidade. Estão para vir dias tremendos. Os ímpios erguer-se-ão contra os eleitos, e estes serão obrigados a se defender daqueles. Pelas estradas encontrar-se-ão cadáveres, e não haverá quem os enterre. Aos eleitos, porém, nada sucederá e, ainda quando vos arrastem aos tribunais, nada deveis temer, porque os juízes nenhum poder terão sobre vós.

Jacobina concluíra o seu discurso. O pouco que ela disse, deixava penetrar bem fundo as suas intenções. Fundar uma espécie de Mormonismo sobre os cadáveres de seus adversários – eis aí a sua aspiração!

Após o discurso o coro entoou o hino:

“Por fora parecem os homens mais perversos;  
São objeto de admiração para os anjos, e de repugnância para os homens.

Suas almas são as noivas mais queridas, o ornamento, a coroa que agradam a Jesus.

São o prodígio dos tempos, são os que aqui se preparam para beijar o rei, que, vestido de ouro, passeia sob lírios”.

Jacobina se recolheu ao seu aposento. Os assistentes, como de costume, cada qual por sua vez, lá entraram para receber o ósculo da despedida; depois a maior parte, montando a cavalo, retirou-se para suas casas.

.....

## *Capítulo X*

### OS MUCKERS E OS ÍMPIOS – O ABAIXO-ASSINADO\*

**H**

AVIA muito que os manejos de Jacobina vinham provocando viva efervescência no seio da colônia. A população, tão pacífica outrora, entrou a bandear-se em dois campos, que se vigiavam reciprocamente, odiando-se cada vez mais. De um lado estavam os sec-tários de Maurer, do outro os seus inimigos; aqueles tinham a alcunha de Muckers “e estes eram chamados de ímpios”.

Não era de admirar que o lado imensamente ridículo do conciliábulo fanático do Ferrabrás desafiasse os motejos das pessoas sensatas. Estas metiam à bulha Maurer com os seus amavios, e Jacobina com seus desatinos, e chasqueavam os que iam ao Ferrabrás, deixando-se embair por aquele casal.

A zombaria, porém, acabou por assumir um caráter mais sério, logo que se começou a perceber que naqueles desatinos havia sistema, e que os fins da profetisa visavam à destruição da paz e à ruína das famílias.

---

\* Exatamente conforme as informações do Filipe Sehn e do professor Weiss.

O discurso de Jacobina, no dia 7, acabou de extremar os dois partidos contrários, deixando ver bem claramente ser impossível qualquer reconciliação entre eles.

Entretanto os frutos funestos desse discurso não tardaram a aparecer; com efeito, ao cabo de poucos dias, mulheres começaram a insurgir-se contra os maridos, e estes contra aquelas; os filhos contra os pais e – o que era mais grave ainda – alguns trataram de fazer provisões de boca e muniram-se de armas e pólvora, apresentando-se em público armados até os dentes, como se estivesse iminente uma luta de vida ou de morte.

Se até então alguns tinham encarado os acontecimentos do Ferrabrás somente pelo seu lado ridículo, tornava-se agora convicção geral que era mister providenciar quanto antes para impedir que a tormenta desabasse. Havia muito que Filipe, mais do que ninguém, estava disto convencido; e, quando ouviu as últimas declarações de Jacobina, compreendeu que não devia hesitar mais tempo a dar um passo decisivo. Montou, pois, a cavalo e foi ter com o mestre-escola Weiss.

– Senhor professor, venho pedir-lhe um obséquio.

– Sim! e qual é? – tornou o professor, de bom humor e num tom que traduzia a um tempo o seu quê de rudeza selvagem e de sinceridade cativante.

– Essa história dos Muckers não pode continuar assim – prosseguiu Filipe. Estive lá no Ferrabrás e assisti à grande reunião; vi o que por lá vai, e ouvi tudo o que, consoante à profecia de Jacobina, está para acontecer.

Narrou minuciosamente o curso da assembléia, as últimas deliberações e ameaças da profetisa, apontou as lamentáveis ocorrências, que, frutos da seita dos Muckers, já se tinham dado numa ou noutra família.

O professor escutara calado e atento.

– E agora que quer que eu lhe faça?

– Desejamos que você nos faça um requerimento ao delegado de polícia, para que ponha termo aos desatinos de Jacobina; é preciso cortar cerce o mal, se não quisermos lamentar mortes e assassinatos.

Para ninguém mais do que para o nosso professor era incômoda a vizinhança dos Muckers. Imediatamente declarou-se ele pronto a atender o pedido de Filipe.

– Hoje mesmo farei o requerimento e amanhã cedo, se quiser passar por aqui, poderá levá-lo.

Satisfeito por então, Filipe montou a cavalo e partiu.

Nessa noite, o nosso mestre-escola, recolhido ao seu quarto de trabalho, estava sentado à sua mesa, a refletir e a escrever à luz de um lampião. Redigia o abaixo-assinado. Na manhã seguinte, muito cedo, dois cavaleiros desmontavam à sua porta. Era Filipe, acompanhado de outro colono. O professor fez-lhes a leitura do documento, que ambos acharam bom: assinaram-no, e, montando em seguida a cavalo, foram levá-lo, de casa em casa, aos colonos vizinhos para que o assinassem também.

Naquele mesmo dia, 47 dos membros mais considerados da colônia haviam dado a sua assinatura, e um próprio foi encarregado de levar o papel a S. Leopoldo e o entregar ao delegado de polícia.

.....

## *Capítulo XI*

### O ESPIA

**N**ÃO eram decorridos muitos dias que o abaixo-assinado havia sido entregue, quando em casa de Filipe se apresentou o seu irmão João. Ter-lhe-ia porventura chegado aos ouvidos que se tramava alguma coisa contra os Muckers, procurando agora saber em que pé se achavam as coisas; ou fazia ele nova tentativa para atrair Filipe para a causa de Jacobina? Como quer que fosse, ele lá aparecia de novo após longa ausência.

– Bom dia, João! – saudou Filipe – até que enfim apareces! Já lá vai muito tempo que não nos vemos. Que trazes de bom?

– Venho ver se tens algum boi gordo que me sirva – volveu o interpelado. – Se não nos vemos há muito, é porque te vendes caro e não te deixas ver mais em nossa casa.

– Eu! Eu é que não torno a cruzar a soleira da tua porta, depois que tua mulher teve a delicadeza de me pôr no olho da rua.

– O culpado foste tu. Por que descompões as pessoas que freqüentam a casa de Maurer?

– Ora por quê? Por que toda aquela história não passa para mim de uma intrujice infame.

– Não tens motivos para pensar assim, Filipe; já tenho te dito muitas vezes, e torno a dizê-lo, que fazes uma injustiça àquela gente. Nem Jacobina nem Maurer são o que tu julgas. Eu só desejara que chegasses a conhecê-los.

– Bem me palpitou que aqui vinhas mais por minha causa do que por causa do boi; mas vamos ao potreiro, pode ser que lá encontres um animal que te agrade.

Montaram ambos a cavalo dirigindo-se para o campo, onde erravam a pastar um bom número de magníficas reses.

– Acredita-me – começou João – se tivesses sido testemunha do que Jacobina vê e profetiza, o teu juízo a seu respeito seria muito outro.

– Conta-me então o que ela prevê e profetiza.

– Para mim tenho que prever tudo. Vê e conta coisas que se passam nos lugares mais afastados. Ainda há dias, nos disse ela: “Eu estou vendo como na Turquia estão a trespassar uma criança com uma lança: vejo também como a outra criança estão cortando a língua”.

Philippe encarou o irmão. – Está louca a mulher! – disse ele laconicamente. – Quando me passaria pela idéia que tu nessa idade e com esses flocos de neve que te listram os cabelos, acreditarias em tais baboseiras?

Com efeito, estas e quejandas profecias provam à saciedade até que ponto Jacobina podia contar com a credulidade dos seus adeptos e o quanto de fato nela confiavam.

Por esta resposta do irmão é que João não esperava; foi como se tivessem deitado água fria no seu fervor de zelo de Mucker.

– Olha, João – continuou Filipe – se não abandonares em tempo essas loucuras, serás a fábula da toda a colônia.

– Isto sei eu – respondeu o outro, agastado. – Mas pouco se me dá; por louco me hão de ter, quer eu freqüente quer deixe de freqüentar a casa de Maurer.

– Não se dará isso, se te retiras a tempo; por isso fico eu. Mas se continuas a prestar o teu nome a semelhantes traquibérbias, serei eu o primeiro a dizer que perdeste o juízo. Seja sincero contigo mesmo, e diz se pode haver maior loucura do que acreditar que aquela mulher desdentada é Cristo?

Filipe aduziu novamente os argumentos com que da outra vez tão vitoriosamente tapara a boca da sua cunhada, provando ao irmão como a doutrina de Jacobina estava em contradição aberta com as palavras da Escritura.

João ficou atrapalhado, e, não podendo rebater a lógica simples, mas vigorosa, do irmão, procurou divertir o assunto da conversa.

– Oh! Que lindo animal tens tu ali! – exclamou ele de repente – é de encher o olho!

Esta observação do irmão, que já havia passado indiferente por outros bois não inferiores, causou estranheza a Filipe.

Este sondou o irmão com olhar prescrutador, sem todavia o deixar perceber.

– Não é o mais lindo – observou ele – vais ter já ocasião de ver outro, que mais te há de agradar.

Continuaram a cavalgar, quando se lhes deparou à vista um boi majestoso, que, deitado, ruminava, pacífico a sua refeição.

– Não achas bonito aquele boi? – perguntou Philippe.

– Se o é! Este leva as palmas a todos – tornou o interrogado.

– É o melhor que tenho – continuou aquele –; este boi é os meus encantos; e não o cedo assim sem mais nem menos; mas te affianço que, se por este meio consigo arrancar-te das garras dos Muckers, faço-te presente dele.

João continuava surdo aos conselhos do irmão. – Na verdade, não vejo motivos para me retirar de Maurer.

Filipe não pôde ter mão em si; a mostarda lhe chegara ao nariz.

– Com a breca! – bradou ele – então não enxergas que todas aquelas patranhas já no Ferrabrás não passam de uma intrujice condenável? Todos o dizem, e só não o vê quem não quer. Olha! Sabes que mais, a igreja do Ferrabrás não há de continuar por muito tempo. A gente da colônia não está disposta a consentir que meia dúzia de tresloucados ameace e perturbe, a seu salvo, a paz e tranqüilidade comum. Ao delegado de polícia já foi entregue um abaixo-assinado pedindo providências neste sentido, e fica sabendo que a minha assinatura também lá está. O delegado não há de tardar a vir com algumas praças, espanascar o Ferrabrás. Ele fará desaninhar aqueles melros, conduzindo-os para a

cidade e engaiolando-os na cadeia. E bem pôde acontecer então que vás de choldra com eles e te levem como qualquer ladrão ou qualquer valdevinos e te apresentem às autoridades. Há de ser bonito, muito bonito para ti e para os teus! João esbugalhou os olhos, assustado, para o irmão.

– Estás falando sério? Eu já ouvi rosnar por ali alguma coisa. Então é verdade que mandaram um abaixo-assinado?

– É tal como eu te digo; eu não sei mentir. Vê lá agora se queres desonrar essas cãs. Se dependesse de mim, tudo faria para te poupar essa vergonha.

João ficou-se pensativo, e por algum tempo não articulou palavra. Por fim rompeu o silêncio. – Vou pensar no caso. Volto para casa e lá verei o que se há de fazer.

O irmão criou alma nova. – Bem – observou este – vê lá o que fazes. E o boi?

– A respeito do boi falaremos outra ocasião.

Regressaram do potreiro. À porta de Filipe despediram-se um do outro.

– Vê lá o que fazes!

– Veremos.

Pouco depois João embrenhava-se no mato, por onde seguia a estrada.

.....

## Capítulo XII

### O AVISO\*

CHEGARA o tempo em que anualmente um padre de São Leopoldo costumava fazer a sua visita ao Sapiranga, para ali celebrar a missa e administrar os sacramentos do batismo e do matrimônio. Desta feita, fora escolhida, para esse fim, não a casa de Sehn, mas a de outro colono, morador da vizinhança.

Cumprido o seu ministério religioso, e tendo tomado uma refeição frugal, tornou o padre a montar a sua mula, cavalgando em direção da casa de João Sehn.

Ouvira contar o bom do padre como a seita alucinada de Maurer alastrava no Sapiranga e que a ela se haviam agregado não só protestantes, senão também alguns católicos, contando-se entre estes em primeira linha a família de Sehn. Confrangia-se-lhe o coração ao

---

\* Exatamente conforme as informações do padre Matias Müsch. Nascido em 28 de janeiro de 1830, e tendo entrado para a Companhia de Jesus em 1865, veio para o Brasil no ano 1872; aqui, além de exercer o ministério sacerdotal, redigiu por muito tempo o *Deutsches Volksblatt* – jornal de maior circulação publicado em língua alemã aqui no Brasil. – A sua avançada idade lhe não permite mais trabalhar e vive retirado no colégio dos Padres em São Leopoldo. (Nota do tradutor.)

lembrar-se que ali, sob aquele teto, onde tantas vezes oferecera o santo sacrifício da missa e anunciara a palavra divina, dominava agora a seita fanática dos Muckers. Antevia ele o triste desfecho que fatalmente havia de ter aquele conluio e resolvera-se a fazer uma tentativa, a fim de salvar aqueles desvairados do cair do abismo em que se iam despenhar.

Cercado da família, estava o velho Sehn sentado à porta, a conversar.

A rapaziada mal avistou o padre, abalou para o interior da casa. O velho, esse saiu-lhe ao encontro, saudou-o afavelmente e teria acomodado a mula, se o padre não se lhe tivesse antecipado.

Entraram na sala, onde se achava sentada a velha Sehn e não tardou que a conversa viesse a cair no assunto almejado.

– Então, mestre Sehn, você ainda continua a freqüentar o Ferrabrás? Perguntou o padre num tom amigável.

O velho não negou. – Que dúvida?! – respondeu ele – ainda continuo a ir lá. E que mal vai nisso?

– Que mal? – tornou o padre no mesmo tom. – Quer-me parecer que faz muito mal, porque você é católico e as coisas lá no Ferrabrás não se podem conciliar bem com as crenças de um católico.

– Mas lá em cima não se pratica nada de mal, não vejo, pois, razão para deixar de lá ir – volveu João Sehn visivelmente atrapalhado com as palavras do padre.

– Ouça-me, mestre Sehn – continuou o sacerdote – você foi sempre um bom católico. Para nós católicos é dogma indiscutível que ninguém pode explicar a Bíblia com verdade, senão a Igreja, que está de posse dela há 800 anos, e que espalha doutrinas falsas, quem quer que a explique e interprete de modo diverso. É isso o que nos ensina a nossa fé. É também fora de dúvida que não é qualquer que pode expor o verdadeiro sentido da Sagrada Escritura; quem o diz é o próprio São Pedro, quando afirma que há nela muitas passagens difíceis de entender, as quais muitos homens levianos interpretavam falsamente para a sua própria ruína. Além disso, quando até homens doutos que levaram anos e anos a estudar a Bíblia, encontram dificuldades na sua exposição, como admitir que uma mulher da colônia, que mal sabe ler, possa sem mais nem menos ter a verdadeira compreensão dos livros sagrados?

João encolheu os ombros e conservou-se calado.

– Os protestantes – prosseguiu o padre – esses sim admitem que qualquer pode interpretar a Bíblia; eles é que se não podem opor a que Jacobina a explique como puder, nem tampouco obstar a que alguém a procure para que a explique. Sua mulher é protestante, nem eu lhe estranho. Você, porém, não pode ir às assembléias de Jacobina, ainda quando nada de mal ali se praticasse. De mais a mais – acrescentou ele – ouvem-se por ali certos boatos que lançam uma luz sinistra sobre os conciliábulos de Jacobina.

Passou então a citar diversos fatos, já conhecidos do leitor.

João como que apalpava a verdade do que o padre dizia; sentindo faltar-lhe o terreno debaixo dos pés, esforçava-se, entretanto, por não ceder o terreno ao inimigo. Apresentou diversos argumentos, mas a maneira vacilante por que o fazia, estava a denunciar a pouca confiança que ele próprio tinha neles.

A mulher percebeu a posição desesperada em que se debatia o marido; até então só a muito custo teve mão em si, conservando-se calada; mas afinal tomou, como se costuma dizer, o freio nos dentes e começou a dar por paus e por pedras. Reconhecendo que não havia defesa possível, tratou logo de agredir.

– O quê!? – bradou ela – então entre nós se pratica maldades, e eu não havia de sabê-lo?! Ações indignas, vergonhosas, vão procurá-las a outra parte. Porventura somos nós quem vai para as tabernas, beber e jogar? Nos não bebemos nem jogamos! E quem são os que frequentam os bailes?

Com efeito, semelhantes diversões eram categoricamente proibidas aos sectários de Jacobina.

– Lá por isso – objetou o padre – desejará eu sempre saber onde é que a Sagrada Escritura proíbe que se vá à venda e que se beba um copo de vinho ou de cerveja? Eu da minha parte não posso levar a mal a quem quer que seja que tendo passado a semana inteira a mourejar honradamente, se permite afinal alguma distração; também não condeno as cartas enquanto são um simples passatempo e não se tornam um vício. Mas há coisas que Deus proíbe e que – assim o dizem geralmente – se praticam no Ferrabrás. Talvez você o ignore.

– Eu bem sei – contraveio a mulher – que os ímpios andam por ali a assoalhar essas notícias; porém não é verdade, é uma calúnia. Lá no Ferrabrás, nós rezamos, nós cantamos, e lemos a Bíblia; é tudo quanto fazemos; e se outros atos praticamos, só podem edificar. Que é, pois, o que nos podem censurar?

– Já que me pergunta – volveu o padre – sempre lhe direi; que vem a significar o beijo de despedida que lá em cima se dá? Que querem significar aquelas encenações, aquelas cenas de endeusamento com que Jacobina procura embaçar a sua gente? Para lhe falar franco, só servem de tornar idiotas os indivíduos assisados e tornar cegos os que vêem. Basta observar como aquela gente volta do Ferrabrás completamente desvairada, alucinada, como se tivesse perdido totalmente o juízo. Não! Não! É firme convicção minha, que o que se passa no Ferrabrás não é direito, e cá para mim tenho que aquilo não pode acabar bem.

O padre tinha dito demais.

A mulher fazia um esforço extremo para se conter, e só o respeito que lhe impunha a pessoa do padre impediu que a sua cólera explodisse.

– Assim julgam os ímpios – vociferou ela afinal. – Assim foram julgados também os apóstolos no dia de Pentecostes, mas, quando se realizarem os grandes acontecimentos que estão para vir, então os nossos inimigos hão de ver e também o senhor há de ver quão grandes são as maravilhas de Deus. Deixem-nos, pois, em paz; nós estamos firmes, e não nos deixaremos iludir, embora nos custe a vida.

– Boa mulher! – observou o padre acalmando – Sossegue. Não se zangue! Não foi por sua causa que eu aqui vim: foi por causa do seu marido. Eu bem sabia de antemão que você não se deixaria guiar por um sacerdote católico; seu marido, porém, esse é católico e em relação a ele tenho eu o direito e o dever de manifestar-lhe os meus receios e preveni-lo dos perigos que possam acarretar a sua ruína.

– Meu marido – volveu a mulher – meu marido, esse pensa como eu e como todos os nossos filhos, e quanto aos perigos que corremos, não lhe dê cuidado; estamos dispostos a afrontá-los.

– É isto verdade, mestre Sehn? – perguntou o padre dirigindo-se a este. – Você pensa como sua mulher?

- Por que não?
- E também está disposto a ir ao encontro do perigo?
- Vamos experimentá-lo.

O bom do padre compreendeu afinal que insistir ainda fora o mesmo que pregar aos peixes.

– Cumpri o meu dever – disse ele num tom amargurado – o resto entrego a Deus.

Montou a sua mula e partiu.

.....

## *Capítulo XIII*

### UM ENCONTRO – ESPERANÇA PERDIDA

**E**MBAIXO, no Passo da Cruz, onde o padre tinha que vadear o rio, morava, como dissemos, com sua família, Rodolfo, o filho mais velho de Sehn.

Rijo de compleição, de caráter honesto, e trabalhador, era Rodolfo um desses tipos para quem a gente se sente logo atraída e a quem se fica querendo bem desde a primeira vista. Como os demais membros de sua família, tivera também ele a infelicidade de cair nas malhas de Jacobina.

– Se pudesse salvar ao menos este – pensou de si para si o padre – estimulando maquinalmente o passo da cavalgadura.

A mula, mansa, dócil e sempre pronta a obedecer ao menor aceno do seu dono, meteu-se num trote que faria honra a um cavalo.

Nisso ouviu o padre atrás de si o tropear de cavalgadura; voltou-se para ver quem era.

Um jovem cavaleiro vinha a galope rasgado e não tardou em alcançar o padre.

– Bom dia, Sr. padre – saudou ele com ar afável, e a fisionomia aberta a um sorriso de alegria. – Olhe que a sua mula é de arromba! Irra! tive que galopar a valer para poder alcançá-lo.

O padre encarou o mancebo. Não o conhecia; mas percebeu logo que não era católico, pois os católicos na colônia costumam saudar o sacerdote com as belas palavras: Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.

– Quer-me parecer que já nos vimos uma vez – disse ele, enquanto sujeitava o jovem a um exame mais atento.

– Chamo-me Guilherme – tornou o mancebo. – Já muitas vezes tenho ouvido falar em Vossa Reverendíssima.

– Não é o Senhor o noivo de Maria, a filha mais nova do velho Sehn?

– Sou eu mesmo.

– Agora também me lembra onde o vi.

Não estava o senhor ainda há pouco sentado à porta de Sehn?

– Justamente, senhor padre.

– Segundo dizem, também o sr. entrou para o grêmio de João Jorge?

– Assim é.

– Então é o caso de se dizer que pilharam eles um bom peixe – tornou o padre, enquanto sondava o jovem com olhar significativo.

Este sorriu; percebera que o padre lhe havia descoberto certas qualidades boas.

– Por que diz isso, senhor padre? – perguntou ele num tom jovial.

– Ora porque – tornou o interrogado – o senhor tem seiva nova, é vigoroso, abastado e sobretudo um jovem distinto e estimado, e melhor aquisição não podiam fazer os Muckers.

Para melhor compreensão das palavras do padre, apressamo-nos a dizer ao leitor que Guilherme era filho de um negociante abastado.

O seu belo porte, as suas maneiras delicadas e a perspectiva de uma herança regular lhe tinham aberto, de par em par, a porta da

casa de Sehn. A circunstância de ser protestante o jovem não obstara a que Maria aceitasse logo a mão que este lhe ofereceu, e assim é que, com o assentimento dos pais, haviam ajustado receber-se.

Parte por impulso natural de fazer prosélitos, parte também para ligá-lo mais estreitamente à família, tinham conduzido Guilherme à casa de Jacobina, e tão habilmente tinham urdido a trama, que ele afinal se viu enredado nas malhas daquela mulher, tornando-se um dos seus mais fervorosos adoradores.

– Uma cousa, entretanto, me admira: – proseguiu o padre – é como o senhor, homem de bom senso, se deixou embair pelas tramóias lá do Ferrabrás.

Guilherme não se alterou. – Que quer? – acudiu ele, conservando o seu bom humor – mas o que lhe posso afiançar é que lhes não custou pouco trabalho o pilhar-me; afinal tive que ceder; Jacobina dá explicações tão extraordinárias da Bíblia que a gente fica abismada.

– O senhor está a aguçar-me a curiosidade – retrucou o padre; – e não me desagradaria de modo algum ouvir o que vai de extraordinário nas interpretações dessa mulher.

– Citar-lhe-ei apenas um exemplo e Vossa Reverendíssima poderá por si mesmo ajuizar – tornou Guilherme. – A Escritura diz que no dilúvio rebentaram as fontes do abismo e se abriam as cataratas do céu. Pois bem, Jacobina afirma que esta passagem não se deve tomar ao pé da letra, mas em sentido figurado. Que aqui não se trata da água que havia no seio da terra; a água significa as falhas e más colheitas que hão de sobrevir nos campos; e que as cataratas do céu não significam as chuvas que hão de cair, mas sim as doenças, as pestes, as pragas, que hão de dizimar a humanidade.

O padre desatou numa gostosa gargalhada. – Meu bom amigo, tais e quejandas explicações qualquer as pode dar e outras mais extraordinárias ainda; mas quem lhe diz que são verdadeiras? Para lhe falar franco, lastimo deveras que também o senhor tenha caído na arriosa armada por aquela mulher, e felicitar-me-ia, se o pudesse livrá-lo.

Nesta prática, chegaram a um sítio onde a estrada se bifurcava.

– Sinto muito – observou Guilherme – não poder gozar mais tempo a sua amável companhia; o meu caminho quebra aqui.

Dizendo isto, estendeu a mão ao padre, agradeceu-lhe a palestra e galopou em direção do mato, onde desapareceu na espessura do arvoredo.

O padre, que durante o cavaco pusera a cavalgada num andar mais demorado, estimulou agora o passo do animal. Só uma boa mula podia fazer o que ela fez, e a curto trecho parava o bom do padre à porta de Rodolfo, e, desmontando entrou.

Rodolfo estava em casa; quis logo mandar servir um refresco, que o padre recusou delicadamente. – Só um negócio aqui me traz, e, para cortar delongas, vou já direito ao ponto da minha visita.

Entrou logo a apresentar os motivos que deviam dissuadir Rodolfo das suas relações com Jacobina. Fez-lhe ver não só o lado burlesco da coisa, como também o seu lado infame aos olhos da gente sensata. Apontou-lhe outrossim os perigos a que, em tal companhia, se expunha não só ele como toda a sua família. Tudo em vão.

Rodolfo via-se em palpos de aranha, mexia-se, torcia-se, debatia-se, defendia-se o que melhor que podia. Bem via ele que era verdade tudo quanto o padre dizia; porém, romper com Maurer, para isso faltava-lhe o ânimo.

Enquanto os dois se entretinham a discutir, duas jovens esposas, sentadas de lado, estavam atentas a escutar. Uma delas era a mulher de Rodolfo, a outra, cunhada deste, e mulher de seu irmão Jacó.

Aquela conservara-se reservada durante todo o tempo, o seu exterior estava a denunciar que ela não partilhava as opiniões do marido; antes pelo contrário, no seu silêncio, dava mostras visíveis de satisfação íntima, toda vez que o padre com algum novo argumento punha a descoberto os pontos ridículos do embuste dos Muckers.

A outra, ao invés, estava toda do lado de Rodolfo. Acompanhara com grande ansiedade e o mais vivo interesse o fio da conversação; os seus olhos faiscavam revelando o mais ardente desejo de se envolver na contenda. Era filha de pais católicos, mas uma educação errada a tornara tão alheia à sua religião, como só pode sê-lo um acatólico.

Apenas Rodolfo cessou de falar, pareceu-lhe oportuno o ensejo de dar largas ao seu rancor tanto tempo sopitado. Como as águas represadas da ribeira, a que se abre a comporta, irrompem impetuosas,

assim as palavras espadanavam-lhe violentas dos lábios. Desatinou por tal forma que o padre teve que deixá-la desafogar. – Não somos nós os maus! – vociferou ela assomada, e esmurrando a mesa – não somos nós, não! Os que nos perseguem, esses sim é que o são. Nós nos cingimos à Bíblia; e, se a Bíblia nada vale, que é o que vale então? Quem professa o verdadeiro cristianismo somos nós!

A veemência com que despejara a sua bília, extenuara-lhe as forças; o padre julgou então que vinha muito a pelo a seguinte observação:

– Minha senhora, – disse ele serenando – ao que consta, há muito tempo que vosmecê não se confessa; pois eu lhe aconselho que trate de pôr em ordem os negócios de sua consciência, e verá como muita coisa há de mudar.

– O quê? Eu confessar-me!? – Rugiu ela possessa. – Já me confessei uma vez na minha vida, agora nunca mais. Prefiro que me matem a me apresentar outra vez no confessionário.

A desgraçada estava bem longe de suspeitar que naquele momento predizia a sua sorte.

O padre excusava de ouvir mais nada. – Não me querem ouvir! – disse ele – praza a Deus que não venham a arrepender-se.

Saiu, levando no ânimo as impressões dolorosas que só o coração de um sacerdote zeloso pode experimentar, vendo uma das ovelhas do seu rebanho estar a pique de precipitar-se, de olhos abertos, no despenhadeiro.

.....

## *Capítulo XIV*

### UMA INTIMAÇÃO ESCRITA DESAGRADÁVEL\*

P

ARA que o leitor possa compreender cabalmente o que passamos a narrar em seguida, devemos fazer uma observação prévia.

No tempo da monarquia, dividia-se o Brasil, administrativamente, em vinte províncias, que são hoje os vinte estados que constituem a República. Cada província estava subdividida em comarcas; estas, em freguesias, as quais se subdividiam em distritos e estes, por sua vez, em bairros. A administração policial, nas diversas circunscrições, era confiada, em cada província, a um chefe de polícia; nas comarcas a um delegado; nas freguesias a um subdelegado, e cada bairro, finalmente, tinha o seu inspetor. Ao tempo da nossa narrativa, o chefe de polícia do Rio Grande do Sul era um brasileiro e residia na capital, como era praxe. O delegado da comarca de S. Leopoldo, que assistia na cidade do mesmo nome, bem como o subdelegado e o inspetor do bairro do Sapiranga, que moravam na colônia, eram de origem alemã.

Como acima dissemos, fora o abaixo-assinado entregue ao delegado. Este, sem demora, expediu ordem ao subdelegado que se

---

\* Reproduzimos fielmente as informações do subdelegado e do inspetor de bairro.

informasse de perto acerca das diversas acusações formuladas naquele documento.

A ordem foi imediatamente cumprida, e, verificando o subdelegado que os fatos confirmavam os capítulos da queixa, mandou, por intermédio do inspetor do quartirão, intimar por escrito a Maurer a ir à sua presença justificar-se das acusações que lhe eram feitas a ele e à sua seita.

Quando o inspetor se apresentou em casa de João Jorge, achava-se este na roça. Foram chamá-lo imediatamente; e o mensageiro, já pelo caminho, o veio informando do que se tratava. Pensou ele então ser mais prudente não se apresentar logo à autoridade, e enfiou pelo quarto de Jacobina, onde os adeptos eram admitidos ao beijo de despedida e só os íntimos tinham acesso franco.

Ali se achavam Robinson e Cristiano Kassel.

– Que é? que há? – indagou Maurer.

– Tens que te apresentar ao subdelegado – responderam-lhe –; denunciaram-te e tens que te justificar.

– Então tenho que ir! – volveu Maurer hesitante.

A frouxidão do marido irritou a Jacobina; aos seus olhos ele não passava de um covarde. Robinson, esse sim era um pau mandado, e, se a prudência não o contivesse então, iria tudo raso.

– E que devo eu dizer ao inspetor? – instou Maurer.

– Vê lá se me vais fazer o poltrão? dize-lhe que a nossa causa não é deste mundo e que a polícia aqui não é chamada – foi a resposta.

Maurer curvou a frente e apresentou-se ao inspetor, que lhe entregou a intimação escrita do subdelegado.

– Eu não sei ler, não entendo essas garatujas – observou Maurer, restituindo o papel.

– Não importa; leio eu.

O inspetor colocou-se a ler. Maurer escutava.

– Tudo muito bem! – observou este – mas volta para aonde ao subdelegado, e dize-lhe da minha parte que quem não vai lá sou eu. A minha causa não é da conta da polícia. Não posso levar comigo o que

é preciso para me justificar, porque é de natureza todo espiritual; se ele quiser informar-se, que venha em pessoa.

O inspetor era vizinho de Maurer e seu conhecido velho; vendo, pois, que, se ele recalcitrasse em apresentar-se à autoridade, só acarretaria incômodos maiores, tentou convencê-lo das conseqüências desagradáveis da sua teimosia.

– Maurer – observou ele – fazes mal em não obedecer à intimação. O subdelegado recebeu a ordem do delegado e tem de cumpri-la: não te admires, pois, se ele empregar a força. Seria mais prudente obedecer. Que lucras tu, se ele mandar uma escolta que te leve preso?

As palavras “escolta”, “preso” produziram um efeito mágico; percebia-se que um mal-estar se havia apoderado de Maurer. Vacilou um momento. Mas o caminho a seguir lhe havia sido traçado e não lhe era permitido afastar-se dele, pelo que foi quase inconscientemente que soltou estas palavras:

– O que está dito, está dito; eu lá não vou. O subdelegado, se quiser alguma coisa, que venha em pessoa. É o que tens a dizer-lhe.

O inspetor, de braços cruzados, olhava com ar interrogador e apreensivo para João Jorge.

– Olha, Maurer, que vais mal encarreirado.

Dizendo isto, retirou-se para ir dar conta ao seu superior do resultado da sua comissão. Assim que o inspetor saiu, houve no interior da casa uma troca animada de palavras. Todos, à porfia, protestaram o maior devotamento pela causa de Jacobina, declarando-se prontos para qualquer sacrifício; de modo que aquele dia, que dera ocasião a tantas contrariedades e aborrecimentos, acabou por se converter em um dia de triunfo para a profetisa.

.....

## *Capítulo XV*

### PRISÃO DE JORGE MAURER

**A**S ROMARIAS ao Ferrabrás continuavam. Os devotos, sós ou em grupos, lá iam apresentar ao casal milagreiro as suas homenagens, e não se apresentavam com as mãos vazias. Em farnéis de riscado azul ou brancos, em sacos de todos os tamanhos; de carro e a cavalo, iam eles levar o que tinham de melhor em suas casas, como: ervilhas, feijão, lentilhas, legumes, açúcar, farinha, ovos, aves; tudo, em suma, que eles presumiam pudesse agradar à senhora profetisa e ao senhor seu marido; e tudo depositavam aos pés do casal adorado.

Nos últimos dias principalmente, havia aumentado de modo extraordinário este carrear de gêneros alimentícios, isso talvez porque o perigo iminente que ameaçava a seita impunha aos seus membros uma dedicação tanto mais decidida e firme para com os seus chefes.

Uma outra circunstância trazia os Muckers no mais vivo alvoroço e impaciente curiosidade. É que Jacobina havia novamente profetizado outro acontecimento extraordinário, que desta vez se devia realizar a 22 de maio. O que se ia passar, ninguém, naturalmente, o sabia. Ao que parece, até os seus mais íntimos deixara-os Jacobina na incerteza a este respeito e isso por muito boas razões. Mas, como no dia 22 caía a festa

da Ascensão do Senhor, conjecturavam alguns que naquele dia Jacobina subiria aos céus; outros, porém, imaginavam outros acontecimentos, como algum tremendo castigo de Deus, que cairia de improviso sobre a humanidade, ou talvez até a completa destruição do mundo.

Em uma palavra, os Muckers estavam tomados da mais viva ansiedade, e impacientes aguardavam o dia em que vissem Jacobina aureolada de novos fulgores.

Nesse meio tempo, a desobediência de Maurer à intimação da autoridade policial vinha produzindo os seus frutos. O inspetor, como lhe cumpria, informara do ocorrido o subdelegado, e este, por seu turno, comunicara o fato ao delegado, o qual, vendo que o caso era assaz grave, apressou-se a levá-lo ao conhecimento do chefe de polícia.

Foram estes os pródromos da tormenta que devia desencadear-se sobre as cabeças do casal misterioso e dos seus parciais.

A 19 de maio apresentou-se em São Leopoldo o chefe de polícia acompanhado de cinqüenta praças, a conferenciar com o delegado.

Era uma segunda-feira; no dia seguinte o delegado montava a cavalo e, acompanhado de cinco praças, dirigia-se ao Sapiranga.

A notícia espalhou-se rapidamente pela colônia, produzindo viva alegria por toda a parte.

Não obstante o seu dom de profecia, estava Jacobina muito longe de suspeitar o que contra ela e seu marido se andava preparando. Entregue a uma vida regalada e ociosa, deixava que os outros a servissem. Naquela casa, com efeito, passara a ser norma que Jacobina devia se abster de qualquer trabalho, não lhe sendo permitido pegar de uma agulha ou da vassoura, nem lidar com as panelas, nem atender a qualquer mister doméstico por leve que fosse. Tudo isto devia ficar a cargo das outras mulheres e raparigas, a quem ela governava com vara de ferro, ao passo que aos homens permitia uma vida mais folgada.

– Eles lá vêm! – eis a notícia que de repente se espalhou em casa de Maurer. Efetivamente eles vinham: era o delegado com as cinco praças que lá chegava.

Julgava este encontrar um grande reboliço e contava até com alguma tentativa de resistência. Mas nem sombras disso.

Aproximou-se da casa; ali reinava o maior sossego; apenas, de quando em quando, via-se um ou outro rosto, cheio de curiosidade, espreitar pelas portadas entreabertas das janelas.

Que plano teriam os Muckers, aparentando tamanha indiferença à chegada da autoridade? Quem conhecia de perto os botafogos e exaltados que faziam parte da seita, julgaria talvez que estes preparavam alguma cilada com o fim de deixar a força aproximar-se e assim exterminá-la a seu salvo.

Muito outro, porém, era o motivo dessa aparente tranqüilidade. Entre os Muckers divergiam as opiniões; eram alguns de parecer que não se devia tolerar absolutamente nada, que antes se devia ir logo ao cabo e não ceder em caso algum ante a violência; outros, pelo contrário, opinavam que seria loucura semelhante atitude nas circunstâncias do momento. “Não somos bastante fortes, diziam os últimos, nem estamos apercebidos para darmos um golpe decisivo. Eles que façam o que quiserem. Por fim de contas, que é o que nos pode acontecer? O mais que nos podem fazer, é nos conduzirem presos e nos meterem na cadeia; não nos hão de faltar, porém, amigos nem onças de bom toque e peso que nos abram as portas da prisão. Calma, pois, toda calma; nada de violências, suceda o que suceder.”

Prevaleceu o último alvitre naquele conselho, e parece que também era esta a opinião do personagem misterioso; e assim se explica como o delegado pôde penetrar naquela casa sem a menor resistência.

Maurer e quantos ali se achavam, tiveram ordem de prisão; e logo em seguida deu-se busca à casa.

Um dos capítulos de que se fazia carga no abaixo-assinado, era que em casa de Maurer havia pólvora e armas; nada disso, porém, se encontrou. Pudera! tão pouco providentes não eram os Muckers que não tratassem a tempo de pôr ao abrigo das vistas e do alcance da polícia tudo quanto de alguma maneira os pudesse comprometer. E assim é que podiam assistir, calmos e indiferentes, à marcha dos acontecimentos; entretanto percebia-se que esta indiferença e esta calma eram algum tanto forçadas.

Cumprida a sua tarefa, o delegado intimou a Maurer a acompanhá-lo a São Leopoldo.

Este montou a cavalo e cerca de trinta de seus parciais fizeram outro tanto.

– E Jacobina, que é feito dela? – interrogou o delegado.

– Está doente – respondeu Maurer – e não pode suportar a jornada.

E do interior da casa ouviu-se um coro de vozes em grito: – Isso lá que não! Ela não vai! Se querem dar cabo de Jacobina, façam-no uma vez; para que atormentá-la?

Não foi nada agradável para o nosso delegado ter que esbarrar em semelhante contrariedade; porém, naquela conjuntura, não houve remédio senão ceder às considerações da prudência. Montou, pois, a cavalo; o mesmo fizeram as praças, e, em grande préstimo, atravessaram a roça dirigindo-se para S. Leopoldo, aonde chegaram ao anoitecer daquele mesmo dia.

A notícia da chegada de Maurer divulgou-se rapidamente pela cidade. – O curandeiro chegou! O curandeiro aí está! – era a nova que corria de boca em boca.

Foi geral a alegria e o júbilo que produziu a notícia da prisão de Maurer. Todos esperavam que, afinal e de vez, se ia pôr cobro aos desmandos da gente do Ferrabrás.

Naquela mesma noite procedeu-se ao interrogatório. Maurer confirmou que em sua casa se realizavam reuniões, onde Jacobina expunha e explicava a Bíblia.

Interrogado por que Jacobina não tinha vindo, – respondeu que esta se achava muito débil e que, além disso, antes do dia 22 de maio não podia comparecer.

A pergunta – se em sua casa havia pólvora e chumbo respondeu com evasivas.

Ainda algumas outras perguntas lhe foram feitas, às quais respondeu como melhor lhe pareceu.

Nisso fez-se noite. O chefe de polícia suspendeu o interrogatório, e Maurer e sete dos seus satélites foram conduzidos à cadeia municipal.

.....

## *Capítulo XVI*

### CHEGA A VEZ DE JACOBINA\*

**A** AUSÊNCIA de Jacobina punha as autoridades em sérios apuros. Com efeito, se o movimento no Ferrabrás constituía um perigo, para a ordem e tranqüilidade pública, era lógico que, em primeiro lugar, se devia interrogar aquela que era, para assim dizer, o centro e a mola real de toda a agitação.

A dificuldade, porém, estava em deitar-lhe a mão, sem provocar resistências nem dar lugar a cenas de sangue.

Depois de consultarem longamente sobre o que se devia fazer, ficou, afinal, assentado que o meio mais prudente era descobrir alguém que, não sendo malvisto pelos Muckers, fosse acompanhado de uma escolta, buscar Jacobina em um carro.

Não foi difícil encontrar o homem talhado de molde para tão arriscada tarefa. Morava então em S. Leopoldo um certo Luís Weber, homem de peso e medida, e que, apesar de entrado em anos, como o estava a denunciar a barba toda branca e as melenas grisalhas, era ainda

---

\* De acordo com as informações prestadas pelo Sr. Luís Weber, de S. Leopoldo.

cheio de vigor e energia, e, portanto, muito capaz de desempenhar-se de uma empresa desta ordem. Tendo viajado muito pela província, era bem conhecido e relacionado; o seu olhar bondoso, mas vivo, e as suas maneiras afáveis lhe haviam captado simpatias em toda a parte. Além do mais, um serviço militar de largos anos contribuía para imprimir ao seu todo um certo cunho de firmeza e aprumo marcial que se impunha.

Conhecedor da província e excelente vaqueano, foram muitas vezes os seus serviços aproveitados e bem remunerados, conseguindo ele desta forma juntar algum pecúlio.

Foi de Luís Weber que o delegado se lembrou logo para tão delicada comissão, não hesitando em propô-lo ao chefe de polícia.

E assim, nessa mesma tarde, apareceu um empregado policial em casa de Weber entregando-lhe um ofício de parte do chefe.

Weber abriu-o, leu-o e não pôde reprimir a sua surpresa e as suas apreensões.

– Então querem que eu vá buscar Jacobina? – observou ele ao concluir a leitura.

– Já o sabia – tornou o outro – você é muito homem para isso e estou certo de que não se recusará.

No aposento contíguo achava-se a mulher de Weber e, ouvindo do que se tratava, acudiu sobressaltada – Pelo amor de Deus! – exclamou ela – tu com certeza não vais ao Ferrabrás.

– Por que não, minha senhora? – perguntou o emissário da polícia. – Imagina talvez que se trata de alguma empresa arriscada.

– E que dúvida?! – volveu a mulher amedrontada. – Quem é que não sabe que os Muckers compraram pólvora e chumbo? Todos conhecemos bem que casta de gente é aquela. Aquilo lá no Ferrabrás é um vespeiro, e se os assanham, então ai de nos!

– Não lhe dê cuidado – tranqüilizou o outro – não há o menor risco para o seu marido. Se os Muckers quisessem resistir, já o teriam feito, quando, há dias, o delegado foi buscar João Maurer e seus companheiros. Todos eles eram indivíduos robustos e não lhes teria custado muito dar cabo do delegado e seu rancho. De mais a mais, seu marido saberá arranjar a coisa pacificamente e não à viva força: ele é homem

para isso; os Muckers conhecem-no e têm-lhe confiança. De resto, por precaução, ele não irá só, uma escolta acompanhá-lo-á.

Durante este diálogo, que se havia prolongado ainda algum tempo, pôde Luís Weber ponderar os prós e os contras da empresa, e afinal a sua resolução estava tomada.

– Eu vou – disse ele.

– Eu tinha a certeza de que você não se escusaria – replicou o funcionário de polícia. – Estou certo de que se haverá com prudência e sem fazer alarme.

– Deixe-o à minha conta – tornou Weber.

O portador do ofício retirou-se. Luís Weber tratou de ir imediatamente à cocheira, aparelhou um carro e arreou os cavalos, de modo que tudo estivesse pronto para o momento oportuno.

Estava-se na vigília do dia da Ascensão do ano de 1873. Escurecera, entretanto: e, quando era já noite fechada, e a cidade e as colônias estavam entregues ao repouso, entendeu Weber que era chegada a ocasião de se pôr em movimento.

Depressa atrelou os animais, um rapazote robusto subiu à bo-léia, Luís montou a cavalo, e meteram-se a caminho.

Somente quando se achavam já a alguma distância da cidade, foi que, sob as ordens de um capitão, uma escolta, de oito praças montadas, se pôs também em marcha, tomando o mesmo rumo. Esta precaução fora tomada para não darem na vista.

Já haviam chegado a Hamburgerberg, quando o nosso vaqueano notou que havia esquecido a matalotagem.

Acudiu-lhe então à mente que se dizia ser perigoso aceitar da gente do Ferrabrás qualquer bebida ou alimento. Bateu, pois, fortemente à porta da primeira estalagem, gritando:

– Amigo Kroeff! Amigo Kroeff! – Não tardou a aparecer o bom e jovial velho Kroeff.

– Que há? – perguntou este.

– Cá para nós, que ninguém nos ouça, eu vou ao Ferrabrás, buscar Jacobina. Dê-me daí, dois pães e alguma coisa que se beba. Com a pressa, esqueceu-me trazer o farnel, e dos Muckers não aceito nada.

O velho Kroeff sorriu, de contente: a nova não lhe podia ser mais agradável; trouxe logo pão e uma garrafa de vinho, e Luís continuou a sua jornada.

Chegados que foram à venda do Serrano, parou e descavalgou.

– Como vai aquilo lá pelo Ferrabrás? Encontraremos ali muita gente?

– Gente é que lá não falta – tornou o Serrano. – Dizem que lá estão cerca de setenta pessoas.

Luís estacou; mandou chamar o capitão e a escolta.

– Que diz, capitão, devemos arriscar-nos, à vista da gente que se encontra no Ferrabrás?

O capitão encolheu os ombros:

– Eu estou debaixo das suas ordens, tornou ele.

– E eu tenho que cingir-me às ordens que recebi no ofício, que é buscar Jacobina. No ofício dizem-me: “Avante!”

Puseram-se de novo em marcha. Pouco depois, chegaram à casa do professor Weiss; aqui dobraram à esquerda da estrada, embrenhando-se no mato.

Cavalgaram ainda um pequeno trecho, parando numa clareira, donde várias sendas conduziam à roça de João Jorge.

– Preparar armas! – clamou o capitão. E todos desembainharam as espadas.

Em seguida, tomando por dois caminhos, dirigiram-se para a casa: Luís, acompanhado de quatro praças, pelo caminho de baixo, e o capitão, com as outras quatro praças, pelo de cima.

Chegados à casa, apresentou Luís a ordem que levava: – Fui encarregado de conduzir Jacobina para S. Leopoldo, e isto às boas. Vocês, agora, tratem de conseguir que ela me acompanhe espontaneamente; o carro aqui está.

Nenhum dos circunstantes se mostrava disposto a incumbir-se de semelhante tarefa. Muitas cabeças apareciam, de vez em quando, às janelas, a espiar através dos vidros. Tudo apresentava uma aparência pacífica. Alguém até se lembrou de vir convidar os recém-chegados a tomar parte no almoço. Naturalmente, nenhum aceitou o convite, pelos

motivos acima indicados; mas a recusa não obistou que os Muckers se sentassem a uma mesa comprida, e se pusessem a comer com invejável apetite.

Quando, terminada a refeição, se levantaram da mesa, esperava Luís que eles obedecessem à intimação, e pediu, pela segunda vez, que lhe trouxessem Jacobina. Debalde!

O velho perdeu, então, as estribeiras, gritou para a multidão, lembrou-lhes a ordem que trazia, fez-lhes ver a obrigação que tinham de obedecer à lei, apelou para o caráter alemão, acrescentando: – Reflitam bem no que fazem: se não trouxerem Jacobina por bem, mandá-la-ei buscar à viva força.

Esta fala pareceu ter produzido o seu efeito. Ainda um pedido fizeram os Muckers: – que lhes fosse permitido entoar um cântico.

– Se é só isso – observou Luís por que não?!

Puseram-se a cantar. Era um charivari medonho, de atordoar os tímpanos. Berraram a valer.

O bom do vaqueano deixou-os berrar à vontade; vendo, porém, que o berreiro levava seus visos de não acabar, deu-lhes com o basta.

– Chega! Chega! É tempo de acabar com isso.

O coro emudeceu.

– Então vem ou não vem Jacobina?

– Jacobina está morta responderam.

Era demais! – Morta! – vociferou ele. – Pois bem! seja lá como for: morta ou viva, hoje mesmo há de ir para S. Leopoldo! Vamos lá, camaradas, mãos à obra!

Quatro praças entraram, e foram dar com Jacobina estendida na cama, hirta, imóvel, semelhando, com efeito, um cadáver.

Os soldados pegaram nas quatro extremidades do colchão em que jazia a mulher, e assim a transportaram para o carro.

Não bem a haviam depositado no veículo, quando acudiu um grupo numeroso de Muckers, e homens, mulheres, sãos e enfermos, num abrir e fechar d'olhos, encarrapitaram-se nas xalmas do carro. As praças esbravejavam: – Para baixo! Já, para baixo!

– Deixá-los, enquanto o carro der – ordenou Luís, fazendo, ao mesmo tempo, sinal ao cocheiro que tocasse; este tomou das rédeas, fustigou os animais, e o rancho se pôs em movimento. A estrada era escabrosa; o carro, inclinando-se, ora para esta, ora para aquela banda, parecia, às vezes, que ia virar, despejando toda aquela gente nos silvados que orlavam o caminho. Mas a jornada se fez sem o menor incidente.

Jacobina, essa continuava dormindo a bom dormir, apesar dos solavancos, e nesse estado chegou à cidade.

.....

## *Capítulo XVII*

### JACOBINA NA POLÍCIA – O SEU DESPERTAR – CENA GROTESCA – INTERROGATÓRIO\*

*D*

O ALTO do campanário da igreja paroquial, vibravam, compassados e melancólicos, os sons das Ave-Marias, quando Luís, com Jacobina e sua comitiva chegavam a S. Leopoldo.

Grande foi o alvoroço na cidade. Não houve viva alma que não corresse à Câmara Municipal, para ver a profetisa. Ali já se achava o chefe de polícia, à espera. O carro parou em frente do edifício. Jacobina continuava entregue ao sono, hirta, inerte como dantes, e mostrava-se alheia a tudo quanto se passava em derredor dela. Alguns soldados ergueram-na do carro, e transportaram-na para dentro da sala de audiências, pousando-a, ao comprido, em cima de uma mesa.

Uma dificuldade, porém, surgia agora: como acordar Jacobina do seu estado inconsciente? Como sair daquele apuro?

A cena tinha o seu lado grotesco, excitando o espírito trocista e brejeiro de alguns assistentes. Chegaram ao pé dela, pediram-lhe mui

---

\* Conforme às folhas diárias contemporâneas e informações privadas.

cortesmente que acordasse, pois o sol já ia alto; disseram-lhe que João Jorge desejava falar-lhe. Tudo em vão!

– Sacudamo-la um pouco – lembrou alguém – talvez desperte.  
Mas também essa tentativa ficou infrutífera.

O chefe de polícia fez, então, sinal a uma das praças, e segredou-lhe algo ao ouvido. A praça saiu, voltando dali a pouco, com dois médicos.

– Já esgotamos todos os meios – disse, sorrindo, o chefe de polícia para os médicos; – vejam lá os senhores se a sua ciência é mais feliz.

Os médicos suaram, mas, esgotados todos os recursos que a ciência lhes sugeria, sorrindo também, permutaram entre si um relance d’olhos e acabaram por se confessar impotentes para fazer acordar a Jacobina.

Já todos haviam perdido as esperanças de conseguir o seu intento, quando ao chefe ocorreu, a tempo, uma feliz inspiração.

Ao pé da mesa onde Jacobina jazia reclinada, achavam-se alguns de seus comparsas: duas mulheres ainda novas, uma jovem, apoiada numas muletas, uma irmã de Jacobina e mais dois irmãos e o pai de João Jorge, e, finalmente, Fuchs, o sacrista, a quem o leitor já conhece, pela alcunha de Jacó das Mulas.

Dirigindo-se, pois, a eles, perguntou o chefe de polícia se não conheciam algum meio para fazer despertar Jacobina.

– Que havia um só – acudiu Fuchs.

– E qual seria esse?

– O canto.

– Então julga você que, cantando, a despertam? Se assim é, experimentemos. Cantem.

Os Muckers agruparam-se, formando uma pinha de cabeças, e, alongando os pescoços, cochichavam uns com os outros; deliberavam, mas não chegavam a um acordo. Discutiam a escolha do cântico, ou seria outro o motivo? Os circunstantes acabaram por se impacientar, e começaram a dirigir-lhes chufas e chalaças.

Debalde!

– Com a breca! – exclamou o chefe de polícia. – Então até quando durará isto? Já lhes dei licença de cantar? Por que não cantam?

Afinal, começaram: – era o hino do Natal, composto de nada menos de quinze estrofes. É preciso lembrar que, pouco antes, em Hamburgerberg, os Muckers, apesar do calor e da poeira, tinham cantado a mais não poder; era de presumir, portanto, que não prolongariam o canto. Assim, porém, não sucedeu: cantaram todas as quinze estrofes! Entretanto, Jacobina não se mexia.

O chefe de polícia perdeu a paciência.

O próprios cantores ficaram desapontados; Jacó das Mulas abeirou-se, então, da profetisa, tomou-lhe a mão, e, erguendo os olhos para o céu, resmungou não sei que palavras.

– Mais cinco minutos ainda – disse ele, voltando-se para o chefe de polícia – e ela acordará.

Em todos os rostos, pintava-se a mais viva curiosidade. Com efeito, decorridos os cinco minutos, Jacobina abre os olhos, ergue-se, e, circunvagando o olhar pela sala: – Onde estou eu? – pergunta ela.

– Na polícia – responderam.

Murmurou algumas palavras. Perguntaram-lhe o que dizia.

– Que há muitos ímpios em roda – respondeu Fuchs, em nome dos seus compartes.

Jacobina torna a olhar em volta de si; pede que lhe dêem de comer e de beber. Satisfazem-lhe o pedido, e ela põe-se a comer com apetite; em seguida, faz menção de entregar-se novamente ao sono; não o consegue, porém; pois os ânimos dos assistentes se achavam irritados demais contra a seita dos Muckers, para que sentissem compaixão daquela que era o cabeça deles. Saraivaram, então, os motejos mordazes e os insultos soezes:

– Levanta-te, Jacobina! – bradaram – jazes aí como uma alimária morta; senta-te com decência. – Até com um cevado a compararam.

A tudo isso Jacobina se conservava muda; mas, afinal, perdeu a paciência, e deu, então, largas à sua raiva sopitada. Relembrou os castigos que haviam de cair sobre os ímpios. O sermão, porém, não produziu o menor efeito, e ela socorreu-se, então, do Jacó das Mulas, seu chichisbéu e sacristão. Mas, quando este, acudindo ao apelo de Jacobina, fez men-

ção de advogar a sua causa, o chefe de polícia acenou a uma das praças. Esta chegou-se ao improvisado e gracioso advogado, e, intimando-o a sair da sala, o foi levando, todo atarantado, aos empurrões, porta afora, conduzindo-o logo à cadeia para onde, pouco depois, também Jacobina era levada.

Na manhã seguinte a profetisa aparecia de novo perante a autoridade. Desta feita, pôde-se proceder com mais ordem ao interrogatório.

Jacobina afirmou que logo abaixo de Deus estava ela; e que, por isso, proibira aos membros de sua seita que continuassem a frequentar as escolas e igrejas de outras comunidades religiosas, pois nestas se ensinavam doutrinas falsas. Que, na verdade, seu marido dava remédios, porém que, para isso, escusava ele a licença das autoridades, porquanto a sua vocação ele a recebera do Céu.

Após o interrogatório foi metida novamente na cadeia. Naquele mesmo dia, um vapor, descendo o rio dos Sinos, transportava Maurer, Jacobina e Jacó das Mulas para Porto Alegre, onde o processo instaurado contra eles devia correr os seus trâmites.

Chegados à capital, Maurer e Fuchs foram conduzidos à cadeia; Jacobina, porém, em atenção ao seu estado de saúde, foi levada para a Santa Casa.

O negócio dos Muckers parecia que estava acabado. Em S. Leopoldo, em toda a colônia, em Porto Alegre, era indescritível o júbilo; nos jornais, publicaram-se agradecimentos, em que se exaltavam os que mais energicamente haviam cooperado para o extermínio da seita.

Infelizmente, porém, o tempo encarregar-se-ia de mostrar quão prematura era a alegria.

.....

## *Capítulo XVIII*

### A FESTA DE PENTECOSTES PERTURBADA\*

**J**OÃO Jorge e Jacobina achavam-se ainda retidos na cadeia de Porto Alegre; entretanto, no Ferrabrás, os conciliábulos continuavam a realizar-se, como dantes.

Estamos no dia de Pentecostes.

Em suas vestes domingueiras, viam-se os devotos cavalgar em direitura do Ferrabrás, chocando, no íntimo, um rancor surdo contra os que haviam sido causa da ausência do casal milagreiro. – Desta vez – assim pensavam eles de si consigo – ninguém virá perturbar a nossa devoção. – Enganaram-se, porém; pois, não obstante a grande cautela que haviam tido em guardar segredo a respeito da sua reunião, o inspetor de quartirão dela recebera notícia, denunciando-o, em tempo, ao delegado. Este, por seu turno, havia dado as providências, de maneira que, ao mesmo tempo que os Muckers, em grupos separados, se dirigiam para a habitação de João Jorge, da casa do subdelegado, outro grupo se encaminhava para o mesmo ponto, com o propósito de impedir a festividade religiosa.

---

\* Reproduzimos, fielmente, a narração feita pelo subdelegado Cristiano Spindler.

Era este último grupo composto do subdelegado, de um inferior e de três praças de polícia, todos a cavalo.

O subdelegado era homem de estatura meã, nem gordo nem magro, e orçava pelos cinqüenta anos. O seu porte e, mais que tudo, o timbre de sua voz davam-lhe um certo ar marcial, que uns bigodes espessos tornavam ainda mais acentuado. Não vestia farda, nem trazia espada; trajava à paisana, como os demais funcionários de polícia, inclusive o próprio chefe. Quem o visse, ao balcão, a medir metros de chita, ou a pesar quilos de açúcar, não enxergaria nele o subdelegado, pois nenhum distintivo o extremava dos outros colonos, nem estabelecia diferença entre o funcionário público e o vendeiro.

A ordem que recebera do delegado, para proceder contra os sectários, não lhe era nada agradável, e só lhe acarretava vexames e incômodos, colocando-o entre as pontas de um dilema: com efeito, ou não cumpria a ordem, e incorria nas penas do código; ou a cumpria, e tinha que contar com os mais graves dissabores e inquietações. Em primeiro lugar, tinha que sacrificar boa parte do seu tempo, com grande prejuízo dos seus interesses e do seu negócio; em segundo lugar, nenhuma compensação ou recompensa podia ele esperar aos incômodos que lhe advinham do cargo de subdelegado, que nem sequer era renumerado, devendo contentar-se com as honras somente. O ódio e a sanha, da parte dos sectários, eram, pois, a única coisa certa com que devia contar.

Mas o nosso subdelegado era um homem escravo do dever, e – viesse o que viesse – montou a cavalo, e, acompanhado de uma pequena escolta, meteu-se a caminho.

Ainda se achavam a curta distância de casa, quando, de vários pontos, viram surgir alguns sequazes de João Jorge, que tomavam a direção do Ferrabrás.

O subdelegado receou que avistando eles a escolta, ficasse baldado o seu plano; pelo que tomou logo uma resolução, ordenando às praças que fossem adiante, o mais depressa possível, e que, apenas estivessem fora das vistas daquela gente, escondessem os cavalos.

– Eu irei atrás – acrescentou ele – e, quando os Muckers estiverem todos reunidos, cairemos sobre eles, de sopetão, e obrigá-los-emos a assinar termo de bem-viver.

Assim fizeram as praças.

Entrementes, também o inspetor se havia reunido ao grupo, e, juntos, dirigiram-se para a casa de João Maurer.

Chegando, porém, a certa distância, donde podiam enxergar o terreiro, que ficava em frente da casa, e onde estava espalhado grande número de cavalos, um magote de homens saltou do interior do prédio, e, formando longa e dupla fila, atravessou-se-lhes adiante.

– Diabo! – exclamou uma das praças – já nos avistaram.

– Que vem a significar esta manobra singular? – perguntavam eles uns aos outros. – Terão eles algum plano sinistro? Em todo caso, aqui anda mouro na costa.

– Haja o que houver – exclamou o subdelegado – avante! Não somos nenhuns poltrões. – E, dizendo e fazendo, rompeu, à rédea solta; os outros seguiram-no.

Já se haviam aproximado dos Muckers, mas estes não davam mostras de lhes querer deixar livre a passagem.

– Onde está o dono da casa? – bradou o inspetor por sobre as cento e quarenta cabeças, que tinha diante de si.

– Em Porto Alegre! – responderam algumas vozes rudes, que partiram dentre a chusma.

– Que João Jorge está em Porto Alegre, sabemos nós –olveu o inspetor, com voz firme. – O que se quer saber é quem lhe faz aqui as vezes.

– Ninguém: ele não deixou ninguém em seu lugar – responderam do interior da casa, ao mesmo tempo que alguns mais ousados, com ar carrancudo e ameaçador, se apinhavam à roda da pequena escolta.

– Com a breca! – rugiu o inspetor, já impaciente – por força que há de haver alguém que manda nesta casa. Onde está esse alguém? Queremos vê-lo.

Apareceu, então, um indivíduo, já entrado em anos, que se apresentou ao subdelegado.

– Oh! Nicolau Fuchs! – exclamou o subdelegado, dirigindo-se a este. – Então, é você quem manda sobre esta gente?

– Com seiscentos diabos! – trovejou o inspetor. – Arreda! abram caminho para o senhor subdelegado.

O velho Fuchs fez sinal a sua gente: esta abriu um claro, e os agentes da polícia puderam passar.

O subdelegado escolheu, então, um ponto mais elevado, donde pudesse falar àquela pinha de gente.

– Amigos, ouçam-me. Vocês aqui vieram em tão grande número como se houvesse alguma igreja e se realizasse alguma festa; aqui, porém, não há igreja, e eu desejo saber o que aqui vieram fazer e quem os convocou.

Todos quedaram-se mudos.

– Torno a perguntar: Quem foi que os chamou aqui?

– Foi Deus! – exclamou uma voz dentre a mó apinhada. Era a voz de Jacó Mentz, irmão de Jacobina.

– Deus – volveu subdelegado – (que, neste momento, valha a verdade, encarecia demais as funções da polícia). – Deus manda lá no Céu! Aqui quem manda é a polícia: e esta ordena que se dispersem.

Um sussurro de indignação girou no meio daquela massa desordenada.

– Leva rumor! – continuou o subdelegado. – Talvez não lhes agrade, mas é preciso obedecer. — Quem o exige é a lei, não somos nós: e todos devemos obediência à lei. E é bom que saibam que cada um, antes de se retirar daqui, tem de assinar um termo, prometendo não mais voltar, nem tomar parte em outras reuniões. Também é preciso entregar as armas; daqui nada se leva. E vamos já a isto, que não há tempo a perder.

O velho Fuchs meneou a cabeça, fazendo um gesto de assentimento. Ouviram-se, então, algumas vozes, bradando: – Ainda um cântico! Ainda um cântico!

– Só peço uma coisa – disse Fuchs, em nome de todos – que nos seja permitido cantar um hino. — Depois de refletir um momento, o subdelegado aquiesceu.

– Pela minha parte, não ponho dúvida, contanto que, antes de mais nada, assinem todos o termo e entreguem as armas.

Assim o fizeram. Depois, entoaram o cântico: “O que Deus faz é para bem”.

Oh! como se mostram resignados! – pensou lá, com os seus botões, o nosso subdelegado. – Tomara que tivessem acabado de cantar!

Este seu desejo ficou logo satisfeito; mas, eis que Fuchs se apresenta com um segundo pedido:

– Spindler\* – disse ele – você é de carne e osso como nós, e sabe muito bem que, quando se tem de fazer uma jornada comprida, é necessário comer antes alguma coisa.

– Bem sei – volveu o outro – mas a que vem isto agora?

– É que alguns destes homens – respondeu Fuchs – vieram de muito longe, e têm fome. Quiséramos comer alguma coisa, antes de nos separarmos.

O subdelegado lançou um olhar para o inspetor, conservando-se em silêncio, durante alguns instantes.

– Por mim, não ponho dúvida – disse ele, afinal – mas depois, é despacharem-se.

O grupo debandou-se, numa roda-viva. Dos aposentos, dos corredores, de todos os cantos e escaninhos da casa, trouxeram farnéis, com provisões, e desenfardelaram-nos. Posta a mesa, começaram o ágape. Os convivas revezavam-se; enquanto uns comiam, serviam os outros; e teriam, talvez, decorrido duas horas, quando os últimos se levantaram da mesa.

Era de presumir que aqueles indivíduos, perturbados em sua festa religiosa, se mostrassem malcontentes e contrariados, mas nada disso; antes pelo contrário, tornaram-se loquazes, simulando certo bom humor, que bem se podia comparar ao riso amarelo do condenado, marchando para a forca.

Quando os últimos comensais se haviam erguido da mesa, e os pratos e restos de comida tinham sido retirados, bradou o subdelegado, em voz de comando: – O prazo está esgotado! Agora, montar a cavalo, e cada um para sua casa.

---

\* Spindler – era esse o nome do subdelegado.

Imediatamente ficaram desertos os compartimentos da casa; o terreiro, porém, tornou-se tanto mais animado: viu-se então um espectáculo pitoresco de indivíduos montados em cavalos e mulas, girando, caracolando, confundindo-se, cruzando-se; mas não durou muito, e debandaram, deixando ermo também o terreiro ; e só quando os últimos cavaleiros desaparecer, foi que o subdelegado e a sua comitiva se puseram igualmente a caminho de casa.

Agora, mais que nunca, dir-se-ia dissolvido o corrilho dos Muckers e acabados para sempre os seus manejos; os chefes – Maurer e Jacobina – estavam presos, os seus últimos parciais acabavam de ser dispersos, depois de terem assinado termo de bem-viver: que mais se podia desejar? Porém, os gestos insolentes e provocadores, com que os sectários voltaram para suas casas, os olhares chamejantes de furor que, ao partirem dali, cravaram particularmente no subdelegado, davam a perceber bem claramente que o drama, longe de ter chegado a seu termo, ia desenrolar-se, agora, tomando o carácter de tragédia.

.....

## *Capítulo XIX*

### A VOLTA DO CASAL MILAGREIRO\*

**E**M nenhuma parte, talvez, sentiu-se tanto a ausência do casal milagrento como entre os membros da família de João Sehn. É que, no decorrer do tempo, se tinham dado no seio desta certas ocorrências que a haviam ligado mais estreitamente à profetisa.

Em primeiro lugar, se havia realizado o matrimônio de Guilherme com Maria, não diante do altar, mas na presença de Jacobina, que os uniu, recebendo deles um compromisso de honra. Depois, havia Jacobina impedido que Guilherme desse um passo que ameaçava encher de profunda mágoa a família de Sehn, e particularmente a jovem esposa. Foi o caso que Guilherme havia economizado alguns contos; além disso, seu pai lhe tinha dado uma boa maquia, de modo que podia ele dispor de uns dez contos. Queria o pai que Guilherme fizesse uma viagem à Europa, a fim de sair-se, e vir depois abrir uma casa de negócio. A velha Sehn, sogra de Guilherme, e Maria, sua esposa, tinham envidado tudo, mas em vão, para dissuadi-lo desse propósito. Os motivos que Guilherme, cheio de planos e esperanças, alegava eram tão poderosos

---

\* De acordo com as notícias dos jornais e das informações prestadas por particulares.

que invalidavam qualquer argumento contra a viagem. Em tal conjuntura, lembraram-se elas de apelar para a autoridade de Jacobina, e esta decidiu que o jovem ficasse.

Se o entusiasmo que sentiam até então por Jacobina era imenso, subia ele agora de ponto e já não conhecia limites. Não admira, pois, que fosse com a mais viva saudade e sofreguidão que aquela gente suspirava pela volta da profetisa; volta que não devia tardar muito.

Estava-se em junho; entrara o inverno. Nos laranjais, viam-se, entre a verde folhagem, os dourados pomos, e nas sebes recendiam os ananases maduros.

Era um dia formoso, de um céu diáfano e azul sem manchas; o sol escaldava, ao passo que à sombra fazia um frio que penetrava até à medula dos ossos.

Luís Weber, o qual, como o leitor deve estar lembrado, fora, seis meses antes, encarregado de transportar Jacobina para S. Leopoldo; Luís Weber, digo, acabara, havia pouco, um pequeno serviço e estava de braços cruzados, debruçado à janela de sua casa, quando um indivíduo, elegantemente trajado, parou em frente da janela. Luís examinou-o dos pés à cabeça. O recém-chegado vestia calças de pano preto, casaco de casimira clara, camisa engomada, com colarinho em pé, e um par de punhos, alvejando dentre as mangas do casaco. Botas de polimento e até um chapéu de copa alta – objeto mui raras vezes visto nas colônias – completavam-lhe o vestuário, que estava no rigor de moda.

Luís quedou-se perplexo durante alguns instantes, sem saber quem tinha diante de si; mas, apesar de todo aquele apuro, parecia-lhe ter visto já outra vez o estranho personagem.

Este foi o primeiro a quebrar o silêncio.

– Não me conheces mais, Luís? – perguntou ele, e um sorriso zombeteiro deslizou-se-lhe à flor dos lábios.

– Com mil demônios! – exclamou Luís. – És tu, João Jorge?!

Com efeito, o desconhecido era, sem pôr nem tirar, o próprio João Jorge, o marido de Jacobina, o mezinheiro do Ferrabrás.

Em Porto Alegre, haviam-se aborrecido do hóspede importuno e, para se verem livres dele e da mulher, os haviam mandado embora.

E já muito antes teriam os dois conseguido a liberdade, se Maurer não se houvesse mostrado teimoso.

Intimidados, tanto ele como Fuchs, a assinarem um termo em que se comprometiam solenemente a abrir mão dos seus planos tresloucados, a acabar com os conventículos e a renunciar às suas intrujices, pelo menos até que as autoridades se tivessem pronunciado definitivamente a respeito, Fuchs fez-se forte, respondendo tola e insolentemente à intimação. — Que não assinava; que preferia deixar-se apodrecer numa enxovia a abandonar Jacobina. Também Maurer emperrou; e assim é que os dois voltaram para a cadeia, até segunda ordem.

Teriam eles, afinal, se resolvido a assinar o termo, ou teria a autoridade policial desistido de sua exigência? Fosse como fosse, o que é certo é que tanto Maurer como sua mulher tinham sido postos em liberdade, e foi no mesmo dia em que haviam saído da cadeia, que aquele apareceu em frente da janela do nosso vaqueano.

— Luís — disse Maurer — eu estou informado do modo atencioso como trataste minha mulher quando a foste buscar e a trouxeste para S. Leopoldo. Também agora terás a bondade de providenciar para que sejamos reconduzidos ao Ferrabrás. Não tardará aí a ordem oficial por escrito. Mas — acrescentou ele — há de ser no mesmo carro em que a trouxeste, pois assim ela previu e assim está escrito.

— Se a ordem vier —olveu Luís — não haverá dúvida, e, quanto ao carro, deixa-o à minha conta.

Maurer ficou satisfeito e retirou-se. Com efeito, a ordem não tardou muito a vir.

— Bem — disse Luís de si consigo — a ordem será cumprida; mas, se Jacobina profetizou que há de ser transportada no mesmo carro em que veio, também eu profetizo agora que assim não há de ser. — E, assobiando, encaminhou-se para a cocheira, a fim de se aperceber para a jornada.

Algumas horas mais tarde, achava-se à porta de casa, no Sapi-ranga, a mulher de Pedro Serrano.\* Tinha um filho no colo, enquanto outro brincava ao pé dela. Nisso, pareceu-lhe ouvir o rodar de carruagem que cada vez se aproximava mais.

---

\* Informações prestadas pelo próprio Serrano e sua mulher.

Cheia de curiosidade, voltou-se para a banda donde partia o estrepito do veículo.

– Coisa singular! – disse ela de si para si – parece uma carruagem. – E não a perdeu de vista, até que se aproximou bem perto. Soltou, então, um leve grito e abalou para o interior da casa.

– Pedro! Pedro! – bradou ela ao marido. – Vem cá depressa! Ali vêm João Jorge e Jacobina!

O Serrano, que estivera ocupado no fundo da venda, sem dar fé ao que se passava à sua porta, saltou logo de trás do balcão e apareceu à soleira, ainda a tempo de poder distinguir os personagens do carro, que, ligeiro, rodava pela estrada afora.

Eram, com efeito, João Jorge e Jacobina, em carne e osso.

Quedou-se ainda algum tempo com os olhos fitos no ponto onde aqueles acabavam de desaparecer, depois encarou a mulher; o seu olhar inquieto revelava os tristes pressentimentos que lhe ensombavam o espírito.

– Isto ainda vai acabar mal – disse ele.

– Oh! se vai! – tornou a mulher, meneando a cabeça. – Os Muckers hão de triunfar e os ímpios hão de senti-lo. Deus se amerceie de nós!

Com rapidez incrível, espalhou-se pela colônia a notícia do regresso do casal milagreiro, provocando aqui uma alegria sem limites, ali o terror e os mais sinistros pressentimentos.

Os visitantes ao Ferrabrás não se fizeram esperar. Iam apresentar ao casal idolatrado as manifestações de pesar pelos desgostos sofridos e, ao mesmo tempo, os parabéns pelo seu feliz regresso; e, de par com os protestos da mais firme solidariedade e acatamento, iam depor-lhes aos pés valiosos mimos.

Tão gerais e significativas foram as homenagens que Jacobina recebeu dos seus adoradores nesse dia, que essa data devia ficar para sempre memorável e assinalada de um modo especial. Determinou, pois, a profetisa que tanto o dia de sua volta como o de sua prisão fossem celebrados anualmente.

.....

## *Capítulo XX*

### A EXCURSÃO PELA COLÔNIA – A CIDADELA DOS MUCKERS\*

COMO é fácil de imaginar, bem molestas eram, para os Muckers, as freqüentes importunações que sofriam, de parte das autoridades policiais; pelo que cuidaram eles seriamente dos meios de se pôr a salvo das mesmas; por outro lado, os ânimos dos colonos estavam tão irritados contra a seita que, sem receio de errar, se podia garantir que, de um momento para outro, era inevitável um encontro sangrento.

Jacobina e seus parciais mais sanhudos foram de parecer que urgia armarem-se contra uns e outros.

Do personagem misterioso, dizia-se que, às encobertas, atiçava o fogo.

A união faz a força.

Convencidos de que somente quando todos e com todas as veras tomassem a peito a defesa dos interesses da seita, é que poderiam arrostar com vantagem os seus inimigos, ficou assentado estabelecer-se, desde logo, uma espécie de comunidade de bens. Antes de tudo, de-

---

\* Informações prestadas pelos vizinhos de João Jorge e em particular pelo inspetor de quartirão J. Lehn.

via-se levantar um prédio, com espaço suficiente para comportar, ao mesmo tempo, todos os sectários; em seguida, era preciso fazer provisões abundantes de comestíveis, de armamento e munições, de tudo, em suma, de que se necessita em caso de guerra.

Talvez também esta providência fosse tomada sob o pretexto capcioso de que os primitivos cristãos possuíam tudo em comum.

Assentadas essas resoluções, João Jorge e sua esposa montaram a cavalo, para fazer uma excursão pela colônia.

Onde quer que encontravam uma casa de Mucker, paravam à porta: e, se este, porventura, era algum membro preeminente da seita, apeavam-se e entravam.

Essa excursão foi um verdadeiro triunfo em ponto pequeno; pois nessa ocasião recebeu o casal idolatrado as maiores homenagens da parte de seus adoradores. E não se limitou somente a isto: foi então que os dois chefes da seita incitaram os seus sequazes a se interessarem o mais vivamente possível pela causa comum, alcançando dos mesmos as promessas mais firmes e solenes.

Quanto aos compromissos tomados com o inspetor, esses, naturalmente, caíram logo em esquecimento. Com efeito, dias depois, notava-se no Ferrabrás uma agitação, uma azáfama, como até então nunca se vira. De toda a parte, acorreram operários, que puseram logo mãos à obra. Mediu-se o terreno, fíncaram-se estacas, abriram-se caboucos. Ao mesmo tempo, carros atulhados traziam pedras, areia, cal, madeiras e outros materiais necessários para a construção. Os colonos viam atônitos e assombrados esses preparativos dos sectários; e, para o que viam, só encontravam uma única explicação. – Vê-se – diziam eles – que os Muckers levantam uma cidadela, para dali nos fazerem a guerra. Ai de nós, pobres colonos!

Entretanto, no Ferrabrás, a obra ia progredindo a olhos vistos. Quarenta homens, de mangas arregaçadas, azafamavam-se, entregando-se, quais formigas, a uma atividade incessante, febril. Estes carregavam água, aqueles caldeavam cal, e outros peneiravam areia, aqueles outros preparavam a argamassa.

Maurer, que superintendia no trabalho, era incansável. Jacobina, essa experimentava viva alegria, uma satisfação íntima, notando o

entusiasmo e o afã daquela gente, e vendo a obra medrar e as paredes do edifício elevar-se sobre os alicerces.

Mas também ao inspetor do quarteirão não passava despercebido o *fervet opus* que lá ia pelo Ferrabrás. De longe, via ele os Muckers levantar paredes, carpintejar, e dava tratos à bola, para decifrar qual o destino daquela obra.

Para aclarar o enigma, tratou ele de descobrir um ponto donde, sem ser visto, pudesse fiscalizar o trabalho e, pela disposição dos alicerces, formar uma idéia geral da traça do edifício. Nos fundos da casa de Maurer, erguia-se uma como muralha alcantilada, donde a vista dominava todas as propriedades, e principalmente as adjacências da casa.

Foi para ali que o nosso inspetor se dirigiu, e, sem grande dificuldade, descobriu ele o ponto desejado. Aí ficava-lhe bem à vista, não só a casa de Maurer, com o jardim e a roça, senão também as paredes do edifício em construção. Pôs-se ele a observar bem estas últimas. Formavam um grande quadro, destinado a fechar um único recinto, pois em parte nenhuma se via o menor indício de suportes para divisões internas. O edifício não tinha portas que dessem para fora, mas comunicava com a casa velha, de maneira que tinha com esta uma entrada comum.

O nosso inspetor entrou a matutar lá consigo: – Um edificio formando um só recinto! Para que será? Casa de moradia não pode ser, pois não vejo quartos nem compartimentos. Será uma fortaleza? Também não pode ser, porque senão teria seteiras. Será alguma igreja, algum salão destinado às funções religiosas? Esta pareceu-lhe a solução mais plausível do enigma. Ainda mais uma vez, reparou bem para a disposição dos alicerces, no intuito de gravar fundamente na memória o plano do mesmo. Depois, virou costas, para tomar o caminho de casa. Nisto, deu tento de um vulto:

Era um Mucker, que, armado de espingarda se conservava em pé, a certa distância.

O nosso inspetor estremeceu. Um olhar de tigre e um punho cerrado, erguido, ameaçador, foram a saudação da testemunha inesperada, que, logo em seguida, desapareceu, internando-se no mais cerrado do mato.

– Safei-me de boa! – murmurou lá consigo o inspetor. – Podia ter-me saído mal!

Enquanto na casa nova se trabalhava com afinco, não se conservavam os Muckers ociosos na velha: com efeito, para aqui eram carregadas diariamente novas provisões, não só de boca, como cereais, feijão, charque e outros comestíveis, mas também provisões de guerra, como armas, pólvora, e tudo quanto se fazia mister em qualquer eventualidade, não esquecendo o dinheiro.

Um dia, aparece ali Rodolfo Sehn e deposita em cima da mesa cem onças; quem as enviava era Guilherme, como contribuição para a caixa comum. Trazia, além disso, grande quantidade de armas e três saquitéis, um contendo balas de espingarda, o outro cartuchame para pistola, e o terceiro – o maior – continha pólvora.

Aos seus parciais, impunham-lhes os chefes da seita contribuições, consoante às posses de cada um: este devia concorrer para a caixa comum com cem mil-réis; aquele com duzentos; todos, enfim, deviam pagar a sua quota.

E é preciso notar que bem poucos eram os que, no ardor de seu entusiasmo, se limitavam a contribuir com a quantia que lhes era marcada: a mor parte dava muito mais do que se lhes pedia, porfiando assim cada qual por exceder aos outros em desprendimento e espírito de sacrifício.

.....

## *Capítulo XXI*

### UMA DESAPARIÇÃO – FIM TRÁGICO – UMA VISITA ACOMPANHADA DE SURPRESAS

**N**

O espírito dos colonos, lançara profundas raízes a convicção de que a casa que os Muckers estavam construindo, outra coisa não era senão uma cidadela donde pudessem a seu salvo molestar a vizinhança.

A obra ia já tão adiantada que podia receber a cobertura, quando dois acontecimentos vieram abalar profundamente a população. O primeiro foi o desaparecimento de um indivíduo, morador no Sapiranga, e que, por ser proprietário de uma venda, era conhecido pelo nome de Jacó da Venda. Sabia-se que era ele um dos adversários mais decididos e um dos inimigos mais encarniçados da seita, manifestando sem refolhos o seu modo de pensar e sentir a tal respeito. Pois bem: em outubro, esse homem desapareceu repentinamente e baldadas foram todas as diligências empregadas para descobri-lo. Derramou-se logo pela colônia o boato de que os Muckers o haviam assassinado.

O outro fato foi o fim trágico de um certo Pedro Hirt, sogro do subdelegado. Era homem entrado em anos, e inclinado à hipocondria. Havia já algum tempo travara ligações com os Muckers, que, com

mil quimeras, lhe haviam transtornado a cabeça. Ciente disso, o subdelegado tratou de convencê-lo de que devia romper com a seita, e o velho prometera solenemente assim fazer. Mas ficou tudo em promessas. As idéias singulares continuavam a martelar-lhe os miolos, a Bíblia, com as interpretações fantásticas de Jacobina, não lhe saíam da mente e – o que era ainda mais grave – os Muckers não perdiam de vista o pobre mentecapto.

Uma tarde, achava-se Hirt debaixo de uma latada a podar as vides, quando lhe aparece Maurer, com outro companheiro, e, chamando o velho à cerca, trava-se logo entre eles animada palestra sobre assuntos – ao que parece – místicos.

Quando Maurer se ausentou, não quis o velho saber mais da poda: com olhar desvairado, entra em casa, deixa-se cair sobre uma cadeira e ali se queda, mudo, engolfado em fundo cismar. Ao outro dia, foram dar com ele morto, na alcova. O infeliz enforcara-se.

Esses dois fatos, como acima dissemos, provocaram na colônia grande alarme e acirraram ainda mais os ódios contra os Muckers.

– Já deram cabo de um – dizia-se – e a outro transtornaram a bola. Onde iremos parar, se as coisas continuam neste passo?!

Entrementes, tinha-se encontrado morto o Jacó, o vendeiro. Jazia no mato, fora da estrada, a alguma distância do cavalo em que andara montado. Não havia o menor indício de morte violenta. Presumia-se – o que era, aliás, muito plausível – que Jacó, em estado de embriaguez, a que não raro se entregava, tivesse transviado da estrada, e, não podendo romper o mato, apeasse do animal, e lidasse, então, mas em vão, por voltar ao caminho, perecendo miseravelmente.

A explicação era aceitável, mas, ainda assim, não conseguiu desvanecer a indignação que se apoderara dos ânimos.

O subdelegado, que naturalmente devia ter sido informado pelo inspetor, das observações que este havia feito na cidadela dos Muckers, encontrava agora, nessa indisposição dos ânimos, e, ainda mais, na triste ocorrência que se havia dado com um membro de sua família, novos estímulos para, por todos os meios ao seu alcance, cortar cerce com as desordens e os excessos dos Muckers.

Assim é que, depois de combinar com o inspetor, acompanhado por este e por uma pequena escolta, dirigiu-se ele ao Ferrabrás.

Chegaram à porteira que dava entrada para a roça de João Jorge; entrando, avistaram logo a casa do curandeiro.

O silêncio que reinava no terreiro, dava que pensar: não se via viva alma.

– Que mistério haverá aqui? – disseram eles. – Terão suspeitado a nossa vinda?

O enigma aclarar-se-ia quando se achassem mais perto da casa. Com efeito, ouviram então vozes, que partiam do interior dela, parecendo que lá dentro se divertiam à larga.

– Se não me engano – observou o inspetor – parece-me distinguir a voz de Robinson.

– Lá em cima, no madeiramento, vejo alguém, acororado – disse uma das praças.

– Paciência! um pouco de paciência! e havemos de descobri-los a todos – atalhou o subdelegado.

Nisto, já se haviam aproximado da casa quando ouviram um estrépito de pés, um arrastar de cadeiras; e que lá dentro, com certeza, tinham presentido a chegada dos intrusos.

Fez-se de novo silêncio. Chegaram à casa: o subdelegado entrou.

Ali, encontrou ele umas vinte e duas pessoas, sentadas à mesa, comendo à tripa forra.

O primeiro impulso daquela gente, ao terem notícia da visita policial, havia sido o de debandarem, mas, na impossibilidade de o fazerem a tempo, tinham-se resolvido a ficar onde estavam.

– Onde está Maurer? – perguntou o subdelegado.

João Jorge apresentou-se.

– Maurer – continuou aquele – você sabe muito bem que as reuniões nesta casa foram proibidas. Eu vim verificar se essa proibição é ou não é respeitada; mas vejo aqui reunido este grupo de homens.

– Eu não chamei cá ninguém – retrucou João Jorge. – Procuraram-me, recebo-os; não hei de pô-los no olho da rua.

– Percebo – replicou o subdelegado, em tom áspero. – E é por isso que você lhes manda pôr mesa e os banqueteia, para que se não arrependam de ter vindo cá.

– Quer-me parecer – atalhou Maurer – que estamos no império do Brasil, onde se preza a hospitalidade. Eu cá não sou nenhum unhas-de-fome, e não recuso a ninguém um lugar à minha mesa; e, se também os senhores são servidos, é sentarem-se sem mais aquela, que aqui há lugar para todos.

– E a mim quer-me parecer que estamos em casa de um cidadão que sabe que o seu dever é respeitar as ordens e prescrições das autoridades – redargüiu o subdelegado – e eu vou já arrolar os que aqui se acham reunidos.

Neste meio tempo, alguns se haviam levantado da mesa, tentando escapar-se, à sorrelfa.

– Saíam todos por esta porta, mas um a um – ordenou o subdelegado, em tom firme, como quem queria ser prontamente obedecido. A essa intimação, os Muckers foram-se esgueirando, por entre as praças, porta afora. Tendo tomado nota do nome do último, volta-se o subdelegado para João Jorge e diz lhe: – Agora, quero revistar os aposentos.

Maurer enfiou; mas bem depressa se resolveu, e seguiu adiante.

Mal tinham dado poucos passos, quando encontraram o que procuravam: vinte armas de fogo, ainda novas, lá estavam amontoadas a um canto.

– Olá! Isso vai às mil maravilhas – pensou consigo o subdelegado. – Continuemos pois a procurar.

Mas, de repente, estacou, levando a mão ao ouvido.

– Que é isto? – perguntou ele.

Era o caso que lá fora se ouvia trovejar a voz do inspetor, a quem algum incidente desagradável fizera perder as estribeiras.

Em dois saltos, achou-se o subdelegado em frente da porta.

– Veja só – bradou-lhe o inspetor – aquele miserável lá em cima. Ainda há poucos dias, pediu-me que o livrasse do serviço militar, prometendo que não voltaria mais a esta casa e agora o vejo a carpintear lá em cima. Esta não lhe perdôo. João não me chame se não o mando amarrar e levar já para Porto Alegre.

O indivíduo de quem se tratava, era um rapaz, chamado Guilherme Maurer, parente de João Jorge. Poucos dias antes, com efeito, o chefe de polícia tinha querido pôr-lhe a farda às costas; o inspetor, porém, intercedera por ele, conseguindo livrá-lo do recrutamento. Agora, lá estava ele muito a seu gosto, na cumeeira da casa, a olhar, impassível, para a tormenta que se desencadeava a seus pés. A cólera do inspetor subiu de ponto com a calma do rapaz.

– Já para baixo, seu biltre! e isto quanto antes! – bradou ele; com voz de trovão.

O rapaz obedeceu à intimação, mas o seu semblante permanecia indiferente, como dantes, e tanto maior era a exasperação do inspetor. Maurer estava ali ao pé. A cena que se ia desenrolando aos seus olhos não o deixou tão impassível como ao rapaz. Ou fosse porque lastimasse deveras a sorte do seu parente, pois o recrutamento deste muito se assemelhava à captura de um criminoso; ou fosse porque, naquele momento, lhe acudissem à idéia os pais do rapaz, e a dor que lhes havia de causar a notícia dessa medida extrema contra o filho e o afastamento deste da casa paterna; ou fosse porque compreendesse que esse primeiro passo enérgico da autoridade policial contra um membro da seita só poderia causar má impressão aos outros, desanimando-os; ou fosse, finalmente, que todos estes pensamentos, de tropel, atuassem a um tempo no seu espírito – o que é fora de toda dúvida é que João Jorge ouviu, extremamente apreensivo, os feros e ameaças do nosso inspetor. Já se lhe viam os cantos da boca crispar-se em contrações espasmódicas, parecendo que o pranto não tardaria a prorromper com violência; e, como o inspetor continuasse a esbravejar, não teve mão em si: atirou-se de joelhos aos pés do subdelegado, pedindo-lhe, rogando-lhe, suplicando-lhe que intercedesse, junto do irado inspetor, a favor do seu parente.

– Maurer – disse-lhe o subdelegado, abrandado pela postura humilde de João Jorge – tenho pena de você, avenha-se lá com o inspetor: se ele lhe quiser perdoar, muito que bem, e eu porei uma pedra em cima deste incidente.

Incontinênti, Maurer, que se conservava ainda de joelhos, voltou-se para o inspetor, conjurou-o, pediu-lhe que perdoasse, pois prometia que não mais se havia de repetir o que tinha sucedido, e que o rapaz, dali em diante, não lhe daria motivos de queixa.

O nosso inspetor, compassivo e generoso afinal, deixou-se comover.

– Bem – disse ele – o rapaz que se vá embora por esta vez. Uma coisa, porém, exijo agora: é que se dê busca à casa toda; quero revistar tudo, altos e baixos.

Ele acentuara bem as palavras, pausando as sílabas e falando tão alto que todos os Muckers ouvissem. A busca recomeçou, porém não deu resultado algum. Tudo o que naquela ocasião se conseguiu, foi que os vinte e dois Muckers, ali presentes, assinassem termo de bem-viver, como já o haviam feito várias vezes, dispersando-se, depois, ao menos naquele dia.

.....

## *Capítulo XXII*

### NOVA VISITA\*

**E**RAM decorridos dois ou três dias depois da busca feita em casa de Maurer pelo subdelegado. Julgar-se-ia que no Ferrabrás não se pensasse mais em continuar a construção começada. Assim, porém, não sucedeu.

De feito, na mesma noite do dia da visita policial, os Muckers dispersos tinham voltado, às caladas, para reencetar o trabalho. O seu número, longe de diminuir, parecia, pelo contrário, ter aumentado. No dia de que estamos falando, eram eles cerca de quarenta, e todos mourejavam com tal afã que pareciam possessos.

Jacobina, essa seguia de perto o trabalho: de espaço a espaço, aparecia entre os trabalhadores, estimulando-os, apressando-os com a sua impaciência, lembrando-lhes, com palavras da Bíblia, os judeus a trabalharem nas obras do templo. Os trabalhadores azafamavam-se, dia e noite.

Como íamos dizendo, nesse dia achavam-se de novo os Muckers entregues a febril atividade, quando, lá embaixo, do mato sur-

---

\* Informações prestadas pelo próprio delegado.

giu um troço de homens armados, que cavalgavam, conforme lhes permitiam as condições do caminho, um a um, através da roça, dirigindo-se para a casa de Maurer.

Os que estavam a trabalhar no vigamento da casa foram os primeiros a perceber aproximação dos visitantes, dando logo rebate aos outros.

Desta feita, não era o subdelegado nem o inspetor quem vinha à frente da cavalgada: era, sim, o delegado em pessoa, que viera de S. Leopoldo. Era uma figura avantajada, garbosa, e laços bem estreitos de parentesco o vinculavam a Jacobina.

– Onde está Maurer? Que se apresente!

Este não tardou a aparecer, mostrando-se muito humilde.

– João Jorge – disse o delegado – só você me dá mais incômodos e trabalhos do que todo o resto da comarca.

– E que culpa tenho eu? Que mal fiz? – atalhou o interpelado.

– Os desordeiros não somos nós; são os que nos perseguem.

O remoque era pessoal. O delegado bem compreendeu aonde aquele ia dar na sua; o sangue começou a ferver-lhe nas veias. Era atrevimento demais, para que se não irritasse.

– Quê?! – bradou ele – ainda por cima, quer você fazer-nos responsáveis pelas suas loucuras? Então você não tem feito reuniões em sua casa, sem licença, e até contra a proibição expressa das autoridades? Quem há aí que não saiba que vocês têm comprado pólvora, chumbo e armas, amontoando-os aqui? Ainda há dias, o subdelegado tirou a prova disso. Não anda você a impingir por aí as suas moxinifadas, como se fora médico formado ou licenciado? Não sabe você que isto é proibido por lei? Aonde foi você buscar os conhecimentos de médico, ou quem lhe deu licença para exercer a medicina? Além de tudo, não consente você que em sua casa se preguem doutrinas novas, transtornando a cabeça aos colonos e espalhando discórdias e rixas no seio das famílias? Ora, diga lá se tudo isso não é verdade? Agora, pergunto-lhe eu: – Quer ou não quer você, de uma vez para sempre, acabar com estas tramóias? Decida; uma coisa, porém, lhe posso afiançar: é que, se você continuar com os seus embustes, sair-se-á mal.



Delegado Lúcio Schreiner.  
Chefe de Polícia – Capitão Dantas.  
Subdelegado Cr. Spindler

A esta arenga enérgica, ficou João Jorge tão atrapalhado, que perdeu de todo a cabeça; tentou ainda recorrer a evasivas, mas as palavras não lhe acudiam.

– Pois bem – gaguejou ele afinal – deixarei tudo.

– Deixará você de mezinhar?

– Sim.

– Não consentirá mais essas reuniões em sua casa, pelo menos enquanto não obtiver a licença das autoridades?

– Sim, senhor.

– E dá a sua palavra diante das testemunhas presentes?

– Dou a minha palavra.

O nosso delegado ficou sobremodo contente com estas declarações. No íntimo, antegozava ele a impressão agradável que a notícia do seu triunfo, naquele dia, ia produzir por toda a parte, tanto na cidade, como na colônia.

Infelizmente, porém, ele tinha só as promessas de João Jorge, o qual, havia muito, em sua casa, não era mais o senhor, mas simplesmente um servo.

– Ainda uma coisa tenho que acrescentar – continuou o delegado, algum tanto abrandado pela atitude submissa e humilde de Maurer: – Se você quiser exercer a medicina, trate de obter a licença necessária; é muito possível que lha dêem; em todo caso, porém, evite a prática de qualquer ato que o torne criminoso.

Maurer assim prometeu, e o nosso delegado retirou-se muito satisfeito.

Mal este havia voltado as costas, aparece Jacobina a informar-se dos pormenores da conferência. O sangue subiu-lhe à cabeça e a sua raiva explodiu, quando lhe disseram a maneira covarde por que Maurer se havia portado, traindo vil e infielmente a sua causa. A sua cólera abrangia também o inspetor: sabia ela muito bem que este lhe andava a espiar os passos, informando minuciosamente de tudo as autoridades. Era, pois, de reacar que a sua vingança fizesse pagar caro a este último o seu zelo pelo serviço público. No jornal *Der Bote*, que então se publicava, com caráter oficial, em S. Leopoldo, apareceu, por aqueles dias, uma comunicação encimada por esta epígrafe: “Fim das intrujices dos Muckers”.

LIVRO SEGUNDO  
ASSASSINOS E INCENDIÁRIOS

.....

## *Capítulo I*

### A PRIMEIRA CENA DE SANGUE\*

**A** 22 de novembro, poucos dias após a visita do delegado ao Ferrabrás, estavam o inspetor do quartirão e sua mulher sentados, em casa, a conversar e a picar abóboras para os animais.

Era uma esplêndida noite primaveril.

No limiar da porta da casa, o filho do inspetor, rapazote de seus quatorze anos, brincava, descuidoso, com o gato, que, ronronando e meneando a cauda, se lhe roçava pelas vestes. Apreensivo, o inspetor pensava no futuro. – Se isto continuar assim; se os Muckers levam a assinar “termo de bem-viver”, um após outro, para depois continuarem, a salvo, como dantes, nos seus excessos, não sei onde irá parar isto.

– Então, julgas tu – perguntou a mulher – que os Muckers continuarão a fazer suas reuniões? Pois o próprio João Jorge não prometeu, sob palavra de honra, ao delegado, que tais reuniões não se fariam mais?

– Ora! Quem é que vai atrás de promessas feitas unicamente com o intento de iludir as autoridades? O que é certo é que eles conti-

---

\* Fielmente de acordo com as informações prestadas pelo inspetor João Lehn.

nuam a amontoar, no Ferrabrás, comestíveis, armamento e munições, preparando-se para o que der e vier.

– Mas não me disseste tu mesmo – instou a mulher – que, apesar de todas as buscas, nada disso se encontrou lá em cima?

– Embora! As nossas pesquisas foram sempre muito rápidas e limitaram-se somente à casa de João Jorge. Mas o que é fora de toda dúvida é que grande quantidade desses objetos se deve encontrar no Ferrabrás. Quem há aí que não saiba que os Muckers não cessam de os carregar para lá? – Os sacos vão cheios e voltam vazios. Onde diabo fica, então, o que vai dentro dos sacos? Receio muito que, algum dia, apareça, sem se proceder a buscas, o que naquela casa se oculta.

– Sim, quando dispararem contra nós os seus revólveres e escopetas – concluiu a mulher, retirando-se, em seguida, para a cozinha.

O inspetor, cansado do trabalho, recostara-se ao comprido em cima de um banco, procurando assim uma posição mais cômoda.

Mal se havia ele reclinado, senão quando dois indivíduos a cavalo passaram em frente da casa. Viram o rapaz e aproximaram-se.

– Teu pai está em casa? – perguntaram eles.

– Está lá dentro a picar abóboras.

– Vai chamá-lo, desejamos falar-lhe.

O pequeno, sem dizer mais palavra, ergueu-se e entrou para chamar o pai; os dois ficaram esperando o momento em que o inspetor aparecesse.

Este, que lá dentro ouvira a conversa, percebendo que o procuravam, levantara-se, e chegou à soleira da porta; aí, cruzando as pernas e com o cotovelo apoiado ao portal, ficou parado, alguns instantes. A voz do que falara, era-lhe conhecida.

– Apeiem-se, patrícios – disse ele aos recém-chegados.

Causou-lhe estranheza que os dois não aceitassem logo o convite, e que, pelo contrário, se pusessem a remexer nos arreios, como se estivessem a arrumar alguma cousa.

O nosso inspetor entrou a desconfiar. Lembrou-se, então, de que, uma vez, em idênticas circunstâncias, alguém mais experimentado o havia aconselhado a não acudir à porta, no escuro, para atender a algum

chamado. Já ia dar as costas e retirar-se para o interior, quando detonou um tiro.

Mãe e filho soltaram um grito; o inspetor não sentiu logo que tinha sido atingido; mas a infame covardia dos dois bandidos excitou-lhe no ânimo uma cólera terrível.

– Canalhas! Miseráveis! – bradou ele. – Esperem que já lhes dou o troco. – Levou, rápido, uma das mãos ao facão que costumava carregar à cinta, numa bainha de couro. Não o encontrando, quis procurá-lo com a outra mão, e só então foi que reparou que não podia mexer com o braço. Este caía-lhe inerte, esquecido, ao longo do corpo.

Que fazer? Só a retirada o podia salvar.

– João! – gritou ele para o filho – traze daí a espingarda, depressa. Estou ferido. E, de um salto, retirou-se para o interior da casa.

A mulher, inquieta, mas conservando sempre a presença de espírito, fechou rapidamente a porta, trancando-a, ao mesmo tempo que o rapazito, com a arma aperrada, procurava, à janela, divisar na escuridão os malfeitores. Conseguiu enxergá-los – ainda se conservavam montados, bem perto da janela. Não havia errar; era só apontar, desfechar, e um dos assassinos cairia para sempre.

João encostou a arma ao ombro e ia dispará-la, quando uma mão, por detrás, o arrancou da janela – era a mão de sua mãe. Todas essas cenas se passaram enquanto o demo esfrega um olho. Os bandidos, entretanto ainda permaneciam em frente da casa.

Logo que se apanhou seguro, tratou o inspetor de verificar onde o projétil havia penetrado.

Mal afastou a roupa, jorrou o sangue em borbotões pelo soa-lho. Sentiu-se desfalecer, julgou chegada a sua hora final.

– Mulher – disse ele – guarda bem na memória o que vou dizer: Os meus assassinos são os filhos de Sehn. E tu, João, vai chamar os vizinhos, avisa ao tio Lenz, ao Pedro Serrano e aos outros que encontrares; depois monta a cavalo vai à casa do subdelegado, e em seguida a S. Leopoldo, a dar parte às autoridades. E isto sem demora.

Mãe e filho choravam; ao mesmo tempo, lá fora, ouvia-se o tropear de cavalgadas que se afastavam. Eram os bandidos que se iam

embora. Acabavam de ouvir, da boca do próprio inspetor, que este ia morrer, e deram por finda a sua empreitada.

Pensada de algum modo a ferida, o rapazito montou a cavalo e partiu à desfilada.

Era noite cerrada.

.....

## Capítulo II

APÓS O CRIME – OPINIÕES DIFERENTES – O DELEGADO\*

**D**

ESPONTARA o dia.

Sentada à cabeceira do malferido inspetor, velava sua mulher, acompanhando, com olhar inquieto, todos os movimentos do gesto do enfermo. Em casa não havia mais ninguém.

João, que tinha ido à cidade para desempenhar-se dos recados que seu pai lhe incumbira, ainda não havia regressado. Nisso, sentiu-se fora o estrupido de animais que se aproximavam; depois ouviram-se vozes, e alguns cavaleiros pararam à porta da casa .

A mulher ergueu-se, pôs o ouvido à escuta: não havia dúvida; eram vizinhos amigos. Abriu, então a porta; entraram Lenz, tio do inspetor, o Serrano e alguns mais, a quem o rapazito, de caminho havia alarmado com a notícia do atentado. Acercaram-se do leito onde estava o ferido; e em que estado lastimável foram encontrar aquele homem, outrora tão robusto!

Os sentimentos de piedade e de colegas empolgaram, ao mesmo tempo, os ânimos de todos.

– Então, diz você que foram os filhos de Sehn?

---

\* Reprodução fiel das informações prestadas pelo inspetor, pelo subdelegado e por outras testemunhas.

– Sim, foram eles – tornou o inspetor.

– Então, a cavalo! a caminho! vamos até lá embaixo – exclamou um dos circunstantes. – Quem está disposto a acompanhar-me?

– Todos nós.

– Todos, não; alguém deve ficar, para guardar a casa.

Os presentes dividiram-se em dois grupos. O Serrano e alguns companheiros puseram-se a caminho, para descobrir a pista dos malfeitores; os outros ficaram. Decorreu algum tempo. Entretanto, os visitantes continuavam a acudir, uns após outros, para se informar do estado do inspetor.

Chegou, por sua vez, o subdelegado. Mal soube do ocorrido, aquele homem de bem montara a cavalo, e, a galope, dirigira-se à casa da vítima. Condoído e solícito, abeirou-se do leito. O ferido estendeu-lhe a mão, lançando-lhe, ao mesmo tempo, um olhar que, mais do que poderiam dizer palavras, denunciava o melindroso estado a que se achava reduzido.

– Já sei – disse o subdelegado, deveras comovido – você está gravemente ferido.

O inspetor, apontando para o ombro, informou: – A bala penetrou-me aqui, e saiu pelas costas. Outra bala atingiu-me o osso do peito, mas parece que resvalou. Recebi, além disso, muitos graieiros. Os miseráveis traziam as armas bem carregadas.

– Você sabe quem eles foram?

– Não tenho a menor dúvida: foi Rodolfo, mais um irmão.

– Se foram os meus sobrinhos – acudiu Filipe Sehn, que viera em companhia do subdelegado – eu conheço um atalho no mato, um carreiro escuso, emaranhado pela vegetação, que só de poucos é conhecido, e que vai dar ao potreiro deles. Cá para mim, tenho que eles tomaram esse atalho.

– Vamos já tirar isso a limpo – disse o subdelegado – Quem quer acompanhar-me?

Imediatamente, muitos dos circunstantes se ofereceram para tomar parte na empresa. O subdelegado, porém, escolheu cinco dentre eles. Montaram a cavalo, e, com Filipe à frente, dirigiram-se para o atalho; antes disso, porém, o subdelegado tratou de enviar um expresso ao delegado, em S. Leopoldo.

Entremettes, a notícia do grave atentado havia-se espalhado, com a rapidez do raio, pela colônia e mais além. De todos os pontos, continuavam a chegar as visitas, e não tardou que ali se achassem reunidos cerca de duzentos cavaleiros.

Que muito era que a irritação e a cólera de que todos se achavam possuídos, os levassem a traçar planos de vingança?! – Já que a polícia não toma providências – diziam – é preciso que nós, por nossas próprias mãos, nos livremos dessa cáfila de bandidos. – Propuseram, então, que, unidos, marchassem sobre o covil dos Muckers, a fim de o arrasar, e com certeza se teriam demasiado em algum excesso, levando a cabo um assalto ousado e repentino, se o próprio inspetor não os houvesse demovido de um passo precipitado.

– Amigos – aconselhou este – não cometam imprudências; não se antecipem às autoridades; deixem que os acontecimentos sigam o seu curso natural. Já foi mandado um próprio ao delegado; aguardemos agora o que este fará.

O alvitre foi abraçado por alguns menos exaltados, evitando-se, assim, maior efusão de sangue.

O mensageiro não havia chegado ainda a S. Leopoldo, quando encontrou, em caminho, o delegado de polícia. Este houvera já noticiado o ocorrido, pelo próprio filho do inspetor. O crime atroz deixara nele uma impressão tanto mais funda, quanto maior tinha sido a convicção que poucos dias antes trouxera do Ferrabrás, de que bastara a sua presença para pôr termo aos desvarios dos Muckers. Profundamente indignado, estava ele resolvido, agora, a lançar mão de medidas extremas. Acompanhado de uma escolta regular, chegara ao Campo Bom. Aos Muckers que iam encontrando pela estrada, deitavam-lhes a mão; e até nas próprias casas, se algum era apanhado, conduziam-no preso. Chegaram, assim à venda de um certo Veltes, alcunhado – o Grosseiro – por causa de suas maneiras abrutalhadas e linguagem rude. Aí, fizeram alto.

O delegado deixou os presos entregues a uma força, e continuou a sua marcha com o resto da escolta.

Nesse meio tempo, também o subdelegado não se deixara ficar inativo. Acompanhado dos colonos que se haviam posto às suas ordens, tinha seguido a pista dos assassinos, certificando-se de que esta conduzia ao potreiro do velho João Sehn. Esta circunstância, em harmonia com a

declaração do inspetor, não lhe deixou a menor dúvida acerca dos criminosos. Para ele, estes deviam ser procurados na família de Sehn, e, por isso, ordenou fossem recolhidos presos todos os varões da mesma.

Quando o delegado chegou, já essa prisão tinha sido efetuada.

Ao nosso subdelegado não lhe passava pela idéia que o seu superior estava definitivamente resolvido a cortar cerce com o mal e a não dar mais quartel aos Muckers. Por isso, quando este lhe contou como, pelo caminho, viera se apoderando de quantos havia encontrado, aventou a dúvida sobre se tal procedimento não seria exorbitante das suas atribuições.

– Os cabecilhas – aventurou-se ele a dizer – são sem dúvida alguma o velho Sehn e seus filhos; ora, estes estão seguros; mas, quanto aos outros...

– Se os tem seguros – atalhou o delegado – tanto melhor. Quanto aos mais, não lhes dêem cuidado. Ainda quando ultrapassássemos as raias de nossa jurisdição, estou certo de que as autoridades superiores não nos molestarão por isso.

– Está bem – tornou o subdelegado – o que o senhor disser é o que se faz.

Seguiram, então, a estrada que, passando pela frente da casa do professor Weiss, guiava ao mato.

Senão quando, as feições do delegado tomaram uma expressão singularmente penetrante: o seu olhar fixou-se num ponto, como se o quisesse varar; depois, acercou-se do subdelegado e segredou-lhe: – Veja só, também aquele nosso amigo se encontra por aqui.

O subdelegado olhou. – É verdade, é ele. Eu só quisera saber o que veio fazer aqui.

O indivíduo que atraía desta forma a atenção dos dois funcionários policiais, era, nem mais nem menos, o personagem misterioso que, surgindo, naquele instante, do mato, cavalgava, com desembaraço, em direção aos dois.

Ainda poucos dias antes, havia ele procurado o chefe de polícia, em Porto Alegre, e, impingindo-se como adversário dos Muckers, conseguira que aquela autoridade lhe incumbisse vigiar de perto as ocorrências no Ferrabrás. Desta forma, confiava ele servir à causa de Jacobina,

sem correr o menor risco de se tornar suspeito ou de passar por cúmplice aos olhos das autoridades. E eis a razão por que ele se achava naquele sítio. Passou vagarosamente ao pé dos dois funcionários; quando, porém, os viu já distanciados, deu volta ao animal e, com o mesmo descaro com que lhes fora ao encontro, cavalgou após deles.

A notícia da chegada da polícia produziu, no Ferrabrás, grande alarme: tudo estava em movimento. O delegado deu logo voz de prisão a todos, e os homens que ali se achavam, foram intimados a acompanhá-lo.

– E onde está Jacobina? – perguntou ele.

– Está na sua alcova. Que lhe querem? – responderam.

– Também ela tem de seguir para São Leopoldo – voltou o delegado.

– Impossível: está de cama, às portas da morte – tornaram os Muckers.

– Quê?! – exclamou uma das praças – qual doente nem meio doente; ainda há pouco, a vi à janela, sã como um pero.

Com efeito, o soldado não se havia enganado: poucos minutos antes, achava-se Jacobina de pé; mas, vendo que o negócio se ia tornando sério, recolhera, à pressa, ao quarto, metendo-se na cama e mandando fechar a porta sobre si.

– Doente ou não doente – bradou o subdelegado – quero já aberta essa porta; queremos ver Jacobina.

Abriam a porta. O delegado e o subdelegado entraram, tomando este a dianteira, por escrúpulos de delicadeza, e seguindo o delegado, que – como sabemos – era aparentado com Jacobina.

Esta jazia na cama, hirta, imóvel, semelhando um cadáver. Por mais que a sacudissem, nada conseguiram. E agora, que fazer? Os dois entreolharam-se. Carro não havia, nem outro meio de transporte, para a cidade, se lhes deparava na ocasião. Era forçoso, pois, contentarem-se com os outros presos. Eram estes em número de trinta e dois. Outros cinco, rapazes ainda, foram mandados para Porto Alegre, onde lhes puseram a farda. Também Guilherme, o noivo de Maria, achava-se entre eles. Maurer, que havia quebrado “o termo de bem-viver”, esse foi condenado a trinta dias de prisão, e marchou para a cadeia.

.....

### *Capítulo III*

#### SÓ DINHEIRO E AUDÁCIA

**E**NTRE os Muckers, havia um indivíduo, de idade avançada, e que era tido na conta de medianeiro escanado e ardiloso. Era católico, mas era crença geral que ele se havia ligado à seita, não porque as toleimas desta se harmonizassem com as suas convicções, mas porque dessa aliança esperava auferir proveitos materiais.

Tanto que se efetuou a prisão dos coudéis dos Muckers, eis que surge em Porto Alegre o velho, levando a bolsa bem recheada – assim se dizia, valha a verdade – e era visto andar numa dobadoura, entrando de esguelha ora nesta casa ora naquela, e empregando todos os meios para conseguir a soltura dos presos. O homem tinha muita lábia, o que lhe valeu muito nessa conjuntura. Teria ele empregado também outro gênero de persuasão, para lograr o seu propósito? Como quer que fosse, o caso é que o homem saiu com o seu intento, porquanto, realizadas as suas visitas, não só estava lavrado o alvará de soltura dos trinta e dois presos que se achavam na cadeia de S. Leopoldo, como também os cinco recrutados eram mandados pôr em liberdade. De frente erguida, com ar desdenhoso e petulante, voltaram todos para suas casas. O delegado, ao ter notícia da soltura dos presos, saltou da cadeira de repelão.

– Não é possível – exclamou ele – não é possível! Depois dos excessos que praticaram, depois dos trabalhos e incômodos que nos têm dado, e, ainda mais, depois do sangue que derramaram... soltos! Não, aqui, por força, há de haver algum engano; não pode ser!

– Se não quer acreditar nas minhas palavras, acredite nos seus próprios olhos – tornou o informante – agora mesmo, ali vão eles passando, a cavalo.

O delegado olhou para fora, e ficou como se tivera sido fulminado. Com efeito, orgulhosos e triunfantes, cavalgavam eles em frente de sua janela.

Era demais! Os mais negros presentimentos entenebreciam-lhe o espírito. O mesmo sucedia ao subdelegado: parecia-lhes impossível que, sem mais nem mais, sem se proceder a um inquérito, sem se fazer a menor indagação, e só pela intervenção de um indivíduo ligado à seita, tivessem posto em liberdade aquela matula, contra a qual militavam as provas mais convincentes de um atentado praticado contra a própria autoridade.

Maior ainda foi o alvoroço e espanto que entre os colonos causou a volta dos Muckers. Esta gente simples, cuja única ambição, de telhas abaixo, outra não era senão poder amanhar em paz as suas terras, via, aterrada, neste fato, que, junto das autoridades, não havia contar para eles com proteção contra a tormenta, que, cada vez mais negra e iminente, se encastelava sobre suas cabeças.

Quanto aos Muckers, um incidente veio provar quanto a sua audácia e seu atrevimento cresceram de ponto, com a soltura de seus parciais. De fato, logo após o regresso dos presos, três indivíduos, descavalgando à porta do subdelegado, entraram-lhe em casa.

– Onde está o subdelegado?

– Aqui está ele. Que desejam?

– Vimos buscar as armas que você nos roubou.

O leitor deve estar lembrado das vinte e duas armas de fogo, novas, que o subdelegado, por ocasião da busca em casa de João Jorge, tinha encontrado e levado consigo.

O nosso subdelegado, à vista da atitude insolente dos três camaradas, sentiu o sangue subir-lhe à cabeça, mas conteve-se. – Lembrem-se – observou ele com calma – que vocês estão na presença de

um representante da autoridade pública, diante do qual devem portar-se com respeito. Que me querem?

– Queremos as armas que você nos roubou lá no Ferrabrás – tornaram os Muckers – e, se no-las não restituir, então...

– O quê! bradou o subdelegado, apumando-se. – O quê! e vocês têm ainda o descoco de me vir aqui com ameaças?

– Sim, senhor: não estamos mais dispostos a suportar os vexames que nos causam meia dúzia de indivíduos. Quem nos anda a molestar é você, o delegado e o inspetor. Em Porto Alegre, ninguém nos incomoda. Queremos as nossas armas, e, se não as obtivermos, prepare-se para uma bala.

– Que estão vocês aí a dizer? – gritou, furioso, o subdelegado. – Pois eu lhes digo que estão presos e que terão de responder por este atrevimento, perante o chefe de polícia.

Incontinênti, mandou prendê-los e remetê-los para Porto Alegre, onde, como de costume, lhes fizeram assinar um “termo”.

A ameaça, porém, não a esqueceu o subdelegado. O atentado contra o inspetor era o pano de amostra, e, por isso, entendeu ele que era mais prudente pôr as barbas de molho. Assim é que se retirou furtivamente da colônia, desaparecendo, por largo espaço, do cenário público. O delegado, em S. Leopoldo, seguiu-lhe o exemplo. Com razão indignado contra as autoridades superiores, que lhe tinham frustrado e anulado os esforços, e temendo, com motivo, a vingança da seita, apresentou a sua demissão. Não lha quiseram, porém, aceitar naquela ocasião, e teve que continuar no cargo.

.....

*Capítulo IV*

LIVRE DAS GARRAS

**E**

NTRE os trinta e dois presos que o delegado, na sua última visita ao Ferrabrás, trouxera para S. Leopoldo, achava-se também um rapazote, de seus dezesseis anos, de nome Jorge Haubert. Era o pobre rapaz órfão de pai e mãe, e, com outros irmãos menores, ficara à mercê da proteção de estranhos. O juiz nomeara-lhe um tutor provisório, que, a princípio, se havia encarregado dos menores, mas depois se retirou do lugar, abandonando-os à aventura. Dois Muckers, aproveitando-se desta circunstância, apoderaram-se das crianças; foram eles Robinson, o Ruivo, que se dizia primo delas, e Jacó Mentz, irmão de Jacobina e que era cunhado das crianças; este chamou a si as meninas, e aquele os rapazes.

Zeloso em fazer prosélitos, não hesitou o homem da barba ruiva em despertar no ânimo de seu pupilo o entusiasmo pela seita dos Muckers. Jorge teve de acompanhá-lo ao Ferrabrás e, a bem ou a mal, à força de promessas e ameaças, foi ele atrelado ao carro de Jacobina. O rapaz tinha outro irmão mais velho, que aprendia o ofício em casa do alfaiate Klos, em S. Leopoldo.

Um dia achava-se o aprendiz sentado junto à máquina de costura, embebido em profundo cismar. Voltando a si de repente, ergue os olhos para o mestre, dizendo-lhe: “Não sei o que se passa dentro de mim, quando me lembro de que meu irmão Jorge está entre os Muckers. Se houvesse um meio de o livrar daquela gente!”

Klos, que, debruçado sobre a mesa de trabalho, estava a gizar e a cortar, levantou a cabeça, quedando-se, durante algum tempo a olhar, pensativo e mudo, para o rapaz, em cujo gesto se pintava a tristeza, também ele se interessava vivamente em arrancar o menino às garras dos Muckers, tendo pensado já, muitas vezes, nos meios de o conseguir, mas embarrara sempre em dificuldades. E ainda naquele momento não via jeito de realizar o seu intento; mas, em atenção ao seu aprendiz, resolveu-se a tentá-lo mais uma vez. As suas diligências deram em resultado ser ele nomeado tutor do órfão. Klos previa os incômodos e trabalhos que semelhante encargo lhe havia de acarretar; mas, apesar disso, aceitou a nomeação, unicamente para livrar a Jorge daquele covil de bandidos – como ele dizia. Mas como apoderar-se do rapaz? Aqui é que batia o ponto.

Como era natural, o primeiro passo que deu foi mandar intimar a Robinson para que o entregasse. Não obstante a intimação ter sido feita nos termos mais comedidos, a resposta foi uma gargalhada desdenhosa. Parecia já não haver mais esperanças de livrar o rapaz por bons modos, quando a prisão dos trinta e dois Muckers veio a ponto.

Informado de que, entre os presos, se contava também o nosso Jorge, o alfaiate tomou logo uma deliberação: apresentou-se ao chefe de polícia, e pediu-lhe permissão para tomar conta do seu tutelado – aquiesceu a autoridade; mas, daí a ter o rapaz em seu poder, havia uma grande distância; até lá, tinha ele muito que suar.

Poderia ir à cadeia e exigir a entrega de Jorge; mas, muito provavelmente, os Muckers não lhe entregariam, e ele só teria atraído o rancor destes sobre si. Lembrou-se, então, de mandar o seu aprendiz. Vai à cadeia – disse ele – convida teu irmão para um passeio, e traze-o até cá.

Dito e feito: Jorge foi conduzido à casa do alfaiate. Este lhe declarou que era seu tutor e que, nesta qualidade, não consentiria em que voltasse para a companhia dos Muckers. Julgar-se-ia que o rapaz ficasse satisfeito e desse graças a Deus de se ver livre das garras daquela cambada; mas, quem assim pensasse, enganar-se-ia redondamente; pois,

longe de se mostrar contente, o gesto do rapaz exprimia desgosto e mau humor.

O ar frio e reservado do pupilo desagradou ao alfaiate: este, todavia, empregou todos os meios para lhe fazer compreender os motivos que tinha para estar contente, comprometendo-se, ao mesmo tempo, a lhe mandar ensinar qualquer ofício que fosse de seu agrado aprender; mas tudo debalde: nada produziu a menor impressão no ânimo do rapaz; a única resposta que dava, era: Eu quero voltar para a companhia de Robinson.

Isto era demais para o alfaiate.

– Não –olveu este, em termos decididos – para lá é que não voltas; mas, se não queres te aproveitar da minha boa vontade, ainda há um outro recurso. Em Porto Alegre há um estabelecimento, para onde são levados os rapazinhos que se negam a obedecer; ali podem aprender qualquer ofício para o qual tenham inclinação. Aprende-se ali o ofício de sapateiro, de alfaiate e que sei eu... E se algum súcio não se quer conformar e se recusa ao trabalho, não falta quem se encarregue de obrigá-lo a cumprir o seu dever. Pois bem: é para lá que te hei de mandar, se não quiseres ficar aqui. E fica sabendo, para teu governo – desde o momento em que para lá fores, não quero saber mais de ti: ficarás sendo, para mim, um estranho.

Esta linguagem resoluta do alfaiate surtiu efeito. Jorge ficou pensativo e mudo, por alguns instantes. Aguçado, porém, pela curiosidade de saber que estabelecimento era esse de que o mestre falara, animou-se a perguntar-lhe:

– Já ouviste falar alguma vez no Arsenal de Guerra? – tornou-lhe o alfaiate.

– Já, sim, senhor.

– Pois bem: é para lá que pretendo mandar-te.

Ao ouvir falar em Arsenal de Guerra, o rapazote mudou completamente.

– Meu tutor – disse ele – eu fico; eu quero ficar em sua companhia.

Daí em diante, Jorge só deu motivos de contentamento para o mestre, mostrando-se sempre pronto e assíduo ao trabalho, sempre dócil e obediente em tudo.

Robinson, entretanto, não se esquecera do rapaz, e, mal se pegou solto, foi direto à casa do alfaiate, reclamar a entrega do seu antigo protegido.

– Parente, não falemos nisso – respondeu-lhe o alfaiate – o rapaz aqui fica; “eu sou o tutor dele, e tenho a obrigação de vigiar nele; eu não o entrego.”

Robinson irritou-se, mas o alfaiate não cedeu. Jorge, por sua parte, declarou que queria ficar. A raiva de Robinson converteu-se em ira. Retirou-se, mas, no limiar da porta, voltou-se para trás, de semblante carregado; os olhos congestionados cintilavam de raiva, e, brandindo um punho cerrado, bradou: – “Espera, rapaz, que vivo ou morto, hei de reaver-te.”

Afastou-se, depois, a passos largos, mas, espumando de raiva, os olhos rubros, chamejantes, voltava, de vez em quando, a cabeça para a casa do alfaiate.

As pessoas de casa ficaram aterradas.

– “Vou ver para onde vai” – disse Klos, o qual, dentre todos, conservava mais a calma; chegou à porta: – “Vejam só como ele se vira” – continuou o mestre – “Que Deus nos proteja contra a sua fúria!”

.....

## *Capítulo V*

### A IMPUDÊNCIA ACOROÇOADA PELO BOM ÊXITO

**M**

AURER achava-se ainda na cadeia. Havia muito que Jacobina vinha alimentando certa malquerença e até certa aversão ao marido; estes sentimentos, porém, recrudesceram depois que João Jorge se houve covardemente, prometendo, sob palavra de honra, ao delegado de polícia, acabar com os conciliábulos no Ferrabrás; e, por fim, se convencera de que Maurer não estava à altura de auxiliá-la com vigor e atividade, nos vastos planos subversivos que, mais e mais, lhe povoavam o cérebro.

Rodolfo Sehn, que já uma vez dera provas do que era capaz de fazer por ela, esse, sim, afigurava-se-lhe muito mais de molde para representar o papel de herói do drama em que ela própria representaria o de heroína.

Se esta circunstância contribuiu para que se não ativasse a soltura de Maurer, ou se motivos de outra ordem atuaram no espírito das autoridades – é o que não saberíamos dizer – o que é certo, porém, é que ele não figurou no número daqueles a quem a astúcia do velho conseguira pôr em liberdade.

Mas, enquanto Maurer, encerrado entre as quatro paredes da cela, tinha tempo para afagar os seus sonhos de futura grandeza, aqui fora, entre os Muckers, um plano viera amadurecendo. Sabia-se o quanto

o imperador do Brasil era burguês e franco no trato com os seus súditos e quão acessível era até para os de condição mais obscura e humilde. Ocorreu, pois, aos Muckers, a idéia de mandar ao monarca uma deputação, que lhe expusesse a sua causa. Esperavam eles conseguir do soberano a outorga de uma ressalva que os expusesse ao abrigo de inquietações da parte das autoridades policiais. Uma vez obtido o alvará, tinham o caminho aberto: o resto viria por si mesmo.

O plano era extravagante, mas foi posto em execução.

À frente da deputação, achava-se o velho finório. Depois dos últimos sucessos que alcançara, havia ele granjeado uma confiança sem limites entre os Muckers. O apóstolo Judas, Guilherme e certo Jacó Maurer, parente do profeta, completavam a embaixada.

Enquanto estes, lá no Rio, se esforçavam por advogar os interesses da seita, aqui na sua toca, o misterioso estava cheio de apreensões pela própria pessoa. Lembra-se o leitor de que o delegado, na sua última visita ao Ferrabrás, o havia encontrado no caminho. Pois bem: pelos jornais, chamou ele a atenção das autoridades superiores para as relações íntimas que ligavam à seita esse homem detestado, conseguindo, desta forma, levar ao espírito público a convicção de que era ele a mola real e oculta de todo o movimento – e era isto justamente o que o personagem misterioso procurara, a todo o transe, evitar.

Espumando de raiva, pois, pegou ele da pena e minutou uma carta, não em seu próprio nome – já se sabe – e sim no de Carolina, irmã de Jacobina, que a copiou e assinou.\*

Sr. Lúcio Schreiner.

Sapiranga, 27 de dezembro de 1873.

“Em vista das últimas ocorrências em casa de meu cunhado J. J. Maurer e dos fatos que às mesmas se prendem, julgo oportuno fazer-lhe a seguinte declaração: não lhe cause constrangimento o parentesco que tem conosco; assim não terá motivos de se queixar de não estar

---

\* A carta é autêntica; a minuta foi encontrada entre os papéis do misterioso. Damo-la, na íntegra, tal qual foi publicada pelas folhas de então.

ocupando, há muito, uma posição elevada na sociedade, por causa de seus parentes, tão sem valia e tão desprezados atualmente. Há muito, estamos acostumados a não contar com a afeição de amigos e parentes. Não obstante, porém, esperávamos que certas pessoas que vivem entre gente civilizada e que blasonam pertencer à classe culta, – ainda quando exerçam funções públicas – procedessem, não como bugres, senão como homens, quando entram em casas de famílias e tratam com os outros homens. Os bugres, esses sim, é que levam a confusão e desordem onde entram, carregam o que lhes apraz e destroem o que não podem carregar consigo. A Vossa Senhoria que era o chefe da expedição, perguntei, em presença de muitas testemunhas, se devíamos consentir que o primeiro *quidam* que se apresentasse desse busca nos aposentos e revisasse os baús, remexendo tudo; e Vossa Senhoria, numa toada de zurro, respondeu com um sim muito estirado e um encolher de ombros, que até um régulo africano ter-se-ia indignado. Pelo cunhado (Klein), mandei saber de Vossa Senhoria o que era feito do cavalo de Maurer, que os seus soldados haviam maltratado, e você respondeu que Maurer o havia emprestado a um dos soldados. Entretanto, todos sabem que você mentiu. Também, segundo informações da *Deutsche Zeitung* asseverou você ter encontrado a 23 de novembro meu cunhado Klein em casa de Maurer. Outra mentira descarada; como também é mentirosa a informação que você deu acerca de sua primeira visita à casa de Maurer. Agora, devo dizer-lhe que de toda a nossa parentela, era o cunhado Klein o único que ainda lhe dispensava algum apreço, e aguardava, de semana em semana, que você viesse desmentir a vil infâmia publicada nos jornais. Não o tendo feito, também Klein saberá em que conta deve tê-lo, de agora em diante. Ao que parece, a presença deste homem em casa de Maurer deixou a você despeitado, por lhe transtornar os planos que não pôde levar a cabo. A sua indecisão não se pôde explicar de outra forma. Nós bem sabemos que nos cumpre respeitar as leis do país, e, até aqui, não fizemos, nem quisemos outra coisa; mas também exigimos que nos tratem a nós conformemente às leis, e não à mercê e ao arbítrio de indivíduos perversos. Julgou talvez que, você procedendo como procedeu, chegaria à brasa a sua sardi-

---

\* A maneira familiar por que no original *alle-Schupp*. – Os Muckers. Não é tratado o tal Klein que outro não é senão próprio personagem misterioso, vê-se que a autora da carta o considerava como afeiçoado à seita.

nha, alcançando o galardão tão almejado. Engana-se, porém. Muitos vão por lá e saem tosquiados. Quando você tiver conseguido expulsar-nos do país, então, sim, fará carreira desembaraçadamente.

Desejando-lhe o mais feliz êxito nos seus planos, como em tudo o mais, saúda-o

Carolina Mentz

A carta fazia, como se vê, várias recriminações ao delegado. Porém, o que, mais que tudo, ele bem compreendeu, foi a ameaça no remate da mesma: – Muitos vão por lá, e vêm tosquiados. Receando, pois, o pior, julgou ele prudente pôr a salvo a própria vida, desaparecendo do cenário.

Nesse meio tempo, os emissários dos Muckers haviam chegado ao Rio de Janeiro, e, admitidos à presença do monarca, deram o seu recado; quando porém, se atreveram a pedir-lhe que lhes outorgasse um alvará de seguro, que os pusesse ao abrigo das importunações policiais a eles e as suas tramóias com contrárias às leis, foi que compreenderam que se haviam enganado redondamente, indo bater àquela porta.

Despeitados e confusos por não terem logrado seu intento, regressaram. Aqui chegados, deram parte da sua comissão. A princípio, ficaram os Muckers desconcertados e desalentados, mas não tardou a reação. Reanimados, mais do que nunca, andavam de frente erguida. A petulância sucedeu ao desânimo; o que não haviam podido alcançar pela súplica, esperavam agora conseguir pelas bravatas e pelo terror.

Também os colonos, por seu turno, aguardavam ansiosos e sobressaltados o êxito da embaixada. Tomados dos mais aflitivos presentimentos, viam eles os sectários percorrer as picadas de cabeça erguida, altaneiros com gestos minazes, e vomitando aqui e acolá, feros e ameaças. “Deus de misericórdia” – exclamavam as mulheres – “então não haverá ninguém que nos livre destes monstros?” Os homens, esses lá iam à cidade, prover-se de armas e munições, e, se havia, porventura, em casa alguma escopeta enferrujada, esquecida atrás de alguma porta, buscavam-na, e, depois de limpá-la, provavam-na, colocando-a, em seguida ao pé da cama, a fim de tê-la bem à mão, a qualquer hora da noite.

Já não havia mais dúvidas de que a efusão de sangue era inevitável. Era tal o pânico que lavrava por toda a parte que, aos colonos acudiu-lhes a idéia extravagante de pedir ao governo que banisse da província os Muckers; e, para aplainarem o caminho à realização de tal projeto, declararam-se prontos a quotizar-se e reunir a importância necessária a fim de serem indenizados os banidos.

A petição foi, com efeito, redigida, e logo firmada por mais de duas mil assinaturas. Para a escassa população da colônia, naquela época essa cifra podia-se considerar enorme. Julgavam os colonos que era impossível que as autoridades superiores deixassem de atender aos seus reclamos.

Por aquela mesma ocasião, diversos jornais da então província publicaram artigos violentíssimos, profligando, nos termos mais acriminosos, as desordens que se davam em casa de Maurer. Nomeadamente a *Deutsche Zeitung* trouxe um artigo aterrador. Depois de acentuar bem que o movimento da seita de Maurer era perigoso, e de tal forma perigoso que urgia que o governo lançasse mão de todos os meios para abafá-lo, o articulista passava a demonstrar ponto por ponto: que a seita era imoral, pois pregava o comunismo, estendendo-o até ao matrimônio; que era perigosa para a sociedade, porque ali se ensinava que aquele que não pertencia à seita, devia ser contado entre os mortos, e que o Mucker que matasse os adversários, fosse qual fosse o número destes, não matava senão animais; que a seita constituía uma ameaça e um perigo para o próprio Estado, pois ali se conculcavam as leis do país, e se preparava o caminho à revolução; que, se o governo não livrasse a sociedade daqueles monstros, não seria para admirar se os colonos alemães recorressem ao linchamento, resultando daí mortes e assassinatos.

Com efeito, as coisas lá no Ferrabrás tinham chegado ao extremo: ali imperava a mais infrene devassidão, e a pena recusa-se a produzir aqui o que a população da colônia contava dos Muckers. Para estes não havia vínculo algum sagrado, e até as relações entre pais e filhos estavam entregues ao sabor e capricho das paixões.

Teriam compreendido, porventura, os corifeus da seita que não há meio mais eficaz de fazer dos seus prosélitos instrumentos dos dóceis, ainda na prática dos crimes mais hediondos, do que tirando todo freio ao mais sórdido e mais indômito dos vícios?

O que é certo é que Jacobina lograra de um modo cabal o seu intento: dia a dia, os seus adeptos iam perdendo, cada vez mais, todo sentimento de pudor, prestando-se, com uma submissão cega, incondicional, fanática, à execução de suas ordens.

Nesse entretences, havia Maurer acabado de cumprir a pena que lhe fora imposta. Contento, tomou ele o caminho de casa. Uma decepção, porém, lhe estava reservada: não lhe permitiram permanecer ali.

Como já tivemos ocasião de referir, tinha Jacobina escolhido, na pessoa de Rodolfo Sehn, outro companheiro, e não queria agora que o “Velhinho” ficasse sendo testemunha constante de sua infidelidade. Trataram, pois, convencer a Maurer de que era malvisto pela polícia, sendo certo que as perseguições desta cessariam se ele se ausentasse do Ferrabrás ao menos por algum tempo.

Maurer, que não tinha força nem ânimo para se opor a tal resolução, e até achou muito prudente a medida, foi mandado viajar.

Bem apercebido e trajado com certa elegância, deixou ele a casa e partiu, levando também – assim dizem – a incumbência de sondar os ânimos nos pontos mais afastados da colônia, e de prepará-los para o reino do novo Cristo.

.....

## *Capítulo VI*

### NOVAS CENAS DE SANGUE

O

DIA 30 de abril de 1874 expirara; o sol desaparecera, já havia algum tempo, e a lua fulgia em todo o seu esplendor, iluminando a cidade de S. Leopoldo, em cujas ruas se conservavam apagados os lampiões da iluminação pública.

Em casa do alfaiate Klos,<sup>\*</sup> ardiam dois candeeiros, derramando luz farta na oficina. Aí se achava Jorge, sentado a trabalhar.

Desde que começara a aprender o ofício, havia ele feito reais progressos, de modo que o mestre não hesitara em confiar-lhe a máquina de costura. Além disso, o seu comportamento, a sua aplicação e assiduidade ao trabalho lhe haviam granjeado logo a amizade de Klos, o qual, por seu turno, procurava também fazer-lhe todas as vontades.

Ora, o nosso Jorge, por vezes, havia manifestado o desejo de ver também suas irmãs livres das garras dos Muckers.

– Havemos de ver o que se poderá fazer neste sentido – disse-lhe, um dia, o mestre; e valendo-se do direito que lhe dava o cargo de tutor, conseguira ele que a autoridade competente mandasse uma escol-

---

\* Reprodução fiel das informações prestadas pelo próprio alfaiate.

ta de praças de polícia à casa de Jacobina buscar, à força as crianças. Mas, para garantir as meninas contra qualquer desacato da parte dos soldados, o irmão mais velho de Jorge acompanhou a escolta.

A empresa, porém, não foi tão fácil como se imaginara: algumas mulheres dos Muckers pegaram em vassouras e outros instrumentos que tais, e opuseram resistência, assanhando-se, mais que todas, a mãe da Jacobina, a velha Mentz, mulherão forte. A tarasca, que tinha apenas um dente, quando viu entrar-lhe em casa o irmão mais velho das órfãs, para arrancá-las ao seu poder, enviperou-se de tal forma que arremeteu com o rapaz, ferrando-lhe o dente no ombro tão fundamente, que, muito tempo depois, ainda se podia ver a cicatriz.\*

Quanto às meninas, essas não se demoraram muito tempo em casa do alfaiate. Os Muckers tinham-se encarregado de industriá-las como haviam elas de proceder, para se verem livres depressa: não comiam nem bebiam, e mostravam-se tão apáticas, tão surdas a qualquer conselho, que bem se via estarem resolvidas a voltar ou a morrer.

Ao mesmo tempo, também alguns Muckers se apresentaram ao chefe de polícia, pedindo a restituição das meninas. Não saberíamos dizer que gênero de argumentos e que motivos alegaram, mas o que é certo é que aquela autoridade julgou conveniente mandar chamar à sua presença o alfaiate, aconselhando-o a que, ao menos a título de experiência, cedesse à pretensão dos Muckers.

A princípio, Klos recusou-se; mas, como insistissem com ele e lhe afiançassem que as crianças nada teriam que ver com a seita, cedeu afinal, posto que estivesse intimamente convencido de que tal promessa nenhum valor tinha.

Entretanto, do espírito do alfaiate, não se apartara, um instante sequer, o aspecto feroz e as ameaças do ruivo Robinson. Tinha ele toda certeza de que este andava chocando algum plano tenebroso, espreitando apenas o momento oportuno para levá-lo a cabo. Tomara, pois, desde logo, todas as precauções: não deixava o rapaz sair à rua so-

---

\* A folha alemã – *Koseritz Deutsche Zeitung* (número 60, de 1874) – retrata o caráter e as expressões fisionômicas dessa mulher, concordando em tudo, perfeitamente, com a descrição que dela fez o alfaiate Klos.

zinho; e à noite, às 8 horas em ponto, mandava fechar as portas da oficina, para cortar, assim, qualquer comunicação com a rua.

Reatando, agora, o fio da nossa história – na noite de 30 de abril, faltava ainda um quarto para as 8 horas, quando o nosso alfaiate se lembrou que os seus fósforos estavam quase acabados. De um salto, transpôs a rua, para, na venda fronteira, comprar nova provisão. Ainda não tinha entrado na casa de negócio, quando voltou o rosto e viu dois vultos embuçados, que passavam por diante da porta de sua casa.

Vinham ambos envoltos em ponchos compridos e traziam na cabeça, coberta por chapelões desabados e puxados para a face, um lenço que lhes tapava o rosto, deixando descobertos apenas os olhos, o nariz e a boca. Segundo todas as aparências, os seus olhares procuravam, no interior da oficina, alguém que não podiam descobrir.

Klos quis dar volta imediatamente para enxergar mais de perto os dois indivíduos suspeitos, quando reparou que estes, a passos vigorosos, continuavam a descer a rua.

– Que tipos esquisitos, aqueles dois! – resmungou consigo o alfaiate – Era capaz de jurar que um deles é Robinson: a estatura e o porte combinam admiravelmente. – Depois, continuando a falar de si para si, disse: – Hão de ser, com certeza, balseiros que desceram o rio e visitam a cidade; são tão curiosos esses sujeitos, e deitam olhares tão estranhos para tudo, como se tivessem caído do mundo da lua!

Nesse solilóquio, ainda os foi seguindo com a vista durante alguns instantes, entrando em seguida na venda.

Efetou logo a sua compra, e, dando em pagamento uma cédula, esperava o troco. Com a demora, entabulou-se uma breve palestra entre ele e o vendeiro.

– Não me posso demorar – atalhou o alfaiate a conversa – preciso voltar já para casa. Agora mesmo, vi passar em frente de minha janela dois indivíduos que me parecem suspeitosos.

– Ora, uns minutos mais ou uns minutos menos, que monta? – tornou o vendeiro. – Durante o dia, passam aqui, pela rua, tantos sujeitos duvidosos, que não teríamos mais nada que fazer, se nos púséssemos a reparar neles. De mais a mais, estamos na Rua Grande, a maior e a mais freqüentada da cidade, e, sobretudo com este luar, que é que pode-

ria acontecer? Nesse meio tempo, um dos sócios havia voltado sobre os seus passos, e viera postar-se bem em frente da janela do alfaiate. Logo após, ouvia-se o estampido de um tiro. Que foi? – exclamou o vendeiro saltando detrás do balcão, ao mesmo tempo em que o alfaiate, de um pulo, se achou à soleira da porta.

Chegou ainda a tempo de ver como o rebuçado, ocultando o revólver nas dobras do poncho, descia a rua a passos apressados. Este já havia alcançado a primeira travessa, e, dobrando, rápido, a esquina, entrara a correr em direção ao largo da igreja.

O primeiro impulso do alfaiate foi ir ao encaço do assassino. Desembaraçou-se das chinelas, e, veloz como um raio, deitou a correr, por um atalho, para a praça, com o propósito de embargar o passo ao fugitivo.

Aos gritos de: – Pega! Pega o assassino! – já se havia ele aproximado do bandido, quando este, apontando-lhe a arma, desfechou o gatilho; felizmente, porém, a arma negou fogo.

Num abrir e fechar d'olhos, o nosso alfaiate, amedrontado, rodou sobre os engonços dos calcanhares, e correu em direitura à casa, preocupado, agora, tão-somente com a idéia do que lá teria acontecido. Ali chegado, abre a porta – o sangue gelou-se-lhe nas veias diante dele, Jorge Haubert, o pobre órfão, jazia unânime, sobre o soalho, numa poça de sangue. A bala assassina lhe havia atravessado o coração.

Entretanto, de todas as partes, os moradores da cidade haviam saído para a rua; de todos os lados, ouviam-se os brados de: Pega! Pega! – ao mesmo tempo em que alguns, mais animosos, se acercavam para deitar mão ao sicário.

Este já não corria; mas, com a pistola aperrada, e, encarando sempre os seus perseguidores, ia recuando devagar.

O primeiro que lhe fez frente foi um rapaz, aprendiz de ferreiro, e que, atraído pela grita, pulara da forja. Um tiro foi a saudação com que o malfeitor o recebeu. Outros moradores continuavam a acudir; mas a arma homicida, sempre apontada, os conservava todos em respeitosa distância.

O bandido já se havia aproximado da igreja e tinha agora diante de si o terreno vasto e ermo que separa do rio as últimas casas da

cidade. Aqui, onde ele supunha que só algum notívago retardatário lhe podia vir ao encontro, surgiu-lhe, pela frente, uma praça de polícia, com a espada desembainhada. Não recuou nem pestanejou; calmo, esperou que o soldado se abeirasse – então, detonou um tiro, e a espada caiu da mão do agressor, a carga lhe havia despedaçado a mão.

Ao assassino pareceu-lhe, então, que era chegado o momento de estugar o passo. Detrás de si, deixara as ruas apertadas, e adiante tinha o largo. Aos saltos, galgara ele a margem do rio, seguindo ao longo deste no sentido da correnteza. Ainda tinha que passar em frente de algumas casas que, afastadas do núcleo, se vêem, a espaços, à beira do rio. Apenas uma senda estreita as separa deste; às costas das casas ficam os banhados, terrenos planos, alagadiços, mas cobertos de estevas.

Ainda ao longe, continuavam a atroar aos ares as vozes em grita dos perseguidores, atraindo para fora os moradores daquelas casas solitárias. Viram estes, então, o embuçado, engatinhando a passos largos, seguido dos que lhe vinham no encalço, aos brados de: – Pega! Pega!

Não havia duvidar: era dele que se tratava. Um sapateiro, homem vigoroso, saíra, de salto, ao encontro do fugitivo, tentando segurá-lo. Este dobrou o canto da casa, continuando em direção ao banhado. O sapateiro seguiu-lhe na pista; e, tendo arrancado, rápido, da cerca, um pau, arremeteu contra o fugitivo. – Espera! – gritou-lhe – tu não me escapas! Nisto o assassino volta-se, faz pontaria, desfecha a arma, e o pobre do sapateiro cai, banhado no próprio sangue. O malvado embrenhou-se no matagal.

A poucos lanços dali, à margem do rio, havia uma canoa: aqui os dois embuçados tornaram a se encontrar, e, embarcando, ganharam a margem fronteira, onde, prontos à sua espera, estavam os cavalos que os dois haviam deixado escondidos; lesto, montaram eles, encaminhando-se para suas casas.

Indescritível foi o pânico que os desalmados deixaram após si na cidade. Quantas vítimas, em poucos instantes! Um morto, dois feridos e para o quarto, já agonizante, fora chamado, às pressas, o sacerdote, a fim de lhe administrar os últimos socorros da religião.

.....

## *Capítulo VII*

### ESPERANÇA DESILUDIDA – UMA PRISÃO

**A** CONFIANÇA que os colonos haviam depositado nas duas mil assinaturas que firmavam a sua petição ao governo ficara frustrada; agora, restava-lhes a esperança de que o último atentado sangrento havia de compelir as autoridades a tomarem as medidas mais decisivas e enérgicas para a captura dos criminosos.

Mas o único acontecimento que sobreveio, foi a substituição do chefe de polícia. Era o ex-chefe acusado de falta de energia; dizia-se que os ânimos estavam irritados contra ele, e até as mais graves suspeitas suscitaram-se a seu respeito. O novo chefe chamava-se Abílio.\*

Ao ter notícia do último atentado, pôs-se este a caminho, aparecendo em S. Leopoldo, à frente de quarenta praças, montadas, do Corpo Policial. A sua chegada produziu benéfica influência, acalmando os ânimos exaltados. – Abílio é homem de fibra – dizia-se – e não deixará os Muckers pôr pé em ramo verde.

Esperava-se que, antes de tudo, fosse preso e metido na cadeia, com o seu companheiro, aquele que era indigitado, pela população,

---

\* O Dr. Abílio Alves Martins da Costa.

como o assassino do jovem Haubert e a quem o alfaiate, que ficara ferido, havia denunciado como autor do atentado.

Tal, porém, não aconteceu. Ambos continuaram, como dan-tes, a vagar impunemente; e, quanto aos outros Muckers, ninguém se lembrou de os importunar. Estes, entretanto, não se conservavam ociosos; antes pelo contrário, mediam o tempo: agora, mais do que nunca, trataram de aperceber-se de armamento e munições e de fazer provisões de boca, preparando-se, assim, para o que sobreviesse.

Um dos mais ativos e incansáveis era Guilherme, e as autoridades tinham pleno conhecimento disso.

Era no dia 16 de maio, duas semanas, mais ou menos, após as cenas de sangue que acabamos de descrever no capítulo anterior; eis que chega a S. Leopoldo o nosso Guilherme, acompanhado de outro Mucker, de volta de Porto Alegre, onde fora comprar nova provisão de armamento, mandando acondicioná-lo em um caixão bem fechado. Para não despertar desconfianças, havia ele entregue a carga ao patrão de um lanchão, o qual não pertencia à seita e nem sequer era suspeito de ter ligações com os Muckers; pelo menos, assim parecia. O patrão, que de nada desconfiava, encarregara-se do caixão, comprometendo-se a levá-lo ao lugar indicado.

Contente de ver a sua esperteza bem sucedida até ali, chegara Guilherme a S. Leopoldo, e, com o seu companheiro, já se achava na barca que os devia transportar para a margem fronteira, onde os aguardavam dois cavalos arreados, para continuarem a sua jornada.

Ainda a embarcação não tinha largado, senão quando dela se acercaram algumas praças de polícia, com ar belicoso. Não podia haver a menor dúvida acerca da intenção dos agentes policiais, e aos nossos dois viajantes, por sua vez, sobejavam motivos para não estarem tranqüilos.

Repetidas vezes, tinham eles prometido não carregar armas, e até já tinham estado na cadeia, por faltarem à sua palavra; para eles, pois, era fora de dúvida que, se fossem pilhados em flagrante, não escapariam ao recrutamento forçado. Aos dois jovens, portanto, não lhes restava senão alternativa: ou entregavam-se, sem opor a menor resistência, ou lançavam mão das armas, para defender sua liberdade.

O companheiro de Guilherme optou pelo segundo alvitre, empunhando logo o revólver. Mas era tarde: os soldados já estavam ao pé deles, e um golpe de sabre fez-lhe cair da mão a arma.

Estavam assim deitadas as sortes de ambos. Incontinêti, viram-se agarrados por mãos possantes, desarmados e maniatados; depois, acompanhados pelas praças, de espadas nuas, marcharam para a cadeia.

A sua estada ali não devia durar muito; com efeito, ao cabo de poucos dias, foram eles remetidos para Porto Alegre, e daqui para o Rio de Janeiro, onde, como castigo de haverem quebrado o termo de bem-viver e resistido à autoridade, tiveram que sentar praça: Guilherme, na marinha, e o seu companheiro, num regimento de cavalaria.

A notícia da prisão espalhou-se rapidamente pela colônia, e, como era de esperar, causou grande alarme no Ferrabrás, acirrando ainda mais os sectários. A culpa dessa prisão foi atribuída, principalmente, à atitude do delegado Lúcio Schreiner, a quem imputavam igualmente a autoria do requerimento com a assinatura dos dois mil colonos. É o que se depreende de uma carta que, logo após a captura dos dois jovens, escreveu o personagem misterioso àquela autoridade, não em seu próprio nome – já se vê – mas como se fora obra da própria Jacobina.

Aqui extraímos apenas alguns tópicos mas importantes da referida carta:

Padre Eterno, 19 de maio de 1874.

Sr. Lúcio Schreiner  
S. Leopoldo.

Primo,

Os acontecimentos do ano passado trazem-me vosmecê à lembrança. Minha irmã Carolina já o declarou moralmente perdido, cortando, por escrito, todas as relações com vosmecê. Eu não farei o mesmo, enquanto houver a esperança de se encontrar algum resquício de bom num indivíduo, o que às vezes, nos custa bastante trabalho, é talvez mais do que vale o próprio sujeito. Contou-me alguém uma história do imperador Nero, o qual, com satisfação e deleite, assassinou a mulher, a mãe, a irmã e outros parentes; e como ele, afinal, veio a acabar, pode

youê lê-lo na história. Está escrito: – Quem com ferro fere, com ferro será ferido. – Nós estamos bem informados que parte você tomou na petição monstro e nas suspeitas divulgadas nos jornais. Em breve, definir-se-á a situação de cada um de nós. Continue a cevar os seus instintos na sua própria carne e no seu próprio sangue, isto é, nos seus próprios parentes. Tome tento, porém, que o Dia do Juízo não tarda. E não sabe você que cada dia que passa é tal, ao pé da letra? Feliz daquele que não teme as conseqüências que geralmente só se atribuem ao Dia do Juízo Final. Esse dia patenteará quem, no meio das ocorrências que nos dizem respeito, representou o papel de Nero, de Judas Iscariotes e do gaulês Breno. Cheia de cuidados, tenho mandado procurar meu marido. Confesse, afinal, com franqueza e lealdade, se você e seus companheiros não o prenderam como fizeram ao pobre Henrique)...\* e ao Cristiano Richter. As suas palavras me despertaram graves suspeitas, pois você disse que havia cortado a árvore pela raiz. Quis, com certeza, aludir a meu marido. Sobre você, portanto, recaem maiores suspeitas de que sobre nós todos...

Aguardo, breve, a sua resposta, na esperança de lha poder contestar antes da festa de Pentecostes (se o meu estado o permitir), porque talvez, então, um bom espírito o anime, afinal.

Sua prima

Jacobina Maurer

---

\* Talvez seja – “*Guilherme*”.

.....

## *Capítulo VIII*

### A VOLTA DO CURANDEIRO AO LAR – PERMUTA DAS MULHERES\*

**F**

AZIA já vários meses que João Jorge andava a viajar. Parece, porém, que, na sua excursão apostólica, não conseguiu ele nenhuma conversão; pelo menos, nada consta a respeito.

A estação invernososa vinha se aproximando, e as saudades do lar apertaram com o nosso homem.

Sentia, naturalmente, a necessidade do aconchego do lar, e, ao mesmo tempo, estimulava-o a curiosidade de saber o que por lá se havia passado durante a sua ausência.

Mas isso não se havia de realizar tão depressa como ele imaginava. Com efeito, contam que, chegando Maurer ao Ferrabrás, e quando estava para cruzar os umbrais da casa, alguém lhe saiu ao encontro, intimando-o, em nome de Jacobina, a montar de novo a cavalo e ir para casa de João Sehn, onde devia ficar até que o chamassem. Maurer curvou a frente e partiu.

---

\* Extraído dos jornais contemporâneos e de acordo com as informações colhidas pelo autor.

Decorrido algum tempo, mandaram-no chamar. Maurer encilhou o animal, e dirigiu-se para o Ferrabrás; mas, nem ainda desta feita, foi admitido logo em casa. Ao seu encontro veio um dos da camarilha, ordenando-lhe, de parte de Jacobina, que ficasse, durante três horas, à porta, preparando o ânimo para quanto a sorte lhe reservava.

João Jorge não teve outro remédio senão obedecer: fez das tripas coração, como lá dizem, e conservou-se à porta durante as três horas, matutando, lá consigo, que surpresa lhe estavam preparando.

Afinal, Jacobina admitiu-o a sua presença.

Declarou-lhe, sem ambages, que ele não estava à altura de sua vocação, não sendo capaz de levar a cabo uma empresa de tão alta monta como a sua. Por isso, resolvera escolher outro que o substituísse e para quem o espírito havia passado; que estouro era Rodolfo, e que, em compensação, a mulher de Rodolfo passava a pertencer-lhe dali em diante.

Maurer resignou-se à sua sorte. Rodolfo, esse, achava-se tão obcecado pela paixão, que, apesar de batizado catolicamente e de ter jurado, em face do altar, fidelidade eterna a sua esposa, aceitara uma nova união, que em outros tempos, ele seria o primeiro a condenar, como vergonhoso adultério.

Essa resolução foi comunicada também a Mina, mulher de Rodolfo. Esta conservava ainda a fé: a infeliz vira-se enredada pelo marido nas malhas da seita dos Muckers, mas sentia-se contrariada.

O leitor ainda estará lembrado de como ela apoiara os esforços que o padre empregara para convencer a Rodolfo de que devia retirar-se da seita. Quando, pois, ouviu a deliberação tomada a seu respeito, todo o seu íntimo se revoltou. Mas que havia de fazer?

Ocorreu-lhe a idéia de fugir, e tratou de executá-la. Uma ocasião, julgando-se fora das vistas de seus algozes, fugiu de casa. Os Muckers, porém, que andavam alerta, traziam-na bem vigiada; talvez tivessem suspeitas do que ela premeditava, e farejaram a sua fuga. Qual tímidada caça, ei-la a correr, quanto lhe davam as pernas; os seus perseguidores porém, mais velozes, não tardavam a alcançá-la, reconduzindo-a, à força, para casa.

Mais duas vezes ainda, fez ela a mesma tentativa; quando, porém, lhe puseram o revólver aos peitos, ameaçando matá-la, sem mais nem mais, se ela tentasse outra vez fugir, resignou-se a infeliz a uma situação que maldizia no seu íntimo.

O exemplo de Jacobina não devia ficar isolado; muito pelo contrário, havia de servir de norma e incentivo para os outros fazerem o mesmo.

Chegou o dia 24 de maio, dia em que a cristandade celebrava a vinda do Espírito Santo. Em grupos, viam-se os Muckers dirigir-se, em romaria, para o Ferrabrás; é que, nesse dia, se deviam tratar, ali, negócios de alta monta.

O nosso personagem misterioso, que também para lá se havia encaminhado, já se achava no interior da casa nova.

Esta já se achava concluída. Era um salão amplo, claro, ocupando todo o comprimento da área do edifício, deixando apenas, de um lado, um espaço dividido em quartos. Estes, bem como os compartimentos no forro da casa, eram destinados a dormitórios e a outros fins; o grande salão devia servir exclusivamente às funções religiosas.

Aqui se achavam, nessa ocasião, reunidos homens e mulheres, aguardando o que sobreviria. Após as cenas de sangue ocorridas em S. Leopoldo, todos os ânimos esperavam, ansiosos, os acontecimentos.

Afinal, apareceu Jacobina. Os assistentes entoaram um cântico, dando assim começo ao serviço religioso. Findo o cântico, a profetisa fez a sua prédica. Começou por declarar que se havia separado de João Jorge para se unir a Rodolfo. Justificou este ato, dizendo que não era razoável que quem estava menos penetrado do espírito, se achasse à frente de uma causa que tanto espírito reclamava; que o espírito de João Jorge fora julgado por demais fraco, e que a sua força havia passado para Rodolfo.

Em seguida, disse que o seu exemplo devia servir de aviso aos circunstantes de que, entre eles havia alguns que deviam renunciar à sua primeira união, e fazer o que lhes ditasse o espírito. Esse espírito, porém, que ordenava, era ela própria, pois a sua palavra era a palavra do espírito, que falava pela sua boca.

Com efeito, ali mesmo, nomeou alguns casados, intimando-os a não continuarem a viver com suas mulheres, mas a se ligarem a outras. Entre os nomeados, achava-se também certo Martinho Kassel, primo de Cristiano Kassel, que o leitor já conhece como um dos parciais mais ardorosos e íntimos de Jacobina.

Martinho Kassel era nascido de pais evangélicos; sua mulher e filhos, porém, eram católicos.

Até ali, tinha vivido esse casal na mais perfeita harmonia e paz; os dois esposos estimavam-se mutuamente, e a nenhum deles teria passado jamais pela idéia procurar uma outra ligação. A expressão que tomaram as feições de ambos, deu logo a conhecer que, de forma nenhuma, concordavam com a intimação de Jacobina.

Ao lado, na sala, havia uma mesa, e em cima desta, uma folha de papel, pena e tinta. Para ali conduzia o personagem misterioso ora este ora aquele, convidando a assinar o seu nome. Afirmava ele tratar-se de um abaixo-assinado dirigido às autoridades: outros, porém, diziam ser uma lista dos que espontaneamente concordavam em divorciar-se de suas mulheres.

Ao encerrar a sessão, Jacobina incitou os seus sequazes a ter coragem e perseverança, terminando por fazer ameaças tremendas, extraídas da Sagrada Escritura, contra os que renegassem das suas doutrinas, ou porventura, se desligassem da seita.

Alguns, que haviam percebido que Martinho Kassel não estava disposto a se conformar com as deliberações de Jacobina, acercaram-se dele, indagando o que pretendia fazer. — O que é direito — respondeu ele.

Cristiano, primo de Martinho, tentou persuadir a este, dizendo: — Não sejas teimoso; faze o que Jacobina ordena; do contrário, podes acarretar a tua ruína e a da tua família.

Martinho, porém, nada prometeu; montou a cavalo, o que fez também sua mulher, e voltaram para casa.

.....

## *Capítulo IX*

### PLANO DE NOVA ATROCIDADE\*

**A** OBSTINAÇÃO da parte de Martinho Kassel e sua mulher, não se sujeitando às determinações de Jacobina, provocara profundamente a cólera desta. Na atitude dos dois esposos enxergava ela não só um ato de rebeldia à sua autoridade de profetisa, senão também uma censura ao seu procedimento, e, aos olhos dos próceres da seita, semelhante atitude era um crime capital, que estava a reclamar cruel castigo.

Os esposos não mediram, talvez, todo o alcance do passo que haviam dado, mas tinham algum pressentimento mau. Ainda em caminho para casa, Martinho comunicou à mulher que seu primo lhe havia dado a entender que a sua resistência só poderia ser-lhes fatal, a ele e a sua família.

A mulher estremeceu: conhecia bem a Cristiano e sabia do que este era capaz, principalmente depois que havia assumido uma posição preeminente entre os Muckers. Entretanto, insistiu ela: – Nunca farei o que Jacobina quer; prefiro que me façam em pedaços. Nós estamos

---

\* Conforme os autos do processo e as informações prestadas pela família Strack.

legitimamente casados, e o que Deus uniu, nenhum poder deste mundo pode desunir. É o que me ensina a fé católica, e a esta fé quero conservar-me fiel até à morte. Tu podes fazer o que quiseses; eu, porém, é que não me ligo a outro homem; este ultraje, jamais o farei aos meus filhos, ao meu nome e à minha religião. Um dia, terei de dar contas a Deus de tudo quanto houver feito neste mundo, e como poderei eu me justificar diante dele se, como uma mulher despudorada, abandonar meu marido, para me entregar a outro homem? Faze lá tu o que puderes conciliar com a tua consciência, que eu, cá para mim, prefiro a morte a faltar ao meu dever. Meu Deus! Meu Deus! Para que nos fomos meter naquele valhacouto de assassinos?

A consternação da infeliz era indizível. Martinho procurou tranqüilizá-la, prometendo que nunca, nunca a abandonaria; que só a morte os poderia separar; e declarou-lhe peremptoriamente que nunca mais tomaria parte nas reuniões do Ferrabrás.

Nisso, chegaram a casa. A mulher, não satisfeita com as promessas do marido, e obedecendo aos impulsos do seu coração, dirigiu-se logo a uma capela vizinha, onde, lançando-se de joelhos aos pés do sacerdote, fez uma confissão sincera e contrita de suas faltas; e, reconciliando-se com Deus, procurou reaver a tranqüilidade e a paz que havia perdido.

Jacobina, de seu lado, não perdia de vista os esposos, encarregando espias de informá-la acerca dos passos e propósitos dos dois.

Foi Cristiano quem lhe prestou, neste sentido, os mais assinalados serviços, e as informações que este lhe trouxe, agastaram-na: o casal persistia firme no mesmo propósito, e, a 10 de julho, isto é, quinze dias, mais ou menos, após a última reunião, declarava Martinho Kassel, peremptoriamente, que se retirava da seita. Acabava ele, assim, de lavrar a sua sentença de morte.

Os Muckers, entretanto, entenderam ser conveniente escrever-lhe uma carta, ameaçando-o. Na carta, intimavam Martinho Kassel e sua mulher a que voltassem para a seita; pois, no caso contrário, não tardariam a ter a mesma sorte que tivera Jorge Haubert. Cristiano encarregou-se de fazer chegar a carta ao seu destino. Na vizinhança de Martinho Kassel, moravam dois Muckers: um deles chamava-se Schefel, e Conrath o outro. Cristiano foi ter com este último, entregando-lhe

a carta, para que a fosse levar ao destinatário. Enquanto Conrath foi desempenhar-se de incumbência, ficou ele à espera da resposta.

Martinho abriu a carta, e, depois de correr os olhos sobre o papel, disse: – Não farei o que exigem de mim. Retirarei-me definitivamente, e lá não voltarei.

Nesse momento, apareceu a mulher, que ratificou a declaração do marido.

Conrath retirou-se, a transmitir a resposta a Cristiano. Este não disse palavra; mas, de sobrececho feroz, escumando de raiva e erguendo, ameaçador, o punho cerrado, montou a cavalo e foi direito ao Ferrabrás.

A 13 de junho, à noite, achava-se Martinho Kassel e os demais membros da família em casa, sentados à roda da mesa. Eram sua mulher, uma filha, de dezoito anos de idade, um filho, de dezesseis anos, e três crianças. A ameaça que os Muckers lhe tinham feito não lhe saía da idéia. O atentado de que fora vítima o malgrado aprendiz de alfaiate, em S. Leopoldo, era o pano de amostra, e lhe havia dado a conhecer de quanto eram capazes fregueses do Ferrabrás. Ficou a olhar, apreensivo, para os filhos, cismando, lá consigo, o que seria deles, se algum atentado viesse privá-los de seus pais, reduzindo-os à orfandade.

Chegara, entretanto, a hora de dormir.

– Vamos, meus filhos, vamos rezar – disse a mãe.

Os pequenos ajoelharam e acompanharam a mãe, recitando a oração da noite: depois, cada um meteu-se na sua caminha, adormecendo logo. Não tardou muito que os outros, mais velhos, fizessem o mesmo. Nicolau, porém, o rapazito de dezesseis anos foi fazer a sua cama no cabanal contíguo à casa, e onde se recolhiam as espigas de milho. Quando todos já se achavam acomodados, deitou-se a mulher por sua vez, apagando a luz. Fez-se, então, completo silêncio no interior da casa. Não decorreu, porém, muito tempo, quando se sentiu algum rumor à porta da rua. Ouviram-se passadas, e, logo após, alguém bateu fortemente à porta.

– Quem está aí? – perguntou Martinho erguendo-se no leito.

– Sou eu, o Strack – responderam da banda de fora.

Strack era tio da mulher de Kassel.

– Que há? – tornou Martinho. sem, todavia, abrir a porta.

– A velha caiu doente – replicou o de fora.

– “A velha – refletiu consigo Martinho – a velha não é outra senão a mãe de minha mulher, a irmã de Strack.”

Já se dispunha a levantar-se, para abrir a porta, quando se pôs a refletir de novo. O metal da voz soava-lhe suspeito: parecia-lhe, antes, a voz de seu primo Cristiano Kassel. Ocorreu-lhe, então, à mente a ameaça do Muckers. – Não será, porventura, alguma cilada que te preparam, para te apanharem lá fora? – disse ele, de si consigo; e, quanto mais se demorava nessa idéia, mais plausível lhe parecia a coisa. Resolveu, pois, não abrir a porta, nem responder mais.

Durante o curto diálogo entre Martinho e o de fora, Nicolau, que se achava dormindo no cabanal, havia acordado, e pusera-se a escutar. A voz do que falava da banda de fora era tão clara, que parecia partir de sua vizinhança. Para ele, não havia a menor dúvida de que e o estranho que ali estava, outro não era senão Cristiano Kassel.

Por algum tempo ainda, continuaram as passadas diante da porta; depois cessou o rumor, e tudo recaiu em profundo silêncio. A noite havia passado: a família erguera-se para a faina diária. Pai e filho comunicaram-se mutuamente as impressões daquela noite. Para adquirirem completa certeza, trataram de seguir as pegadas dos visitantes noturnos: iam estas dar até à cancela da cerca. Aqui, o solo estava escarvado por patas de cavalos. Via-se, claramente, que os cavaleiros suspeitos haviam desmontado aqui, aproximando-se da casa a pé. Importava, agora, continuar a seguir os rastros: estes conduziam diretamente ao potreiro de Cristiano Kassel.

– Não me enganei – exclamou Martinho. – Foi, com certeza, algum anjo bom que me inspirou a não sair, senão tinham dado cabo de mim. – Que fazer agora?

Era-lhe vizinho um vendeiro, de nome Bohrer; para a casa deste, dirigiram-se os dois, a fim de lhe pedirem conselho.

– O que lhe posso aconselhar – disse o vendeiro a Martinho – é que você vá a S. Leopoldo e peça que lhe dêem algumas praças de polícia, que lhe guardem a casa. Se o nosso inspetor lhe der um officio neste sentido, com certeza não lhe hão de negar o pedido.

E, ali mesmo, mandou Bohrer um filho à procura do inspetor, pedindo-lhe chegasse até à casa de Martinho, para onde se encaminhou em companhia do mesmo Martinho e do filho deste. O filho de Bohrer não tardou a voltar, trazendo consigo o inspetor.

Este, tendo ouvido o que se passara, redigiu, ali mesmo, um officio, que Martinho entregaria às autoridades, em S. Leopoldo.

Como o negócio não admitia demora, Martinho montou logo a cavalo, com o propósito de seguir imediatamente para S. Leopoldo. Acompanhava-o um seu cunhado, que, nesse ínterim, havia chegado e cuja casa ficava em caminho para aquela cidade. Quando chegaram à casa deste último, já era tarde; pelo que o cunhado de Martinho insistiu com este a pernoitar ali, dizendo-lhe: – É melhor que pouses aqui comigo. Já é tarde; assim como hoje nada consegues em S. Leopoldo. Fica esta noite aqui: amanhã cedo vais à cidade tratar do teu negócio, e ao meio-dia, voltas para casa. Isso não te causa desarranjo, e descansas esta noite.

Martinho deixou-se persuadir, e ficou.

.....

## *Capítulo X*

### UMA FAÇANHA DE CANIBAIS

**C**AÍRA a noite de 14 para 15 de junho. No espaço, a lua espalhava uma luz baça.

Em casa de Martinho já estavam todos acomodados e entregues ao sono. Como o chefe da família estava ausente, Nicolau não fizera, esta noite, a sua cama no cabanal e sim em casa, em companhia dos outros membros da família. Havia em casa uma espingarda velha do uso de seu pai. O rapaz sabia que a arma estava carregada e colocou-a ao pé da cama para tê-la à mão em caso de necessidade. Por muito tempo, lá fora, reinou o mais profundo silêncio. Eis senão quando começam os cães da casa a ladrar, e, como a um sinal dado, correm todos ao mesmo lugar. Nicolau acorda; ergue-se de um salto; o coração batia-lhe apressado. – São eles – disse o rapaz consigo, e pôs-se com o ouvido a escuta: mas logo tornou a deitar-se, esperando na cama o que sobreviria. Portas e janelas estavam bem fechadas; no interior da casa não ardia luz; não havia, portanto, perigo próximo de que algum dos agressores pudesse penetrar na casa, nem tampouco esquadrinhar o interior através de alguma frincha. Dali a momentos, sentiu Nicolau que a canzoada recuava cada vez mais, ficando como que encurralada num canto, causan-

do-lhe estranheza que aqueles animais, sempre corajosos se deixassem agora apertar assim.

Ao pé da casa, havia um curral, onde, ao anoitecer, se encerravam os animais da casa. Ouviu ele, então, alguns dos assaltantes galgarem a cerca e soltarem a vaca que ali estava presa.

Compreendeu logo por que assim o faziam: queriam ver se, desse jeito, conseguiam atrair para fora da casa algum dos seus moradores.

Nicolau não tugi nem mugiu. Mas, em breve cessou, lá fora, todo o rumor; só a cainçalha continuava a ladrar como dantes.

Era para estranhar o silêncio, e lá consigo pensava o rapaz: – Terão os intrusos se retirado, vendo burlado o seu intento? Ou será algum ardil, para nos surpreenderem desprevenidos? – Uma e outra hipótese eram bem possíveis.

Nicolau não se mexeu, por mais que o aguçasse o desejo de verificar se os bandidos se tinham retirado ou não. Decorrera ainda obra de uma hora; nada interrompeu, nesse intervalo, a calada da noite: eis senão quando sentiu-se um rumor singular nas janelas. Era como se alguém, munido de facão, lidasse nas guarnições, puxando, verrumando, com o fim de forçar os batentes. Ao mesmo tempo, percebeu Nicolau que alguns se azafamavam junto à porta. Parecia que tratavam de atravancá-la; depois, ouviu ele um baque, produzido por algum objeto pesado que encostavam contra a mesma. Era – como depois verificou – uma trave que os assaltantes apoiaram contra a porta para que, abrindo-se esta, caísse a trave para o lado de dentro e impedisse que a porta se tornasse a fechar.

Um terror indizível apoderou-se do pobre rapaz. Que noite cruel e longa aquela, para o infeliz! Em casa, todos dormiam: só ele velava; e também só ele era capaz de tentar alguma coisa em defesa dos outros. Mas o coitado mal saíra da infância e, de mais a mais era de compleição tão fraca! Em redor, não havia um vizinho a quem pedir socorro.

Nisso, ouviu ele um ruído, que veio aumentar-lhe o terror.

A casa tinha uma varanda. Notou ele como os monstros carregavam para ali palha e outros combustíveis, com o intuito de porem fogo à casa.

– Querem nos queimar vivos! – disse ele, e, de um ímpeto, ergueu-se do leito, correndo a despertar os outros. Reuniram-se todos na sala-de-jantar. Já se ouvia o crepitar do fogo, que lavrava na madeira seca. Um terror pânico pintara-se no gesto daqueles infelizes. Mãe e filha caíram nos braços uma da outra, ao mesmo tempo que os pequenos, soltando gritos lastimosos, se lhes agarravam às saias, com ansiedade.

Neste meio tempo, Nicolau havia tomado da espingarda e precipitara-se para a porta, abrindo-a. O madeiro que estava encostado contra a mesma caiu para a banda de dentro, e, ao mesmo tempo, um vulto negro estava diante do rapaz, apontando-lhe o revólver. O tiro detonou e a bala assobiou-lhe aos ouvidos, indo cravar-se na parede.

Nicolau engatilha a arma, faz pontaria, desfecha: a arma nega fogo. Que fazer agora?

Salta a janela, mas diante de si vê outro vulto negro, que lhe aponta a boca da arma; o tiro detona, o projétil passa-lhe perto.

Naquele transe desesperado, o rapaz lança-se para o lado do curral, e, aos gritos de:

– Mãe, vem! segue-me! – acha-se ele fora do cercado. Ouve-se, então, o estampido de outro tiro; desta feita, a bala acerta. Nicolau volta-se; ainda tem um dos canos carregado; é preciso utilizar a carga; ele dispara a arma, e um dos bandidos cai, debatendo-se nas vascas da morte.

Ao rapaz só lhe restava um meio de salvar-se – era fugir. Assim o fez; uma saraivada de balas choveu atrás dele; felizmente, porém, nenhuma o atingiu. Conseguiu alcançar a roça; mas, para ir além, as forças não lhe davam; ali havia uma moita, e detrás desta sentou-se ele à espera do que sobreviria.

Nisso, sentiu um rumor, como de passos, a seguiu-lo de perto. Seria sua mãe? Seria algum dos assassinos? Era o cão, seu amigo fiel e companheiro dedicado de sempre. O animal, como se houvera adivinhado a situação angustiosa do infeliz, deitou-se no chão e, com o calor do próprio corpo, aquecia o rapaz, ferido e entanguido.

Nicolau nem sequer tivera tempo de atentar para o sangue que lhe corria, abundante, do peito e dos braços. O quadro a que de longe assistia, era tão horroroso, que nem um instante sequer podia despregar dele os olhos. Ouvia o estalejar da madeira, via subir as nuvens

enoveladas de fumo, e o fogo, cada vez mais violento, envolver, nas suas línguas rubras, toda a casa paterna, e ao mesmo tempo chegavam-lhe aos ouvidos os gritos lancinantes dos seus, que clamavam socorro; e ele, coitado, ali estava, sem lhes poder acudir. Senão quando, divisa um vulto escuro que assoma à porta da casa, tentando romper o assédio das chamas: era sua mãe, que, acompanhada dos outros filhos, fazia uma última tentativa para fugir; porém os monstros sanguinários, pondo-lhes aos peitos as armas, os repeliam para o interior da casa.

Ao clarão rubro das chamas, pôde Nicolau distinguir, entre as bestas feras, a seu primo Cristiano Kassel, que, com furor satânico, aticava o fogo.

Ainda uma vez, separam-se as ondas de chamas e as nuvens de fumo, deixando ver o vulto de uma mulher. Nicolau reconhece de novo sua mãe, que, num esforço supremo, tenta, pela última vez, a fuga. O coração do rapaz estremece. Conseguirá ela escapar ou cairá vítima dos seus verdugos? Nisso, ouve um tiro; vê a infeliz cambalear. Um dos monstros lança-se, então sobre ela de faca em punho. Um leve grito escapa dos lábios do mal-aventurado rapaz, que, não podendo mais resistir, fecha involuntariamente os olhos, horrorizado; e, ao descerrá-los de novo, vê dois dos sicários pegar do cadáver da vítima e lançá-lo às chamas.

No interior da casa, entretanto, continuavam os gritos desesperados. Nicolau ouve as tábuas do soalho estremecer aos saltos que as dores atrozes faziam dar aos seus infelizes irmãos. E os celerados ainda galhofavam, achando graça àquela cena horrorosa!

A pouco e pouco, porém, foi-se fazendo silêncio, e, por fim, cessou todo o rumor; a morte viera abafar as vozes das vítimas. Os canibais haviam levado a cabo a empreitada, e seguiram direto para o Ferrabrás.

Mal tinham eles desaparecido, sai Nicolau do seu esconderijo, e, arrastando-se a custo, vai refugiar-se num rancho desabitado. O seu companheiro fiel – o cão – não o larga; mas, como se participasse de suas dores, continuou a aquecê-lo e a acalentá-lo com suas festas.

.....

## *Capítulo XI*

### APÓS O ATENTADO HORROROSO

**M**

ARTINHO KASSEL, que ficara, aquela noite, como dissemos, em casa de seu cunhado, dormia a sono solto, quando por volta da meia-noite todos acordaram, sobressaltados.

– Quem é? Que há?

– Uma grande desgraça! – gritaram da banda de fora. – Os Muckers acabam de reduzir a cinzas a casa de Martinho.

Quem trazia a nova fatal era um colono amigo. Os tiros em frente da casa de Kassel e o clarão rubro das labaredas tinham despertado, a pouco e pouco, os vizinhos, que acudiram ao lugar do crime. Ali chegados, porém, só encontraram os escombros, ainda fumegantes, e apressaram-se a levar àquele pobre homem a notícia da sua calamidade indizível e irreparável.

Kassel, ao ouvir a nova, erguera-se da cama, de um salto.

– Às armas! – gritam todos, a uma. Cada qual pegou da que lhe ficava mais à mão; e, em breve, achava-se a cavalo regular número de indivíduos que, à rédea solta, se dirigiram para o teatro da sanguinosa tragédia.

Lá chegam.

Deus de Misericórdia! Que quadro medonho se lhes antolha! A casa, o curral, o cabanal, as outras dependências, tudo, em suma, não era senão um montão de cinzas, donde ainda se elevavam, lentas, as nuvens de fumo.

Martinho chama, pelo nome, os seus, um a um; torna a chamar. Em vão: nenhuma voz responde.

Só ao repontar do dia, quando os primeiros raios do sol iluminaram aquele teatro de desolação, foi que os laivos de sangue e os esqueletos calcinados lhe indicaram o lugar onde podia encontrar aqueles a quem tão ansiosamente procurava.

Foi também nesse instante que Nicolau apareceu. Era mais que tempo! Ferido gravemente pela bala assassina, o infeliz estava a reclamar os cuidados mais prontos e solícitos.

Foi com a voz entrecortada pelo pranto que o pobre rapaz reproduziu os episódios da horrível tragédia, completando, assim, o quadro que o sangue, os ossos, as cinzas, mudamente, ali estavam esboçando.

Nesse meio tempo, um dos circunstantes montara a cavalo, para ir dar parte do ocorrido às autoridades de S. Leopoldo.

O delegado de polícia, como já dissemos, desgostoso com o insignificante apoio que lhe dispensavam as autoridades superiores, havia solicitado a sua exoneração. Esta fora-lhe negada; como, porém, persistisse no firme propósito de não continuar no exercício do cargo, havia ele passado a vara ao seu substituto.

Era este o proprietário de uma cervejaria. Homem de gênio afável, jovial e franco, tinha ele o condão de atrair os fregueses, e a sua casa era o ponto de reunião do escol da sociedade leopoldense, que ali costumava ir saborear o chope matinal.

Foi à porta da cervejaria que desmontou o mensageiro encarregado de levar a notícia do negro drama noturno.

Escusamos dizer qual a impressão causada pela terrível nova nos ânimos de quantos ali estavam reunidos. Num abrir e fechar d'olhos, todos se dispersaram, para levar a notícia, em primeira mão, aos parentes, aos conhecidos, aos vizinhos.

Com a rapidez do raio, espalhou-se a nova, de boca em boca, pelas casas, pelas ruas, pelas quelhas, pelos becos, e, posto que, de si só,

fosse horrenda, ainda assim a imaginação exaltada do povo lhe acresceu particularidades que carregaram as tintas do quadro, tornando-o ainda mais pavoroso.

Na colônia, o pânico foi ainda maior do que na cidade: ali, como as casas, na sua maior parte, então afastadas umas das outras, cada qual não pensava senão na possibilidade de lhe cair em casa o raio da desgraça que fulminara a família de Kassel. De todos os pontos, acudiram colonos ao teatro do negro atentado, para averiguarem, por seus próprios olhos, as ocorrências.

Não há palavras que traduzam as impressões que aquela gente recebeu. Uns lamentavam-se, outros praguejavam; muitos outros, em altos brados, davam largas à sua indignação contra as autoridades, a cuja desídia e vacilações imputavam a culpa de tudo o que estava sucedendo.

Entretanto, o delegado havia comunicado, por telegrama, o acontecimento às autoridades em Porto Alegre.

Também na capital, e principalmente no palácio do presidente da província, repercutiu a notícia, provocando o maior assombro e terror. O presidente ordenou que se tomassem, imediatamente, as providências que o caso estava a reclamar. Ordens sucederam-se a ordens, e, nessa mesma tarde, cem praças, tiradas da tropa de linha e do corpo policial, seguiam, no trem de ferro, para S. Leopoldo.

Para a aterrada população da pequena cidade, foi conforto não pequeno a presença daquela força, que ali ia aquartelar. Todos estavam convencidos de que a mesma dirigir-se-ia, sem detença, para a cidade dos Muckers, a fim de arrasar o covil dos criminosos.

Mais uma decepção, porém, lhes estava reservada: a força deixou-se ficar em São Leopoldo.

.....

## *Capítulo XII*

### INCIDENTES\*



S MUCKERS estavam bem aparelhados. Espingardas, pistolas, revólveres, balas, pólvora, facões e até vasilhas cheias de petróleo – tudo, em suma, que lhes era mister para uma luta iminente, tudo tinham eles em abundância; e até já haviam traçado o plano do assalto que, em grupos e em dia aprazado, deviam fazer às picadas, uma por uma.

O sossego em que os haviam deixado desde o último drama de sangue, produzira neles a convicção de que as autoridades não ousavam dar um passo decisivo contra eles, e esta circunstância, talvez, concorreu não pouco para que se resolvessem a fazer uma venida em grande escala.

De feito, já estavam tomadas todas as providências para a realização desse plano, e já haviam sido escolhidos os caudilhos e designados os que os deviam acompanhar; só faltava marcar o dia em que se devia levar a cabo o sangrento drama de extermínio.

Por seu lado a soldadesca\*\* aquartelada em S. Leopoldo não se deixara ficar de todo inativa; antes, pelo contrário, preparava-se, com afincos, para graves acontecimentos. Durante o dia, ao toque das cornetas, faziam os soldados manobras e exercícios de fogo, e, à noite, patrulhavam a cidade. Em

---

\* Colhido das notícias dos jornais e das informações de testemunhas presenciais.

\*\* Parece-nos escusado observar, aqui, que os soldados de então não eram os soldados da República. O Brasil conta, hoje, com um exército capaz, composto de um corpo de oficiais inteligentes e instruídos e de tropas disciplinadas e bem equipadas.

frente da Câmara Municipal, nas vizinhanças da igreja matriz, viam-se postadas sentinelas, que andavam de um para o outro lado ou se conservavam encostadas às paredes; e, quando o sono as empolgava, estiravam-se ao chão, puxavam sobre o rosto o boné, para resguardar os olhos da claridade da lua, e adormeciam, pacífica e comodamente, com as armas ao alcance da mão.

A atitude, ou, por assim dizer, a tática da força pública, era de expectação, e consistia em esperar que algum dos cabeças dos criminosos viesse cair nas mãos da polícia; e realmente, afinal, era esta a medida mais prudente, visto como, assim, evitavam, o mais possível, encontros sangrentos.

O primeiro a cair nas unhas da polícia foi o terrível Einsfeld. A captura foi efetuada no dia 21 de junho, justamente na ocasião em que ele já estava com o pé na barca que o devia transportar de S. Leopoldo para a margem fronteira. Conduzido para a cadeia, desapareceu, dali em diante, do cenário dos Muckers.

Dois dias após, isto é, a 23, chegava a notícia de que o ruivo Robinson, que era cúmplice no assassinato de Haubert, o aprendiz do alfaiate, se achava homiziado em casa de Jacó Mentz, em Hamburgerberg. À polícia afigurou-se-lhe azada a ocasião para o prender. Com efeito, na manhã de 24 de junho, muito cedo, uma escolta, comandada por um oficial a cavalo, metia-se a caminho da casa indicada. O sol ainda não havia aparecido, e a atmosfera era fria e úmida, quando os soldados, envoltos nos seus capotes escuros, as calças arregaçadas, a arma ao ombro, tendo atravessado a pequena povoação de Neustadt, tomavam a várzea, ao fundo da qual se eleva Hamburgerberg, à altura de uns centenaes de pés.

A planura, como acontece quase sempre, na estação invernossa, estava coberta de charcos e lamaçais: pelo que os nossos soldados haviam deixado os coturnos no quartel, e palmilhavam, a pés nus, a estrada que a atravessava.

Depois de uma marcha de duas horas, mais ou menos, chegaram à casa de que se tratava.

Bateram. Ninguém respondeu. Tornaram a bater, mas debalde.

— Talvez não haja ninguém em casa — observou uma das praças.

— Há, sim! — retrucou outra praça — estou ouvindo choro de criança lá dentro.

Como ninguém quisesse abrir, os soldados tentam arrombar a porta a coronhadas, e já o haviam conseguido, em parte, quando um das praças mete a cabeça pela abertura, para ver quem estava dentro. Senão quando, detona um tiro, e o imprudente, banhado em sangue, cai de costas.



Casa de Jacó Mentz

Atônitos e indignados, os outros camaradas correm em seu auxílio. Aproveitando este instante de alarme e confusão entre os assaltantes, o assassino tratou de se pôr a salvo, fugindo por uma porta traseira.

Ainda atrapalhados pela inesperada ocorrência, apontam todos imediatamente as armas para o fugitivo. Os tiros sucedem-se, rápidos, as balas sibilam em todas as direções, mas o que era alvo das mesmas, consegue escapar incólume. O oficial mordia-se de despeito, vendo que a escolta não lograra capturar o criminoso. Fulo de cólera, deu de esporas à montada, seguindo no encalço do fugitivo, no firme propósito de apanhá-lo, vivo ou morto; tê-lo-ia conseguido, talvez, se o miserável não lhe houvesse apontado a boca da arma, obrigando-o a estacar.

Não havendo, para os soldados, outros loiros que ceifar aqui, passaram busca na casa; isso, porém, nada adiantou, pois não encontraram viva alma, e menos ainda o temido Robinson. Agora, nada mais lhes restava fazer, se não colocar o camarada ferido sobre umas andas e transportá-lo para S. Leopoldo. Aqui, aguardava-os uma curiosidade ansiosa. Todos queriam saber a quem eles traziam na padiola; mas, quando souberam que era

um ferido, e que este era nada menos que uma das praças, a princípio houve grande assombro, que depressa cedeu lugar às zombarias e aos doestos.

Mas, se esta expedição ficara frustrada, uma prisão importante, efetuada naquele mesmo dia (25 de junho), viria compensar os esforços dos soldados e reabilitá-los, de algum modo, aos olhos da população.

Era convicção geral, não só em S. Leopoldo como em toda a colônia, que a alma, o centro moral dos desatinos da malta do Ferrabrás, outro não era senão o personagem misterioso. Estavam todos convencidos de que este, não só tinha conhecimento de tudo quanto lá se passava, como até, à socapa, dava conselhos e gizava os planos que se punham em execução. Afirmava-se que era o misterioso quem atiçava o incêndio que, de um momento para outro, devia lavrar por toda a colônia; pelo que, no ânimo dos colonos, se fora acentuando uma profunda irritação contra ele, e todo o ódio que alimentavam contra a seita em geral acabara por se concentrar nele, como em um foco. Julgavam-nos capaz dos maiores desatinos, e ao espalhar-se a nova do bárbaro atentado em casa de Martinho Kassel, correu logo o boato de que também ele se achava entre os malfeitores. Que muito, pois, que o misterioso comesasse a sentir-se pouco à vontade, no arraial dos Muckers?! Antevendo que não podia ser duradouro o triunfo da causa de Jacobina: e que, no caso de um revés, todo o ódio da população aterrada havia de se desencadear sobre ele, julgou mais prudente, à vista dos acontecimentos, pôr a salvo a pele e o seu nome, antes que se desdobrassem os sucessos que estavam iminentes e que passamos a narrar.

Para encurtar razões, a verdade é que, naquele dia, o misterioso deixou o Ferrabrás pondo-se a caminho de S. Leopoldo. Mal tinha transposto o rio, e quando já se achava perto da igreja católica, um policial embargou-lhe o passo, dando-lhe voz de prisão. Ao que parece, não contava o nosso homem com tal incidente. Protestou, justificou-se, defendeu-se como melhor pôde; mas perdeu o seu latim e o seu tempo; pois, por bem ou por mal, teve de obedecer à intimação do soldado, que o conduziu à cadeia. O carcereiro o recebeu, indicando-lhe uma cela. E, assim, também este homem\* acabava de representar o seu papel no drama dos Muckers.

---

\* O personagem misterioso ainda vive. Chama-se José Klein, tem hoje uns 85 anos de idade, e reside, atualmente, em Campo Bom. (*Nota do trad.*)

.....

## *Capítulo XIII*

### A NOITE DA CARNIFICINA

**E**RA o dia 25 de junho. – Precisamente nesse dia, cinquenta anos antes, isto é, em 1824, haviam aportado ao Rio Grande os primeiros colonos alemães, e, na colônia, projetara-se comemorar, festivamente, essa data. Mas o destino decidira de outra sorte: o dueto e o pânico que reinavam no seio da população, não davam lugar a expansões de júbilo.

A sorte que ferira a família de Kassel, fizera com que vários colonos, com as mulheres e os filhos, abandonassem suas casas e propriedades, para se refugiarem em algum lugar seguro; e os que se haviam deixado ficar, sentiam-se tomados de um medo atroz, contínuo: – se o mesmo lhes sucedesse?

Os Muckers, esses, andavam, naquele dia, numa roda-viva, como nunca se vira. Amontoavam armas, preparavam matérias inflamáveis, davam ordens, formavam grupos, tomavam providências, o que tudo denunciava que algo de extraordinário estava para acontecer.

Caíra, entretanto, a noite, e a lua fugia no espaço. Da casa de João Jorge, começaram, então, a sair grupos de indivíduos armados, tomando rumos diferentes. Eram os emissários de Jacobina. A humanida-

de ia agora conhecer que espécie de evangelho se prega, e como é pregado, quando é a luxúria quem envia os seus apóstolos.

Com a propriedade de Maurer, confinavam os laranjais e a casa de moradia de um colono, de nome Agostinho. Também este, de medo dos Muckers, se ausentara das suas terras, indo acolher-se a outra parte.

Pois bem: àquela hora, debaixo dos laranjais, eram vistos três vultos humanos, escassamente iluminados pelos raios da lua, coando-se através da folhagem. Eram duas mulheres, encostadas aos troncos das árvores, e um alfaiate estropiado.\* Os três estavam armados: o alfaiate tinha uma espingarda, e as mulheres pistolas de cano curto, carregadas com balas. O chochinha do alfaiate sentia-se muito pouco à vontade. Nunca, em dias de sua vida, havia ele aprendido a manejar outra arma que não a agulha. A pesada espingarda fazia-lhe correr um calafrio pela medula espinhal. Tanto mais belicosas, porém, se mostravam as viragos; e, havendo percebido que o mestre alfaiate estava transido de medo, puseram-se a galhofar dele.

– Mestre! – apostrofou-o uma delas – para que tens tu aí essa arma?

– Penso –olveu o interpelado – que é para atirar a algum macuco ou a alguma jacutinga que se lembrar de passar por aqui.

– E, se acontecesse vir alguma, acertarias o tiro?

– Em toda a minha vida, nunca disparei uma arma; e, se tiver de fazê-lo, creio que morrerei de susto.

– Bem se vê que és um alfaiate poltrão – continuou a outra. – Eu cá sentiria imenso prazer, se pudesse atirar à vontade. Quem dera que aparecessem, agora e de uma só vez, cinco dos ímpios: com esta arma de cinco tiros, eu os faria morder o pó da terra.

– Que está dizendo? – exclamou o homem da tesoura. – Com certeza, os ímpios não se deixarão ver por aqui. – E a arma por um triz não lhe cai das mãos.

As duas megeras puseram-se a rir às bandeiras despregadas.

– Vejam só! – bradou uma delas. Não é que o lorpa do alfaiate cuidava mesmo que estávamos aqui para matar jacus? Olha, – vociferou

---

\* Conforme e depoimento do alfaiate, nos autos do processo.

ela, voltando-se, ameaçadora, para o alfaiate: – Guarda bem na memória o que te vou dizer: se os ímpios vierem, e tu te mostrares medroso, serás o primeiro a quem farei saltar os miolos.

O homem do giz e do guarente tremia de todos os membros, e sentia-se vacilar nas pernas.

– Olhem! – gritou, de repente, uma das fúrias – Já se vê o clarão. O rega-bofe vai começar.

Com efeito, ao longe, via-se o reflexo róseo de um braseiro, as chamas irrompiam e densas colunas de fumo remoinhavam no espaço.

Era entre as sete e as oito horas.

Enquanto esta cena cômica se passava no Ferrabrás, um homem, ainda moço e de estatura meã lá na estrada que de Hamburgerberg vai dar ao Sapiranga, seguia, a cavalo, tangendo por diante dois novilhos gordos. Ao lado, em uma bainha de couro, trazia ele o facão, e, no cinto, dois revólveres carregados.

Era Pedro, o Serrano,<sup>\*</sup> a quem o leitor já conhece.

Cavalgando, trazia no pensamento a mulher e os filhos: o receio de que os Muckers lhes fizessem algum mal confrangia-lhe o coração, ao mesmo tempo que o preocupava a paralisação dos negócios, causada pelas desordens dos sectários. Eis senão quando ouve ele umas descargas, quase ao mesmo tempo, à sua frente e à retaguarda.

Planta sinótica da ex-colônia de São Leopoldo e das colônias circunvizinhas aquele homem destemido imaginou, de um relance, o que seria. – São os Muckers – disse ele entre si, e esteve uns instantes a refletir sobre a quem devia, em primeiro lugar, prestar socorro. E não se havia enganado!

Atrás dele, a alguma distância, ficava a casa de um colono, por cuja frente havia passado, poucos minutos antes. Pertencia a mesma a certo Dreiherr, cunhado do subdelegado. Era capitão da Guarda Nacional; mas só se distinguia dos outros colonos por certa firmeza nas palavras e nas ações, e por uma calma e sangue-frio peculiares, nos lances ainda os mais arriscados.

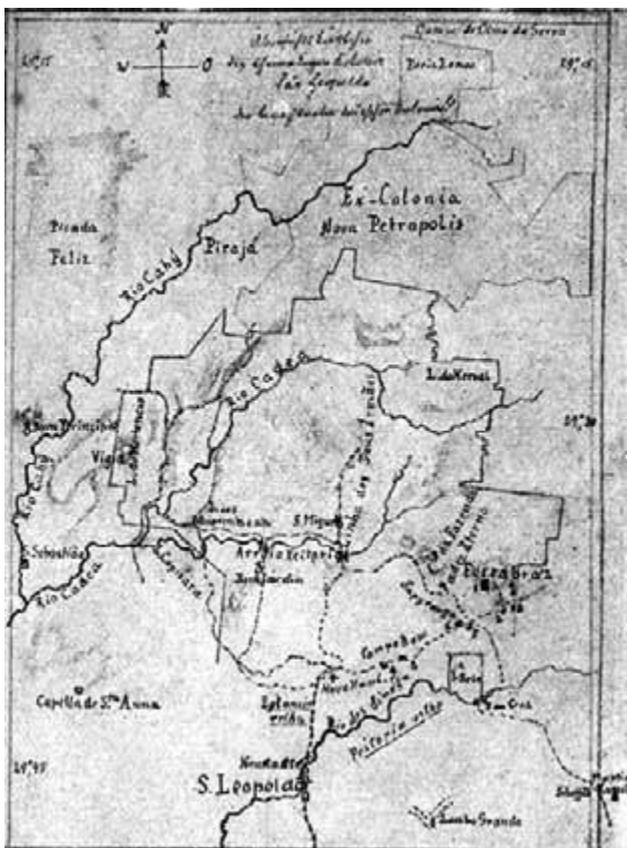
Em frente da casa, à distância de uns passos, havia uma cerca de tábuas; e, perto desta, erguia-se um renque de esbeltos coqueiros, distanciados, um do outro, a intervalos iguais; para lá da cerca, estendia-se a estrada

---

\* Informações prestadas por ele mesmo.

que separava a casa do nosso capitão do cemitério protestante, que lhe ficava fronteiro; um talude, pouco íngreme, ia ter da estrada ao mesmo cemitério.

Planta sinóptica da ex-colônia de São Leopoldo e das colônias circunvizinhas – Abreviaturas: L. = Linha. P. = Passo. Significação dos números: 1. – Cidadela dos Muckers. 2. – Moradia do Professor Weiss. 3. – Venda de Nadler. 4. – Casa de João Lehn. 5. – Venda de Jacob Schmidt. 6. – Venda de Pedro Serrano. 7. – Casa de Carlos Brenner. 8. – Venda de Hofmeister. 9. – Casa do cap. Dreihier.



Àquela hora, Dreihier, de braços cruzados e apoiados à cerca de tábuas, estava a olhar pensativo, ora para uma banda, ora para a outra da estrada, ora para o cemitério fronteiro, distante dali apenas alguns passos, quando, de repente, reparou, à claridade da lua, como dois vultos, mal trajados, com os chapéus coçados, vindo da direita, se abeiravam de sua casa, como se trouxessem o propósito de seguir para Novo Hamburgo.

Os ares misteriosos dos dois despertaram suspeitas ao nosso capitão; este, que não despregou mais os olhos de cima deles, reparou em dois objetos compridos, que lhes apareciam sob as abas do poncho. Não havia dúvida de que eram canos de espingardas. – São Muckers, – disse ele, sobressaltado, lá consigo, aprumando-se ao mesmo tempo – E é a ti que eles procuram. – Maquinalmente, levou a mão à cintura; mas não tinha coisa alguma com que se defender. A espingarda, o revólver, o facão, deixara-os em casa. Volveu os olhos para a porta da casa; estava aberta; em dois saltos, estaria dentro de casa; mas não havia mais tempo. As duas figuras sinistras já tinham as armas apontadas para ele, tomando-lhe, assim, a frente. Parecia irremediavelmente perdido. Só lhe restava um ténue raio de esperança: – se conseguisse abrigar-se detrás do tronco do coqueiro mais próximo? Foi o que ele tentou. Direito como um fuso, com os braços colados ao longo do corpo, as pernas bem conchegadas, uma a outra, foi-se ele esgueirando, aos poucos, para ao pé da árvore, acompanhando sempre, com a cabeça erguida, as diferentes posições que o inimigo tomava. Quem atentasse, naquele momento, para o capitão, imaginaria que estava ele, por passatempo, a arremedar a postura de algum recruta que, perfilado em forma, procura regular-se pelo camarada do lado. O caso, porém, era que o pobre se achava numa situação realmente desesperada. Com efeito, os dois malfeitores já se haviam aproximado tanto que não lhes era possível errarem o tiro. A única salvação daquele homem indefeso consistia em conservar-se de forma que o tronco do coqueiro ficasse sempre exatamente colocado entre ele e os seus agressores; no momento em que abandonasse essa posição, estaria irremissivelmente perdido. Para ele, era isto mais que evidente. Mas esse expediente oferecia poucas garantias, pois os assassinos, separando-se um do outro, poderiam acometê-lo dos dois lados; e, então, que seria dele?

A tal pensamento, aquele homem, sempre destemido, sentiu um estremecimento em todo o corpo. Nenhum dos bandidos – ainda bem! – se lembrou de socorrer-se a esse ardil.

Mudos, sutis como o gato, que, passo e manso, se acerca da presa, os dois ora se afastavam ora se aproximavam, aguardando o momento em que o cercado abandonasse o seu posto.

Dreihier deixou-se ficar.

Desesperados com a teimosia do agredido, um deles rugiu: – Espera, que já te vou ensinar a correr! – E desfechou a arma. O coqueiro e as tábuas da cerca gemeram, e as estilhas voaram em todas as direções.

Dreiher estremeceu. – Ladrões! assassinos! armas! – bradava ele, com voz estentórea, que ecoou pela veiga. – Mas ninguém aparecia.

O único filho que tinha, capaz de manejar uma arma, não estava em casa; e, assim, via-se ele, inerte, à mercê dos sicários. Que estorvo encontrariam estes para lhe pôr a boca da arma ao peito e dar-lhe cabo do vulto? – entretanto, não o fizeram. Receariam, porventura, que Dreiher estivesse armado? Não: é que contavam sempre poder arrancá-lo da sua posição.

Já os dois se haviam aproximado tanto que só a largura da estrada os separava da sua preia. Alguns passos mais, e .....: eis que detonam vários tiros a um tempo. A cerca estremece do choque; o nosso capitão, porém, queda-se imóvel no seu posto.

Simulando abrir mão do seu plano os dois assassinos sobem, a passos vagarosos o talude, tendo sempre de olho o coqueiro maldito. O que não haviam podido alcançar pelo terror, esperavam eles conseguir pelo descuido do assaltado.

Dreiher, porém, não se deixou iludir: não perdendo de vista o inimigo, continua ele a descrever, com exatidão matemática, o seu semicírculo, em roda do tronco. Seguiu-se outro tiro. Nesse momento, repara o capitão que a reta traçada do ponto onde se achava, até aos seus perseguidores, prolongada, ia encontrar o canto de sua casa. Um pensamento, rápido como um relâmpago, fulgurou-lhe no espírito: – Se, protegido pelo coqueiro, eu pudesse alcançar o canto da casa, e dali a porta dos fundos? – pensou ele lá consigo. Pensar e executar foi uma só coisa. Antes que o inimigo compreendesse o que se passava, tinha ele, em dois saltos, desaparecido no canto da casa, e achou-se no interior desta.

Incontinênti, lançou mão de uma espingarda de dois canos, e, protegido pela porta da casa, estava prestes a tomar a ofensiva.

O inimigo, porém, já se não deixava ver. Espreitando, bota o capitão a cabeça fora da porta; eis que detona um tiro. Dreiher recua: está ferido; o sangue escorre-lhe pela testa abaixo. Leva a mão à ferida.

– Graças a Deus! – exclama ele. – Esta apanhou-me de raspão.

Entretanto, o socorro já vinha perto. De ambos os lados da estrada, surgiam vultos. Eram colonos amigos, que, alarmados pelos tiros, se aproximavam, voz em grita, da casa do assaltado. Compreenderam, então, os covardes assassinos que era tempo de abalarem; e, quando chegou o socorro, já os dois haviam desaparecido.

Isto se passava na retaguarda do Serrano, quando, ao mesmo tempo, mas em rumo oposto da estrada, outra cena, mais sangrenta, na verdade, se desenrolava. Aqui, a breve trecho da estrada e em plano mais baixo, havia um casarelho de taipa, com o qual entestava um jardim, mal cercado de estacas e sarrafos. Era a moradia do casal Hofmeister – velhos que ali viviam vida tranqüila e sossegada, em companhia de uma filha, casada com certo André Dick, e cujo matrimônio a providência abençoara, dando-lhe vários filhos.

Não raro, os viandantes desmontavam à porta do casoto, ou para matar a sede, na calma do meio-dia, ou para fazer alguma compra, pois o casebre era, ao mesmo tempo, uma vendola.

Mais para o fundo do prado, estanciava casa de moradia de um colono, e, mais para cima, além da estrada, havia outra casa. Ambas pertenciam a uma numerosa família, de nome Barth, espalhada por aqueles arredores. Como vizinhos mais próximos e parentes chegados, mantinham os membros desta família relações com aquela boa gente da venda, e, embora houvesse entre eles diferença de crenças religiosas (pois estes eram católicos e aqueles protestantes), na sua convivência, prescindindo dessa circunstância, cumpriam mutuamente os deveres de boa vizinhança. Visitavam-se, socorriam-se em ocasiões de necessidades, participavam das alegrias uns dos outros, e entretinham as horas de lazer a lembrar o passado e a comunicar-se as novidades do dia. Mas, depois que, no Ferrabrás, começaram as maranhas de Jacobina e Maurer, começou também a arrefecer esse convívio harmonioso. Vários membros da família Barth haviam encetado as suas romarias ao Ferrabrás, ficando com o miolo transtornado, e, quanto mais amiudavam as suas visitas àquele lugar, mais viva e mais funda se lhes enraizavam no espírito a animosidade e o rancor contra eles que não comungavam nas suas idéias. Todavia, não o davam a perceber, e, ainda poucos dias antes dos sucessos que vamos narrando, haviam eles aparecido na venda a fazer as compras de costume.

Naquele dia, 25 de junho, achava-se à porta da casa a filha do vendeiro, com um filhinho ao colo. Não longe dali, no interior, a avó nina, nos braços, outra criança. O vendeiro não estava, casualmente, em casa. Eis senão quando, dois vultos sinistros, armados de facões e revólveres, surdindo do fundo do vale, aproximam-se, sorrateiramente, do lugar onde se achavam as duas mulheres. Estas de nada suspeitavam; e que haviam de suspeitar, elas, que nunca tinham feito mal a quem quer que fosse? De improviso, uma das figuras sinistras, saltando dos fundos da casa, achou-se ao pé da jovem. Esta, horrorizada, solta um grito; o assassino aponta para ela a boca do revólver, desfecha-lhe a arma, a queima-roupa, e o pequenino cai dos braços da infeliz mãe. Gravemente ferida, a jovem refugia-se no interior da casa. A velha, assustada, acode pressurosa, levanta a criaturinha, que, gemendo, estrebuchava no chão, e toma-a no outro braço, que tinha livre. Não bem a pobre se havia erguido, e já lhe estava em frente o assassino; ela o reconhece: é Pedro Barth, seu sobrinho e afilhado. Vendo a arma homicida: – Pedro! – grita ela – não atires! – Mas o malvado já havia disparado o tiro. Quatro vezes ainda, despeja o monstro o revólver, e, entre os dois netinhos, ferida de morte, jaz a avó, debatendo-se nos últimos paroxismos.

Foi justamente nessa ocasião que Pedro Serrano apareceu.

Conquanto tivesse tomado logo resolução de acudir a esta parte, chegava já tarde.

Verdade é que ainda teve tempo de disparar alguns tiros sobre os assassinos, que fugiam, mas isso de nada serviu: momentos depois, sumiam-se eles no manto das trevas.

O primeiro cuidado daquele homem, de bem e corajoso, foi pôr a salvo as tristes vítimas, abrigando-as nas casas dos vizinhos. Feito isto, montou de novo a cavalo, e, abandonando os dois novinhos à sua sorte, partiu, a toda brida, para S. Leopoldo. Para ele, não havia mais dúvida alguma de que o tiroteio, em diversos pontos e ao mesmo tempo, indicava claramente o que, havia muito, receava, isto é, que os Muckers tinham feito uma venida geral pela colônia e que importava buscar, quanto antes, socorro armado.

.....

## *Capítulo XIV*

### OS FORAGIDOS

**A**S CHAMAS que as sentinelas escondidas no laranjal, lá no Ferrabrás, tinham visto, haviam-se propagado, neste entrementes, e espessos rolos de fumaça, enovelando-se nos ares, haviam subido, de modo que chamaram também a atenção dos moradores da planície.

Um dos vizinhos mais próximos de Pedro Serrano era seu cunhado Schardong, alfaiate de profissão. Justamente naquele momento, estava ele à ombreira da porta, a admirar o esplêndido luar, através dos chorões plantados no terreiro, quando, no fundo escuro da serra, coberta de mata, avistou as línguas de fogo que, serpeando, se elevavam, sinistras. – Singular! – disse ele para si mesmo – Aquilo não pode ser queima na roça de algum colono; a área do fogo é demasiado vasta, e as chamas sobem alto demais; também não sei quem, para aqueles lados, possa estar queimando mato. Quem sabe lá se não deitaram fogo à casa dos Muckers?! – Estava ele embebido nessas reflexões, quando, de repente, viu vir alguém que se encaminhava para ele.

– Boa noite, vizinho! – bradou o alfaiate – Já reparou como a cidadela dos Muckers está a arder?

– Engana-se redondamente – retrucou o recém-vindo. – Aquilo não é cidadela dos Muckers; é a casa de Carlos Brenner, que está em chamas. Venha daí comigo; lá do alto da minha casa, poderá dominar melhor a paisagem, e verá onde é o fogo.

Schardong não se fez rogado, e aceitou logo o convite.

– Está vendo agora onde é o fogaréu? – perguntou o vizinho.

Palavras não eram ditas, quando se ouviram algumas descargas, e, logo após, a pouca distância, bem distintamente, os gritos de alguém que chamava: – Jacó Schmidt! Jacó Schmidt!

– Está ouvindo aqueles brados aflitivos? – disse o alfaiate – Querem ver que os Muckers fizeram uma surtida, e que o Jacó Schmidt está em perigo?

– Venha daí – exclamou o vizinho – Vamos até lá lhe acudir.

– Desarmados, como estamos? – obtemperou o alfaiate – Eu não tenho arma comigo.

– Aqui temos espingarda e revólver: escolha.

Não seria de estranhar se, naquela conjuntura, o homem do giz e da tesoura sentisse uma pontinha de medo; mas, pelo contrário, houve-se com denodo.

– O lance é arriscado – observou ele – mas dê-me daí o revólver.

Já estavam os dois a ponto de partir, quando sobreveio a mulher do alfaiate – Valha-me Deus! – exclamou ela, torcendo as mãos – Então, querem nos deixar a mim, à avó e ao pequeno, sós, sem socorro, e ao abandono?

Os dois homens entreolharam-se, indecisos. – Que havemos de fazer? – perguntou o vizinho – Se não nos ajudarmos e nos socorrermos mutuamente, ainda com risco da própria vida, não sei como faremos frente a essa horda de bandidos.

– É muito justo – atalhou a mulher, chorando – mas vocês têm família, que, mais do que qualquer outra, lhes interessa, e de quem devem cuidar em primeiro lugar. Ou querem acudir a estranhos e deixar-nos a nós aqui em apuros? Se os Muckers vierem, que será de nós? Querem vocês que às suas mulheres e filhos suceda o mesmo que à família de Kassel? Eu enlouqueço, se vocês se vão embora.

– Sossegue! –olveu Schardong, tranquilizando-a – Seu marido ficará aqui. Eu corro depressa à casa do nosso vizinho Ellwanger, a avisá-lo do que se passa; suspeito que ele de nada sabe.

E, dizendo e fazendo, partiu como um raio.

Em torno, a noite ia-se tornando cada vez mais tumultuosa: turbilhões de fumo negro, salpicado de fagulhas, elevavam-se para o céu, e o clarão avermelhado do incêndio afogueava sinistramente o horizonte.

De fato, o sapateiro Ellwanger nem de longe suspeitava o que ia lá fora. Sentado na sua tripeça, estava ele, à luz frouxa do candeeiro, a bater galhardamente a sua sola, senão quando o alfaiate abre a porta, de repelão, gritando, esbaforido: – Ellwanger, venha depressa! Os Muckers fizeram uma surtida. A casa de Brenner está a arder. Já invadiram as casas de Klei e de Jacó Schmidt; já se ouvem os tiros, e eles não tardam a aparecer por aqui. – E, proferidas estas palavras, o alfaiate rodou sobre os calcanhares, retirando-se, como viera, na desfilada.

O sapateiro ficou aturdido. A aparição repentina do vizinho, a excitação e o terror deste, as palavras: – Muckers, tiros, fogo – a sua retirada súbita, tudo isso produziu-lhe a mesma impressão que produziria o aparecimento de um fantasma. Saltou do banco, atirou para um lado a ferramenta, e, sem se lembrar sequer de apagar a candeia, abalou porta afora, como um alucinado, voando, por atalhos em direção à venda mais próxima.

Poucos minutos haviam bastado a Schardong para avisar ao sapateiro do perigo iminente que corria. Voltando, novamente, à casa de seu vizinho, ali encontrou os outros já ocupados nos preparativos para a fuga. E ele, que estava desarmado, que havia de fazer? Defender-se, não era possível; não havia outro caminho, pois, senão procurar, também ele, um asilo.

Em casa, deixara um filho, de dez anos, e um aprendiz; aos outros filhos, havia tempo já que os tinha posto em lugar seguro. Em poucos saltos, chegou à casa. A trouxe-mouxe, enfardelaram o mais indispensável para passarem agasalhados, aquela noite, ao relento, e, logo em seguida, abalavam os três, porta afora, em direitura ao mato que ficava nos fundos da casa. O trajeto não era nada fácil e agradável: primeiro, tiveram de romper uma cerca de gravatás, que lhes opunham seus galhos compridos e ouriçados; depois, atravessar um matagal cerrado de

lianas e tojos, onde só passo a passo, e ferindo-se e ensangüentando nos espinhos, podiam avançar. O medo, porém, esporeava-os a vencer todos esses obstáculos. A espaços, um – ai! – abafado escapava aos lábios de algum dos foragidos; mas logo ouvia-se um: – Psiu! Psiu! Não nos descubramos!

Afinal, vencidas mil dificuldades, atingiram o cimo de uma colina, e, exclamando – Louvado seja Deus! – os fugitivos cobraram novo fôlego.

.....

## *Capítulo XV*

### ENTRE O FERRO E O FOGO

**A** OESTE da cidadela dos Muckers, num vale coberto de mata e à raiz do Ferrabrás, está situada a moradia de Carlos Brenner. Este não se acha em casa: sua mulher,<sup>\*</sup> porém, auxiliada pelos filhos mais velhos, entretém-se em misteres domésticos. Os outros filhos, pequenos, acomodara-os ela, já havia algum tempo, aconchegando-lhes bem as cobertas, com solicitude de mãe, pois, nessa noite, fazia um frio de rachar. Enquanto no interior da casa reinava o maior sossego, fora, cinco indivíduos rebuçados, rondando sorratamente a casa, procuravam alguma abertura por onde pudessem penetrar nela. Tudo, porém, estava bem fechado. Esta circunstância não deixou de os contrariar; mas, nem por isso, ficaram embaraçados: imediatamente, despejam uma vasilha cheia do petróleo na parede da cozinha e ateam-lhe fogo; as chamas não tardaram a elevar-se, violentas, iluminando os rostos sinistros dos incendiários. Dentro nem sequer se suspeitava do que ocorria

---

\* Informações prestadas pela própria mulher.

ali perto. Um dos bandidos aproxima-se, então, da porta, e, batendo, chama por Carlos Brenner.

– Quem está aí? – perguntam do interior.

Nenhuma voz responde. Mãe e filhos entreolharam-se, tomados de terror e pânico.

– Vou ver o que é – disse Carlos, rapaz de dezesseis anos, pondo-se a espreitar por uma frincha. – Mamãe! Os Muckers! A cozinha está em chamas. Não há um momento a perder: se não fugimos, estamos todos perdidos. – A pobre mulher quedou-se, alguns instantes, como petrificada, sem saber o que fazer.

– Eu me escapo pelo porão e vou chamar gente em nosso auxílio – prosseguiu o rapaz.

– Santo Deus! nós morremos! – exclamou outro filho, que igualmente se pusera a espiar para fora – Também a casa do tio João está ardendo! – Com efeito, também ali os Muckers tinham posto fogo.

Entrementes, tinha Carlos conseguido safar-se pelo alçapão da adega. Outros três irmãos seus, entre os quais uma mocinha, levados pelo temor, tinham feito o mesmo. Os Muckers perceberam-lhes a fuga e despejaram sobre eles as suas armas: ouviram-se tiros sucessivos; mas não se percebeu um grito, um gemido sequer. Depois, tudo recaiu num grande silêncio.

– Assassinados, os meus filhos! Meus pobres filhos! – exclamava a infeliz mulher, torcendo as mãos, de desespero. Alucinada, abandona o quarto, indo refugiar-se no sótão para o qual dava serventia um alçapão. Ali estavam amontoadas algumas barricadas e caixões vazios; por detrás destes, ocultou-se a infeliz, aguardando o seu destino. Nisso, ouviu, distintamente, como dois Muckers, que tinham ido no encalço dos fugitivos, voltavam e deliberavam sobre o que deviam agora fazer.

– O marido não está em casa – dizia um deles – senão teria aparecido.

– E a mulher, essa nos escapuliu – continuou o outro. – Forte pena não podermos deitar a unha à bruxa! E, agora, que vamos fazer?!

Um lampejo de esperança brilhou no espírito da infeliz. – Enganaram-se; tomaram minha filha por mim; é sinal de que ela lhes escapou. – A pobre cobrou novo alento; eis senão quando ouve uma forte

pancada na porta; depois, outra e outra. A porta cedeu a violento impulso, e os Muckers entraram. Lá do seu esconderijo, ela os viu, um por um, reconhecendo-os, não obstante trazerem as visagens mascaradas. Robinson, o das barbas ruivas, era do número deles.

Sem detença, começaram as bestas-feras a sua obra de extermínio. Num berço, estava deitada uma criancinha de peito. Um dos Muckers abeirou-se do berço e, brandindo o revólver, com a coronha da arma, vibrou tremendo golpe no crânio da inocente. Esta não soltou um ai! Um gemido: estava morta. Ali, ao pé, numa caminha, dormia outra criança, de dois anos. De um salto, aproxima-se-lhe um dos sicários, e, desferindo um golpe, fendeu a cabeça da criaturinha, que solta um grito capaz de fazer enregelar o sangue nas veias. A pobre mãe, lá em cima, sentia o coração estalar de dor: esteve a ponto de gritar, quis implorar misericórdia. Mas teve de calar-se e sopitar a sua dor. Ainda alguns golpes, e a infeliz criança cessava de gemer.

Na alcova contígua, estava deitada uma menina, de seis anos. Aos gritos de seus irmãozinhos, acordara, havia já algum tempo, e, entregue à mais terrível angústia, guardava ela o momento em que os monstros lhe dessem cabo da vida. Isso, com efeito, não tardou.

Aos instintos perversos dos canibais, só restava agora a destruição da casa: derramaram petróleo no soalho, puseram-lhe fogo, e, fechada a porta, retiraram-se, para prosseguir, em outra parte a sua empreitada satânica.

E, lá em cima, no sótão, estava a desventurada mulher, presa de agonia indescritível. As chamas lavravam, avançando cada vez mais; dois caminhos apenas se apresentavam à infeliz para fugir: uma pela porta, mas, para alcançar esta, teria que atravessar as línguas de fogo: o outro, era lançar-se do sótão ao terreiro. E se a queda lhe fosse fatal?! E se ao despenhar-se de lá de cima, ficasse presa a um dos galhos das árvores, ou se magoasse, ficando estendida no chão, vindo assim a cair nas mãos dos assassinos?

Um pensamento atroz, desesperado, lhe acudiu então: – Meus filhos foram assassinados, a casa ficará reduzida a cinzas, e, quanto ao meu marido, quem sabe se ainda o tornarei a ver? Eu me deixo ficar aqui, e morro no meio destas chamas.

Entretanto, o elemento destruidor ia avançando cada vez mais, ameaçador, chegando já a lamber-lhe as vestes com as suas línguas rubras; não havia tempo a perder; era forçoso decidir-se.

A mesquinha espiou pela janela da empena; por instantes mediu, com a vista, a altura. – Deus me ajude! – Exclamou ela, e, segurando-se ao parapeito da janela, conservou-se algum tempo suspensa, da parte de fora; depois, soltou-se. – Infinitas graças nos sejam dadas meu Deus! – suspira ela, vendo-se incólume sobre os pés. Mas, para onde fugir agora? Lembrou-se de ir acolher-se em casa de um vizinho amigo, porém esta igualmente estava em chamas.

Só lhe restava, pois, um expediente: – homiziar-se no mato; assim o fez.

Levemente vestida, trêmula do abalo, estalejando de frio, escolheu ela um lugar que lhe servisse de abrigo aquela noite.

Numa depressão do terreno, sentou-se; encolhida e descansando a cabeça numa raiz nodosa, deu curso às lágrimas, que, em fio, lhe caíam agora pelas faces, tanto mais abundantes quanto mais prolongado fora o esforço que fizera para represá-las. Pensava nos filhinhos assassinados barbaramente à sua vista; pensava nos outros que haviam escapado, e que ela não sabia que fim tinham levado; pensava no marido; e, com a voz entrecortada pelos soluços, murmurava a infeliz: – Meu Deus! Como não ficará o pobre do meu marido, quando voltar para casa e encontrar os filhos mortos e a casa reduzida a um montão de cinzas? Oxalá rompesse de uma vez a madrugada e Carlos chegasse! – Mal sabia a infeliz que o marido, aquela mesma hora, estava passando o seu bocadinho amargo.

.....

## Capítulo XVI

### AVENTURA DE FILIPE KLEI – ASSASSINATO DE JACÓ SCHMIDT

N

O SAPIRANGA, entre outras casas que ficam à beira da estrada, está situada a venda de Filipe Klei.\* A casa de negócio, o depósito e as estrebarias, que ficavam nos fundos, representavam um valor de trinta a quarenta mil marcos.\*\*

Também o nome de Klei se achava no rol dos proscritos; também ele estava condenado, pelos Muckers, ao extermínio.

Era pouco mais das sete horas da noite. Klei tinha saído, nesse momento, da venda, e achava-se na área que separava a estrebaria do armazém, quando, por uma fenda da parede da estrebaria, que era toda de madeira, reparou que a porta dos fundos desta se conservava aberta, contra o costume. Estava ele a conjeturar, lá consigo, o que teria dado lugar a isso, senão quando, à sua direita e à sua esquerda, ouviu diversos tiros, indo os projéteis cravar-se na parede.

– Quem serão esses rapazes imprudentes? – disse ele consigo, e, irritado, endereçou-se ao laranjal, que ficava perto daquelas dependên-

---

\* Informações prestadas pelo próprio Klei.

\*\* Cerca de 20 contos de réis.

cias, com o propósito de repreender os supostos garotos levianos, quando, de repente, avistou diversos vultos, encostados às laranjeiras com as bocas das armas apontadas para ele.

Aterrado, dobra Klei o canto do depósito, fugindo em direção à casa, ao mesmo tempo que também um dos desconhecidos o persegue, procurando cortar-lhe o passo para a porta da casa. Klei não corre; pois bem sabia ele que a sua vida estava em jogo; e na sua pista seguia o seu perseguidor, com a pistola aperrada. Parecia que este já ia alcançá-lo: três ou quatro passos apenas o separavam de sua vítima; o assassino desfechou a arma; mas Klei já havia galgado a porta, abrindo-a, com a violência de um desesperado.

– Que é? Que é? – brada, do corredor, a mulher, aterrada e pálida como a cera.

– Os Muckers! Os Muckers! Fecha, fecha a porta!

O tiro detonou, e a bala foi alojarse na parede; a porta fechou-se, Klei escapara incólume; apenas a mulher, que havia fechado a porta, ficou com a mão mascarada pela pólvora.

De um salto, achou-se Klei na alcova. Apagar a luz, pegar da espingarda, aperrá-la, tomar posição – foi tudo obra de um instante.

As feras, entretanto, não querem deixar escapar a presa. As balas continuam a saraivar, pela janela dentro, indo cravar-se na parede. Escapo do perigo, Klei, a coberto, põe-se a espreitar para fora. E que havia ele de ver? O seu armazém estava a arder! As descargas continuaram; depois, ouviu-se um ruído surdo. Seria algum tiro? Seria algum objeto pesado arremessado contra a parede? Pelo estampido, supuseram que devia ser alguma vasilha que, com o choque contra a parede, havia arrebentado. O mistério, porém, não tardaria a se aclarar: os Muckers haviam empregado o mesmo meio de sempre, para obrigarem as suas vítimas a abandonar as casas. Com efeito, já as chamas se elevavam ao longo das paredes, e as línguas de fogo, com fulgor sinistro, penetravam pelas janelas.

– Mulher! – exclamou Klei, – já não há outro alvitre: toma da criança; é preciso fugir, se não queremos perecer entre as chamas.

No berço, estava deitada uma criancinha de peito; a mulher tomou-a nos braços.

– Agora, segue-me.

Com o dedo no gatilho da espingarda, Klei corre à porta, abre-a; mas, encontrando-a guardada dos três lados, recua imediatamente. Nisso, um vulto se aproxima, Klei aponta a arma e ia desfechá-la, quando ouviu o mesmo vulto gritar: – Meu pai, que vai fazer?

Aterrado, abaixa ele a arma, reconhecendo a voz do filho.

O rapaz, que pouco antes havia deixado a casa, para ir pedir socorro aos vizinhos, vendo ameaçados os seus, tomara a resolução heróica de voltar sobre os seus passos, para defender aqueles, ainda com sacrifício da própria vida.

– Entra! – bradou o pai.

Com a agilidade de um gato, o rapaz entrou pela porta entreaberta e achou-se no interior da casa. E agora?

As chamas, estralejando, erguiam-se, cada vez mais sinistras, e lambiam já o madeiramento do forro. Rolos de fumo, espessos, incandescentes, entravam pelas janelas e portas; vapores asfíxiates enchiam todos os recantos da casa; ficar ali dentro era ir fatalmente ao encontro da morte: o fogo, a fumarada, o desabar iminente do vigamento, tudo isso ameaçava a ruína daqueles infelizes. A única esperança, pois, de salvação para eles – e essa mesma tão duvidosa – era a fuga.

Ali perto, numa casa espaçosa, morava um funileiro, de nome Jacó Barth, parente dos assassinos que Pedro Serrano tinha, pouco antes, posto em fuga. Jacó era inimigo dos Muckers, e acolhia em sua casa a todos os que ali iam procurar refúgio contra a sanha dos canibais. Cerca de cinquenta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, já estavam ali refugiadas; naquela casa, é que Klei também resolvera abrigar-se.

Coligiu, pois, toda a robustez de sua alma.

– Já que não há outro meio, seja como Deus quiser! e, dirigindo-se à mulher, disse: – Pega do teu filho e acompanha-me. E tu, rapaz, engatilha o revólver, e vamos para a frente. Deus nos proteja!

A porta abriu-se, e eles saíram. De todos os lados, chovem as balas. Klei arremete ao primeiro que o agride, e põe-no em fuga; o filho tem rosto ao segundo. Nisto, ouve-se o estampido de um tiro; a mulher fora alvejada; a manta com que cobria o pequeno, é-lhe arrebatada. O susto tira-lhe a consciência, paralisando-a, e a infeliz, com o seu fardo

de amor, ali ficou, como que chumbada ao chão, estarecida. Mas a voz vibrante, enérgica, do marido, bradando-lhe: – Avante! – vem arrancá-la àquele torpor, pondo-a em movimento. Neste entrementes havia Klei repellido outro agressor. Já os fugitivos tinham alcançado a porta do vizinho, e aos seus gritos de – Abri! Abri! – a mesma tão depressa se abriu como se fechou; mas o que é certo é que os três haviam entrado incólumes; e, quando se acharam seguros, renderam graças a Deus.

Era de supor que aquele homem, que acabava de escapar à morte, se não expusesse novamente ao perigo. Entretanto, ele o fez. O ataque inaudito contra sua propriedade fizera ferver-lhe o sangue nas veias. Vendo que os Muckers continuavam a ameaçar os haveres, a tranquilidade e a vida de famílias inteiras, indefesas e inocentes, uma cólera nobre o empolgou, abafando o medo. – Deus me protegeu tão milagrosamente – dizia ele a sós – também eu devo ir em socorro de meus irmãos. – E, dizendo e fazendo, pegou da espingarda, indo colocar-se diante da porta. Nesse momento, porém, não se via um só Mucker.

A curta distância da casa do funileiro, havia outra venda, de propriedade de Jacó Schmidt. Para as condições de então, essa casa de negócio, com o seu sortimento e as suas dependências, representava um capital considerável.

Era sabido que Jacobina e seus asseclas tinham resolvido dar cabo também desse homem; e ele próprio não nutria a menor dúvida a tal respeito; entretanto, não pudera resolver-se a abandonar, à mercê da sanha dos sectários, a sua propriedade, adquirida com o suor de seu trabalho.

Com a arma engatilhada, caminhava ele de uma para outra extremidade da casa, espreitando, ora aqui ora ali, a ver se lobrigava algum Mucker na vizinhança. Não se compreende o por-quê ele conservava escancaradas as janelas da venda, e, de mais a mais, com a luz acesa dentro, expondo a si próprio e todos os cantos da casa às vistas de seus inimigos.

Da casa do funileiro, haviam notado o risco que impedia ao infeliz, e, por vezes, alguns mais corajosos tinham-se aventurado a sair, a fim de persuadi-lo de que devia deixar a casa de negócio; outros, chamando-o pelo nome, avisavam-no do perigo. E foram justamente esses os gritos que, como acima dissemos, haviam despertado e atraído a atenção do alfaiate Schardong.

Áfinal, cedera. Mas, apenas se achou a salvo, em casa do vizinho, não pôde resistir a uma força oculta, irresistível, que o impelia para fora. – A minha casa! A minha venda! – bradava ele. – É preciso defendê-la. – E, sem mais nada, abre, lesto, a porta, indo-se colocar ao lado de Klei.

Para se defenderem as costas, os dois se haviam encostado à parede da casa do funileiro, e examinavam, com olhar atento, o espaço iluminado pelo luar e pelos clarões rubros das casas em chamas. O prédio havia sido recentemente caiado, e os dois vultos negros, em pé, destacavam-se na alvura da parede. Klei notou essa circunstância e o perigo que daí resultava para ambos. – Vamo-nos embora daqui, Jacó Schmidt – murmurou ele ao ouvido do vizinho – aqui não podemos ficar, se não queremos perder a vida. – Palavas não eram ditas, quando se ouviu um tiro.

– Estou ferido! – exclamou Jacob Schmidt – e, mais que depressa, os dois dobraram o canto da casa, recolhendo-se no interior. O projétil penetrara-lhe no ventre; e, como as dores que sentiu a princípio, não eram fortes, julgou o ferimento sem gravidade; porém, uma hora após, era ele cadáver.

Foi-lhe, assim, poupado outro desgosto: – o de ver, horas depois, devorada pelas chamas a sua casa de negócio com tudo quanto lá havia.

.....

## *Capítulo XVII*

### FILIPE SEHN EM APUROS – MORTE DE KRAY

**L**Á DO seu esconderijo, no alto da colina, podia o alfaiate Schardong acompanhar todos os movimentos dos Muckers. A calada da noite favorecia-o, e a angústia do seu coração não lhe deixava perder o mais insignificante incidente.

Os Muckers encarregados da destruição das vendas de Klei e de Jacó Schmidt, tendo desempenhado a sua tarefa, montaram a cavalo, e, a galope rasgado, lá se foram. Irreprimível devia ser a alegria que experimentavam, porque, durante todo o caminho, se podiam ouvir as suas gargalhadas, que chegavam até a abafar o estrupido das montadas.

Já haviam atingido um sítio onde estanciava a moradia de certo colono que Jacobina havia lançado também no rol dos proscritos. Chamava-se ele Guilherme Kray. Aí, deixaram de soar, durante curto espaço, as pisadas dos animais: evidentemente, os cavaleiros haviam desmontado, e, quando, de novo, se puseram a caminho, deixaram, pós de si, entregue às chamas, o cabanal de Guilherme Kray. Em seguida, dirigiram-se os malfetores, a galope, para a casa de Filipe Sehn; ainda não haviam lá chegado, quando cessou todo rumor. Teriam eles descavalgado, ou continuariam a passos vagarosos, para não serem percebidos?

Era pela volta das dez da noite. Uma particularidade, pouco comum no país, distinguia a moradia de Filipe Sehn: no interior da casa, havia uma estufa, para a estação invernososa. Como naquela noite fizesse um frio intenso, tinham aceso o lume na estufa, e os membros da família, acomodados à roda dela, aqueciam-se ao fogo, entretendo-se a palear sobre assuntos diversos.

Fora, no pátio, um homem se achava ainda atarefado, a pensar os cavalos. Era Carlos Brenner. O infeliz, talvez, nem de longe sequer suspeitasse o que se estava passando no seu lar, e o que sucedia à sua família. Levava o dia inteiro a carrear tijolos da olaria de Filipe, e, como a noite o viesse surpreender no serviço, resolvera pernoitar em casa do patrão. Tinha ele acabado de arração os animais, e ia a entrar em casa, quando ouviu, ao longe, três fortes descargas. Quedou-se parado uns instantes, a conjecturar o que podia ser, sem, contudo, atinar com a explicação. Afinal, entrou no aposento onde os outros estavam reunidos.

– Acabo de ouvir três tiros – disse ele – e as espingardas deviam estar carregadas a valer. – Filipe não prestou grande importância ao dito. – Isso não de ser soldados – observou ele, e, sem se ocupar mais do caso, ergueu-se, para se ir deitar: havia lidado o dia inteiro, e estava cansado.

A mulher, que se não sentia ainda disposta a descansar das lides diárias, quis dar, primeiro, uma vista d'olhos pela casa e verificar se tudo estava em ordem; e, chegando à porta dos fundos, pôs-se a contemplar a noite, escassamente iluminada. Ao pé dela, estava seu filho Jacó. Nisso, vê ela erguerem-se as chamas numa das dependências que ficava nos fundos, e, não suspeitando tratar-se de um plano satânico, exclama: – Que é o que está ali a queimar? – Filipe, que, deitado no quarto contíguo ouvira essas palavras, lembrou-se, então, de ter visto passar, pouco antes, na disparada, um cavaleiro suspeito, o qual, segundo todas as aparências, devia ser algum espião. Para ele, os Muckers ali estavam, e acudiu-lhe logo à mente a cena em casa de Martinho Kassel, com todo o seu cortejo de horrores.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha, e os cabelos como que se lhe eriçaram. De um ímpeto, ergueu-se da cama, arranca da parede um par de pistolas e, aperrando-as, corre à porta. Não bem a tinha alcançado, quando detonam vários tiros, e mãe e filho tombam a seus pés.

Como um desvairado, fechou ele rapidamente a porta. Carlos Brenner e quantos ali se achavam, pegaram logo das armas, e apresentaram-se prestes a fazer fogo. Mas já era tarde: cruéis como tigres e covardes como chacais, os Muckers haviam abalado. Parte de sua empreitada estava consumada; a outra parte esperavam eles levá-la a efeito mais tarde.

Por então, importava-lhes saber qual tinha sido o resultado da sua obra satânica em casa de Kray. Este, quando os bandidos puseram fogo ao cabanal, de nada suspeitava: achava-se ele, na casa de jantar, com a família: senão quando a mulher começou a inspirar ruidosamente o ar pelas narinas. – Que cheiro é este de coisa queimada? – perguntou ela, voltando-se para a criada – não o sentes também? – A criada abre a janela, para espreitar para fora. – O cabanal está a arder! o cabanal está a arder, – entrou ela a gritar, horrorizada. Todos puseram-se logo em movimento para abafarem o fogo.

Era isso mesmo o que os Muckers tinham em mira. Tornando a passar na desfilada, em frente à casa, e, vendo-se diante de indivíduos inermes, apontaram para estas as armas.

Ouve-se um tiro, e, quase ao mesmo tempo, um grito, capaz de cortar o coração: – Clemente! Clemente! Meu Deus! Meu pobre Clemente! – Era a mulher, cujo marido, mortalmente ferido, tombava a seus pés.

Os Muckers abalaram dali, na disparada; quanto a Clemente Kray, esse não mais se levantou.

Transportemo-nos de novo à casa de Filipe Sehn: ali, ninguém pensou mais em dormir. Passado o primeiro abalo, trataram de examinar as feridas, verificando-se que a mulher, além de seis graeiros avulsos, havia recebido uma bala nos intestinos, e que o filho fora atingido por duas balas, uma no tronco e outra numa perna. – Dali em diante, fez-se silêncio, e a noite correu tranqüila, não se deixando ver mais nenhum inimigo. A madrugada já vinha raiando, e seriam cerca de três horas, quando os cães se puseram a ladrar.

– São eles!

Desta vez, Filipe escancarou a porta.

– Que venham agora! – bradou ele, de maneira que sua voz foi ecoar ao longe. – Coloca-te tu aqui; e tu, ali! – E, assim ditando as

suas ordens, parecia que tinha sob o seu comando um pequeno exército. Todos se achavam a postos.

Os Muckers, esses é que não vieram; encontrando a casa defendida, seguiram adiante, acompanhados, por algum tempo, do ladrar da canzoada, e embrenharam-se na espessura do mato.

.....

## *Capítulo XVIII*

### MAIS SANGUE\*

**N**A SUA sanha, os Muckers não conheciam parentes nem amigos; neles, as qualidades afetivas estavam de todo obliteradas. Recusar-se a pertencer à seita e, o que era ainda mais grave, retirar-se dela – era, para os sequazes de Jacobina, o maior dos crimes: e quem o tivesse praticado, embora fosse algum irmão carnal, estava irremissivelmente condenado à pena última. Era essa a sorte que devia experimentar uma família moradora do Campo Bom.

Ali, à beira da estrada, e à direita de quem vai de S. Leopoldo, havia duas casas de moradia, com as respectivas roças caprichosamente cuidadas, e que se estendiam pela encosta de uma colina, em situação desafogada e pitoresca. Uma delas pertencia a certo João Jorge Maurer, tio do nosso profeta, e a outra a um tal Jacó Maurer.

Também com estes haviam os Muckers instado a que se filiassem na seita: ambos, porém, com suas famílias, se haviam conservado afastados da mesma. Ora, havia já algum tempo que se tinha notado como alguns vultos suspeitos andavam a rondar a casa de João Jorge. A

---

\* Extraído das peças do processo e dos jornais de então.

mulher deste até chegara a ver como um sujeito alto, em quem reconheceu o seu primo Cristiano Kassel, envolto num lençol, lúgubre como um espectro, andava pelas vizinhanças da casa, com o propósito, talvez, de amedrontar os seus moradores e obrigá-los, assim, a entrar para a seita.

Pois bem: ou porque tivessem tido aviso de algum assalto, ou porque tivessem algum pressentimento vago do perigo que os ameaçava, o certo é que, naquele dia, os membros de diversas famílias se haviam reunido em casa de João Jorge, para se defender contra qualquer venida dos Muckers.

Como já dissemos, nessa noite, o frio era rigoroso. João Jorge tinha ido, um instante, à cozinha, contígua à casa, e onde ardia o lume na lareira, talvez com o fim de se aquecer um pouco, ou, quiçá, de acender o cigarro; eis senão quando, pela porta que deitava para o pátrio e que estava casualmente aberta, recebe ele uma carga de graeiros. Felizmente, na ocasião, trazia ele enfiado o grosso poncho, onde os balins ficaram cravados, escapando João Jorge ileso. E, assim, terminou aqui a cena. O mesmo, porém, não sucedeu na casa de seu vizinho Jacó Maurer. Achava-se este no interior, com seu filho casado, de nome Guilherme. Os outros membros da família se haviam escondido no cabanal, onde se guardava o milho. Ambos haviam observado que alguma coisa de anormal se passava na vizinhança da casa, e Guilherme entrou a desconfiar que alguém tivesse descoberto o esconderijo dos seus. Pega, pois, da espingarda, mete as pistolas e o facão no cinto, e, manso e manso, sai a averiguar o que havia: apenas se achou fora, ouviu-se um tiro, e, logo em seguida, outro e outro: depois, tudo recaiu em silêncio.

Logo após, vários vultos invadem a casa, onde se achava o velho pai; e uma luta medonha se trava lá dentro. Brilham as lâminas das facas, e os tiros sucedem-se rápidos; depois, também aqui se faz profundo silêncio. Os reбуçados abandonam, em seguida, a casa, desaparecendo nas trevas da noite. Quando raiou a manhã, saem os refugiados do seu esconderijo. Tinham ouvido os tiros, e, cheios de apreensão, ansiosos, tratam de conhecer o desfecho da luta. Com o coração a pular, avizinham-se da casa, e, entrando, dão com Jacó Maurer estirado no soa-lho. Apresentava ele um ferimento profundo, no peito, e outro no rosto; dois sulcos, largos, sangrentos, estendiam-se ao longo do crânio, e cerca de vinte feridas menores crivavam-lhe o corpo em diversas partes.

Tal tinha sido a sorte de seu avô; e seu pai, que era feito dele?  
Improficuas foram todas as diligências empregadas para encontrar Guilherme.

– Provavelmente – assim conjecturaram os outros – foi ferido, e, arrastando-se, refugiou-se em lugar seguro: e ali sucumbiu aos ferimentos.\*

---

\* Cinco semanas após, foi o cadáver de Guilherme Maurer encontrado no campo.

.....

## *Capítulo XIX*

### A MANHÃ SEGUINTE À NOITE DA MATANÇA

A

MANHÃ, essa manhã tão ansiosa e angustiadamente esperada, raiara afinal. Tímidos e cautelosos, os prófugos, que se haviam ocultado durante a noite, foram saindo dos seus esconderijos, para ver o que lhes restava de seus haveres. Os que se tinham entrincheirado nas próprias casas, escancararam, então, as portas e janelas, e foram procurar os vizinhos, parte para desabafar com estes os seus corações, parte para se informarem do que por lá havia ocorrido durante a noite.

Também o alfaiate Schardong\* e os seus companheiros ansiavam pelo momento em que pudessem voltar para suas casas; entretanto, não ousavam sair do mato, de medo de cair nas mãos dos Muckers. Reciosos, procuravam descobrir algum sinal que lhes desse garantia de que podiam regressar sem risco. Ocorreu, então, ao mestre alfaiate uma boa idéia. — Lá em cima, no morro — disse ele — há uma venda. Se nesta se abrirem as janelas, é sinal seguro de que os Muckers não se acham mais na vizinhança, e então podemos voltar.

---

\* Conforme às declarações por ele mesmo feitas.

Não bem tinha proferido essas palavras, quando viram um vulto romper a romaria densa do mato, encaminhando-se para eles.

Todos estremecem. – Quem será?

– Nada de sustos! – bradou-lhes o desconhecido, aproximando-se cada vez mais. – Eu sabia que vocês se haviam refugiado aqui no mato, e venho dizer-lhes que podem voltar para suas casas, sem receio algum.

Os foragidos criaram alma nova. Reconheceram no recém-chegado um vizinho amigo, e deram graças a Deus de lhes ter enviado um salvador.

– E lá em casa, está tudo em ordem? Os Muckers nos pouparam?

– Tudo está como vocês deixaram; venham ver por seus próprios olhos.

À pressa, juntaram o que, na precipitação, haviam carregado consigo na noite precedente e encaminharam-se para casa. Imagine-se a alegria que experimentaram, quando tornaram a ver as suas casas alvejantes a sorrir-lhes dentre a verdura.

Schardong penetrou em casa, encontrando tudo como havia deixado; abriu a alcova; nada faltava; na parede, pendia o crucifixo, e, embaixo, uma imagem de N. S. do Perpétuo Socorro. Com os olhos rasos de água, lançou-se de joelhos e ordenou ao filho que fizesse o mesmo; e assim, do fundo d'alma, agradeceram a Deus a sua proteção paternal, e também à Virgem, sob cujo amparo haviam posto sua sorte.

Também a mulher de Carlos Brenner se atrevera, ao despon-tar da manhã, a sair do seu asilo e, com olhar tímido, pusera-se a sondar os arredores. Senão quando, vê, a alguma distância, um mancebo, que, com olhar inquieto, parecia procurar alguém. Fixou a vista, e reconheceu nele seu filho Carlos, de 16 anos, que havia escapado, incólume, às balas de seus perseguidores. Foi um encontro ao mesmo tempo alegre e imensamente doloroso: era um, um só de seus filhos, e ela se lembrava dos outros que faltavam.

Entregue à sua dor profunda, não dá fé do que se passa à beira de si. Era que, perto dali, se viam algumas crianças, que, separando a rama-gem, espreitavam, tímidas, em todas as direções.

– Venham! Venham! – murmuram estas, umas às outras – estamos sós; os Muckers já se foram, vamos procurar a mamãe e os nossos irmãozinhos.

Assim dizendo, saíram do silvado, e, avistando sua pobre mãe, se lhe foram lançar nos braços. Dali a pouco, apareceu também Carlos Brenner, o marido da infeliz.

Não tentaremos descrever o que se passou no ânimo desse homem, quando viu sua casa reduzida a escombros, e enterrados ali, três de seus filhos.

Ao mal-aventurado, não lhe restava, agora, outro caminho, senão ir bater a alguma porta estranha e pedir agasalho; e este não lhe foi recusado; pois, se nas colônias dominou sempre uma hospitalidade afetuosa, mais do que nunca, naquela ocasião, o aperto comum e, em particular, o golpe tremendo que acabava de sofrer aquela desditosa família, tinham dilatado os ânimos, dispondo-os aos sentimentos generosos.

Aqui, cumpre-nos ainda fazer menção de um homem que também se achava no número daqueles que regressaram aos seus lares. Queremos falar do nosso professor Weiss, diante de cuja casa temos visto passar tantos cavaleiros, dirigindo-se ao Ferrabrás, e a cuja porta vimos desmontar Filipe Sehn, quando fora tratar da redação do requerimento que devia ser dirigido ao Governo.

Na véspera, achava-se o professor,\* mui comodamente em casa, quando um vizinho seu entra, todo assomado, porta dentro, a avisá-lo dos movimentos hostis dos Muckers; a princípio, não deu grande importância ao aviso; mas, quando o vizinho instou com ele para sair, e lhe mostrou as casas em chamas, imediatamente tratou de entrouxar o mais indispensável para aquela noite, e foi, com a família, abrigar-se numa venda próxima, onde cerca de trinta pessoas já se achavam refugiadas.

Também aí, haviam os Muckers tentado um assalto; diversos tiros haviam sido disparados, de parte a parte, mas não houvera derramamento de sangue, não se levando em conta um tiro de raspão, sem importância.

---

\* Conforme as informações prestadas pelo professor.

Quando, porém, aquela gente notou que, nas vizinhanças da venda, ardia um cabanal, tal foi o terror que se apoderou ainda dos mais destemidos, que todos, como a um sinal dado, em carreira desatinada, ganharam o mato, para salvar a vida.

Ao despontar do dia, também esses fugitivos tinham voltado para suas casas. Mal o professor havia posto os pés em casa, quando, no caminho, que, atravessando o mato, vai ter à cidadela dos Muckers, apareceram vários indivíduos, carregando numas andas, arrançadas, à pressa, de ramos de árvores e cipós, o cadáver de uma jovem; e entraram em casa do mesmo professor. Era o cadáver da filha de um colono, por nome Teodoro Balz, em frente de cuja casa se estende o caminho de que falamos.

O cadáver estava crivado de ferimentos, produzidos por armas de fogo e armas brancas, e dava testemunho da requintada ferocidade com que aquelas bestas-feras haviam cevado o seu ódio satânico na infeliz; e, a julgar pelos cortes fundos nos pulsos, devia ter sido angustiada a luta com que a desventurada procurou desviar da cabeça os golpes vibrados pelos monstros.

À beira do cadáver, estava, de pé, o irmão da vítima.

Profundamente condoído, abalado, o professor pousou, por alguns instantes, um olhar cheio de compaixão no pobre mancebo, que se achava entregue à mais viva consternação.

– Senta-te – disse ele, afinal, ao rapaz – e conta-nos como tua irmã foi vitimada.

– Meu Deus! – exclamou o rapaz – também meu pai foi morto! – e uma torrente de lágrimas irrompeu-lhe dos olhos injetados.

Neste entrementes, o escrivão, que se havia sentado a uma mesa, disse ao jovem: – Se queres começar, estou pronto a tomar o teu depoimento. – Então, o desventurado narrou o seguinte:\*

– Meu pai, minha irmã e eu estávamos em casa, e de nada suspeitávamos. De repente, ouvimos, à porta, o estampido de um tiro; meu pai correu logo para fora, a verificar o que seria; nisto, viu os

---

\* Não tivemos o original do depoimento do rapaz; mas tanto este como a cena que descrevemos, nos foram fielmente transmitidos pelo próprio professor.

Muckers, que alvejavam uns porcos. Era uma cilada para nos atraírem fora de casa. Mal tinha saído apontaram os Muckers para ele; ouvimos os tiros e, logo após, os gritos de meu pai: – Meus filhos, fujam! Fujam! Que eu estou ferido! – em seguida, entrou ele em casa.

– Não tínhamos uma única arma para nos defendermos; não havia, pois, outro remédio senão fugir; foi o que fizemos. As balas choviam atrás de nós; minha irmã, atingida por uma bala, caiu; os Muckers lançaram-se então sobre ela. A infeliz tentou reerguer-se e continuar na sua fuga, porém não o conseguiu. Outros tiros detonaram; vi minha pobre irmã defender-se; mas eu, desarmado, não lhe podia acudir. Depois, não vi nem ouvi mais nada; mas aí está o seu cadáver; atentai para ele; ele que vos conte o resto – Calou-se o rapaz, desatando de novo a chorar.

– Agora, temos de ir a vossa casa, a fim de proceder ao auto de corpo de delito – observou o escrivão.

O lance era arriscado, e só a muito custo foi que se conseguiu que alguns os acompanhassem nessa diligência; entre os da comitiva, achou-se também o professor.

Sem incidente algum, chegaram à casa do assassinado; aqui, porém, só encontraram um montão de cinzas e, no meio destas, ossos humanos calcinados – eram os restos daquele pai infeliz.

.....

## *Capítulo XX*

### A MULHER DE PEDRO SERRANO NA FUGA

O

DIA imediato ao da carnificina fora o designado por Jacobina para se continuar, nas picadas vizinhas, a festa de sangue.

O sinistro Robinson era quem devia dirigir a empreitada na linha dos Dois Irmãos e, no seu íntimo, com certeza, antegozava ele já a satisfação de ter, em breve, o ensejo de salientar-se por novas façanhas, como um dos mais dedicados apóstolos de Jacobina.

A Providência, porém, havia disposto as coisas de modo diferente.

Para que o leitor disso se capacite, é preciso que se transporte de novo à noite anterior.

Pouco depois de encontrarmos a Pedro Serrano, que tangia, estrada afora, os seus dois novilhos, achava-se sua mulher em casa, entregue à faina doméstica. Os dois filhinhos, um de seis anos e o outro de treze meses de idade apenas, havia-os ela acomodado; e em sua companhia não se achava senão a criada, que a auxiliava no serviço.

Depois de lançar, mais uma vez, um olhar solícito de mãe para os pequeninos anjos que dormiam, chegara ela à soleira da porta, a con-

templar a noite. Qual não foi, porém, o seu terror, quando viu, aqui e ali, as casas a arder e a erguerem-se, rubras e sinistras, as línguas de fogo!

Havia já algum tempo que ela, como os colonos em geral, vivia sob a impressão do receio de que os Muckers, mais dia menos dia, fariam um assalto geral, reproduzindo, em maior escala, as cenas horrosas que haviam levado a cabo contra a família de Martinho Kassel. Vendo, pois, as chamas, não houve mais dúvida, para ela, de que seus receios se estavam realizando. A circunstância de se achar sozinha em casa, sem a proteção do marido, e de ficarem tão próximas as casas incendiadas, levou sua angústia e terror ao extremo. Sem refletir mais tempo, corre ao berço, toma o pequenino nos braços, agasalha-o com o primeiro pano ao seu alcance, pega da outra criança pela mão, e precipita-se porta afora, no negrume da noite, deixando a casa e tudo o mais entregue ao destino.

Que tencionava ela fazer? Uma só coisa: salvar a si própria e aos filhinhos, da sanha dos Muckers. Na picada dos Dois Irmãos, tinha ela um cunhado, por nome Pedro Haecksel; e era em casa deste que ela iria procurar refúgio.

Não se descreve a excitação da pobre mulher. Se, na escuridão da noite, divisava algum tronco de árvore ou alguma moita isolada; se o vento ramalhava no arvoredado; se um tímido tatu atravessava rápido a estrada; a sua imaginação agitada enxergava algum daqueles monstros sanguinários a pôr-lhe a boca da arma ao peito, ou a ameaçá-la de faca em punho.

Os caminhos eram quase intransitáveis, como costumam sê-lo no inverno. As chuvas prolongadas haviam tornado o solo empapado, resvaladiço, coberto de lamaçais. Só a muito custo, podia a pobre avançar, e, quando chegou às proximidades da casa do sapateiro Ellwanger, que o leitor já conhece, sentiu-se desfalecer e caiu; parecia-lhe não poder dar mais um passo para adiante. Naquele lance, fez ainda um supremo esforço, coligiu todas as forças de sua alma e cobrou alento. – Então hei de perecer aqui? – dizia ela a sós – irei cair com estes inocentes nas mãos dos Muckers? – E, assim dizendo, aconchegava freneticamente ao seio o mais novo; quanto ao outro, que ela conduzia pela mão, esse caíra também com ela.

Conseguiu pôr-se de joelhos, vendo-se ao desamparo, abandonada de todos, ergueu os olhos ao céu, e, do íntimo do coração, dirigindo-se Àquele que escuta a prece da viúva e do órfão, exclamou: – Deus de bondade, vós, que sois o nosso pai comum, agora, mais do que nunca, imploro a vossa misericórdia. Amerceai-vos de mim e destes inocentes, que também são vossos filhos. Salvai-nos, e não consentais que vamos cair nas mãos dos Muckers!

Mal ameaçara a rezar, sentiu o bálsamo da consolação coar-lhe no ânimo, e como que uma força sobrenatural reconfortar-lhe todos os membros.

Terminada a sua prece, ergueu-se reanimada, sentindo-se bastante forte para prosseguir a sua jornada, e, a passos apressados, lá se foi para frente, vencendo todos os obstáculos.

Por vezes, atascando-se em alguma das poças que cobriam, a espaços, a estrada, a água, saltando, encharcava-lhe as vestes, as faces, chegando, às vezes, a encher-lhe os olhos. Parava então, soltava, à pressa, uma das mãos e, com a manga do corpete, enxugava o rosto, alimpava os olhos, e, conseguindo, assim, enxergar, punha-se de novo a palmilhar a estrada.

O que mais lhe embaraçava a marcha eram as duas criancinhas. Quantas vezes, na escuridão, escorregando ou tropeçando em algum cepo atravessado no caminho, não caiu a pobre mulher redondamente ao chão? Erguendo-se logo, levantava o pano com que cobria o pequenito, a verificar se este ainda estava vivo ou se, porventura, com a queda, não ficara morto. Outras muitas vezes era a outra criança que se atascava nos lamaçais dos atalhos. A mãe, ansiosa, a levantava, e a ia levando pela mão, quase de rastos.

Afinal, veio a achar-se ao pé de um morro, coberto de espessa mata. Parecia encará-la, turvo e carrancudo, como se quisesa embargar-lhe o passo mas o momento não era para hesitações.

Por vezes, a lua ocultava-se atrás das nuvens, ou a espessura do arvoredado interceptava-lhe a passagem dos pálidos raios, e então punha-se ela a procurar, Tateando, o caminho, exposta sempre a cair, aqui ou ali, com o seu precioso fardo.

A Providência, porém, que nunca abre de suas mãos os que nela confiam, não abandonou também aquela angustiada mãe e seus filhinhos, dando-lhe não só o consolo de salvar a si e aos seus, mas dispondo também que ela servisse de instrumento para a salvação de muitos outros.

Enfim – pela volta da meia-noite – sentiu-se a fugitiva mais desoprimida e respirou mais desafogadamente. O mato ficava-lhe para trás; à direita e à esquerda, estendiam-se terras cultivadas, e embaixo, não longe da estrada, divisou ela, por entre a escuridão, indistintos, os contornos da casa de Pedro Haecksel, seu cunhado.

Sentiu o coração dilatar-se de alegria. Ainda alguns passos mais, e achou-se em frente à porta, e bateu.

Esta não se abriu logo: decorreram alguns minutos, em que se entrou em explicações. Depois, da banda de dentro, abriram a porta. Pedro não sabia o que pensar, quando, à meia claridade, deu de rosto com a mulher de Pedro Serrano. Pálida, desfigurada, os cabelos soltos, as vestes em frangalhos, encharcada, coberta de lama, dos pés à cabeça... Eis o estado a que se achava reduzida a coitada.

No braço esquerdo, trazia uma criancinha nua, pois o pano em que, à pressa, a embrulhara, havia-o perdido no trajeto, e a sua direita segurava a mãozinha do outro filho. Este, que se aconchegava à mãe, metia dó: estava como se o tivessem imergido num banho de lama; as vestes esfrangalhadas, e uma das mangas faltava de todo. A mãe tivera de arrancá-lo tantas vezes dos pântanos, que, afinal, a manga se desprendera, caindo na estrada.

Haecksel, aterrado, à vista desse quadro, não pôde deixar de exclamar: – Valha-me Deus! que foi o que lhe aconteceu? Donde vem você? – A pobre mulher apenas pôde articular as palavras: – Os Muckers! Os Muckers!

Nesse meio tempo, a mulher de Pedro havia acordado e, acendendo o lume, acudiu a ver a irmã. Quando deu com ela naquele estado, olhou para o marido, perguntando: – Está ela louca? – e, quase assustada, refugiou-se atrás daquele, como se tivesse medo da irmã. Com efeito, o aspecto da fugitiva dava lugar a tais suposições.

– Louca, eu! – exclamou, enfim, a pobre - Meu Deus! Mas, minha boa irmã, que conceito formas de mim? Vinde cá fora, olhai contra a lua, e dizei se estou louca.

Os dois olharam para aquela banda. Densas nuvens de fumo passavam, vagarosas encobrendo o disco pálido da lua, e clarões rubros avermelhavam sinistramente o horizonte.

– Estais vendo como tudo arde? – perguntou a serrana. – Os Muckers puseram fogo às casas no Sapiranga; e trucidam a quantos ousam sair de suas casas. Se não tomais providências, não tardarão eles a aparecer também por aqui; e só Deus sabe o que será dos moradores dos Dois Irmãos.

.....

## *Capítulo XXI*

### A ORGIA DE SANGUE NAS PICADAS\*

O

APARECIMENTO inesperado da cunhada, àquelas horas da noite, e os turbilhões de fumo que vira subir no espaço, tinham provocado em Pedro Haecksel a mais terrível excitação.

Convencido de que em breve também na picada dos Dois Irmãos irromperiam os Muckers, correu ele à estrebaria a buscar o cavalo, e, na desfilada, dirigiu-se para o vale, a fim de dar alarme aos moradores da picada.

Dali a pouco, ouvia-se o badalar dos sinos, tocando a rebate; morteiros atroavam os ares. e não tardou que todos saltassem de seus leitos e, de boca em boca, corria a nova: – Os Muckers fizeram uma surtida.

Passou, entretanto, aquela noite, sem que os Muckers se deixassem avistar. É que eles tinham por costume assaltar os que estavam entregues ao sono; e, aqui, perceberam que tinham de se avir com gente bem acordada. Além disso, o ataque fora marcado para o dia seguinte. Mas, também nesse dia, encontraram eles a postos os bravos moradores dos Dois Irmãos. Estes, com cautelosa previdência, tinham postado, em

---

\* Conforme as informações dos sobreviventes.

diversos pontos, vedetas, com a ordem expressa de embargar o passo a qualquer indivíduo suspeito e de chamar em auxílio, por meio de tiros, os outros moradores, se assim fosse preciso.

O ruivo Robinson farejou logo essas medidas, e, como conservasse ainda alguma dose de bom senso, não obstante as loucuras do Ferrabrás, julgou mais acertado não se lançar entre as balas dos colonos dos Dois Irmãos, retirando-se, desenganado, para o Sapiranga.

Toda a picada dos Dois Irmãos reconheceu, agradecida, que só ao aviso dado a tempo pela mulher do Serrano devia ela o ter-se livrado das cenas horripilantes planejadas pelos Muckers.

Outras duas picadas, porém, não tiveram a mesma sorte.

Na Picada Nova, no dia imediato, à noite do morticínio, certo João Jorge Fuchs dera ordem a cada um dos Muckers da mesma picada que, à boca da noite, se apresentassem em sua casa, apercebidos de facão e de espingardas de dois canos. Com efeito, compareceram oito homens armados, em fatos coçados, que lhes davam certo ar romanesco de bandidos.

Sendo já noite cerrada, puseram-se eles em marcha. Em primeiro lugar, foram à casa de Miguel Fritsch. Era este dono de uma venda. Tanto ele como seu filho, que era inspetor do quarteirão, se haviam tornado criminosos, aos olhos dos Muckers, por diversos fatos. Ambos tinham dissuadido alguns moradores da picada de ir ao Ferrabrás e unido novamente alguns casais, que, por ordem de Jacobina, se haviam divorciado.

Por via destes fatos, havia Jacobina com o seu corrilho lavrado a sentença de morte de ambos.

Cautelosos, evitando todo rumor, encaminhavam-se os nove vultos sinistros para a casa do proscrito. Falavam a meia-voz, tudo diziam baixinho ou por meio de acenos.

Estava Fritsch sentado na venda, sem suspeitar coisa alguma, quando, de súbito, batem à porta. Eram dez horas.

– Olá! quem será este freguês retardatário? – disse ele entre si, e do interior perguntou: – Quem está aí?

– Faça o favor de abrir um momento – responderam da banda de fora.

– Talvez seja – pensou aquele – algum pobre coitado a quem tenha acontecido qualquer desgraça – e abriu a porta.

No mesmo instante, dá de rosto com quatro vultos que lhe apontam as armas, e, logo após, oito tiros são desfechados quase a um tempo.

Fritsch fora ferido, mas teve ainda forças bastantes para bradar: – Assassinos! Assassinos! – depois tombou.

Dentro de casa, achavam-se vários filhos seus, capazes de manejar uma arma. Num volver d’olhos, tinham eles pegado das espingardas e estavam a postos. Mas já era tarde: os covardes assassinos tinham dado às de vila diogo e não foram mais vistos.

O estampido dos tiros alarmara, entretanto, a picada, e os miseráveis, receando encontrar armados os seus adversários, não ousaram por então outro assalto. Assim é que o resto da noite passou em completo silêncio.

Fritsch, atingido por quatro balas, ficara em estado desesperado.

Na Picada dos Portugueses, a orgia de sangue havia começado mais cedo.

Ali, ninguém sabia o que, na noite anterior, sucedera no Ferrabrás e seus arredores, quando Daniel Kollin,\* subdelegado daquele distrito, voltando de uma viagem a S. Leopoldo, trouxe a terrível nova.

Era Kollin proprietário de uma grande casa de negócio, situada à beira da estrada.

Em frente, do outro lado, e fechada por uma cerca de pedra insossa, demorava a propriedade de uma viúva, já entrada em anos, de nome Bender.

Tinha esta em casa três filhos adultos e uma filha, que orçava pelos seus vinte anos. Um jovem da seita dos Muckers tinha posto as suas vistas sobre a moça, desejando casar com ela, e, como lhe interessava muito que Susana – assim se chamava a donzela – abraçasse as suas idéias religiosas, empregou todos os meios para levá-la consigo, em romaria, às assembléias dos sectários. Suzana, porém, que era como sua mãe, uma protestante crente, nada quisera saber das tranqüibérnias religiosas do Ferrabrás e resistira, firme, a todas as tentativas do namorado

---

\* Conforme as informações, pessoais de um de seus filhos e de outras pessoas, e de acordo com o depoimento de testemunhas presenciais.

nesse sentido. Isso atraiu sobre ela a raiva não só do jovem como também de Jacobina e de toda a seita; e, como suspeitassem, com certo fundamento, que os outros membros da família tinham influído na resolução inabalável de Susana, abrangiam na sua sanha toda a família desta.

Kollin sabia das intenções dos sectários; por isso, antes de se recolher a casa, parara à porta dos ameaçados, e pusera-os de sobreaviso prevenindo-os do perigo iminente em que se achavam não só eles, mas também a picada toda.

Esta advertência atuou, como um choque elétrico, no ânimo daqueles moçalhões briosos, desafiando-lhes a maior atividade e energia. Ali mesmo, tomaram as suas deliberações.

– Vocês – disse Kollin – vão imediatamente dar rebate aos vizinhos mais próximos, o resto fica por minha conta; não há tempo a perder, o inimigo pode surpreender-nos a cada instante.

Assim foi, com efeito; os Muckers daquela picada se haviam reunido em uma casa, não longe dali, e já se punham em marcha, para levar a cabo sua empreitada de extermínio.

Os destemidos rapazes da viúva Bender armaram-se logo de espingardas, revólveres e facões e puseram-se a caminho, para dar alarme à vizinhança.



São José, Picada dos Portugueses

A jovem, essa pedia, rogava, suplicava pelo amor de Deus que não as deixassem sozinhas em casa – Sossega, Susana! – diziam os irmãos tranquilizando-a – toda a picada está em perigo, não podemos ficar aqui; temos que sair a avisar os vizinhos. Isso não demora e, daqui a pouco, estamos de volta para vos proteger.

Logo em seguida, viu Susana seus irmãos sumirem-se atrás das capoeiras do poisio e das pedras enegrecidas da cerca.

Mal tinham eles desaparecido, surdiram, da banda da estrada, oito a nove Muckers, armados até os dentes, e, empurrando a larga porteira de tábuas, encaminharam-se direto para a casa da viúva, que ficava afastada do caminho obra de cinqüenta passos.

Antes de chegar à casa, era forçoso passar diante de uma corte, que ficava fronteira à entrada da mesma, e onde se achavam encerradas algumas vacas.

Foi ali que a matula de bandidos tomou posição, aguardando que alguém da casa aparecesse.

Os de casa ouviram, então, um rumor que os Muckers, muito de indústria, tinham feito, com o fim de atrair aqueles à soleira. E, com efeito, a viúva cedeu à tentação de abrir a porta, para ver o que se passava. Era chegado o momento almejado pelos Muckers. Os tiros detonaram e, no mesmo lugar em que se achava, caía a infeliz, ferida de morte.

Vendo-se, então, sozinha, e cercada por oito monstros, a jovem fica aterrada. Impelida pelo medo, lança-se para fora e dobrando o canto da casa, atinge um passadiço, que separava a cozinha do resto do edifício. Por alguns momentos, vê-se, assim, livre da sanha dos assaltantes; mas um obstáculo imprevisto lhe embarga os passos – esbarrou numa cancela. Quis abri-la – estava fechada.

Só dois expedientes lhe restavam: ou retroceder, e, nesse caso, estava irremediavelmente perdida, ou galgar a cancela; e se ficasse presa pelas vestes...?

Susana sentia arrepiarem-se-lhe os cabelos; mas já não era tempo para hesitações. De um salto, salvou a cancela e achou-se do outro lado: – Graças a Deus, que o havia conseguido! – e, na desfilada, abalou em direção à casa do vizinho amigo, mais próximo.

Só quando lá chegou, sentiu que fizera mais do que lhe permitiam as forças; de feito, mal tinha alcançado a soleira da porta, perdeu os sentidos, caindo redondamente ao chão.

Enquanto passava esta cena, esforçavam-se seus irmãos, com grave risco da própria vida, por desempenhar-se, o melhor possível, de sua comissão.

Ainda não a tinham levado a cabo de todo, quando um deles, que se achava mais perto da casa paterna, ouviu os tiros, e, pela direção, concluiu terem sido disparados perto de sua casa.

Eram cerca de 8 horas. A lua iluminava o espaço, mas os seus pálidos raios eram empanados por espessa molinha.



Casa de Cristóvão Bender

Incontinênti, aperrou a espingarda e deitou a correr em direitura à casa. Cosendo-se com a cerca de pedras, ainda bem não havia alcançado a cancela acima referida, quando avistou os Muckers em número de oito ou nove. Estes, visivelmente, acabavam de transpô-la naquele momento, achando-se distante da mesma apenas uns vinte passos.

Mal tinha dado acordo dos bandidos, estouraram os tiros, e os projéteis, sibilando-lhe à direita e à esquerda, foram ricochetear nas pedras da cerca.

O intrépido mancebo não tremeu. — Tigre! Toma lá essa para a jornada! — disse ele consigo — e despejou a arma.

Não teve tempo, porém, de verificar o efeito do tiro. De um pulo, galga a cerca, e, protegido por esta, corre em direção à casa. Chegando à porta, encontra-a fechada. Bate, torna a bater. Ninguém responde.

— Onde está minha mãe? e minha irmã? Estarão mortas ou vivem ainda?

Com violento esforço, consegue meter a porta dentro. Estremeceu de horror; diante dele, sentada num banco, está sua mãe lívida, e, em roda, no soalho, vêem-se poças de sangue.

Onde estará Susana? Fugiu ou caíra ela vítima das balas assassinas? Quem saberia dizê-lo?

Uma dor invencível o empolgou, as lágrimas brotaram-lhe, violentas, dos olhos.

Não tardaram a voltar os outros dois irmãos; viram o que se passara; mas, por maior que fosse a sua dor, a consciência da ação grande e nobre que acabavam de praticar lhe mitigava. Com efeito, não tivessem os intrépidos mancebos tido a coragem de, esquecendo-se de si próprios, avisar a tempo os vizinhos, e só Deus sabe quantos não teriam caído vítimas das balas e do ferro dos assassinos. Assim, porém, estes encontraram todos apercebidos, e cuidaram de pôr a salvo a própria pele.

Para suas casas é que eles não podiam voltar, e não tiveram outro caminho senão embrenhar-se nos matos.

.....

## *Capítulo XXII*

### MUCKERS EM APUROS – UM ENCONTRO – INCURSÕES\*



PARTE a atrocidade do crime, o intento concebido por Jacobina e seu corrilho – de se assenhorearem da colônia, levando tudo a ferro e a fogo – era antes o parto de um espírito tresloucado do que o plano de uma combinação bem calculada.

Com os meios, aliás escassos, de que dispunha, podia ela, quando muito, conseguir que os seus parciais reduzissem a cinzas algumas casas e dessem cabo de alguns ímpios; mas estes resultados só podiam concorrer para acirrar ainda mais os ânimos, já irritados, a represálias violentas, e provocar medidas extremas, da parte das autoridades; o que daria em resultado a ruína da seita. Jacobina estava ciente do que seus apóstolos já haviam feito no Ferrabrás e arredores, e era com impaciência e ansiedade que ela aguardava o resultado da empreitada nas picadas.

Não tardaria, porém, que chegassem novas que lhe haviam de causar amargos de boca.

---

\* Parte tirada dos autos do processo, parte colhida das informações prestadas por aqueles que tiveram envolvidos diretamente nos sucessos.

As atrocidades cometidas nos últimos dias tinham acabado de convencer os moradores de S. Leopoldo e das colônias de que só da ação coletiva e do esforço de todos dependia a salvação individual. Esta convicção provocara, na colônia, uma agitação extraordinária.

Em todas as picadas, os homens capazes de pegar em armas, se haviam reunido, e, formando grupos, tinham ocupado todas as entradas e saídas, todos os caminhos e atalhos; dia e noite, rendiam-se sentinelas, e os que se não achavam de serviço, estavam sempre prontos à primeira voz. Dormiam, pode-se dizer, com as armas na mão e com elas se erguiam. E, se sucedia que, durante a noite, alguém ia buscar o padre, para algum enfermo, apresentavam-se logo à porta do presbitério quatro ou seis homens, para servir de escolta ao sacerdote.

Mas, como, por si só, cada família seria impotente para repelir o assalto de Muckers numerosos, trataram de se reunir em número de três, de quatro e mais, em uma casa, para onde transportaram os haveres que consigo podiam levar.

De ordinário, escolhiam, para esse fim, alguma venda, ou alguma casa de colono que sobressaísse pelas dimensões e solidez da construção. Destarte, veio a acontecer que as moradas pacíficas dos colonos se transformaram em verdadeiros acampamentos, e as vendas alegres, onde outrora se folgava e ria, eram agora a mansão do luto e das lágrimas.

Qualquer boato, qualquer acontecimento, favorável ou desfavorável que fosse, em relação aos Muckers, repercutia naqueles rodas, e era motivo de conjecturas, e alternativas de esperanças e receios, de alegrias e tristezas.

Também a residência paroquial, o presbitério, na Picada dos Portugueses, convertera-se em um como quartel.

Cerca de vinte e sete pessoas, com armas e bagagens, ali haviam procurado asilo. Parte para lhes cederem lugar, parte para irem levar conforto e auxílio aos moradores mais afastados da paróquia, os três padres da residência tinham tomado rumos diferentes e, quanto ao irmão leigo, esse era visto, ao luar, de arma ao ombro, a fazer guarda à porta do presbitério.

Por felicidade, o sexo forte da população conservava, apesar de todos os horrores, uma grande dose de coragem e presença de espíri-

to. Dir-se-ia até que aqueles rudes filhos da natureza, sempre em luta com as intempéries e os perigos da mata virgem, para granjearem os recursos necessários à vida, estavam agora animados de sentimentos belicosos.

Com efeito, já não pensavam somente em se defender dos assaltos do inimigo comum, senão que se apercebiam para dar-lhe caça na sua própria fumaça.

Até rapazes, que mal tinham forças para pegar numa espingarda, apresentaram-se, desejosos de tomar parte em alguma empresa aventureira.

Era natural, pois, que os Muckers da Picada Nova e da Picada dos Portugueses não se sentissem muito à vontade.

Os da Picada Nova contavam que, após o assalto à casa de Miguel Fritsch, os seus comparsas da Picada dos Portugueses se lhes viessem ajuntar; esperaram, mas esperaram debalde, porque a ação heróica dos jovens Bender cortara a estes últimos a passagem, obrigando-os a se refugiar no mato.

E agora que haviam eles de fazer? Não aparecendo os companheiros, resolveram os da Picada Nova tentar um meio de chegar aonde aqueles se achavam. — Se conseguirmos juntar-nos aos outros — diziam — será fácil levarmos a cabo algum ataque; e, reforçados, podemos abrir caminho para o Ferrabrás. — Entretanto, para sondarem o terreno, galgaram uma colina donde podiam abranger, com a vista, toda a picada. Verificaram, então, que, no interior das casas, havia luzes, e compreenderam que a tentativa era por demais arriscada.

Ao cabo de muito discutir os prós e os contras, resolveram desistir de qualquer tentativa de junção com os outros Muckers, e procurar passagem pela Picada dos Dois Irmãos, e dali seguir para o Ferrabrás.

Com efeito, na colônia de um de seus partidários, chamado Jorge Noe, vadearam o rio Cadeia, e, passando pela Picada dos Quarenta e Oito, dirigiram-se para a Picada Dois Irmãos.

Aqui, porém, os moradores não se conservavam de braços cruzados e desprevenidos; muito pelo contrário, tudo se achava a postos. Entre outros, encontrava-se um rapaz de quatorze anos. O chefe da

guarda havia-lhe designado um lugar no trecho da estrada por onde, forçosamente, tinha de passar quem quer que viesse da Picada Nova, para transpor a larga ponte que ficava no vale. Ali, pois, estava de atalaia o nosso pequeno atirador.

A noite ia decorrendo tranqüila e sem incidente algum. Deu meia-noite; reinava completo silêncio; eis que, lá pelas quatro horas, do lado fronteiro da estrada, abre-se a porteira de um prado, e, logo em seguida, saem, apressados, uns após outros, oito vultos, com as armas cintilando aos raios da lua.

Eram os Muckers da Picada Nova.



Capela da Picada Nova

O rapaz esticou a cabeça para fora do seu esconderijo; o coração batia-lhe de medo e de alegria a um tempo.

– Alto! Quem vem lá?! – bradou ele, apontando a arma.

Ninguém respondeu; sinal de que eram inimigos.

O jovem não hesitou muito; desfechou a arma, e um leve grito veio testemunhar que a bala havia acertado.

Os Muckers responderam ao tiro; mas o rapaz, bem avisado, evitou expor-se às balas inimigas.

Entretanto, para os colonos do vale, foi aquele tiro o sinal de alarme. Imediatamente, saíram todos de suas habitações, prestes para a

luta. Pouco mais embaixo, na estrada, um dos moradores tinha pulado do interior de sua casa e fizera fogo; porém, cinco tiros, que detonaram logo, o aconselharam a recolher-se de novo.

Mais além, nas proximidades da ponte, estavam postados diversos outros colonos. Ali, à direita da estrada, havia uma ferraria com um pátio fechado por uma cerca de pedra solta. O aprendiz da oficina – Bauermann, assim se chamava ele – esperava os intrusos, com o dedo no gatilho da arma. Estes vinham-se aproximando; já o rapaz via diante de si toda a quadrilha; fez fogo, e, quase no mesmo instante, outro tiro estourou, e o pobre cai em terra, sem vida.

Fora o caso que o mal-aventurado, depois que o lampejo da arma denunciara a sua posição, tinha lançado, imprudentemente, a cabeça fora da cerca, com o fim de verificar se havia empregado bem a sua bala, quando, varado na testa pelo projétil inimigo, ali mesmo caiu morto.

As descargas continuaram; os tiros sucediam-se rápidos. Um dos Muckers recuou, fugindo. Outro – um tal Guilherme Maurer – mortalmente ferido, foi cair num lamaçal, perto da estrada. Para os outros, não havia meio-termo: ou ir para frente ou morrer ali mesmo.

Atrás deles, choviam as balas, a que eles respondiam com outras.

Afinal, reconheceram que seria imprudente continuar a avançar em grupo; pelo que, separando-se, tomou cada um o rumo que lhe pareceu mais seguro.

Findo o combate, viram, aterrados, que se achavam distanciados uns dos outros, sem esperança de poderem se juntar novamente.

Os intrépidos moradores dos Dois Irmãos recolheram os dois cadáveres; a um, deram sepultura honrada no cemitério; para o outro, abriram uma cova ao pé da ponte.

.....

*Capítulo XXIII*

NOVAS CORRERIAS

**N**ESSE lapso de tempo, também na Picada dos Portugueses a situação dos Muckers se havia tornado bem crítica.

Logo no dia imediato ao do assalto à casa da viúva Bender, dirigiu-se o subdelegado Daniel Kollin, já nosso conhecido, à testa de uns quarenta a cinquenta colonos, bem armados, para as casas dos malfeitores.

Devagar, cautelosa, dispersada em longa fila de atiradores, avançava a coluna móvel, composta de indivíduos afeitos à vida da mata virgem.

Entretanto, no interior das casas dos Muckers, anda tudo em polvorosa: é um vaivém continuado; às janelas aparecem alguns rostos, que logo se retiram, para ceder lugar a outros.

Ainda a coluna se achava a regular distância, quando, de repente, se abrem as portas, e grupos de indivíduos irrompem, sumindo-se, em fuga desapoderada, nas roças.

Quando os nossos atiradores chegaram às casas, ali encontraram apenas duas mulheres e algumas crianças – ao todo treze pessoas – que conduziram presas.

Na volta, ainda não tinham alcançado a venda de Kollin, quando viram duas casas – a de Cristiano Fuchs e a de Jacó Fuchs – presas das chamas. Alguns dentre os colonos mais irritados, tinham-lhes lançado fogo, e as labaredas já lambiam os telhados.

Mal a coluna se havia recolhido ao quartel, surgiram apreensões e receios. Lamentavam que lhes houvessem escapado os Muckers, e puseram-se a medir as conseqüências disso. Falavam na possibilidade de uma vingança, de um assalto coletivo que os expulsos de seus lares, em desespero de causa, levariam a efeito.

Um dos colonos levou a sua indiscrição ao ponto de dar largas a esses receios em presença das mulheres que se achavam na venda de Kollin. Foi então um dia de juízo. Como fogo em rastilho, espalharam-se esses receios de boca em boca, e o que não passava de mera suposição, a fantasia exaltada das mulheres transformou logo em realidade.

Já se sabia, com toda a certeza, que o ataque havia sido planejado; afirmava-se que até as mulheres e as crianças tomariam parte nele; e chegou-se a citar os nomes dos que se achavam no rol dos condenados.

Estas invenções ridículas deram em resultado uma explosão, não menos ridícula, de apreensões e cuidados. Umas soluçavam, outras choravam; aqui, era uma que se carpia; ali, outra que estorcia as mãos. Os maridos, esses, viram-se em calças pardas, e só a grande custo conseguiram acalmar e tranqüilizar, de algum modo, as suas caras-metades.

Quanto aos Muckers, esses pensavam naquela ocasião em tudo, menos em um assalto. Cortados de todos os lados, erravam, sem abrigo, na mata, e só a medo se atreviam a sair, durante a noite, a fim de colher, aqui e ali, algumas espigas de milho, para não morrerem à míngua.

Entretanto, quaisquer que fossem as condições destes, para os colonos era forçoso sair daquela situação ansiosa, daquele ambiente de incertezas e temores; pelo que resolveram ir procurar os Muckers no seu próprio coito.

Para levarem a cabo o seu intento, com o melhor êxito possível, havia o subdelegado Daniel Kollin se dirigido, em primeiro lugar, ao chefe da polícia, em Porto Alegre, e depois a outra autoridade policial, no Porto Guimarães (hoje vila de S. Sebastião), requisitando algumas praças e armamento.

O último respondeu que não os podia ajudar; o primeiro mandou dizer que se ajudassem a si próprios.

– Pois bem! – resolveram os colonos – ajudar-nos-emos como pudermos – e marcharam de novo sobre as casas dos Muckers; nestas, porém, não encontraram viva alma; apenas, numa, havia algumas armas e alguma provisão de charque.

Ainda desta vez, deitaram fogo a cinco casas de Muckers, e, quando ardiam, ouviu-se, em uma, a explosão de grande quantidade de cartuchos.

Afinal, a 29 de junho, resolveram ir procurar os sectários nas suas supostas trincheiras.

Assim, pois, um contingente regular de colonos armados dirigiu-se à fralda do morro do Fritz, onde, a pouca distância umas das outras, ainda ficavam de pé o resto das casas dos Muckers, levando o propósito de seguir o mesmo rumo que, a 27 de junho, haviam tomado os foragidos.

Nessa ocasião, a coragem de alguns da expedição foi posta a dura prova. – Como deitaremos a unha aos Muckers, tão temidos, sem expormos a grave risco a própria vida? – Para muitos, não era esta uma questão para desprezar, porém tal, que devia ser maduramente ponderada. Como o medo influiu bastante nas deliberações, decorreu muito tempo até chegarem a um acordo.

Naquela conjuntura, apresentaram-se, a talho de foice, dois caboclos, oferecendo-se para vaqueanos. Ousados e decididos, como se nada mais tivessem a perder do que tem que perder o cão rastejando a caça, iam os dois na frente, atravessando, furtivamente, as roças, e rompendo por entre o basto arvoredado e os tojos. Quando menos esperavam, acharam-se os colonos em frente à tão temida furna dos Muckers. Reinava ali o maior silêncio; ninguém disparou um tiro; ninguém tratou de se defender; e nem sequer havia alguém capaz de se defender em regra: mulheres famintas, entangidas; crianças mortas de fome, a roer os restos de espigas de milho, e, finalmente, um velho – que mais parecia uma criança do que um homem – tais eram os monstros dos quais, com tantas precauções, se haviam aproximado. – De trincheiras, nem sinal.

Satisfeitos, por um lado, de se saírem tão bem da empresa, mas contrariados, por outro lado, de não terem encontrado os Muckers que procuravam, os colonos bateram em retirada, conduzindo presas as mulheres e crianças: estas com as que tinham sido capturadas a 27, perfaziam o número de 30, mais ou menos.

Contavam eles que as mulheres lhes descobrissem o paradeiro dos homens; mas enganaram-se, e, assim, no ânimo dos colonos continuava a pairar o receio de um novo combate.

.....

*Capítulo XXIV*

OS ÚLTIMOS MUCKERS NAS PICADAS\*

**E**SGARRADOS, fugitivos, vagavam pela mata, sem rumo, os Muckers da Picada dos Portugueses. Queimados os seus lares, a sua situação se havia tornado ainda mais desesperada. Do alto das colinas, no meio do mato, viam eles as casas desabar entre as espadanas de fogo, sepultando assim as suas últimas esperanças. A retirada para o Ferrabrás desde muito que era impossível; o único refúgio que lhes restava era o mato; e provavelmente também aqui não estariam por muito tempo seguros; pois era fora de dúvida que os colonos não descansariam, enquanto não lhes descobrissem o esconderijo; e, então, que seria deles? Tinham, pois, sobejos motivos para temer.

Nesse meio tempo, a velha Bender havia sucumbido aos ferimentos, que recebera: cercada de seus três filhos, assistida e consolada por sua filha Susana, que já havia voltado para casa, deixou ela este vale de amarguras.

---

\* Colhido de informações pessoais e dos depoimentos dos Muckers nos autos do processo.

À sua morte, as lágrimas e os lamentos dos filhos exasperaram ainda mais os ânimos dos colonos.

Coincidiu com estes fatos que, por ordem do presidente da Província, os mesmos receberam armas e munições, que foram logo distribuídas pelos moradores da picada.

Com a chegada do armamento, parecia que um espírito guerreiro animava os pacíficos agricultores. Puseram-se logo a examinar e experimentar as armas. Como se realizassem uma grande montaria, faziam ecoar os tiros por vales e quebradas. – Agora sim! agora podemos pôr mãos à obra – bradavam, cheios de entusiasmo, os colonos uns para os outros.

Os sectários, lá do seu homizio, espreitavam, não sabendo o que significava o tiroteio; e, para se precaverem quanto possível, internaram-se no mais espesso da floresta, de modo que, por mais que fizessem os colonos para lhes dar caça, não conseguiram descobrir-lhes os rastros; apenas encontraram, no mato ou nas roças, os sítios onde aqueles tinham tomado as suas aldravadas refeições; viram tições apagados e restos de espigas de milho assado; mas, dos Muckers, nem sombra.

Enfim, haviam decorrido já algumas semanas, quando circulou o boato de que os Muckers estavam refugiados na Picada do Capivari.

Aqueles, dentre os colonos, que podiam com uma arma, puseram-se a caminho.

– Desta feita – blasonavam eles – não nos hão de escapar! – Formaram logo duas colunas, que, de pontos opostos, se embrenharam no mato. Com a arma aperrada – e alguns, talvez com o coração a pular – foram avançando pelo mato adentro.

Chegaram a um claro, aberto a facão; aqui, ardia uma fogueira, em torno da qual bivacavam os oito Muckers da Picada dos Portugueses.

Diante deles, em espetos de pau recém-cortados, chiavam, sobre as brasas, pedaços de carne de um macaco, ao mesmo tempo que no borralho estavam a assar algumas espigas de milho.

Era uma refeição parca demais para tantas bocas; pelo que dois dentre os Muckers se haviam encarregado de ir apanhar alguma outra caça.

Enquanto os dois andavam errando no mato, os colonos foram se aproximando da fogueira, em roda da qual se achavam ainda os outros seis Muckers.

Quando estes deram tento da aproximação do inimigo, debandaram em vertiginosa fuga; mas debalde! pois, tentando escapar da primeira coluna, foram cair nas mãos da outra, que vinha do lado oposto.

De todos os lados, atroam os gritos dos cercadores, que os intimam a entregar as armas; para eles, já não havia resistir nem fugir; tiveram, pois, que render-se à discricão, sendo conduzidos em triunfo, como prisioneiros.

Não descreveremos aqui o contentamento que produziu nas picadas a notícia do resultado da expedição.

Entrementes, os outros dois Muckers tinham voltado da caçada, trazendo para o lugar da fogueira apenas um macaco que haviam morto. Qual não foi, porém, o seu espanto, não encontrando os companheiros nem o churrasco! apenas algumas espigas torradas lá estavam no brasido. Compreenderam logo que, durante a sua ausência, alguma coisa de grave havia acontecido, que, entretanto, não sabiam explicar. Deram mais alguns passos, e encontraram no chão o assado já pronto para ser saboreado; e, perto dali, espalhados, o espeto e as forquilhas.

– Que terá sucedido? Com certeza – assim conjecturavam eles – foram os nossos companheiros assaltados, abandonando tudo na precipitação.

A sua freima agora era: Onde encontraremos os nossos camaradas?

Sabendo que dos Muckers procurados dois lhes haviam escapulado, e, presumindo que os mesmos continuavam homiziados no mato, resolveram os colonos dar outra batida, mas desta vez pela madrugada. Com efeito, partindo de pontos opostos, puseram-se em marcha, aproximando-se, em círculo cada vez mais apertado, do interior do mato.

Os dois fugitivos não suspeitavam o que se passava em redor deles, e quando deram tento da cilada que lhes preparavam, já era tarde, e a sua sorte estava decidida. Presos, foram os dois conduzidos como os demais.

Neste em meio, também se havia rendido o grupo de Muckers que fora dispersado perto da ponte da Picada dos Dois Irmãos.

O Mucker que naquela ocasião pusera as pernas às costas, sumindo-se, apresentou-se, a 2 de julho, a um colono, entregando as armas e pedindo quartel.

Dentre os sectários que na ponte se haviam aberto passagem, um não pudera avançar. Era Jacó Fuchs, parente de Jacó das Mulas. O tiro de sinal que o rapaz que estava de atalaia na porteira havia disparado, acertara-lhe na perna; e só à confusão e ao alarme em que todos se achavam naquele momento deveu ele poder atravessar o arroio e arrastar-se até ao mato. Ao pé dele, ficara um seu enteado, que, compassivo, se encarregou de pensar-lhe o ferimento; os demais trataram de pôr-se a salvo.

Mais de oito dias andaram os dois desgarrados vagueando no mato e mastigando fome, até que, coagidos pela necessidade, foram bater à porta de um colono, pedindo alimento e abrigo. A estes não tardaram a seguir os outros, e assim estava terminada a tragédia das picadas.

O mesmo, porém, não sucedia no teatro principal da seita – o Ferrabrás.

O que por lá se passava, é o que vamos narrar no livro seguinte.

# LIVRO TERCEIRO

OS REBELDES

.....

## *Capítulo I*

PEDRO SERRANO – PROVIDÊNCIAS \*

**A**PÓS a cena de sangue em frente à porta do velho casal Hofmeister, tinha Pedro Serrano tomado o caminho de S. Leopoldo, dirigindo-se para ali, a toda brida, a fim de pedir socorro para os colonos ameaçados pelos Muckers.

Aquele homem de bem fez tudo quanto pôde fazer um destemido filho da Serra. Em Hamburgerberg, cansara o animal que montava, mas, dirigindo-se ao colono mais próximo, conseguira trocá-lo por outro, e pusera-se de novo a caminho. Chegado a São Leopoldo, encontraram as suas informações facilmente crédito. Com efeito, as casas em chamas, para as bandas do Ferrabrás, ali estavam a confirmar, com o seu fulgor sinistro, as novas aterradoras do Serrano. O chefe de polícia não hesitou em dar-lhe o auxílio pedido, e, conseguido este, voltou o Serrano, à pressa, para o teatro do crime.

Chega a casa; ao entrar, ficou tomado de terror; estava vazia: não havia ali viva alma. Chama. Nenhuma voz responde. Esquadrinha todos os recantos da casa, a adega, as dependências – em toda a parte,

---

\* Conforme as informações do Serrano.

reinava um silêncio sepulcral. A mulher, os filhos, a criada tinham desaparecido.

Por instantes, ficou-se indeciso; não tardou, porém, que voltasse a reflexão. Encontrou tudo em seu lugar: a venda, a sala, os aposentos, tudo estava como ele havia deixado; em parte alguma, havia sinal de violência.

– Com certeza, puseram-se a salvo – pensou ele – estão em algum lugar seguro e fora de todo perigo.

Como o leitor já sabe, ele não se enganava, pensando assim; pois não tardou muito que a notícia de se acharem todos a salvo, em casa de Pedro Haecksel, o viesse tranquilizar completamente.

Entretanto, em S. Leopoldo, a ansiedade pública subia de ponto: a cada instante, chegavam mensageiros após mensageiros, trazendo notícias de novos atentados; e os moradores da cidade (ornados de verdadeiro pânico, escancaravam as janelas, subiam aos telhados das casas, e até à torre da igreja, para se certificarem, por seus próprios olhos, da veracidade das notícias. A esse tempo, começaram a chegar do teatro das cenas ora esta ora aquela família, que, ameaçadas pelos Muckers, vinham procurar refúgio na cidade, trazendo consigo tudo quanto lhes fora possível carregar.

E, quando se viram sob o teto hospitaleiro e amigo de algum parente ou conhecido, não podendo sopitar a dor que lhes oprimia os corações, desatavam em prantos e soluços, e lançavam-se nos braços daqueles que lhes davam agasalho. Não é possível descrever a impressão que tais manifestações de dor deixavam nos ânimos dos moradores de S. Leopoldo. E que muito, se todos viviam tomados do receio de que, mais tarde ou mais cedo, o mesmo infortúnio lhes podia bater à porta.

No Ferrabrás, entretanto, voltara o sossego. Como os animais que, temendo a luz do dia, saem, nas trevas da noite, à procura da presa, e recolhem aos seus covis aos primeiros raios da luz, assim a horda assassina dos Muckers tinha tornado ao seu antro, antes de raiar o dia.

Ali, pairava uma atmosfera<sup>\*</sup> carregada: todos sentiam um mal-estar, uma ansiedade. Percebia-se que o que quer que fosse de extraor-

---

\* Conforme o depoimento dos Muckers presos, extraído dos autos do processo.

dinário havia sucedido durante a noite; mas notava-se também que nem todos tinham conhecimento do que havia ocorrido. Uns formavam grupos, e, separados dos outros, palestravam com ares misteriosos: eram os incitados, os íntimos de Jacobina. Outros, cheios de curiosidade, erravam pela casa ou pelo terreiro, com o intuito de colher, aqui ou ali, alguma informação mais precisa sobre as ocorrências daquela noite.

Perguntavam, indagavam; mas as respostas que lhes davam, ou eram evasivas, ou tais que deixavam apenas vislumbrar os fatos.

O que importava, agora, aos sectários era aparelharem-se para um assalto, absolutamente inevitável.

Por detrás da cidadela dos Muckers, e à distância de uns 150 metros, erguia-se, a pique, uma como muralha de rocha, de cujo cimo se podia descortinar facilmente toda a chã até São Leopoldo. Ali montaram os Muckers o seu posto de observação,\* formado de troncos de árvores, ligados entre si por traves, sustentando um soalho de tábuas. Dispunham também de um óculo de alcance, de maneira que o menor movimento do inimigo era percebido pelas vedetas, a uma grande distância.

A chegada do Serrano, com a pequena escolta, não lhes passou despercebida; e, mal se espalhou a nova pela casa, um entusiasmo guerreiro apoderou-se de todos, sem excetuar as próprias mulheres, que deram de mão à agulha e à costura, para se exercitarem no manejo do revólver.

Como era natural, tomaram-se, com o maior afã, as providências que, porventura, ainda não se tivessem posto em prática, para se porem na defensiva.

Para fazerem rosto ao Serrano e à sua gente, não havia mister muita cousa: desses dariam cabo facilmente; mas calcularam, desde logo, que não podiam tardar contingentes maiores, e, para isso, era preciso que estivessem apercebidos.

---

\* A armação existia e podia ser vista muito tempo depois, como verificamos por nossos próprios olhos. Se foi ou não levantada naquela ocasião ou anteriormente, é o que não está bem provado; entretanto pendemos a admitir, com certo fundamento, esta última hipótese.

A fim de prepararem os ânimos das crianças para as cenas de horror que estavam iminentes, tinham-lhes inculcado que, embora perdessem, no mesmo dia, pai, mãe e irmãos, não deveriam, por isso, derramar uma lagrima sequer. Para os adultos, escusavam tais recomendações fanáticas; porquanto, não recuando, por amor de Jacobina, diante de coisa alguma, estavam eles sempre prestes a sacrificar, por causa dela, mulher, filhos e até a própria vida; e, em breve trecho, deparar-se-lhes-ia a ocasião de o provarem.

.....

## *Capítulo II*

### A COUSA VAI-SE TORNANDO SÉRIA – O CORONEL GENUÍNO\* – OS MUKERS SE PREVINEM

**E**RA BEM de ver que as poucas praças que o Serrano trouxera consigo não podiam pensar sequer em atacar os Muckers. Contentaram-se, pois, em impedir novas cenas de sangue. Nesse intervalo de tempo, o telégrafo tinha levado à capital a nova dos atentados horrosos. À vista disso, mandou o presidente da Província equipar, à pressa, cem praças do 12º de infantaria, seguindo, com as mesmas, para S. Leopoldo. Da Câmara Municipal, pôde ele ver os bulcões esbraseados das casas reduzidas a escombros.

Ainda na noite de 26 para 27 de junho, um trem expresso transportava cavalos e bagagens, e, na manhã de 27, também 2 canhões de aço fundido.

Jacobina tinha duplo motivo para aterrar-se com a chegada da nova força: por um lado, compreendia que o governo ia empenhar-se na luta seriamente, pois mandava para o teatro da guerra até bocas-de-fogo; por outro lado, o meio de transporte da força importava, para ela, numa

---

\* Coronel Genuíno Olímpio de Sampaio. Vide nota no fim.

humilhação: tinha sido transportada pela estrada de ferro que liga S. Leopoldo a Porto Alegre e que acabava de ser construída. Ora Jacobina, enquanto a estrada se construía, vaticinara, com desplante sem igual, que a mesma jamais ficaria concluída. E que, talvez, enfatuada pela marcha progressiva de sua causa, esperava ela impedir, no momento dado, que fosse a estrada entregue ao tráfego. Agora, porém, a despeito de sua profecia, logo nas suas primeiras viagens, conduziavam os trens os elementos que deviam trazer a ruína de sua seita.

Escusa dizer que os Muckers, na sua alucinação, se conservavam aferrados à crença na missão divina de Jacobina, não obstante os fatos desmentirem as suas profecias; e, o que é mais ainda, a dedicação que tinham à causa dessa mulher subiu de ponto e atingiu o auge com a iminência do perigo.

O comando da força foi confiado, pelo presidente, ao coronel Genuíno. De estatura meã, organização robusta, e, posto que não fosse moço, era Genuíno ainda vigoroso e cheio de energia militar. A sua fisionomia denunciava um ânimo corajoso e resoluto, e, com efeito, ambas as qualidades ele as possuía em grau elevado. As fadigas, durante a guerra do Paraguai, haviam-no curtido, e o concerto das balas inimigas o tornaram destemido, familiarizando-o com o perigo.

Escolhendo o coronel Genuíno para chefe da expedição, julgou o Presidente ter satisfeito a condição principal, e retirou-se para Porto Alegre, onde tomaria ulteriores providências. A sua última recomendação ao coronel foi que, quanto antes, marchasse para o campo da luta.

Mas bem podia o coronel escusar tal recomendação. Com efeito, as fisionomias pálidas e desfiguradas pelo pânico, que por toda a parte se lhe deparavam; a ansiedade e excitação que se manifestava em todas as classes; a miséria a que haviam ficado reduzidas as vítimas das atrocidades dos Muckers – tudo parecia bradar-lhe: – Apressa-te, sê o nosso salvador, e podes contar com as bênçãos de milhares de corações agradecidos.

Por seu lado, o velho militar ardia em desejos de pôr termo aos desvarios dos sectários, por meio de um golpe rápido e decisivo, e talvez prelibasse já então o contentamento da população, quando visse o inimigo esmagado e aniquilado para sempre.

A 28 de junho, pois, marchava o coronel para o Sapiranga, à testa de uma força composta de contingentes das três armas; infantaria, cavalaria e artilharia.

Não foi de braços cruzados que os Muckers viram a força se aproximar do seu baluarte: logo que a avistaram tomaram as providências para a defensiva, tratando, em primeiro lugar, de se organizar.

Para assegurar a unidade da direção das forças, foi confiado a Rodolfo o comando superior das mesmas. Assistiam-lhe, como conselheiros, três indivíduos, já nossos conhecidos: Robinson, o ruivo, Cristiano Kassel e o velho astucioso cuja ação diplomática, em Porto Alegre, conseguira pôr em liberdade os trinta e dois Muckers que ali se achavam presos. Era este último o mais capaz de todos, e era convicção geral que os planos de guerra partiam dele.

Importava, agora, protegerem-se contra o assalto da tropa.

A fim de que o leitor compreenda as medidas que os Muckers tomaram para a sua defesa, e avalie as ocorrências que seguiram imediatamente, devemos esboçar-lhe a planta dos arredores da cidadela dos sectários.

Como já dissemos, demorava esta numa clareira do mato, ao sopé do Ferrabrás. Pela banda do norte, de oeste e do sul, era cercada de mato, e só da banda de leste, onde confrontava com as roças do colono mais vizinho, havia um descampado. Mas nem ainda por este lado se podia chegar da estrada à cidadela, sem se atravessar um trecho do mato.

Marchando, pois, a tropa sobre o baluarte, era fora de dúvida que tinha de vir, ou pelo descampado, ou pelo caminho que, partindo da casa do professor Weiss, atravessava o mato; ou que viria, simultaneamente, por ambos os lados. Jacobina e seus asseclas sabiam disso muito bem, e trataram de prevenir-se.

À vista de seu número relativamente insignificante, importava-lhes muito não se fracionarem, deixando ao inimigo apenas um lado de assalto; por esse motivo, era preciso tornar impraticável, aos assaltantes, um dos dois caminhos.

Os Muckers resolveram, pois, interceptar o que do descampado conduzia à cidadela. À pressa, derrubaram, naquele trecho do mato,

grande número de árvores, de maneira que caíssem transversalmente sobre o caminho, e impedissem de todo o avançar das peças e dos animais.

À tropa, portanto, só restava o caminho que partia da casa do professor Weiss: era estreito, e ia morrer em um pequeno descampado, donde se avistava a casa de Maurer. Da banda do sul e do leste, era o descampado cercado de mato e, pela banda do norte, estendia-se uma sebe, que separava os laranjais e a moradia de um colono chamado Agostinho; e do lado do oeste, finalmente, entestava com o arraial dos Muckers.

Desta banda, um valado servia de limite e uma porteira de tábuas dava acesso às propriedades de Maurer.

Para este ponto é que os Muckers tinham lançado as suas vistas: aqui é que eles esperavam receber o inimigo. O valado formava um parapeito, como melhor não podiam ter na ocasião.

Entretanto não se descuidaram, como é de presumir, de mandar espias, os quais, da orla do mato, deviam acompanhar todos os movimentos do inimigo e informar os cabeças da seita.

Logo que tiveram aviso de que a tropa se havia posto em movimento, um grupo de homens, armados até os dentes, dirigiu-se para a escavação, e ali esperou que as forças de Genuíno saíssem do mato e assomassem no descampado.

.....

### *Capítulo III*

#### O PRIMEIRO COMBATE (28 DE JUNHO)

*D*

ESCIA já a noite,\* quando Genuíno com a sua gente fez alto em frente à porta do Serrano .

– Conhece o caminho para a casa dos Muckers? – perguntou-lhe o coronel.

Este saiu logo a recebê-lo.

– Como não, senhor coronel? Conheço – tornou o Serrano, com voz firme – há dois caminhos que guiam para aquele antro.

– E julga que podemos passar com animais e carros? –

– Se os bandidos já não os interceptaram.

– Com a breca ! – exclamou o coronel

– Como podiam eles obstruí-los, se não sabiam da nossa vinda? –

No gesto do Serrano, deslizou-se um sorriso malicioso.

– Senhor coronel – tornou ele – aqueles marotos têm melhor vista do que o senhor pensa, e mais espias do que se julga.

---

\* Conforme as informações prestadas por ele mesmo.

– Em todo caso – voltou Genuíno – o senhor conhece bem os caminhos, e saberá passá-los na escuridão ?

– Conheço-os tão bem como as palmas das minhas mãos, senhor coronel.

Este sorriu, de contente. – Então, diz o senhor que são dois os caminhos que levam à fortaleza dos Muckers – continuou ele a perguntar.

– Sim, senhor; são dois.

– Segue-se que de lá também se pode sair por dois caminhos; o que é uma contrariedade ; pois, enquanto seguimos por um deles, podem os Muckers escapar-se pelo outro.

– Sem dúvida nenhuma – observou o Serrano – se querem atacá-los, é preciso fazê-lo pelos dois lados ao mesmo tempo.

– Neste caso, necessitaríamos de outro vaqueano – replicou Genuíno. – Haverá aqui algum homem de confiança?

A esta pergunta, apresentou-se um colono: figura alta, espadaúdo, de cabelos pretos, anelados, e de aspecto algum tanto rude e altivo. O grande poncho e as botas de cano alto e largo davam mais realce à sua estatura quase marcial.

– Se o senhor coronel precisa de um guia, aqui estou eu - disse ele, dirigindo-se a Genuíno.

O coronel mediu-o da cabeça aos pés. Parecia que o homem lhe agradava.

– Bem – respondeu Genuíno – aceito o seu oferecimento; mas é bom lembrar-lhe que, se você nos conduz por algum caminho errado, custa-lhe a vida.

– Muito obrigado, senhor coronel – retrucou o colono. – Posso assegurar-lhe que a observação não me surpreende – mas era escusada, Todos aqui me conhecem e sabem que eu posso ser tudo, menos Mucker; e, para aventurar a minha vida e a de tantos outros só por passatempo, era preciso que eu fosse louco ou perverso.

A resposta agradou ao coronel.

– Bem está! – disse este – apronte-se, que agora mesmo nos vamos pôr em marcha.

– Esta mesma noite?! – perguntaram, a uma, os dois homens.

– Que dúvida?! Sim, esta mesma noite – retrucou Genuíno, com um tom que não admite observações.

– Mas será noite fechada, quando lá chegarmos.

– Tanto melhor: iremos surpreendê-los a dormir. Demais, hoje há lua cheia e temos luar.

Os dois vaqueanos ainda quiseram opor alguma objeção; mas, para o velho soldado, a prudência deles não passava de covardia; com precisão militar, voltou-lhes as costas e tratou logo de dar as suas ordens para a marcha.

Com efeito, momentos depois, a força, composta de 130 homens, mais ou menos, estava dividida em dois pelotões e, protegida pela tibia claridade do crepúsculo, punha-se em movimento sobre o Ferrabrás.

Reunidos, chegaram defronte da casa do professor; ali separaram-se: um dos pelotões, guiado pelo Serrano, seguiu o caminho que já conhecemos e que, desviando à esquerda, levava ao covil dos Muckers; o outro pelotão continuou na estrada, até tomar, mais adiante, por um atalho que ia dar à roça, a fim de reunir-se, já perto da casa de Maurer, ao primeiro pelotão.

O plano de Genuíno era cercar a casa na calada da noite e acometê-la, de todos os lados, ao mesmo tempo.

Avançavam em silêncio, a passos surdos, sem o rufar dos tambores, sem o clangor dos clarins, a fim de não perturbarem o sossego em que supunham ir encontrar os Muckers.

Estes, porém, muito ao contrário, estavam alerta e vigilantes. Metidos uns no fosso e outros protegidos pelos troncos das arvores, achavam-se eles, com as clavinas engatilhadas, à espreita, como faz o caçador que deixa que o cervo descuidado se avizinhe, até o ter a jeito de tiro.

Entretanto, a força se aproximava: já o primeiro pelotão tinha saído do mato e assomara na clareira.

Iam todos animados e bem dispostos. Em torno, tudo estava em silêncio: nada, absolutamente nada, indicava, sequer de leve, que, da parte dos Muckers, houvesse alguma suspeita.

– Não há novidade, tudo corre muito bem – cochichavam aqueles entre si. – Não deram tento de nós, nem suspeitam a nossa chegada. Quem dera que o outro pelotão já tivesse vindo!

Mas o segundo pelotão não aparecia.

Esperou-se... esperou-se – em vão.

Eis que, de repente, ouve-se o ladrado da canzoada: da banda da casa de Maurer, uma matilha de bracos possantes precipitaram-se e, parando à orla do valado, puseram-se a ladrar, furiosos, com voz rouca, aos soldados.

Esta saudação ruidosa molestou, não pouco, a gente de Genuíno, e mais de uma praga se ouviu.

Os ladrados, porém, não duraram muito tempo; dali a pouco, a cainçalha voltava, aos saltos, para a casa, e tudo recaía em silêncio, como dantes.

A mesma cena repetiu-se, segunda e terceira vez, sem outro incidente.

Os soldados, no meio da clareira, viam-se na situação mais angustiada, e começavam a impacientar-se. Com o ouvido aplicado, olhavam eles, atentos, na direção do ponto onde os seus camaradas deviam aparecer. De repente, ouviram passadas na retaguarda. Todos mudaram de cor: uma mó de homens avizinhou-se pelo mesmo caminho que aqueles tinham deixado atrás de si, havia pouco.

– Fomos traídos! estamos cercados! – dizem eles entre si, com voz abafada; e, imediatamente, apontam as armas para a embocadura do caminho donde partia o rumor dos passos.

– Não façam fogo! Não façam fogo, pelo amor de Deus! – bradam daquele ponto. – Somos nós, os vossos camaradas.

Com efeito, era o pelotão que, havia muito tempo, eles esperavam viesse da banda oposta. Na sua marcha, tinha esbarrado em mil obstáculos, e, finalmente, se vira impedido de avançar, por causa dos troncos das arvores com que os Muckers haviam obstruído o caminho;

e, assim, teve de dar volta, após uma marcha demorada e perigosa, vindo, agora, encontrar-se com o primeiro pelotão.

Com a chegada dos companheiros, tornou-se maior o aperto na clareira: Genuíno tratou de dispor a sua gente, designando às diferentes forças lugares determinados e mandando colocar as duas bocas-de-fogo num ponto mais elevado do terreno.

Os Muckers, ocultos no valado, não cabiam na pele de contentes, vendo tão perto de si e tão apinhada a mó de soldados: era só despejarem as armas sobre eles, que os tiros não podiam errar o alvo. Todavia, não o fizeram; esperavam, talvez, que o inimigo rompesse o fogo? ou recavam descobrir a sua posição, disparando os primeiros tiros?

Entretanto, a lua surgira, iluminando, com seus pálidos raios, os pontos mais elevados, ao passo que a raiz do morro e as quebradas do vale permaneciam na sombra.

Genuíno quis avançar, para sitiar a casa de todos os lados, como havia planeado; mas, antes de tudo, resolveu certificar-se de que o caminho estava isento de perigos, e que nenhuma emboscada lhe estava preparada.

Mandou, pois, armar o aparelho dos foguetes a congreve, que conduzia consigo.

Subiu aos ares o primeiro foguete, iluminando, com o seu clarão vivo, toda a vasta região em derredor, ao mesmo tempo que a soldadesca lançava olhares escrutadores para a esquerda e para a direita senão quando, do valado, uma surriada de balas chove sobre eles, deixando-os completamente desconcertados. Aqui e acolá, tombaram alguns mortos, outros gravemente feridos.

A ação havia começado.

Os soldados, enfurecidos com a descarga inesperada, atiravam desordenadamente para o valado; mas, a luta era desigual, só vantajosa para o inimigo. Estes se haviam espalhado pelo fosso, entrincheirando-se atrás das bordas elevadas do mesmo e dos troncos das árvores, ao passo que os soldados pelejavam em campo aberto, sem nenhum abrigo, e, de mais a mais, apinhados, de sorte que, para o inimigo, era mais difícil errar do que acertar os tiros.

As descargas continuavam, sem cessar, de parte a parte; e novas vítimas iam caindo.

O Coronel Genuíno reconheceu o perigo que assoberbava sua gente. Debalde bracejava ele, e, acenando com as mãos ambas procurava serenar a fúria dos soldados; debalde intimava-lhes que se retirassem; mas a cólera dementara-os e não queriam bater em retirada, antes de se terem vingado. De novo, as cornetas tocaram a retirar, mas sem resultado.

Ordenou, então, Genuíno que as bocas-de-fogo fossem colocadas na frente. Estas foram assestadas. Logo, em seguida, ouviu-se o ribombo do primeiro tiro; mas, ao mesmo tempo, as falcas dos reparos estalaram, fazendo-se em pedaços, ao segundo tiro. As peças emudeceram, continuando as descargas de fuzilaria.

Nesse entretanto, na cidadela, tudo andava numa roda-viva: homens e mulheres, armados até aos dentes, aguardavam o momento em que deviam se envolver no combate. Jacobina, com alguns íntimos, achava-se no seu aposento. Do campo da luta, vinham mensageiros após mensageiros, os quais, com a mesma rapidez, para lá voltavam.

Ao troar o primeiro tiro, Jacobina, lançando-se, desgrenhada, para fora do quarto, achou-se entre os seus, bradando: – Não temais! Os madianistas vão cair em vossas mãos: não vos importeis com os seus alaridos; eles não vos farão nenhum mal.

Entretanto, o tiroteio afrouxara. Nisso, chega um mensageiro gritando, jubiloso:

– Eles não têm mais cartuchos.

Assim era, com efeito: a falta de munições obrigara os soldados a cessar as descargas. À lufalufa, recolheram estes os seus mortos e feridos, deram volta às bocas-de-fogo e bateram em retirada. Os Muckers seguiram-lhes no encalço, despejando sobre eles as armas, e recolhendo-se somente depois que aqueles haviam alcançado a estrada.

Seriam dez horas da noite, quando a tropa, batida, chegava em frente da casa do Serrano.

Trataram, antes de tudo, de verificar as baixas sofridas: quatro tinham caído para sempre, e trinta e cinco estavam feridos.

Também os Muckers, tendo-se reunido, procederam a uma inspeção: tinham seis feridos, um dos quais gravemente, vindo a falecer no dia seguinte. Maurer pensou-os com solicitude paternal, e Jacobina assistiu-os com palavras consoladoras.

.....

## *Capítulo IV*

### A PRIMEIRA NOVA – OUTROS PREPARATIVOS

**A** NOTÍCIA do revés sofrido pela tropa derramou-se, rápida como um turbilhão, por todas as picadas.

Os últimos moradores do Sapiranga, que até ali não se tinham podido resolver a abandonar os seus haveres, trataram de juntar, à pressa, tudo o que puderam, e, aos magotes, fugiram para S. Leopoldo ou para outros pontos, onde estivessem a salvo. Nas roças, na frente das casas, no campo, no mato e até nas estradas, outrora tão animadas, reinava um silêncio sepulcral.

Em S. Leopoldo, onde os acontecimentos da colônia repercutiam com mais intensidade, produziu indizível pavor a notícia do combate desastroso.

– Então, nem a força armada é capaz de nos proteger contra os canibais! – era a exclamação que por toda a parte se ouvia.

Com a nova do desastre, coincidiram, quase ao mesmo tempo, os boatos alarmantes, vindos das picadas, do assassinato da viúva Bender, do atentado contra a vida do velho Fuchs, na Picada Nova; do recontro, na Picada dos Dois Irmãos: em suma, as notícias mais aterrorizadoras sucediam-se rapidamente.

Nesse meio tempo, o coronel Genuíno se havia retirado do Sapiranga para o Campo Bom, onde pretendia reunir reforços.

A primeira coisa que fez, foi levar ao conhecimento do presidente da Província o malogro das operações, pedindo-lhe, instantemente, mandasse novas tropas. Afirmava serem precisas, pelo menos, 600 praças das diversas armas, e 4 bocas-de-fogo, novas e utilizáveis.

Começava-se, assim, a tomar a coisa mais a sério do que se fizera até então.

O presidente, por seu turno, dirigiu-se, logo, ao Governo Central, no Rio de Janeiro, reclamando as peças pedidas, e o Ministro da Guerra não tardou em remetê-las.

Dos diversos corpos espalhados pela Província, foram mandadas vir, à pressa, todas as praças disponíveis.

Parte do 12º de infantaria já estava, como sabemos, sob as ordens de Genuíno, o restante foi mandado reunir ao batalhão; também o 3º teve ordem de marchar para o campo da luta, seguindo imediatamente uma ala deste, para o Campo Bom, a fim de juntar-se às forças de Genuíno, e ficando o resto do batalhão aquartelado em São Leopoldo, sob o comando do coronel Augusto César da Silva.

Além desse reforço de infantaria, seguiu mais o 14º de cavalaria da Guarda Nacional.

Também os colonos, que, mais do que ninguém, tinham interesse em ver quanto antes abafados os desatinos dos Muckers, se apresentaram em grande número, oferecendo-se para o serviço. O coronel Genuíno acolheu-os com prazer, mandando fornecer armamento e munições aos menos apercebidos.

Em outros pontos mais afastados, como Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, não quiseram os moradores conservar-se alheios ao movimento geral. Nestas cidades, que haviam ficado privadas das suas garnições, com a retirada da tropa, reuniram-se os cidadãos válidos, organizando uma guarda civil, para fazer o serviço de garnição, em substituição da força regular.

Além disso, a companhia de bondes em Porto Alegre, pôs à disposição do governo cem muares, para tração das peças.

À vista dessas providências, era de prever que a estrada, até ao Sapiranga, e ainda mais além, havia de apresentar o que quer que era de belicoso. Com efeito, gente de pé e de cavalo, artilharia, bandas de música, carretas com bagagem e provisões de boca, tropas de gado – perpassavam sucessivamente por ali, dando, àquele trecho da estrada, uns ares dos largos caminhos estratégicos, no Velho Mundo, em tempo de guerra.

A 6 de julho, chegavam dois canhões; no dia imediato, 40 reses de carnear, para o rancho da tropa; e, à tarde deste mesmo dia, marchavam para ali cem praças de cavalaria da Guarda Nacional. No dia seguinte, voltava para S. Leopoldo a força que, a 6, havia seguido, escoltando as duas peças, para, logo depois, acompanhar, até ao acampamento, duas carretas, com provisões de boca.

A 10 de julho, seguiam, de S. Leopoldo para o campo das operações, diversos oficiais e 108 praças do 3º Batalhão de infantaria, precedidas de duas bandas de música, e, ao mesmo tempo, as duas canhoneiras, *Henrique Martins* e a pequena *Juriti* subiam o rio dos Sinos.

Dois dias após, isto é, a 12, chegavam a Porto Alegre, com os respectivos soldados serventes, as bocas-de-fogo que o presidente da Província havia requisitado do Governo Central: – eram em número de seis, e com elas vieram também oficiais e trinta e seis praças. Incontínenti, foram as mesmas remetidas para o quartel-general do comando, para que este pudesse, quanto antes, realizar o ataque decisivo.

Mal tinham chegado ao seu destino, foram as peças de artilharia postas à prova, mas descobriram-se nelas defeitos que as tornavam imprestáveis, pelo menos parcialmente.

Acerca da natureza desses defeitos, espalharam-se, então, várias versões.

Diziam uns que as balas não correspondiam ao calibre das peças; outros afirmavam que as caixas da munição não diziam com o resto do material.

O que é verdade é que, a 15 de julho, algumas delas foram recambiadas. Apesar da situação aflitiva em que se achava a população, provocou este acontecimento comentários mordazes.

A 14 de julho, apareciam novamente em S. Leopoldo, o presidente da Província, o comandante das Armas, barão de S. Borja, e o chefe de Polícia, acompanhados de alguns funcionários, e formaram conselho.

Até ali, ficara afeta à polícia a ação contra os Muckers, tendo-se recorrido ao exército à vista da insuficiência da força policial. Agora, porém, firmara-se a convicção de que não se tratava mais de castigar simples criminosos, mas, sim, de combater rebeldes. Era, pois, uma questão de defesa pública, e a direção das operações devia ser confiada às autoridades militares.

Ao coronel Genuíno, foi entregue o comando exclusivo das forças, sendo-lhe recomendada, novamente e com a maior insistência, uma ação imediata e enérgica contra os sectários.

Isto feito, regressaram para Porto Alegre o presidente, o Barão de São Borja e o chefe de Polícia.

.....

## *Capítulo V*

### O ASSALTO À CIDADELA DOS MUCKERS

O

DESASTROSO combate de 28 de junho trazia em alvoroço a todos, tanto paisanos como militares; uns e outros, ansiosos e sobre-saltados, aguardavam novo encontro: aqueles, porque só a vitória lhes podia restituir a paz, por que tanto suspiravam; e estes, porque esperavam desafrontar-se do revés sofrido.

Os colonos, porém, que, mais que todos, ansiavam pelo desfecho, haviam acudido, numerosos, para tomar parte no combate e, separados de suas famílias e, portanto, privados do aconchego do lar, aguardavam, impacientes, dia a dia, o sinal do ataque.

Os soldados, mais afeitos à vida irregular, esses sentiam menos as privações, e alguns até tiveram artes de se proporcionar alguma distração, ora visitando o casal de algum colono, ora escamoteando uma galinha ou leitão que, atados às baionetas, carregavam em triunfo.

Genuíno havia marcado o dia 18 de julho, que era um domingo, para o ataque decisivo. Uma chuva torrencial, porém, que caiu naquele dia, obrigou-o a adiar o combate.

Isto veio contrariar a muitos colonos, os quais ter-se-iam retirado para suas casas, sem nada conseguirem, se outros, mais calmos e refletidos não intervissem, retendo-os.

Chegou, finalmente, o dia 19 de julho; impacientes, todos aguardavam o romper do dia. O céu apresentou-se pardacento e sombrio, mas prometia tempo seco.

– Viremos hoje às mãos com o inimigo? – era a pergunta que faziam uns aos outros, com uma tal ou qual sofreguidão.

Por volta das 7 horas, as cornetas deram sinal de partida, e a tropa pôs-se em movimento, juntando-se-lhe cerca de trezentos colonos. Aqui, devemos lembrar, mais uma vez, a posição da casa de Maurer:

Estendia-se esta, ao comprido, na direção, mais ou menos, de sul para norte, tendo a frente voltada para leste. Três picadas, partindo de pontos diferentes, davam acesso à mesma: a primeira que, estendendo-se da casa do professor Weiss, ia desembocar num descampado, a sueste da cidadela dos Muckers, já nos é conhecida; a segunda, partindo da banda de leste, vinha morrer, quase perpendicularmente, em frente à casa; ao passo que a terceira picada, \* vindo do lado de oeste, formava um ângulo reto com os fundos da mesma casa.

Esta última picada havia ficado, até então, completamente esquecida.

Cada uma das desembocaduras das três picadas ficava ainda a uns cem passos de distância do reduto dos Muckers.

As forças, sob o comando de Genuíno, eram constituídas do batalhão 12º de infantaria, de uma ala do 3º da mesma arma, de uma bateria de artilharia, de um corpo de cavalaria da Guarda Nacional, e do contingente de paisanos acima referidos.

Essa força, extraordinariamente grande para o número de inimigos que ia combater, estava estendida, desde o dia 17 de julho, em todo o trecho da estrada do Mundo Novo, desde a venda do Serrano até a ultima casa do Sapiroanga. Aqui, junto ao cemitério, formando a extrema

---

\* No relatório oficial do capitão Dantas não encontro mencionada esta picada; entretanto, de outra fonte, estou bem informado de que existia.

vanguarda, estava postada a artilharia, protegida por um piquete de infantaria e outro de cavalaria.

Ao sinal de marcha, pôs-se a coluna em movimento, na ordem seguinte: pela picada de leste – a mais larga das três – seguiram a bateria de 4 peças, e um aparelho de foguetes a congreve, o 12º de infantaria e quarenta praças de cavalaria; do lado do sul, isto é, da casa do professor, marchou a ala do 3º de infantaria; e, finalmente, da banda de oeste, moveram-se cinqüenta praças do mesmo batalhão 3º. Cada uma das duas últimas colunas tinha, como escolta, um piquete de trinta homens a cavalo.

Na retaguarda de toda a força, ficavam o 14º de cavalaria da Guarda Nacional e os trezentos voluntários paisanos; contingente este que devia frustrar qualquer tentativa de fuga, da parte dos Muckers.

Entretanto, também no arraial de Jacobina tudo estava já a postos.

A uns cem passos da casa, estendia-se, atravessando a picada de oeste, de que acima falamos, uma sanja, cujas bordas elevadas ofereciam um anteparo natural.

Para chegarem à casa de João Jorge, tinham as forças assaltantes de transpor essa sanja. Foi ali que o sanhoso Robinson com outros dentre os mais encarniçados dos Muckers se haviam entrincheirado.

Na cidadela, todos quantos podiam com uma arma – todos, homens e mulheres, rapazes e raparigas – se achavam armados.

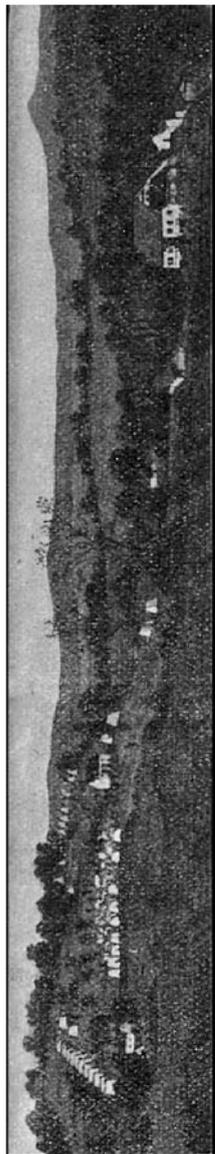
Entretanto, a bateria, após mil tropeços, que o caminho escabroso, o solo empapado pelas chuvas torrenciais, e os troncos abatidos, a torto e a direito, pelos Muckers, lhes opunham a cada passo, pôde, afinal, atingir uma pequena colina, donde se dominava o antro dos sectários.

Era por volta das nove horas. As bocas-de-fogo tomaram posição e foram assestadas.

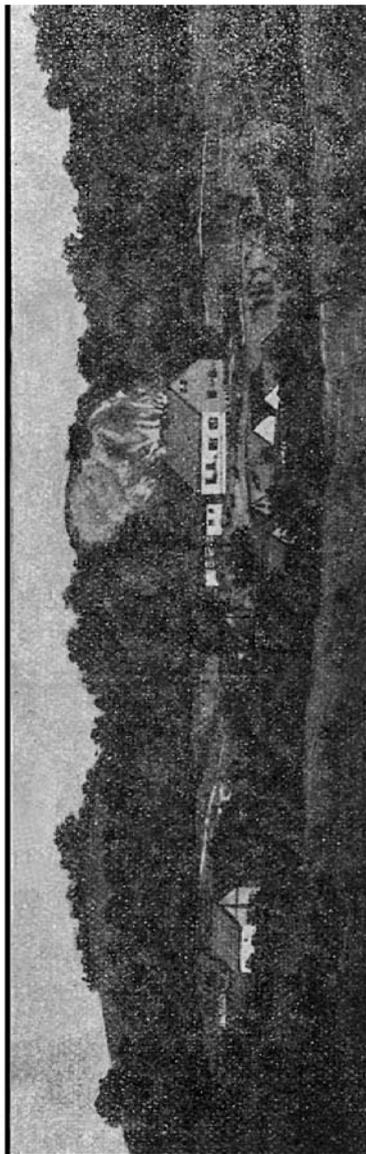
De dentro do valado, partiu um tiro de sinal. A gente de Robinson estava a postos, e, na cidadela, apareceram logo, às portas e janelas, os combatentes.

Nesse momento, um tiro de foguete a congreve deu o sinal de ataque; imediatamente; as peças de artilharia começaram o bombardeio. Mas, – dir-se-ia uma ironia do acaso – logo após alguns tiros, calou-se

uma das bocas-de-fogo, e, pouco depois, também a segunda. Era como se aqueles monstros atroadores se recusassem a combater um punhado de inimigos. A verdade, porém, é que esse desastre significava um erro de ofício, aliás muito fácil de prever. O solo em que estavam colocadas as peças, era terreno lavrado, em declive, que, já de si movediço,



Acampamento de Genuíno, em Campo Bom



Combate de 19 de julho

se tornara ainda mais solto e empapado pelas últimas chuvas. A cada tiro, as peças recuavam com violência, atascando-se profundamente no chão. Esta circunstância produziu forte abalo sobre as falcas dos reparos, lascando-as, e inutilizando as peças. Reconheceu-se, então, que muito melhor fora se se tivesse aberto mão de semelhante arma.

A um aceno de Genuíno, as cornetas deram sinal, e a infantaria avançou.

Obstáculos sobre obstáculos se opõem à sua marcha; não havia, porém, remédio: era forçoso ir para frente. Também a ala do 3º batalhão, protegida por uma divisão da Guarda Nacional, e que havia penetrado pela outra picada, apareceu em frente à casa dos Muckers. A linha de batalha estava assim disposta, formando um semicírculo, e ia avançando gradualmente sobre o baluarte dos sectários.

Os rebeldes estendem a cabeça sobre as bordas da sanja, e, com o dedo no gatilho da arma, e a vista na mira, espreitam o inimigo. Não disparam as armas, esperando que o inimigo chegue ao alcance das balas. Senão quando, ouve-se uma descarga tão compacta e nutrida que os projéteis silvam em todas as direções.

A tropa continua a avançar. Aqui, cai um soldado; mais adiante, outro; o ódio, a raiva empolga a soldadesca: lembram-se das atrocidades praticadas por aqueles monstros; lembram-se do revés sofrido e dos camaradas vitimados ao último combate, e, com desprezo feroz da morte, acometem o inimigo entrincheirado.

Foi, então, um investir, um carregar, um assaltar desordenado, às cegas – uma verdadeira montaria.

Os fanáticos não vacilam, mas guardam o passo, amparando a investida.

Aos brados de – Abaixo os miseráveis! Morram os assassinos! – os soldados avançam sempre.

O primeiro rebelde tomba: é Henrique Mentz, irmão de Jacobina. Os assaltantes passam por cima do cadáver.

A posição dos Muckers torna-se cada vez mais difícil. Já alguns dentre eles começam a esmorecer; só o indomável Robinson permanece firme no seu posto: de olhos esgazeados, semelhando um jaguar, recebe ele os sitiantes, sobre os quais vai despejando a arma, sem tréguas. Mas,

também para ele havia sido fundida uma bala. Atingido no coração, deixa cair a arma e tomba, banhado no próprio sangue. Vendo-o cair morto, os seus companheiros ficam apavorados; curvam-se, agacham-se, abalando em direção à casa.

Ali, tudo estava em armas: homens, mulheres, rapazes, raparigas e até os que, no último combate, a 28 de junho, haviam sido feridos e estavam convalescendo, tinham pegado de uma espingarda ou de um revólver, e estavam prontos à primeira voz. Das janelas, das portas, das fendas, aparecem as bocas das armas, apontadas para os assaltantes. Destes, cai ora um, ora outro; e tudo parecia indicar que outros muitos iriam encontrar a mesma sorte, quando um oficial de artilharia,<sup>1</sup> fazendo uma última tentativa, manda arrastar uma das peças até à distância de uns cem a duzentos metros da casa. À voz de “fogo!”, a primeira descarga atoa os ares, ecoando pelo vale. Mas – fatal destino! – apresentaram-se os mesmos inconvenientes que se haviam dado com as outras peças, agravados, ainda, pela diminuição da distância, que tornava difícil a pontaria.

Os artilheiros cumpriram o seu dever: mas, bem depressa, também esta peça se tornou imprestável, e emudeceu.

Ainda a seção dos foguetes continuava a trabalhar sob o fogo inimigo, sendo ferido, na mão, por uma bala, o seu comandante;<sup>2</sup> foram igualmente feridos um sargento<sup>3</sup> e um soldado<sup>4</sup> do 2º regimento de artilharia a cavalo; ao mesmo tempo, o 12º de infantaria, lembrado da derrota-sofrida a 28 de junho, juntamente com a ala esquerda do 3º, avança galhardamente sobre a cidadela dos Muckers, e entra logo em fogo. Já se não podia fazer uso dos foguetes a congreve, pois o campo da ação se achava circunscrito nas vizinhanças da casa. As balas esfuziam de dentro e da banda de fora; os soldados chegam, a passo de carga, até aos beirados, precipitam-se, furiosos, porta adentro, saltam as janelas, e o combate trava-se entre as quatro paredes.

---

1 O 2º-tenente Vitoriano Gomes Maciel da Silva.

2 O 2º-tenente João Antônio de Carvalho.

3 O 2º-sargento Francisco da Silva Rego.

4 Salvador Miguel dos Santos

Os tiros são disparados à mão-tenente, de parte a parte. Os fanáticos encantoam-se no pavimento superior, para dali continuar a resistência. Uma dessas cenas capazes de fazer estalar o coração mais duro se desenrola então: o choro das crianças, os clamores das mulheres, as imprecações dos homens, os gemidos e estertores dos moribundos estrugem, cruzam-se, confundem-se com o estrépito das descargas, formando uma orquestra infernal.

– Entregai-vos – brada, no meio do salão, uma voz forte aos Muckers, que se defendiam como desesperados.

Era a voz do intrépido capitão Dantas,<sup>\*</sup> da artilharia, o qual, abandonando as peças imprestáveis, acudira, com os seus artilheiros, ao lugar da luta e, de revólver em punho, acabava de entrar no salão.

Uma descarga foi a resposta à sua intimação.

– Não quereis quartel? Pois não o tereis! – e com dois tiros, fez logo dois cadáveres. Nisso, sai dentre a pinha dos Muckers uma pobre mulher, que parece querer entregar-se e implorar proteção; porém não lhe dão tempo: um dos sectários fere-a mortalmente.

Não longe da casa, achava-se também o jovial marceneiro que trabalhara outrora em casa da família Sehn. Bem quisera ele conservar-se afastado do teatro da luta; mas, lembrando-se da infeliz família, com quem privara tão intimamente, sentiu que uma força irresistível o impelia a tentar a salvação de algum de seus membros.

Grande número de Muckers se haviam entrincheirado nos forros da casa, fazendo dali pontaria certa sobre os soldados. Estes respondiam às descargas, porém os mais avançados corriam risco de ser atingidos, nos fogos cruzados, pelas balas dos próprios camaradas.

O coronel Genuíno, que, em excitação febril, ia acompanhando, do seu posto de observação, o desenrolar do combate, reparou na perigosa situação de sua gente. Dar ordem de retirar, seria inútil, à vista da raiva com que os soldados se encarniçavam na luta; dar ordem de avançar, seria loucura. Mandou, então, que atemassem fogo à casa. A ordem foi cumprida num instante: camas, colchões e outros objetos, facilmente

---

\* Capitão Francisco Clementino San Tiago Dantas. Vide a nota no fim.

combustíveis, forneceram alimento à voracidade das chamas. Momentos após, as espadanas de fogo irrompiam pelas janelas, colando-se às paredes.

– Salvai os que puderdes salvar! – foi a ordem que se seguiu.

Foi este o momento que o nosso marceneiro julgou oportuno para entrar em ação. De machado em punho, penetrou no salão e chegou a um aposento, cuja porta estava fechada.

Aos golpes do machado, a porta, estrondando, saltou dos gonzos, e, diante dele, aparece, com o dedo no gatilho do revólver, Maria Sehn, mulher de Guilherme. Esta fez pontaria; o marceneiro, que parecia irremediavelmente perdido, dá um safanão no braço de Maria, conseguindo desviar o tiro, que foi alojar-se no teto. No mesmo instante, porém, a infeliz, atingida, na fonte, pelo projétil de um soldado, cai sem vida. Por detrás de Maria, achavam-se sua mãe e sua irmã Berta, de dez anos de idade. Era esta última a quem o marceneiro pretendia salvar. De um salto, aferra ele a menina.

– Que quereis? – bradou esta. – Não vos envergonhais, vós, que sois tão numerosos, de combater conosco, que somos tão poucos? – E, desasindo-se dos braços vigorosos que a apertavam, correu para ao pé da mãe, a cujas vestes segurou-se freneticamente. Mas uma bala pros-  
trou esta última, e uma segunda acabou de a matar.

– Minha mãe! minha mãe! – clamou a menina. – Deixai-me ficar aqui; não quero ir, quero morrer com ela! – E, resistindo, com todas as forças, a quem a queria salvar, procurou a morte, lançando-se entre as chamas. Mas também este seu intento foi baldado: presa de novo e levada, a mal, para o terreiro, ei-la fora do perigo. Ali já se achavam reunidas diversas mulheres dos Muckers, que tinham sido arrancadas às chamas. Nesse momento, ainda uma mulher assoma à janela. Um dos soldados a reconhece, chama-a pelo nome de Guilhermina, e intenta salvá-la. A miserável, porém, com um tiro, estendeu ao chão o infeliz soldado; mas, no mesmo instante, varada por uma bala, a desgraçada caiu em terra.

Entretanto, as chamas iam alastrando cada vez mais pavorosas e vorazes; os vigamentos estalaram, as paredes ruíram, ficando a casa toda reduzida a um montão de escombros esbraseados, onde os alucinados adoradores de Jacobina encontraram a morte. Entre os mesmos, contava-se também o parricida Cristiano Kassel. Ele, que, dias antes, atizara

as chamuscas sob as plantas de seus parentes, acabava, por justos juízos de Deus, de perecer vítima do terrível elemento.

Ainda subiam os bulhões rubros das ruínas da casa, quando se procedeu ao exame dos cadáveres.

Jaziam ali oito mulheres, cujos corpos haviam sido roubados às chamuscas; entre eles estava também o de Maria, a noiva de Guilherme. Contra o seio e manchadas do próprio sangue, guardava ela duas cartas\*, escritas por Guilherme. Ao pé dela, achava-se o cadáver de sua cunhada, a esposa de seu irmão Carlos, aquela mesma mulher fanática que, às admoestações do Padre, bradava furiosa: – “Prefiro que me matem a me deixar ver outra vez no confessionário.” – Acabava, assim, de se realizar o seu desejo.

Também foram encontrados os cadáveres de oito homens válidos.

Dos soldados, cinco tinham caído para sempre e trinta e um haviam ficado mais ou menos gravemente feridos.

Deram também busca ao tesouro dos Muckers, sendo encontradas 73 onças em ouro, e 210 bolivianos, que os rebeldes haviam ocultado num dos ângulos exteriores da casa.

Enfim, o inimigo tinha sido subjugado, e a vitória parecia completa, decisiva.

Soldados e paisanos, ébrios de alegria, circunvagavam pelo teatro da luta, e grupos de ociosos diletantes, que, cautelosos e à distância, haviam assistido ao combate, perlustravam, com ademanos sobranceiros, por entre os cadáveres.

Infelizmente, porém, devemos aqui registrar que não faltaram, nessa ocasião, indivíduos refeces, que ousaram profanações lascivas em alguns cadáveres, fato que, entre gente civilizada, se não devia consentir.

Quando deram com o cadáver de Robinson, um caboclo, lembrando-se de que, na Picada dos Dois Irmãos, haviam posto a prêmio a cabeça do mesmo, puxa do seu facão e, sem mais nem mais, a separa do tronco.

---

\* O original de uma dessas cartas temo-lo em nosso poder.

Naturalmente, o prêmio cobiçado ele não o recebeu, porque os moradores dos Dois Irmãos entenderam que a um tigre morto até o mais poltrão podia dar um coice.

Ninguém entretanto, devia estar mais satisfeito com o desfecho da luta do que o coronel Genuíno. Imediatamente, expediu ele a S. Leopoldo um oficial, que, quanto antes, transmitisse para Porto Alegre a notícia da vitória, a fim de que também ali repercutissem os ecos da alegria geral.

Em S. Leopoldo, reinava mortal ansiedade: tinham dali ouvido o canhoneio e as descargas cerradas de fuzilaria; tudo, porém, havia cessado, tudo havia recaído em silêncio, e ignoravam o desenlace da ação.

A notícia lacônica que o oficial ali trouxe foi: – Vitória! Os Muckers foram completamente batidos; a casa arrasada. Tudo está acabado!

O efeito produzido nos ânimos por tal notícia bem se pode comparar ao de uma centelha caída em paiol de pólvora: foi tal a explosão de alegria, que impossível fora descrevê-la.

.....

## *Capítulo VI*

### ESMORECIMENTO – AS CHOUPANAS NO MATO – OS FUGITIVOS\*

A

OS ESTOS dos primeiros entusiasmos despertados pela vitória, devia suceder, a breve trecho, uma depressão moral bem sensível.

No exame dos cadáveres, se verificara que entre os mortos, não se achavam os magnates dos Muckers. – Onde está Maurer? Que é feito de Jacobina? De Rodolfo Sehn e de seus irmãos Carlos e Martinho? e do velho Sehn? Onde estão eles? – eram as perguntas que todos faziam. Foram lembrados, ainda, outros e outros nomes de indivíduos cuja ausência se notou. Reconheceram então, que um grave erro havia sido cometido. De fato, haviam cercado a cidadela dos Muckers por três lados, deixando livre o quarto; e bom número de Muckers, bastante espertos, tinham sabido aproveitar-se dessa circunstância para se refugiar no mato, pelo lado desaproveitado, logo que perceberam a iminência da catástrofe.

---

\* Conforme as notícias dos jornais contemporâneos e informações particulares.

O número dos fugitivos, porém, era relativamente insignificante, porquanto muitos Muckers nem sequer haviam tomado parte na refrega; daí, a grande dificuldade, que todos encontravam, em descobri-les o paradeiro.

Perguntaram às mulheres dos sectários onde Jacobina estava. Não responderam; o que apenas se lhes pôde arrancar foi a resposta lacônica: – Ela está a salvo.

E, na verdade, assim era naquele momento.

Os Muckers, vendo que a coisa se ia tornando séria, tinham previsto a hipótese de não poderem defender a cidadela; e, muito avisadamente, haviam escolhido um lugar onde, em caso de necessidade, pudessem acoitar Jacobina e a si próprios.

A noroeste da cidadela, o mato formava um ângulo; ali, a uns vinte ou trinta passos para dentro do mato, brotava, da montanha, uma fonte de água fresca e abundante. Foi para esse lugar que os Muckers lançaram as suas vistas.

Resolveram levantar ali duas choupanas: uma, menor, para a profetisa e seu séquito mais íntimo, e outra, maior, para os demais sectários.

A execução do plano não lhes havia de dar muito trabalho: não precisavam fincar esteios, porque as árvores em redor, achando-se a distância desejada, substituíam-nos perfeitamente; e, para terem uma cobertura espessa, bastava dobrar os galhos das árvores, entrelaçando-os, e, por cima destes, colocar ramadas e folhagens, que as outras árvores forneciam.

Também não havia necessidade de cordas, pois as lianas que pendiam, abundantes, da copa do arvoredado, supriam-nas cabalmente.

Meteram, pois, mãos à obra. Trabalhou, sem tréguas, o machado, a serra, o facão; desmoitaram o chão; cortaram cipós; carregaram braçadas de ramos e folhagens; e, como a habilidade e presteza com que trabalhavam eram grandes, e maior ainda o fervor, não tardou muito que as duas choupanas estivessem em pé. A maior tinha uma entrada baixa, de maneira que, só se agachando, se podia entrar nela; a outra, porém, que era destinada para Jacobina, tinha todas as comodidades e confortos que as circunstâncias permitiam. Assim é que, entre outros

objetos, havia esteiras, para cobrirem o chão, e, a um canto, uma cadeira de braços, feita de ramos, para descanso da profetisa.

Concluído o trabalho, transportaram, para as cabanas, provisões de boca, armamento e munições em tal abundância que, mais tarde, ainda lá se encontrou charque e feijão em quantidade suficiente para muito tempo.

Ali, pois, é que Jacobina se achava refugiada, no dia 19 de julho. Dali acompanhou ela, com simulada certeza da vitória, o desenrolar da luta. A seus pés, estava assentada a criada, ocupada em desfiar linho para os feridos, e o mesmo faziam outras mulheres, acoradas aos cantos. No chão, estava deitada uma criança de peito – filho de Jacobina.

Alguns dos Muckers, mais sanhudos, estavam de sentinela em torno das cabanas. Rodolfo Sehn, esse, abordoado à sua espingarda, conservava-se ao pé de Jacobina.

Nisso, uma das sentinelas vem anunciar que o corcunda do alfaiate, fugindo, ganhara o mato. Rodolfo se enfurece, quer ir na cola do alfaiate e matá-lo. Alguns, porém, tratam de contê-lo.

– Assim devia acontecer – observa Jacobina – eu já o previra. Duas vezes aquela má rês havia de escandalizar-se de mim. A primeira, foi quando a família de Martinho Kassel mereceu o castigo de sua felonía. Nessa ocasião, Robinson tinha-o preso e condenado à morte, e te-lo-ia pendurado ao primeiro galho que encontrasse, ou dado cabo dele às bordoadas, se eu houvesse consentido. Mas era forçoso que se realizasse o que eu previra: ele havia de trair-me uma segunda vez para sua ruína. A sua missão não era entre nós. – Dali a momentos, chega outro mensageiro:

– O “cabeça branca” e o filho raspam-se, levando consigo as famílias, e um magote dos nossos abalam em direção ao mato.

– Deixai-os – disse Rodolfo – aqueles não fogem, andam à nossa procura e hão de encontrar-nos.

– Qual nada! – retrucou o mensageiro – eles o que fazem é safar-se; para cá é que eles não vêm, senão teriam tomado outro rumo. – Assim era, com efeito: os dois a que aludia o mensageiro, nunca haviam sido Muckers de coração; mas, incorporando-se na seita, só visavam os seus interesses – tal era a opinião geral. Vendo, pois, que a estrela de Ja-

cobina começava a ofuscar-se e que a causa desta estava a pique de dar em pantana, fizeram o que o bom senso lhes aconselhava – raspam-se. Talvez o velho já o houvera feito muito tempo antes, se o medo da vingança não o retivesse.

Esse incidente foi um duro golpe para Jacobina, pois, além de certos predicados naturais de que era dotado, o velho, que havia tomado parte na guerra dos Farrapos, era um chefe de guerrilhas experimentado.

– Eu bem sabia que eram gente má e falsa – acudiu Jacobina – o seu lugar não era entre nós; eram como o joio que nasce entre o trigo e que é preciso mondar.

Entretanto, as bocas-de-fogo tinham cessado de troar, continuando as descargas de fuzilaria.

Outra sentinela não tardou a comunicar que a casa estava a arder.

Jacobina não quer acreditar; outros, porém, confirmam a nova, dizendo que as chamas irrompiam pelo telhado.

Momentos após, chegam do arraial alguns Muckers fugitivos, que desvanecem toda dúvida.

– A cidadela está arrasada – anunciam eles.

Acabava-se, assim, de representar um dos atos da tremenda tragédia.

.....

## *Capítulo VII*

### ASSALTO INESPERADO – MORTE DO CORONEL GENUÍNO

O

CORONEL Genuino estabelecera o seu acampamento no teatro da batalha. Para ele, a campanha contra os Muckers podia-se considerar terminada. Só lhe restava proceder, ali mesmo, a uma resenha circunstanciada dos fatos; depois, voltaria para a capital, à frente de sua tropa vitoriosa, coroadado de louros e coberto de honras. Também os soldados se mostravam bem dispostos. A certeza de que os perigos e as fadigas haviam cessado e de que, em breve, poderiam recolher aos seus quartéis, pusera uma nota festiva em todo o acampamento. Aquela tarde decorreu alegre e ruidosa, e, à noite, à hora de recolher, dado o sinal pelas cornetas, os soldados, ainda inebriados da vitória, acolheram-se às suas barracas.

Os diversos contingentes estavam de tal forma distribuídos, e tinham sido as providências tomadas, que ninguém se lembraria da possibilidade de um assalto noturno por parte dos Muckers. No acampamento, portanto, todos descansavam, tranqüilos e despreocupados. E, que poderia reear uma força numerosa, de um inimigo tão insignificante e, de mais a mais, vencido e desbaratado?

Ja já alvorecendo, quando, pouco antes das quatro horas, partem alguns tiros da banda do serro abruço que ficava a cavaleiro do acampamento, do lado do norte.

Os soldados acordam, saltam para fora das barracas e abrem um fogo tumultuoso, frenético, incessante, na direção de onde partiam as descargas. Em breve trecho, toda a infantaria estava envolvida no combate, e até os artilheiros já se preparavam para entrar no tiroteio inútil.

O capitão Dantas, que havia despertado nesse entrementes, foi encontrar a tropa naquele fogo desordenado. Compreendendo, de relance, que as descargas sem alvo, nas trevas da noite, só serviam para esgotamento das munições e, com os lampejos dos tiros, mostrar ao adversário a posição em que estava a tropa, oferecendo assim alvo certo às suas balas, deu, imediatamente, ordem, aos soldados, que cessassem o fogo e se retirassem da linha dos tiros do inimigo. Em seguida, foi procurar o coronel Genuíno, a quem convenceu de que devia fazer cessar o fogo, e, ao mesmo tempo, garantir-se contra as balas inimigas, mudando de acampamento. O coronel concordou. As cornetas dão o sinal de cessar fogo! – mas a soldadesca, alucinada, não ouve e continua as descargas, a esmo, contra o inimigo, que se conservava invisível.

Entretanto, o capitão Dantas correrá a outros pontos do acampamento, a fim de examinar o estado das coisas. Eram decorridos apenas alguns minutos, quando lhe vieram comunicar que o coronel Genuíno tinha sido atingido, numa perna, por bala. O capitão não ligou muita importância à notícia, julgando sem gravidade o ferimento. Continuou a sua inspeção, e pôde verificar que eram só dois Muckers os que, com suas descargas, causavam aquela estafa a toda a infantaria. De feito, protegidos pelo tronco de uma árvore, que jazia ao longo da orla do serro abruço, estavam os dois atiradores. Mas também estes, ao clarear do dia, cessaram tiros.

No acampamento, reinava grande alarme: correrá voz que o coronel havia morrido.

Dantas dirigiu-se logo à barraca do coronel, encontrando-o ainda com vida, mas em estado desesperador.

A trede bala interessara-lhe uma artéria. Se lhe tivessem acudido a tempo, pudera salvar-se; mas, na véspera, o médico que acompanhava a expedição, havia seguido para S. Leopoldo, com os feridos; e no acampamento não havia quem fosse capaz de laquear a artéria, e, assim, Genuíno esvaiu-se em sangue, e, antes do pôr-do-sol, era cadáver.

Foi um duro golpe para os soldados, e no acampamento, a situação se modificou brusca e profundamente. Além do coronel, seis tinham ficado feridos: um capitão e cinco praças – desfecho bem triste, na verdade, porém que facilmente pudera ter sido evitado, se se houvesse procedido com um pouco mais de cautela e calma.

A notícia de que parte dos Muckers tinha fugido, a do assalto noturno e a da morte do coronel Genuíno provocaram, em S. Leopoldo e seus arredores, assombro geral; e a fantasia popular entrou logo a criar novos e terríveis fantasmas. Já se falava em grupos de rebeldes que se conservavam ocultos no mato; asseverava-se que estes mantinham relações com pessoas influentes; dizia-se que eles andavam a aliciar gente em outros pontos da Província; e, finalmente, era convicção geral que, se os Muckers alcançassem algum resultado vantajoso, não tardaria que numerosos aventureiros se lhes fossem ajuntar.

A chegada do cadáver de Genuíno veio confirmar a nova de sua morte.

No trem da tarde, foram transportados para a capital o cadáver e os feridos. Se profundo tinha sido o abalo que produziu em S. Leopoldo a chegada do corpo de Genuíno, não menos aterradora foi a impressão que causou em Porto Alegre: aqui, nem sequer se suspeitava a triste ocorrência. Um frêmito de dor derivou pelas ruas, indo repercutir em todos os lares, quer ricos quer pobres. No dia imediato – 21 de julho – via-se desfilar um interminável préstito fúnebre, como talvez jamais se viu igual em Porto Alegre, e, à frente do cortejo, um caixão mortuário, ricamente coberto de crepe, era conduzido, à mão, por oficiais das mais altas patentes do Exército.

Era o ataúde do coronel Genuíno.

Imediatamente após, acompanhado de todo o clero, vinha o bispo da diocese; seguindo-se a oficialidade, os corpos das diversas ar-

mas, e altos funcionários públicos, e, fechando a procissão fúnebre, representantes das diversas corporações civis, negociantes, operários, e, por fim, uma multidão compacta de populares. Chegados ao cemitério, à beira da sepultura que devia guardar os despojos mortais do malogrado militar, entoou o Bispo o *De profundis*. Um estremecimento de dor percorreu toda aquela multidão, e a muitos, sentindo o coração apertado pelos mais negros pressentimentos, marejaram as lágrimas.

.....

## *Capítulo VIII*

### EXPEDIÇÃO MALOGRADA\*

**C**OM a morte do coronel Genuíno, passara o comando superior das forças ao tenente-coronel Augusto César da Silva, que, até então, comandava a reserva estacionada em S. Leopoldo.

Era um nome que prometia muito gênio na direção da guerra e felicidade no êxito. Augusto César apareceu no acampamento. O primeiro passo estratégico importante que deu foi retirar-se, com as forças todas, para o Campo Bom, duas horas distante do teatro da guerra. Qual o alcance dessa medida nem todos o puderam compreender. Entretanto, bem via o novo comandante que não era a mesma bastante para abafar a revolta dos Muckers. Sabia ele que bom número dos rebeldes se conservavam homiziados no mato e que a tranqüilidade e a paz só voltariam à população, quando fosse inutilizado o último Mucker.

Demais, os colonos instavam desabridamente por um desentlace, e era de rezear que entre a própria soldadesca lavrasse o descontentamento, se se protelasse o desfecho da campanha.

---

\* Extraído dos jornais contemporâneos e de acordo com as informações de pessoas que tomaram parte na expedição.

Estimulado, pois, por todos os lados, e desejando, com certeza, ele próprio, que esse negócio chegasse quanto antes ao seu termo, resolveu Augusto César tentar um assalto repentino.

A 21 de julho – dia imediato ao da morte de Genuíno – destacava ele 50 homens para uma expedição ao covil dos rebeldes.

Acompanhavam essa força dois vaqueanos experimentados: um deles era certo Manuel Antônio, indivíduo nada tolo e afeito às fadigas; outro era o inspetor de quartirão João Lehn, o mesmo a quem os filhos de Sehn haviam jurado pela pele, por causa de sua dedicação ao serviço público. Ainda trazia ele o braço ferido, suspenso numa charpa. Guias mais experimentados era impossível encontrar.

Marcharam, pois, os cinqüenta homens para o lugar onde, na véspera, havia sido morto o bravo coronel Genuíno.

Como sempre também nesse dia tinham os Muckers distribuído as suas sentinelas. Achavam-se estas à beira do mato, a coberto das árvores, e, com certeza, também no posto de observação, devia haver alguns, encarregados de atalaiar os arredores.

Mal as sentinelas avançadas avistaram a força que se aproximava, deram logo rebete aos companheiros.

Estes dormiam a bom dormir: tinham velado toda a noite anterior; além disso, haviam empregado as horas que lhes restaram, após a retirada da tropa, em sepultar os seus mortos e em transportar para lugar seguro os seus haveres, que haviam enterrado aqui e ali, e nesta lida tinham-se estafado, sentindo, por fim, a necessidade de repouso.

Logo que chegou ao arraial a notícia da aproximação da força, todos, de repelão, se puseram em pé, e, pegando das armas, precipitaram-se para fora, a fim de tomar posição.

Já se achavam a coberto de grossos troncos de árvores, à orla do mato, deixando que os assaltantes se abeirassem dos abatisses, que haviam estendido, com o fim de lhes cortar o passo para o coito de Jacobina.

Entretanto, a pequena coluna ia avançando, cautelosa e lenta, e já se havia avizinhado tanto, que até o menos destro atirador não podia errar o alvo, quando um chuveiro de balas caiu sobre ela.

Por instantes, quedaram-se desconcertados, não sabendo, no primeiro momento, donde partiam os tiros. Em breve, porém, haviam de sabê-lo. Guardaram o passo, durante algum tempo, respondendo às descargas dos Muckers, mas com pouco resultado; convencendo-se, bem depressa, de que, a descoberto, não poderiam fazer rosto aos rebeldes, protegidos pelas árvores.

Uma das praças sucumbiu; logo após, outra; uma terceira, mortalmente ferida, deixou cair a arma, tombando de costas.

Já toda a coluna começa a esmorecer e a recuar; os Muckers continuam a dirigir sobre ela um tiroteio sem tréguas.

Duas praças, que haviam avançado demais, estavam cercadas, – Alerta, camaradas! – brada-lhes uma voz amiga. Era Manuel Antônio, o guia, que ao mesmo tempo, para salvar a própria vida, deitara-se de bruços espalmando-se no chão.

As duas praças olham em torno de si; na sua retaguarda, a uns dez passos, está Jacó Sehn, com a pistola aperrada. Detona um tiro, e um dos soldados, atingido na fonte, cai; logo após, outro tiro prostra em terra também o seu companheiro. Nisso, Manuel Antônio ergue-se de um salto, aponta a arma para o assassino; este, ágil como uma onça, deita-se no chão. Manuel Antônio desfecha a arma, o tiro falha; lança mão da espingarda da praça que jazia mais próximo, mas, nesse momento, os rebeldes fizeram sobre ele uma descarga tão compacta, que só a sua boa estrela deveu ele ter escapado incólume daquele lance medonho.

O sol ia a declinar no horizonte, quando os soldados, após mil fadigas e sustos, chegavam ao descampado que se estendia ao pé do mato. Mais de duas horas durara o combate; e, quando, passado o perigo, trataram de verificar as perdas sofridas, tinham cinco mortos e sete feridos; seis destes últimos haviam sido salvos, dentre a saraivada de balas, pelo destemido Manuel Antônio com risco da própria vida.

Dizimados, desalentados, cabisbaixos, chegaram ao acampamento, e não podiam sequer informar se entre os Muckers havia algum morto ou ferido. Estes voltaram triunfantes para suas choupanas, sendo recebidos com ovações pelos seus comparsas. Nessa ocasião, porém, vieram a saber de uma grande novidade: Jacobina mandara degolar o próprio filho, criança de peito, para que o choro desta não descobrisse o seu esconderijo; ordenando mais que, em dia determinado, se fizesse o

mesmo a todas as crianças menores de cinco anos; pois, assim como o Salvador fora salvo pelo sangue dos recém-nascidos, assim também ela devia ser salva pelo sangue das crianças de tenra idade.

Aos sequazes de Jacobina não lhes acudiu a menor objeção a tão diabólica ordem.

.....

## *Capítulo IX*

### UMA INVESTIDA DE COLONOS\*

N

O ACAMPAMENTO de Augusto César descansavam as armas. Escarmentado pelo malogro da última expedição, estava o tenente-coronel resolvido a não expor outra vez os seus soldados às balas indiscretas do inimigo. Afirmavam alguns – é verdade – que o assalto ao covil dos Muckers não era tão arriscado como se julgava, contanto que se efetuasse com prudência, e diziam que a expedição não teria sofrido aquele revés, se ao ataque houvera precedido um plano maduramente pensado e combinado. Todas estas considerações, porém, foram baldadas. Augusto César era demasiado prudente e a soldadesca andava tão mal-humorada, para que se pudesse pensar em novo assalto.

A situação era em extremo aflitiva. O descontentamento começara a fermentar no seio da população. Este estado de coisas agravou-se, quando se começou a espalhar que alguns soldados, ora isolados ora em pequenos grupos, tinham sido vistos a carregar, na ponta das baionetas, a metade de um leitão ou uma ou mais galinhas, ou outras coisas atadas nos lenços. Dizia-se que eles se haviam apoderado desses

---

\* Informações prestadas por alguns que tiveram papel saliente do combate.

objetos pelo direito do mais forte; os soldados, porém, protestavam contra tais asserções, declarando que os haviam adquirido à custa de bom dinheiro.

Fosse como fosse, não era por esse caminho que chegariam a vencer os revoltosos; e o que é certo é que a atmosfera de inquietações e pavores que oprimia os ânimos em toda a província, essa continuava a mesma. Tudo paralisara: cessaram as transações comerciais, o trabalho, o tráfico ficaram interrompidos; uma única coisa preocupava o espírito público – a ânsia da salvação.

Um dia, achava-se em uma venda no Sapiranga, um grupo de colonos que, em palavras ásperas, davam largas ao seu descontentamento. Entre eles contava-se também Daniel Kollin, o destemido subdelegado da Picada dos Dois Irmãos, e que o leitor já conhece desde o assalto dos Muckers à casa da viúva Bender.

– Minha gente, ouçam-me – disse ele – o tenente-coronel não nos ajuda; os soldados também não. Havemos nós de cruzar os braços e esperar que os Muckers se venham entregar espontaneamente? Para que o bom Deus nos fez homens? Para que nos deu Ele estes dois braços? Eu de mim entendo que nos devemos ajudar a nós mesmos, já que ninguém nos pode ajudar.

Estas palavras encontraram eco em todos os corações.

– Você tem razão, Kollin, – bradaram todos a uma. – É ajudar-nos a nós mesmos, se queremos que nos ajudem. Estamos prontos para tudo.

O prestígio de que gozava Daniel Kollin entre a população colonial, não só pelo cargo que exercia de subdelegado, como também pelas suas qualidades pessoais, concorreu para que ali mesmo uns cinquenta colonos alemães se reunissem, pondo-se completamente à sua disposição. Eram todos indivíduos robustos e decididos.

– Muito bem! – observou Kollin – assim poderemos tentar alguma coisa; mas, antes de tudo, preciso entender-me com o comandante e pedir que nos dê autorização para procurar o inimigo, e nos forneça algumas praças.

Foi ter com o tenente-coronel Augusto César, que concordou com o plano. – Era um expediente magnífico, em que os soldados

nada tinham que perder, mas muito havia a lucrar. As praças não se envolveriam no combate, mas serviriam de refresco e apoio, só entrando em ação, quando fosse absolutamente preciso.

O tenente-coronel, depois de refletir um pouco sobre o caso, resolveu atender o pedido, mandando fornecer cinqüenta praças, às quais deu suas ordens e instruções.

O combate devia realizar-se a 25 de julho pela madrugada; mas, só passadas duas horas depois do meio-dia, foi que tudo estava pronto para o ataque.

O plano era, sem dúvida alguma, muito sensato: ficara assente acometer-se o inimigo por três lados simultaneamente, pelo que os assaltantes dividiram-se em três grupos. Os dois primeiros grupos compunham-se de colonos de diversas picadas; sendo o terceiro grupo formado somente de colonos da Picada dos Dois Irmãos. Um dos dois primeiros grupos era capitaneado por Daniel Kollin, e dele faziam parte dois indivíduos que merecem menção especial. Um deles era aquele marceneiro\* alegre que, como vimos, poucos dias antes salvara dentre as chamas a filha mais nova de João Sehn. A expedição ao covil de Jacobina, no meio do mato, apresentava um quer que era de aventureiro, de atraente, para o temperamento algum tanto romântico do nosso marceneiro, e por isso, logo é de bom grado, associara-se ele ao grupo dos sessenta.

O outro era o pai<sup>1</sup> do alfaiate Schardong<sup>2</sup>, um velho de boa estofa e a quem os seus sessenta anos haviam listrado com flocos de neve o cabelo preto. Na Alemanha – sua pátria – exercera diversos cargos de certa confiança: fora sucessivamente guarda-noturno e oficial de polícia, cumprindo escrupulosamente as suas obrigações, sem incorrer jamais na menor falta ou merecer a mais leve censura.

Só por amor à boa causa e por devotamento ao bem dos seus concidadãos, se unira ele à expedição contra os rebeldes; e, antevendo a

---

\* Informações prestadas pelo próprio marceneiro João Wolfenbüttel, que vive ainda e reside em Santa Cruz, neste Estado. (Nota do tradutor)

1 De acordo com as informações prestadas por ambos.

2 Idem.

hipótese de cair no combate, entregara a sua sorte nas mãos da Providência.

De três pontos, pois, marcharam os guerrilheiros, avançando, cautelosos, por trancos e barrancos.

O grupo que primeiro veio às mãos com o inimigo, foi o capitaneado por Kollin. Em marcha nunca interrompida, haviam eles chegado às proximidades do coito onde se achava Jacobina e os seus paladinos mais chegados, quando uma saraivada de projéteis os acolheu.

Os colonos não vacilam, mas, avançando sempre, alvejam o inimigo.

– Eles não brincam! – exclama um dos que mais se tinham adiantado, ao ver aquela descarga infernal – a toca deve estar próxima.

Quem proferia estas palavras era certo Meinhardt, da Picada do Hartz. No mesmo instante, porém, sentiu-se atingido por duas balas, uma das quais lhe penetrara no pescoço, a outra no ombro.

– Eu já apanhei a minha parte! – e, dizendo isto, caiu em terra, para nunca mais se levantar. O outro que logo em seguida tombou foi certo Henrique Hoffmann, pai de família, como o primeiro. Ainda não havia soltado o último alento, e conservava ainda bastante acordo para conhecer toda a gravidade de sua situação; debatendo-se com a morte, torcendo as mãos, pedia não o deixassem cair nas mãos do inimigo. Ouviu-lhe a súplica um homem de bom coração, chamado Fischer, que era mestre-escola em uma das picadas vizinhas. Movido do amor para o companheiro, e esquecido de si próprio, lança-se no chuveiro de balas, toma o ferido às costas e carrega-o para fora do teatro da luta. Mas pouco devia aproveitar ao infeliz a caridade usada por aquele coração generoso, pois, ao cabo de alguns minutos, com a cabeça pendida sobre o peito do seu salvador, expirava ele nos braços deste.

Até então o nosso jovem marceneiro não tinha tomado parte no tiroteio, assistindo, calmo e a coberto, à luta. Acompanhara ele, atento, todas as peripécias da refrega, notando como o destino lançava os seus dados para a ruína ora deste ora daquele, até que, enfim, a impaciência o veio arrancar à inatividade.

Nesse momento reparou como um jovem de nome Filipe Kirsch era o alvo preferido da sanha dos Muckers. Viu que um dos sec-

tários dirigia para aquele a pontaria e estava prestes a despejar a arma, mas só lhe enxergava a mão e a espingarda. De pronto, o marceneiro leva a arma à cara e alveja o inimigo invisível: dois tiros estrepitam, e, ao mesmo tempo, ouvem-se dois objetos cair em terra: um era o corpo de Kirsch, o outro a arma daquele que o havia morto.

Também outro colono cai mortalmente ferido; chamava-se Lind. Outros sentem, pelo sangue que lhes escorre, que estão feridos; outros caem, de extenuados. Os guerrilheiros começam a recuar; os Muckers, entrincheirando-se sempre por detrás das árvores mais grossas, os vão perseguindo.

O nosso marceneiro achava-se ocupado em socorrer um companheiro que havia tombado a seu lado, quando, da emboscada, surdiu um dos bandidos com a visagem mascarrada e bem embuçado – o único cujo corpo todo ele pôde ver durante a refrega.

Num pronto, deixa ele o ferido para pegar da pistola. Desfecha três vezes a arma, mas estava descarregada. Salta e agarra a espingarda de um dos companheiros mortos – também não tinha carga. Só lhe resta agora um expediente – era recuar.

– A pé firme! – grita nesse momento, do meio do mato uma voz trovejante. – A pé firme! Por que fugis? Vestis calças ou saias? Para a frente! estamos perto da toca! hoje é preciso desacoitar os bandidos, custe o que custar. Vergonha para os que fugirem! E querem passar por alemães! Lebres, poltrões, uns miseráveis poltrões, é que eles são!

O indivíduo que assim bradava, era a ex-praça de polícia e ex-guarda-noturno, o pai de Schardong.

No ânimo do bom velho não estava extinto o fogo do entusiasmo, e, logo aos primeiros tiros e sentindo o cheiro da pólvora, esse fogo, capaz de fazer de um soldado vulgar um herói, avivou-se e abraçou-lhe o coração. Avançando sempre, resoluto, cheio de coragem, conservara-se ele, até então, entre os combatentes da primeira linha, absorvido unicamente na idéia de que naquele dia era preciso chegar a um desfecho. Quando viu que os seus companheiros, desanimados por verem tombar os camaradas, iam de retirada, uma ira nobre, irresistível o empolgou. Ainda se conservava atrás de um tronco de árvore, e teimava em não recuar. Mas que remédio, se ele sozinho era impotente para fa-

zer rosto ao inimigo? Retirou, afinal, mas como a tormenta, que, embora afastada, deixa ouvir ainda por algum tempo o seu rugir.

Mal tinha sido rechaçado o primeiro grupo, eis que aparece no campo da luta, vindo do lado oposto, o segundo pelotão. Sem sequer vir às mãos com o inimigo, também ele retrocedeu.

Afinal, quando as outras colunas iam de retirada, assomou a terceira. Com olhos vigiadores, procuraram em torno os companheiros, e, não os vendo, dão volta, sem ter disparado um tiro sequer.

E as cinqüenta praças? onde estavam elas?

Estas tinham ocupado o quarto lado, que ficara livre, e esperavam que o inimigo, em fuga precipitada, se lhes fosse espetar nas pontas das baionetas. Podiam esperar toda a vida!

Em conclusão, a falta de unidade na ação frustrara todo o plano da campanha, aliás habilmente planeado e que teria forçosamente surtido o efeito, se tivesse sido executado fielmente.

Toda a vantagem que levavam os Muckers, dependia da sua posição defendida pela natureza; a tática, pois, dos agressores devia consistir exclusivamente em arrancá-los dali; e não havia outro meio mais seguro de o conseguir, senão atacando-os de diversos pontos a um tempo; assim não podiam eles evitar que, defendendo-se do inimigo pela frente, expusessem ao mesmo a sua retaguarda.

Ora foi justamente o que se não fez; pelo que também este encontro resultou vitorioso para os Muckers.

No acampamento aguardava-se com ansiedade o desfecho da nova expedição. Com a chegada da força que regressava, outra amarga desilusão entrou nas barracas.

Pouco tempo depois, viam-se pequenos grupos de soldados retirar-se, alegres, para S. Leopoldo. Dizia-se que tinham pedido e alcançado uma licença.

.....

## *Capítulo X*

### O CAPITÃO DANTAS – APUROS DE UM COMANDANTE

**E**NTRE os oficiais que comandavam a tropa contra os rebeldes do Ferrabrás, contava-se um que tinha verdadeiro entusiasmo pela farda.

Em face dos acontecimentos que se vinham desdobrando durante a campanha travada contra os Muckers, via ele, o bravo soldado, o prestígio de sua classe seriamente comprometido e enxovalhada a sua farda.

Uma força de 500 homens de tropa de linha, aguerrida e equipada com todos os meios de uma campanha regular, repelida, vencida, desprestigiada por um pugilo de labregos malfeitores, que, em seus fatos lapuzes de campônios, lhes haviam saído ao encontro, era para o seu ânimo nobre e generoso um pensamento atroz, insuportável, que o não deixava sossegar.

Levou muito tempo a meditar como remediaria o mal, e no turbilhão de idéias e planos que tumultuavam no seu espírito, um pensamento fixo, sobrelevando a todos, o dominava.

– É forçoso apagar a mancha da derrota; e eu mesmo, – dizia ele de si para si, – encarregar-me-ei de o fazer, ainda que me custe a vida.

Este oficial era Dantas, o valoroso capitão de artilharia, que o leitor já conhece das anteriores refregas.

Para os homens de energia, entre a resolução e a ação não medeia senão um passo; o mesmo sucedia com o nosso capitão.

Em primeiro lugar dirigiu-se, por escrito ao presidente da Província, pedindo-lhe permissão para dar o último assalto ao covil dos Muckers. – Vencer ou morrer – era sua divisa.

O presidente estava de posse do pedido havia já algum tempo, hesitava, porém, em dar uma resposta; e, só depois que o tenente-coronel Augusto César desistiu, por assim dizer, de continuar a luta, deixando o campo à mercê dos sectários, e provocando o mais vivo descontentamento no seio da população, foi que S. Ex<sup>a</sup> resolveu confiar ao intrépido oficial a continuação da campanha.

De feito, a 25 de julho – dia em que os colonos realizavam o seu desastroso ataque ao antro dos Muckers, recebia Dantas um ofício do presidente, concebido nestes termos:

– Estando os sectários de Maurer refugiados nas matas próximas ao morro do Ferrabrás, e devendo continuar-se na perseguição contra eles movida, resolvi encarregar dessa comissão a V. S. em quem reconheço os predicados necessários para desempenhar tão dignamente, como o fez na que lhe foi confiada, quando se deu o ataque à casa de Maurer. – Mais abaixo determinava o presidente que Dantas seguisse para S. Leopoldo, onde se devia entender com o chefe de polícia, e receber deste 30 ou 40 homens vaqueanos, que ficariam sob as suas ordens. Ao mesmo tempo, oficiava o presidente ao comandante das armas\*, a fim de que este expedisse ordens para que a força prestasse ao capitão Dantas todo o auxílio necessário ao bom êxito da diligência.

---

\* O general-de-campo Vitorino Carneiro Monteiro, barão de S. Borja. (Nota do trad.)

A 28 de julho seguia Dantas para S. Leopoldo, onde teve com o chefe de polícia a conferência de que tratava o officio do presidente.

– E seria V. S. capaz – pergunta-lhe o chefe de polícia – de realizar o ataque com os destacamentos que se acham dispersos desde S. Leopoldo até ao Sapiranga, caso os 30 ou 40 paisanos que pede, não forem logo contratados?

– Sim, – respondeu ele com a firmeza que é o apanágio dos homens de espírito lúcido e de caráter decidido.

À vista da resposta categórica, ordenou o chefe de polícia ao alferes Tibúrcio de Brito, comandante do destacamento em S. Leopoldo, que seguisse, com as 40 praças sob seu comando, a reunir-se à força acampada em Campo Bom.

Eram decorridos apenas poucos minutos, quando o official que fora executar a ordem recebida, se apresentava ao capitão Dantas, comunicando-lhe que as praças se recusavam redondamente a marchar e ameaçavam, com as carabinas carregadas, resistir a quem quer que as quisesse obrigar a seguir.

A esta prova de indisciplina, sentiu ele ferver-lhe o sangue nas veias; ele, o austero militar, o escravo da disciplina, não podia compreender que tal se desse; mas não era homem que se deixasse amedrontar.

Acompanhavam-no, naquela ocasião, duas praças de artilharia a cavalo.

– As vossas carabinas estão carregadas, perguntou ele, dirigindo-se às praças.

– Estão, sim senhor!

– Então, sigam-me.

Acompanhado das duas praças, dirigiu-se, a galope, para o lugar onde se achava a força insubordinada. Em completa debandada, estavam os soldados espalhados no campo, tendo cada um a sua carabina junto a si.

Avistando, porém, o capitão, foram-se chegando uns após outros e entraram em forma.

Dantas estava como uma pólvora. A idéia de que tinha diante de si uma força indisciplinada e esquecida de seus deveres ao ponto de insubordinar-se, não consentiu que se calasse; a comoção íntima, que é a verdadeira fonte da eloquência, o empolgou, e as palavras brotaram-lhe, inspiradas, dos lábios.

A sua arenga não deixou de produzir o efeito desejado, e Dantas teve a satisfação de ouvir de cada um dos soldados a afirmação de que estavam prontos a segui-lo, a combater a seu lado e a morrer com ele.

– Se é séria a vossa promessa – exclama o capitão – descarregai as vossas carabinas sobre o rio. Assim fizeram.

Foi este o primeiro triunfo que alcançou – triunfo não do poder, mas do espírito de disciplina e do dever. Dantas viu nisto um preságio animador, e mandou dar o sinal de partida.

Chegados ao Sapiranga, tratou de contar a sua gente, verificando, então, que se compunha ao todo de cento e cinquenta homens – número assaz considerável em relação às forças do adversário.

Esta circunstância, porém, não tranqüilizou de todo o circunspeto oficial; pois era bastante atilado para que se contentasse apenas com a superioridade numérica. Exemplos da história e, mais que tudo, os insucessos dos últimos reencontros lhe tinham de sobejo ensinado que um punhado de indivíduos disciplinados, resolutos e possuídos de verdadeiro entusiasmo e dedicação pela causa que defendem, conseguem muito mais do que outros, ainda que quatro ou cinco vezes mais numerosos, se a estes faltam aqueles predicados.

Importava-lhe, pois, antes de tudo certificar-se até que ponto podia confiar na sua gente, e descobrir-lhe os pontos fracos para remediar.

Para conseguir o seu intento de maneira satisfatória, resolveu adiar o assalto, e disciplinar, nesse intervalo, os seus homens por meio de exercícios continuados e torná-los, assim, aptos para a luta.

O desânimo da parte dos soldados e o medo que tinham ao cheiro da pólvora, foram as primeiras contrariedades que se antolharam ao seu espírito perspicaz.

As diversas tentativas em que vieram às mãos com o inimigo, sem outro resultado mais do que abrirem algumas covas para os seus camaradas vitimados, tinham produzido neles uma espécie de terror do adversário.

Dantas tomou a peito reerguer-lhes o ânimo, procurando reduzir às suas verdadeiras proporções o que os monstros do Ferrabrás tinham de pavoroso.

Os esforços empregados não ficaram infrutíferos. O calor do seu coração valoroso comunicou-se aos seus subordinados, e a esperança da vitória e certa confiança em si mesmos acabaram por lhes fazer reviver nos ânimos a coragem.

Importava-lhe, além disso, conhecer em que condições se achavam os soldados quanto ao manejo das armas e sobretudo quanto ao alvejar. Ordenou se fizessem experiências de tiro ao alvo. Ficou pasmado. Até em pequenas distâncias, as balas sibilavam longe do alvo. Se fosse somente um ou outro soldado que neste sentido deixava tanto a desejar, teria ele feito vista grossa; mas o mal era geral.

Não havia, pois, outro remédio: era preciso fazer exercícios de tiro.

À pressa mandou armar um alvo, e começaram os exercícios. Os primeiros resultados foram entristecedores: as balas esfuziavam à direita e à esquerda, deixando incólume o alvo; e, só depois de muito tempo, foi que os soldados conseguiram atingi-lo.

Dantas não descansou e, a pouco e pouco, a cousa foi indo melhor. Os resultados foram despertando o gosto e o interesse dos soldados; a emulação foi-lhes estimulando os brios; prestaram mais atenção e tiveram mais cuidado; por fim, chegaram os praças a atirar sofrivelmente, e o capitão sentia-se de algum modo satisfeito com os resultados obtidos.

Mas havia outra falta sensível: o número de oficiais era insuficiente; pois só havia três, e, de inferiores, nem um sequer; pelo que tratou ele de remediar o mal, requisitando os oficiais indispensáveis.

Enquanto a tropa se aparelhava para dar o assalto decisivo aos Muckers, estes não se conservavam inativos e descuidados no seu reduto. Dali, tinham ouvido as contínuas descargas de fuzilaria, sem

atinarem, a princípio, com a causa; mas, em breve, se desvaneceu para eles toda dúvida e, compreendendo que o negócio se tornava mais sério do que nunca, tomaram as suas medidas para apararem o último golpe.

Nesse comenos, haviam chegado os oficiais que Dantas reclamara, e assim pôde ele estabelecer o plano definitivo do ataque. Já havia fixado o dia 1º de agosto para a realização do mesmo, quando o chefe de polícia, com um ofício, lhe fez saber que tinha revelações importantes a lhe comunicar.

Essa circunstância fez com que ficasse adiado o assalto para o dia seguinte.

.....

## *Capítulo XI*

### SURPRESA AGRADÁVEL

**E**RA NOS últimos dias de julho, quando, em casa de um brasileiro, morador no Morro Pelado, se apresentou um número regular de Muckers, declarando estarem dispostos a se entregar. Eram os mesmos que, no combate de 19 daquele mês, se haviam raspado, e que, tendo-se homiziado no mato, durante todo esse tempo, tinham abandonado, afinal, o seu esconderijo, coagidos pela necessidade. À frente deles, achava-se o “cabeça branca” e seu filho. Após a sua fuga, tinham os dois vagado num matagal, de propriedade do velho, tentando sempre vadear o rio próximo, que lhes tolhia o passo, conseguindo-o finalmente ao cabo de alguns dias.

Agora o que receavam era a cólera da população, pois sabiam perfeitamente que na opinião pública eram eles tidos e havidos por membros preeminentes e sanhudos da seita.

Com razão, pois, previam que não se sairiam bem, se viessem a cair nas mãos da população irritada, e, para obviarem ao perigo, entenderam que o melhor partido era entregarem-se espontaneamente às autoridades, confiando-se à sua proteção. Os dois e os outros mais que

na mesma ocasião se haviam apresentado, foram conduzidos para São Leopoldo, e ali recolhidos à cadeia municipal até segunda ordem.

Foi então que se deu o incidente que motivou o adiamento do ataque de 1º de agosto para o dia 2 do mesmo mês, como acima dissemos.

Foi o caso: um dos presos – o filho do “cabeça branca” – pedira para falar ao chefe de polícia, pois tinha que lhe fazer uma comunicação importante. O chefe mandou conduzi-lo a sua presença, perguntando-lhe o que pretendia. Respondeu o preso que desejava concorrer para o extermínio dos Muckers. A resposta parecia um enigma. Poderia lá acreditar-se que um Mucker quisesse deveras ajudar a destruir os outros Muckers? Examinada, porém, mais detidamente, a proposta não só era plausível, mas até podia muito bem ser um astuto lançaço.

Assim era, com efeito: o preso – que contava, então, os seus trinta anos de idade – estava seriamente implicado nos crimes e nas atrocidades dos Muckers. O capitão Dreihier afirmava sob palavra de honra e até jurava, ser ele um dos que haviam atentado contra a sua vida, tendo-o reconhecido perfeitamente. Era claro, pois, que tinha ele de responder a um processo bem sério. À vista disso, pôs-se o preso a excogitar como poderia atenuar a sua sorte, ocorrendo-lhe à idéia que mais facilmente conseguiria tal intento, se dispusesse a seu favor tanto as autoridades como a população; e, para esse fim, o meio mais eficaz que se lhe antolhava, era ajudá-las a se livrar do pesadelo dos Muckers; tanto mais que nada lhe custava dar esse passo, pois, tendo-se ligado à seita por motivos interesseiros, pela mesma razão bem podia desligar-se dela.

Demais, a idéia de se achar em tão crítica situação por causa da mesma seita, comunicava ao seu propósito a energia que só a vingança sabe inspirar.

Como era natural, o chefe de polícia perguntou-lhe qual o motivo por que ele, que tinha sido Mucker, queria agora trair a causa destes. Respondeu que era a raiva provocada pela maneira infame por que seu cunhado o atraíra à seita; que, em princípio, a cousa lhe havia parecido inocente e se deixara ficar; conhecendo, porém, mais de perto, os fatos, tentara retirar-se, mas os Muckers haviam ameaçado dar cabo

dele e do pai, caso tentasse levar a efeito o seu intento. Isto o encheu de grande ódio contra aquela súcia e particularmente contra o cunhado, causa da sua desgraça.

Perguntou mais o chefe de polícia em que consistia o serviço que ele pretendia prestar contra os sectários. Que se comprometia – respondeu o preso – a guiar as forças, pelo caminho mais curto e mais seguro, ao esconderijo dos Muckers. A resposta foi, para o chefe, uma surpresa agradável; e, depois de sondá-lo com algumas perguntas capciosas, o reenviou para a cadeia.

Incontinênti, escreveu ao capitão Dantas a carta a que aludimos, e que determinou o adiamento do ataque para o dia 2 de agosto.

Ansioso, aguardava Dantas a comunicação importante que lhe prometera fazer o chefe de polícia, quando, no dia 1º de agosto, subia o rio dos Sinos uma lancha a vapor, em demanda do Sapiranga, levando a bordo aquela autoridade, o delegado e outras pessoas, entre as quais o preso, que se oferecera para vaqueano.

O chefe de polícia entregou-o ao capitão Dantas, que o recebeu com a reserva e cautela que a prudência aconselha.

A primeira cousa que fez, foi reconhecer, em companhia do preso, vários sítios que ele assentara, no seu plano de ataque, como pontos de partida. Teve, então, ensejo de verificar que podia estar satisfeito com as providências já ordenadas.

Ao anoitecer, dirigiu ainda uma fala enérgica aos soldados, despertando neles os sentimentos de honra, desvanecendo-lhes o temor, e, depois de dar as suas instruções, mandou tocar a recolher.

Toda aquela noite esteve o nosso capitão desvelado. Preocupado exclusivamente com o combate, caminhava ele, a largos passos, de um para outro lado, na venda do Serrano, aguardando, ansioso, que amanhecesse.\*

---

\* Informação do Serrano.

.....

## *Capítulo XII*

### CATÁSTROFE

A

NOITE de 1º para 2 de agosto tinha-se aproximado do seu termo, e o dia vinha alvorejando. Devemos lembrar que se estava no coração do inverno.

A tropa acampava dividida em três colunas, ocupando cada uma o lugar que, no ataque, lhe devia servir de ponto de partida imediato. A coluna da esquerda, sob o comando do tenente Tourinho e do alferes Lisboa, tinha acampado junto à casa do colono Müller; a da direita, comandada pelos alferes Ribeiro e Marques, ao pé da venda de Nadler; a terceira, sob as ordens do alferes Jerônimo, ocupava uma posição intermédia e servia de retaguarda às duas outras colunas.

Às 5 horas, tocaram as cornetas a alvorada, e, logo depois, punham-se as três colunas em movimento, marchando, de rumos diferentes sobre o covil dos Muckers. Como sabemos, estava este situado numa nesga de mato, ladeada por duas clareiras, e que se estendia do Ferrabrás até a estrada. A clareira da direita era ocupada pela roça de Jorge Maurer, e a da esquerda pelas plantações de Carlos Brenner. Os Muckers só podiam tentar a fuga sem que fossem percebidos, ou na direção de norte ou na direção de sul.

Para lhes cortar redondamente qualquer tentativa nesse sentido, havia o previdente militar ordenando as seguintes precauções: a coluna da esquerda devia atravessar, na marcha, a roça de Carlos Brenner, e a da direita, a roça de Maurer; ao mesmo tempo que a da retaguarda, à qual Dantas se havia reunido, devia avançar, atravessando o mato que se interpunha entre as duas clareiras. As duas colunas laterais reunir-se-iam através da mencionada nesga de mato, acima do covil dos Muckers; a terceira, porém, devia pôr-se em comunicação com aquelas pouco abaixo do mesmo covil. Postas em prática essas disposições, não havia possibilidade de escaparem os Muckers. A estes, só lhes restava a alternativa: ou entregar-se ou morrer.



Topografia da cidadela dos Muckers e seus arredores – Explicação dos sinais: Tropas assaltantes – I. coluna de Tourinho e Lisboa – II. coluna do alferes Jerônimo – III. coluna de Ribeiro e Marques de Sousa – estradas – 1 Cidadela dos Muckers – 2 Couto (choupanas) dos Muckers no mato – 3 Casa de moradia de H. Mentz – 4 Casa de moradia de Agostinho – 5 Casa de moradia de T. Balz – 6 Casa de moradia do professor Weiss – 7 Venda de Nadler – 8 Casa de moradia de João Lehn – 9 Potreiro – 10 Cancela que dá serventia para as propriedades dos Muckers – 11 Outeiro. Posto de observação dos Muckers – 12 Casa de moradia de Carlos Brenner – 13 Casa de moradia de Henrique Müller.

Para garantir, quanto possível, os seus soldados, o intrépido militar havia dado diversas providências, que atestam não só o seu tino prático como também a sua circunspecção: as blusas das praças eram vermelhas e destacavam-se vivamente dentre o verde da folhagem, servindo apenas para expô-las mais à mira do inimigo; e, como não houvesse tempo para disfarçar-lhes a cor, ordenara que os soldados marchassem para o assalto uniformizados com o capote. Além disso, proibira severamente que se disparasse a esmo um tiro sequer. Deviam os soldados avançar entrincheirando-se atrás das árvores, não atirando senão depois de terem feito bem a pontaria sobre o inimigo, e só abandonando uma posição segura, quando, sem perigo, pudessem alcançar outra nas mesmas condições.

Para tornar insustentável a posição do inimigo, importava-lhe muito que o assalto se fizesse a um tempo, por todos os lados.

Devemos acrescentar que Dantas havia entregue, como guia, o filho do “cabeça branca”, ao comandante da coluna da direita. Para se disfarçar aos olhos dos seus antigos companheiros, e tornar-se assim desconhecido, havia o preso enfiado o uniforme de soldado, cortara a barba, lançando mão de outros meios. Por seu turno, tinha o capitão dado ordem de o fuzilarem ao menor indício de traição.

Havia decorrido mais ou menos uma hora depois da partida, quando a coluna da direita se encontrou com duas sentinelas inimigas. O embuçado meteu logo à cara a espingarda, desfechou-a e um dos sectários caiu sem vida. Era o próprio cunhado do atirador.

Já a coluna não podia se conservar oculta por mais tempo, e o combate começou. Desesperados, lançaram-se os Muckers contra os assaltantes; porém, mal tinham eles disparado os primeiros tiros, quando se ouviram descargas a sua retaguarda – sinal de que também a coluna da esquerda entrava em ação. Os assaltados viram-se, portanto, obrigados a defender-se também desse lado.

Essa circunstância, já de si, bastou para deixá-los desorientados; mas o que mais os desnor-teou foi o sistema de combate que o inimigo empregava desta vez. De feito, os soldados já não arremetiam de tropel, como nos encontros anteriores; já não se precipitavam sem ordem nem plano, tornando a vitória fácil ao inimigo; pelo contrário, agora avançavam cautelosa e ordenadamente, percebendo-se que obedeci-

am a um plano a que presidia uma vontade firme e enérgica, disposta a chegar a uma solução definitiva, custasse o que custasse.

Era com grande satisfação que Dantas ouvia de longe os tiros a compasso – sinal de que eram dirigidos com calma e prudência. Nesse entretimentos, tinha ele chegado a uma das extremidades da coluna da retaguarda, que se achava perto da casa de Maurer, quando viu que alguns soldados se retiravam do combate, ao que parecia, feridos, e, sabendo que também o comandante da coluna direita havia recebido um ferimento, deu ordem para a coluna da reserva avançar.

De novo, tocaram as cornetas, e aprazível coisa era ver o entusiasmo com que a gente do intrépido capitão se movia de todos os lados. Agachados e saltando, sutis e ágeis, de trás de uma árvore para outra, investiam os soldados sobre o inimigo completamente desnortado. Ouviu-se nova descarga de fuzilaria: era o sinal de que também a reserva havia chegado ao campo da ação. Entretimentos, ia-se estreitando cada vez mais a linha envolvente em torno da pinha dos Muckers.

Jacobina e os seus viam, aterrados, a última ruína ameaçá-los de todos os lados.

À proporção que a confiança dos adversários subia de ponto, ia falecendo o ânimo aos Muckers, e, quanto mais desnortados estes se mostravam, mais calmos e animosos procediam aqueles. Ainda assim, continuaram os fanáticos a pelejar com coragem, com a coragem do desespero.

De feito, a sua posição era insustentável; a sua ruína era iminente; eles reconheceram-no, e procuraram uma aberta por onde pudessem escapar. O único caminho, porém, que lhes restava, conduzia justamente à linha de abatises que eles próprios haviam estendido, com o fim de atalhar o passo aos assaltantes, e se porventura se tivessem internado por ele, a sua sorte estava decidida; pois, entrincheirados atrás das árvores, os soldados, a seu salvo, os teriam trucidado a todos. Não havia, portanto, outro remédio senão manterem-se a pé firme, defendendo-se, a todo transe, na posição que ocupavam.

– Avançar! – ordenaram de novo as cornetas e as colunas mais e mais se aproximaram.

– Para as cabanas! – bradou uma voz dentre o arvoredo, e logo o magote dos Muckers se refugiou no covil onde estava Jacobina, concentrando-se ali para um combate de vida ou de morte.

De novo, ouviram-se os toques das cornetas anunciando que as colunas, obedecendo a um plano comum, já se achavam bem perto do último reduto dos Muckers; também a reserva já se achava a pouca distância do mesmo.

Dantas, que se colocara à direita dos atiradores, mandou dar novamente o sinal de avançar. No momento, porém, em que saltava de trás de uma árvore para outra próxima, uma bala, ferindo-o nas costelas e no quadril, fê-lo cair. Ainda assim, gritou que avançassem, retirando-se, em seguida, para lugar seguro, satisfeito de ver que o seu ferimento não interrompera a marcha do combate.

O alferes Jerônimo, que o vê cair, não se perturba, e, como se nada houvera acontecido, continua a atacar com a sua gente, apesar de ter o próprio capote furado de balas.

– Rendei-vos! – intima ele aos rebeldes.

Um “nunca” e um chuveiro de projéteis foram a resposta à intimação. – A hecatombe continuou.

– Entregai-vos! – bradou de novo o oficial.

A resposta foi a mesma.

Foi nesse momento que o alferes Jerônimo avistou as choupanas. Como o vento que atíça a chama, a vista das choupanas veio ainda mais acirrâ-lo a ele, que se sentia arrastado pela ebriedade do combate.

– Carregar de novo! – foi a ordem de comando.

Os soldados, entusiasmados pelos sucessos alcançados e já seguros da vitória, executam a ordem perigosa sob a saraivada das balas inimigas.

Isto feito, soou o sinal de assalto.

Com verdadeiro desprezo da morte, toda a coluna acometeu o inimigo, já completamente desmoralizado.

Semelhante a um tigre ensangüentado, que luta com uma matilha de molossos, o inimigo, com bravura feroz, sustenta, firme, a sua posição. Os tiros estrepitam, silvam as balas, relampejam as baionetas, rios de sangue correm. Cai morto o velho Sehn; logo em seguida, Marti-

nho, Jacó e Carlos – pai e três filhos jazem prostrados em terra; só restava ainda Rodolfo.

Também dentre os bravos soldados de Dantas, alguns vacilam, cambaleiam, e, deixando cair das mãos a arma, rolam no chão. Os outros, contudo, passando por cima dos camaradas, avançam sempre e vão deitando por terra, uns após outros, aos sectários.

O número dos Muckers cada vez se torna mais reduzido, e cada vez mais desesperada é a sua posição.

Nisso, Jacobina, toda escabelada, o olhar desvairado, precipita-se para fora da choupana. De um salto, acha-se a seu lado Rodolfo, pronto a sacrificar a vida por ela. Com olhar de louco, bramindo como um tigre, parecia querer defendê-la de todos os lados, a um tempo.

Jacobina é varada por uma bala. Ela vacila, e, com as mãos tateando, procura um objeto a que se possa apoiar. Rodolfo corre a ampará-la, e, cingindo-a com um braço, interpõe-se entre ela e os agressores, tentando desviar o último golpe.

Os dois conservam-se abraçados um ao outro freneticamente. Um soldado cala a baioneta e ambos, varados, rolam no chão. \*

A tragédia chegara a seu termo. Soaram as cornetas, e aqueles sons vibrantes, alegres, ecoaram por vales e quebradas, festejando a vitória e anunciando que a paz, banida havia tanto tempo, não tardaria a felicitar de novo aquelas paragens.

E assim era com efeito.

Dos Muckers, nenhum sequer havia escapado à hecatombe: todos, em número de desassete, haviam caído mortos, fazendo os cadáveres em derredor das choupanas. Entre estes contavam-se o de Jacobina e de uma criada desta e os de duas outras mulheres, que, até ao último momento, tinham ficado ao lado da profetisa.

Os vencedores abriram duas valas não longe do local onde estavam as choupanas, e, arrastando para ali os cadáveres, enterraram-nos.

---

\* De acordo com uma correspondência de 3 de agosto, publicada na *Koseritz Deutsche Zeitung*, nº 72, ano 1874.

Da família de João Sehn, havia perecido este, sua mulher, quatro filhos robustos e uma filha de risonhas esperanças.

Quando Filipe Sehn soube do fim desgraçado do irmão e de sua família, o seu coração sentiu profundo abalo de piedade fraternal; apesar de ter bem presente o ódio, o rancor figadal, implacável, que aqueles lhe votavam não pôde ter mão em si; voltou o rosto, e cobrindo-o com ambas as mãos, desatou a chorar como uma criança.

Dos soldados, só um caíra morto no campo da luta; ficaram feridos dois oficiais, doze soldados e três paisanos contratados.

E o nosso capitão Dantas? Que era feito dele? Ferido, arrastara-se, como vimos, o melhor que pôde, do campo da luta para a clareira. Duas balas, a um tempo, o haviam atingido: uma nas costelas e outra no quadril. Dois bravos alemães, interessando-se por ele, dispensaram-lhe todos os cuidados que sua experiência lhes sugeria.

Mas, ainda assim, naquele deplorável estado, o impávido oficial não deixou de acompanhar, com o mais vivo interesse, a marcha do combate. Pelos sinais das cornetas e das descargas, ia ele inferindo os acontecimentos. Por fim, mandou um dos dois assistentes ao campo da luta, colher informações exatas. Dali a pouco, voltava o emissário, radiante de alegria, bradando-lhe de longe: – Tudo acabado! Todos mortos! Não escapou um sequer!

O cavalheiroso capitão acabava de conseguir o que tanto almejava: salvara a honra de sua classe, e restituíra a paz à população.

Esta mostrou-se-lhe grata.

Como os seus ferimentos lhe não permitissem transportar-se a cavalo ou de carro, alguns cidadãos, mais grados, ofereceram-se para carregá-lo, aos ombros, em uma maca conveniente, no longo trajeto até ao rio, onde o acolheu uma embarcação, ali atracada.

.....

## *Capítulo XIII*

### OS ÚLTIMOS MUCKERS

O

COMBATE ao pé das choupanas decidira, para sempre, a causa dos Muckers: os que ainda sobreviviam, ou estavam na cadeia ou andavam dispersos e fugitivos.

Entre os últimos, contava-se também o nosso Guilherme. Do Rio de Janeiro, onde tinha sido obrigado a sentar praça na Marinha, fora ele, por fim, mandado embora. Atormentado pelas saudades, embarcou para o Sul, esperando reunir-se aos seus. Enganou-se, porém: chegado ao Rio Grande soube da triste sorte que tivera a seita, e, compreendendo que a sua volta para o Ferrabrás era impossível, tornou ao porto, onde uma embarcação estava a fazer-se de vela para Montevidéu, comprou logo uma passagem e partiu deixando, saudoso, a pátria.

O Jacó das Mulas, que, no Ferrabrás, exercera, com zelo, as funções de sacristão, esse não era encontrado, nem entre os vivos, nem entre os mortos. Teria ele perecido nos escombros da casa incendiada? ou haveria conseguido escapar-se pela calada? Era o que ninguém sabia dizer.

E o nosso curandeiro João Jorge? Que era feito dele? Principalmente a respeito deste e de seu paradeiro, é que todos desejavam

informações certas. Pois não era crença geral que João Jorge<sup>\*</sup> tinha representado o papel de herói em toda essa tragédia? Demais, suspeitava-se que em seu poder se devia achar a caixa da seita, avaliada em 40 contos. Entretanto, baldadas resultaram todas as diligências feitas para descobrir o seu paradeiro. Um só parecia ter notícias de João Jorge: era o “cabeça branca”. Este – assim contam – quando se tratou do curandeiro, disse, com ares misteriosos: – Deixem-no, que ele já não pode fazer mal a quem quer que seja.

Haviam decorrido, entretantes, algumas semanas<sup>\*\*</sup>. Uma das clareiras de que acima falamos e que estavam situadas no mato à raiz do Ferrabrás, pertencia a um colono, de nome Guilherme Ohlweiler. Este havia abandonado as suas propriedades, quando os desvarios dos Muckers tinham tocado o extremo, só voltando depois de abafado o movimento.

Um dia, avizinhou-se ele da orela do mato, onde, poucos dias antes, tinham sido vistos alguns urubus a negrejar sobre as franças do arvored. Acercando-se daquele sítio, ficou tomado de pavor: diante de si, viu dois cadáveres humanos, já meio putrefatos e que o encaravam, sinistros, com as suas órbitas despovoadas.

Horrorizado, corre à casa do inspetor do quarteirão, e este ao subdelegado, para pô-lo ao fato da descoberta. O subdelegado meteu-se logo a caminho do local, acompanhado do escrivão, do inspetor, do professor Weiss e de Filipe Klei – todos nossos conhecidos. Quando lá chegaram, já os dois cadáveres estavam no chão; ao pé deles havia pistolas, cartucheiras, facões e, a alguns metros dali, encostadas a uma árvore, duas espingardas de dois canos. Ainda suspensas dos ramos da árvore, viam-se duas laçadas, feitas de cipó; a gravata de seda, que, com uma vértebra cervical, ficara presa a uma delas, parecia ser a de João Jorge, e a barba branca, na outra laçada, estava a indicar o irmão de João Jorge, de nome Carlos. Havia, pois, fundamentos plausíveis para presunções.

---

\* Informações pessoais, prestadas pelo subdelegado, pelo alfaiate Schardong e outros.

\*\* Relativamente ao que segue, corriam diversas versões, quando escrevíamos esta narrativa. Em virtude de informações que nos enviou, por escrito, o subdelegado Sr. Spindler, fizemos, na presente edição, as alterações oportunas.

Para corroborá-las, levou o subdelegado um pedaço da fazenda do casaco com que estava vestido um dos cadáveres, fazenda que se via ter sido de boa qualidade, mas, naturalmente, já quase toda puída.

Sabia que Schardong tinha sido o alfaiate de João Jorge, e dele esperava colher algum esclarecimento satisfatório. O alfaiate examinou a fazenda, e, comparando-a com os retalhos que ainda pôde encontrar, chegou à conclusão de que o casaco era o mesmo que tempos antes, havia feito para João Jorge.

Presumindo-se reconhecida a identidade da pessoa do enforcado, suscitou-se outra questão: – Como veio João Jorge a parar aqui?

As circunstâncias, quais se apresentavam, induziam a crer num suicídio; este, porém, mal se conciliava com o temperamento e caráter de João Jorge, que tinha demasiado amor à vida. Dali conjecturaram que Jacobina, que não lhe podia perdoar a poltroneria, o mandara matar e, para salvar as aparências, o fizera enforçar depois. Quanto às pistolas, espingardas e facões, esses tinham sido ali deixados, para mais facilmente se acreditar num suicídio.

A coisa, pois, continuava envolta no mistério: o único, entre os sobreviventes, que podia talvez lançar luz sobre o assunto, era o, “cabeça branca”, que, com ares misteriosos, assim se havia expressado: – João Jorge, esse já não pode fazer mal a ninguém nem comerá mais uma feijoadada.

O certo é que parecia verificada a identidade de João Jorge com o enforcado; e, embora, mais tarde, corresse o boato de que ele tinha sido visto com vida, algures – não passou de um boato efêmero, e ninguém, até hoje, lhe sabe o paradeiro, nem tampouco se ouviu dizer que tivesse ele falecido.

Quanto aos outros Muckers, aos quais se pôde deitar a mão, esses continuavam presos. Alguns deles, porém, foram postos em liberdade, porque o processo contra os mesmos não havia sido instaurado no prazo marcado pela lei, isto é, antes do quinto dia depois de efetuada a prisão.

O processo foi moroso. Afinal, a 17 de fevereiro de 1876, seguiam 23 Muckers, escoltados, para S. Leopoldo, a fim de ali comparecer perante o júri. Entre eles se achavam Pedro Mentz, Einsfeld, o per-

sonagem misterioso, Cristiano Maurer, o “cabeça branca” e seu filho; e o alfaiate corcunda.

Einsfeld era acusado do assassinato do aprendiz do alfaiate Jorge Hauber.

Contra o misterioso, apresentavam-se dois capítulos de acusação: o de ser membro e principal fator da seita e o de cúmplice no morticínio da família de Martinho Kassel.

Cristiano Maurer comparecia perante o Tribunal como assassino de seu tio, o velho João Jorge Maurer, que se não deve confundir com o profeta.

O filho do “cabeça branca” devia responder pelo crime de tentativa de assassinato contra o capitão Dreier, e os outros pelo assassinato da viúva Bender e por outras mortes.

A 26 de fevereiro, começaram as sessões do júri.

No interrogatório, caiu o misterioso em varias contradições: a principio, negou que tivesse tido ligações com a seita, confessando, afinal, que estivera uma só vez, e, depois, que estivera mais vezes em casa de Maurer. Afirmava, porém, que o fizera de ordem do chefe de polícia e com o fim de vigiar os sectários. Exigiram-lhe que apresentasse a ordem escrita daquela autoridade incumbindo-lhe essa tarefa. Respondeu que lha haviam furtado.

Nessa ocasião, o caráter desse homem revelou-se sob outro aspecto: tempos antes, tinha ele escrito diversos artigos, para serem publicados no jornal *Deutsche Zeitung*, que entretanto, não saíram a lume. Esses artigos foram apresentados ao Tribunal pela redação daquela folha, e deles se veio a saber que o misterioso tinha idéias e tendências socialistas, defendendo o principio de que a propriedade é um roubo.

Este fato contribuiu, mais que tudo, para pôr em luz as relações do misterioso com a seita.

Causava viva impressão ver sentados em frente dos assassinos e fazerem os seus depoimentos aqueles que haviam perdido, nas desordens dos Muckers, os seus entes mais queridos. \*

---

\* O autor teve ocasião de assistir a uma sessão.

Satisfeitas as questões preliminares e terminados os debates, recolheram-se os jurados à sala secreta, para responder aos quesitos formulados pelo juiz. Gastaram-se nisso três longos dias.

Entretanto, a população, entregue à mais viva ansiedade, passava as horas em conjecturas, em alternativas de esperanças e receios. Conquanto horrorosos fossem os crimes imputados aos réus, não se julgava impossível, à vista de certas ocorrências, a absolvição, senão de todos, ao menos de alguns deles. Por fim, a 1<sup>o</sup> de março, em sessão pública, que durou até à meia-noite, foi proferida a sentença sobre vinte e um dos Muckers.

A pena mais grave, de 23 anos e 4 meses de prisão, atingiu sete dos réus, inclusive o personagem misterioso.

O filho do “cabeça branca”, que servira de vaqueano no assalto às choupanas, foi condenado a 14 anos de cadeia; outros, em número de oito, a sete anos; entre eles se achava o “cabeça branca”.

O alfaiate corcunda, que espontaneamente tornara pública a aventura ocorrida com ele, quando se achava de sentinela no laranjal, foi, com outros quatro, absolvido.

A respectiva sentença foi lida aos criminosos na cadeia municipal de S. Leopoldo, donde, algemados e acorrentados, dois a dois, e devidamente escoltados, foram eles conduzidos para Porto Alegre, a fim de cumprirem ali a pena.

Pedro Mentz já havia sido anteriormente condenado a prisão perpétua.

Como era de prever, não tardaram os presos a apelar da sentença, dando-lhes alguns advogados esperanças de que, dentro de alguns meses, estariam todos em liberdade. Enganaram-se, porém; verdade é que, já a 26 de junho foi Pedro Mentz absolvido em novo júri, e que mais tarde também outros, menos implicados nos sucessos, foram soltos, sucedendo o mesmo com Einsfeld; a maior parte, porém, dos sentenciados continuou na cadeia; a apelação não dera outro resultado senão andarem eles de um júri para outro e voltarem para a prisão de Porto Alegre, sem que em nada se modificasse a sentença, por falta de número de jurados.

Assim decorreram os anos, sem que se alterasse, de forma alguma, a situação dos presos. Nesse lapso de tempo, porém, para felicidade deles, viera-se operando, no ânimo da população, uma tal ou qual transformação. Em conseqüência da versatilidade do caráter do povo, o ódio primitivo aos Muckers fora, pouco a pouco, cedendo lugar a um sentimento mais brando, acabando, afinal, por se converter numa espécie de compaixão; de modo que, convocado, em 1883, um novo júri, para decidir definitivamente a sorte dos presos, foram todos, na mesma ocasião, absolvidos unanimemente.

Alegres e contentes, viram estes abrir-se-lhes as portas da cadeia e trataram logo de procurar novo asilo.

Voltar para onde tinham tido outrora as suas moradias, não lhes era possível; e todos julgavam que eles abandonariam o Rio Grande e até o Brasil; mas assim não sucedeu. Com efeito, pouco depois, constatou que parte dos Muckers se haviam domiciliado em uma picada afastada, no município da Estrela, e dizia-se até que João Jorge e o Jacó das Mulas\* ali tinham sido vistos: soube-se também que Guilherme governava, sem ser molestado, o seu lanchão, no Taquari, rio que percorre aquela região.

Outro grupo retirou-se para a colônia Nova Petrópolis, fundando no Pirajá novo lar, entre uma população meramente protestante.\*\*

As autoridades, do seu lado, nunca manifestaram a menor tenção de importunar os foragidos na sua nova residência, continuando estes até hoje a viver juntos naquela picada.

Só o “cabeça branca” e seu filho, que estavam fartos até aos olhos da convivência e relações com os Muckers, procuraram novo lar nos arredores de Porto Alegre. Einsfeld, esse tornou para a sua forja, entregando-se, com ardor, ao seu antigo ofício.

---

\* Jacó Fuchs ou Jacó das Mulas faleceu, em fins de dezembro de 1908, no lugar denominado, “Conventos” no município do Lajeado. Pondo-se em salvo antes da catástrofe em que Jacobina e seus aseclas mais devotados caíram mortos, retirou-se ele para o Alto Taquari, levando ai vida sossegada, irrepreensível e completamente retirada, entregue exclusivamente à cultura das suas terras. (Nota do trad.)

\*\* Conforme uma correspondência do *Deutsche Volksblatt* de 19 de novembro de 1897.

## FIM

Voltemos ainda uma vez à colônia. Logo após o combate ao pé das choupanas, no qual haviam sido exterminados Jacobina e os seus asseclas, a colônia reanimou-se, tomando outro aspecto. Os prófugos voltaram para seus lares, entregando-se, de novo, com afinco, aos seus labores. O colono saía a cuidar da sua roça, enquanto as crianças, à sombra do laranjal, ao pé da casa, se entregavam, ruidosas e alegres, aos brincos próprios de sua idade; pela estrada fora, cavaleiros e viandantes, de todas as idades e sexos, encontrando-se, uns com os outros, saudavam-se, prazenteiros, com um sincero “Bom-dia”, vindo do coração. E, quando, aos domingos, o bimbalar alegre dos sinos convidava os fiéis ao templo, estes, de todos os pontos, ali acudiam, numerosos, para dar graças ao Senhor pelos benefícios recebidos e implorarem o seu amparo e a sua proteção para o futuro. Também, nas casas de negócio, notava-se agora nova vida: homens, mulheres, rapazes e raparigas apeavam à porta das vendas; uns, para se sortirem de mantimentos, de roupas, ou de outros artigos; outros, para venderem ao negociante os sobejos de suas colheitas; outros, para procurarem abrigo contra os raios abrasadores do sol; outros, finalmente, lá apareciam, aos domingos, à tarde, para, em companhia de vizinhos e conhecidos, passar, algumas horas, distraídos numa partida de cartas.

Em uma palavra: a colônia semelhava uma criança, em cujo rosto, pouco antes orvalhado pelas lágrimas, assoma a alegria, e se espraia, afinal, o sorriso.

E se alguém, então – eram volvidos apenas poucos meses após a tremenda tragédia – se alguém – digo – lá do alto Ferrabrás, alongasse os olhos pela veiga, onde pairava o sossego e a paz, decerto que não lhe passaria pela imaginação que ali, poucos meses antes, haviam

campeado incendiários e assassinos, os quais, com incrível ferocidade, verteram o sangue de inocentes e destruíram a quietação e a felicidade de famílias pacíficas; e nem sequer suspeitaria que naqueles prados, onde agora erravam, a pascer, tranqüilos, grande número de cavalos e reses, havia ecoado o estrépito da fuzilaria, o ribombo dos canhões, o fracasso das armas, as imprecações dos combatentes e o estertor dos moribundos. Mal poderia ele conceber como um ser humano, em obsessão diabólica, pudesse causar a uma região feliz e à sua pacífica e laboriosa população tantas desventuras e tantas lágrimas, como pouco antes acontecera na realidade.

Mas de que não é capaz uma mulher, quando sabe desenfrear as paixões dos homens, e até imprimir ao crime o selo da religião e da piedade?

Foi o que Jacobina conseguiu, e conseguiu-o, estribando-se na palavra da Sagrada Escritura. Sim, o livro com que a Providência brindou a humanidade, para lhe servir de fonte de ensinamentos práticos na sua vida terrestre, de manancial de celestiais consolações e conforto no meio das adversidades, e de guia seguro na sua peregrinação para a pátria imortal; esse livro divino convreteu-se, nas mãos dessa mulher, numa arma de dois gumes, que devia trazer, em primeiro lugar, a ruína daqueles que se haviam deixado alucinar por ela, e, em segundo lugar, a ruína dela própria.

Felizmente, porém, tudo está acabado; as tristes ocorrências são coisas passadas; e oxalá nunca mais desventura igual venha abalar a paz dos nossos bravos colonos alemães!

## ÊXODO\*

Como acima dissemos, parte dos Muckers sobreviventes se haviam domiciliado no rio Taquari. À margem direita deste, obra de seis ou sete léguas da vila do Lajeado, estende-se ao longo do arroio Forqueta um trecho colonial, conhecido pelo nome de Terras dos Bastos. Ali, em um sítio, então pouco habitado, viviam eles, retirados e entregues à cultura das suas terras. Os que conhecem mais de perto aquela região, encarecem a sua posição encantadora, o caprichoso das plantações e o asseio apurado das moradias, escondidas no meio de vastos laranjais.

Os Muckers que ali viviam eram Jacó Gräbin\* e seus filhos Jacó e Adão (também outro filho, de nome Guilherme, havia a princípio morado ali, nas vizinhanças, mas mudara-se, mais tarde, para Nova Petrópolis, onde o tornaremos a encontrar). Além destes, Luís Künzel e Filipe Noë, como também Jacó Fuchs, a quem o leitor conhece pela alcunha de Jacó das Mulas, o qual, porém, já não queria saber mais dos sectários.

Com o correr do tempo, as Terras dos Bastos e outras adjacentes, foram ficando cada vez mais povoadas também por outros colonos. Os Muckers, porém, mantinham poucas relações com estes últimos, e até conservavam-se em certa reserva receosa e tímida: não mandavam os filhos à escola da comunidade, nem tomavam parte nos serviços religiosos na igreja protestante. E isso deu lugar a que os outros colonos, por sua vez, tratassem os seus vizinhos com desconfiança, olhando-os

---

\* Como fontes para o presente capítulo, serviram-nos um extrato dos autos do processo que o intendente do município do Lajeado, Sr. Julio May, teve a bondade de pôr à nossa disposição; uma informação do professor Jacó Dewes; o *Deutsches Volksblatt* nº 93 de 1897, e, finalmente, informações particulares, ministradas pelos reverendos padres daquela paróquia.

\* Alguns escrevem Grepin, outros Krepin.

sempre com olhos suspeitos. Que muito! Se ainda conservavam vivas na memória as atrocidades cometidas no Ferrabrás, e o receio de que estas viessem a se reproduzir nas margens do Taquari era, para aquela gente, um verdadeiro pesadelo.

Análoga era a situação do grupo dos Muckers que haviam assentado as suas moradias na fazenda do Pirajá, que fazia parte da colônia Nova Petrópolis. Eram, entre outros, João Daniel Noë, e seu filho Miguel, casado com Aurélia Maurer, filha de Jacobina; bem como Henrique Weber, Guilherme Gräbin, Guilherme Bösch e Guilherme Maurer, estes três últimos genros do mesmo Daniel Noë.

Um dilatado espaço separava os dois núcleos dos Muckers, e só um grande interesse poderia obrigar alguém a vencer o caminho difícil e penoso entre os dois pontos. Notou-se, contudo, que os Muckers de um e outro núcleo mantinham entre si relações, visitando-se mutuamente, a princípio raras vezes, porém, a pouco e pouco, mais amiúde. Entre os colonos, começaram a derramar-se boatos alarmantes: falava-se em provisões de boca e de armamentos; e receava-se que Aurélia continuasse a urdir o trama sangrento de sua mãe Jacobina.

A situação, nas duas regiões, cada vez era mais melindrosa, e mais ameaçadora a excitação dos ânimos. No Pirajá, se haviam dado contendas e rixas, e até sobre a casa de um colono haviam disparado tiros, como se tivessem o intento de o matar.

Chegara-se assim ao ano 1897. Reproduziram-se, então, com mais insistência, os antigos boatos; talvez entrassem aqui em jogo interesses privados e inimizades pessoais. Já antes e repetidas vezes, as autoridades tinham tido denúncias, sem que houvesse a menor alteração nesse estado de coisas. Resolveram, então, os colonos, por suas próprias mãos, pôr um termo a essa situação anormal. Um grupo de homens, segundo uns, em número de quatorze, segundo outros, em número superior a cem, reuniram-se e prepararam uma emboscada, com o fim de dar cabo dos Muckers, quando estes passassem. E, com efeito, foram mortos, em curtos intervalos, três dos Muckers, tão temidos: Henrique Weber, Guilherme Gräbin e Jacó Müller.\*

---

\* Este Jacó Müller parece que não era Mucker e que fora morto por engano.

A notícia do ocorrido espalhou-se rápida, e chegou logo às Terras dos Bastos. Para averiguar se seu filho tinha sido realmente assassinado, pôs-se o velho Jacó Gräbin a caminho, a fim de colher informações. A notícia confirmou-se. Respirando vingança – assim contam – voltou para casa, e, em ameaças ferozes, publicou as suas intenções sinistras. – Em breve – dizia-se – há de a colônia assistir a graves acontecimentos.

Após a morte violenta de seus companheiros, era natural que os Muckers domiciliados no Pirajá não mais se julgassem seguros, e, ao que parece, tinham tomado as suas providências, a fim de emigrar para as Terras dos Bastos.

Outro acontecimento sangrento, porém, veio frustrar-lhes o plano. No dia imediato ao do Natal de 1897, havia baile em casa de um certo João Keidel, nas Terras dos Bastos. Coisa de meio quilômetro dali, morava um colono, de nome Albino Schroeder. Alguns vizinhos convidaram-no a tomar parte na diversão, instando igualmente com sua mulher para que lá fosse. Esta, porém, preferiu ficar em casa, na companhia de dois filhinhos.

Quando Schroeder, lá pelas 10 horas, voltou para casa, encontrou as duas crianças sãs e salvas, mas a mulher estava morta.

Tinham-lhe cortado uma veia jugular, e, segundo todas as aparências, recolhido o sangue em uma vasilha; pois, em roda, poucos foram os vestígios de sangue encontrados. Também algumas manchas, nas mãos e nos pés, indicavam que diversos tinham tomado parte no assassinato, segurando violentamente a infeliz.

A assassinada era sobrinha daquele George Haubert, aprendiz de alfaiate, morto, em 1874, pelos Muckers, em S. Leopoldo.

A divulgação dessa ocorrência causou, como sói acontecer em tais casos, o maior assombro no seio da população. Era convicção geral que os Muckers tinham sido os autores do bárbaro crime; e, das circunstâncias que o acompanhavam, concluiu-se que se tratava de um assassinato ritual. Um ex-Mucker, que havia rompido com a seita, parece que assim o dera a entender. Também correu voz que o sangue de outras duas vítimas não tardaria a ser derramado.

Espalhada a notícia do fato, tratou o subdelegado de proceder logo a investigações; nada, porém, encontrou que o pusesse na pista dos autores do crime. Mandou vir à sua presença diversos Muckers, mas todos eles protestaram e juraram a sua inocência. Nessas condições, e à vista da excitação dos espíritos na colônia, julgou a autoridade mais prudente aconselhar os Muckers a se retirarem do município, pois a sua vida corria risco. Eles retrucaram que nada temiam, e voltaram para suas casas.

Os colonos vizinhos, aterrados, viram-nos voltar, e trataram de se pôr na defensiva: algumas famílias reuniram-se sob um mesmo teto, outras preferiram emigrar. Muitos, porém, não se contentaram com essas medidas. A 3 de janeiro de 1898, recebia o delegado a comunicação de que os colonos da vizinhança dos Muckers, em número superior a duzentos, se haviam reunido, matando cinco destes. A notícia não tardou a confirmar-se. Os assassinados eram Jacó Gräbin e seus dois filhos Jacó e Adão (o seu terceiro filho Guilherme tinha sido morto, como já vimos, no Pirajá); além desses, Filipe Noë e Luís Künzel, aquele filho e este genro do velho João Daniel Noë que, pouco antes, vira assassinados no Pirajá outros dois genros: Henrique Weber e o já referido Guilherme Gräbin.

Não cabe aqui referir qual a atitude das autoridades, em face desses acontecimentos. O que é certo é que os sectários do Pirajá não pensaram mais em emigrar para as Terras dos Bastos, e que, depois das últimas ocorrências, nada de alarmante se tem ouvido dos Muckers.

## NOTAS

### Coronel Genuíno Olímpio Sampaio

Nasceu em 1822 na província da Bahia, verificou praça a 11 de novembro de 1837, como cadete, e combateu contra a Sabinada, revolta que rebentara, naquele ano, na mesma província, sendo promovido, por atos de bravura, a alferes de comissão. Em 1838 veio para o Rio Grande do Sul, onde entrou em grande número de combates contra os Farrapos. Em 1847 era tenente, e em 1849 pelejou contra a revolta praieira, em Pernambuco. Em 1851 marchou para Montevidéu e tomou parte na guerra contra Rosas, servindo na divisão ao mando do bravo Conde de Porto Alegre. De 1860 a 1863 serviu na comissão exploradora do Alto Uruguai; em 1864 foi nomeado ajudante do diretor da Escola Militar do Rio Grande do Sul. Era capitão de 2ª classe do Estado-Maior desde 2 de dezembro de 1855. E, quando a pátria chamou seus valentes filhos para a campanha contra o Paraguai, Olímpio Sampaio ofereceu-se logo e partiu como comandante de batalhão e fez a guerra até ao fim. De 1865 a 1868 entrou em vinte e um combates, sendo ferido em Curupaiti. A 11 de dezembro de 1868 foi promovido a tenente-coronel efetivo por atos de bravura. Retirou-se com licença para Porto Alegre; não tardou, porém, a voltar para o campo da luta servindo sob o comando do General Osório, até o fim da guerra. Olímpio Sampaio, já então coronel, voltou para o Rio Grande e ali comandou a guarnição de uma parte da fronteira e depois veio com o seu batalhão para Porto Alegre. Quando se deram as desordens dos Muckers, foi o Coronel Genuíno escolhido para combatê-los, e, como sabe o leitor, caiu ele vítima de uma bala inimiga.

(Nota do trad.)

Major Dr. Francisco Clementino de Santiago Dantas

O Major Santiago Dantas, uma das figuras mais salientes nos combates contra os fanáticos do Ferrabrás, nasceu em Itaguaí, município do Rio de Janeiro, aos 19 de maio de 1844. Assentou praça aos 19 anos, no 1º Batalhão de artilharia a pé, fazendo ao mesmo tempo os seus estudos no curso preparatório da Escola Militar.

Fez as campanhas do Estado Oriental e do Paraguai, tendo, nesta última, tomado parte nos combates Tuiuti, Ijuiguaçu e Ijuí-mirim e no bombardeio ao forte de Itapiru.

Após a terminação da campanha contra Lopes, voltou este oficial a concluir os estudos, que havia interrompido para ir defender a pátria. Uma vez concluídos estes, desempenhou com galhardia o Major Dantas importantes comissões.

Em 1874 tomou parte voluntariamente na ação contra os Muckers, sendo que nos últimos encontros as tropas de linha estavam sob o seu comando.

No período legislativo de 1879 a 1880 desempenhou o mandato de deputado à assembléia provincial do Rio Grande do Sul.

De 1880 a 1889, época em que faleceu, foram-lhe confiadas diversas comissões, às quais, como as anteriores, deu ele cabal desempenho. O Major Dantas veio a falecer a 11 de junho de 1889 em Cuiabá, onde estava encarregado da montagem do laboratório pirotécnico.

(Nota do trad.)



*Os Muckers*, do Padre Ambrósio Schupp S. J.,  
foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel  
vergê areia 85g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de  
Editoração e Publicações) do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se  
de imprimir em outubro de 2004, de acordo com o programa  
editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial  
do Senado Federal